
A Virgem Grávida
do CEO
LUCIANA KANNEMBERG


A Virgem Grávida
do CEO
LUCIANA KANNEMBERG

A VIRGEM GRÁVIDA DO CEO

LUCIANA KANNEMBERG

Copyright © 2021 Luciana Kannemberg

1ª. edição

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição são da autora.
É proibida a cópia ou reprodução total ou parcial desta obra sem o consentimento da autora.

SUMÁRIO

SINOPSE
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
EPÍLOGO

SINOPSE

Ravena é a filha mais nova de uma enfermeira desempregada, que vive de aplicar pequenos golpes em homens ricos, em cumplicidade com a filha mais velha, Scarlet.

O plano mais recente das duas é o mais ambicioso de todos, consiste em que Scarlet seduza e engravide de Adriel Beaumont, o poderoso CEO de uma empresa petrolífera recentemente chegado à cidade.

No entanto, na noite em que tudo deve acontecer, algo dá errado e Ravena acaba sendo forçada a uma inseminação artificial indesejada.

Prestes a completar dezoito anos, ainda virgem, ela acaba ficando grávida de um completo desconhecido.

Porém, esse é apenas o início dos seus problemas, o pior ainda está por vir, já que é coagida pelas circunstâncias a fazer parte da vida de um homem insensível, arrogante e impiedoso, que a intimida na mesma medida em que exerce um irresistível poder de atração sobre ela.

PRÓLOGO

RAVENA

Eu rolava na cama de um lado para o outro, sem conseguir adormecer. Há horas estava olhando para o teto, com meus olhos vidrados, se recusando a fecharem e isso nada tinha a ver com o fato da minha cama estar na sala. Na verdade, era um sofá-cama. Dormia ali desde que Scarlet, minha irmã mais velha, decidiu que precisava de privacidade e me expulsou do quarto. O segundo aposento da pequena casa era ocupado pela nossa mãe.

Não que eu estivesse reclamando. Dormir na sala não era tão desconfortável quanto parecia. Existiam coisas piores que aconteciam naquela casa, como, por exemplo, o assédio dos homens nojentos, que, de vez em quando, elas levavam para lá.

O mundinho em que vivíamos era sórdido e o que me impedia de fugir dele era a certeza de que tudo estava prestes a acabar. Mais especificamente dali a quatro meses, quando eu completaria dezoito anos e estaria livre para fazer o que quisesse com a minha vida.

Eu já tinha planos traçados para essa nova etapa da minha existência. Quando desse meu grito de liberdade, pretendia me mudar para a capital, junto com minha melhor amiga Marina, onde dividiríamos o aluguel de um apartamento, arranjaríamos novos empregos e faríamos um cursinho pré-vestibular, a fim de tentar ingressar em alguma universidade pública, já que nenhuma das duas tinha condições financeiras de custear uma faculdade particular.

Até lá, eu precisava continuar aturando firmemente minha mãe e irmã, assim como elas a mim. Não que eu as odiasse, longe de mim, apenas discordava com o que as duas faziam e com isto era a excluída da família, a hostilizada. Só ainda morava naquela casa porque minha mãe precisava da pensão que meu pai pagava todos os meses, sob a condição de eu jamais ser envolvida em seus negócios sujos.

Não era o mesmo pai de Scarlet. O dela nem minha mãe sabia ao certo quem era. O meu já era casado com outra mulher quando fui concebida e precisou ir embora da cidade para salvar seu casamento. Outra exigência que ele fizera em troca do pagamento da pensão, foi que eu jamais aparecesse em sua casa, onde vivia com a esposa e meus outros meios-irmãos. A pensão seria cortada assim que eu completasse dezoito anos, então eu seria adulta e minha mãe não poderia mais me impedir de sair de casa, tampouco faria questão que eu ficasse sem a existência da pensão. Eu só não estaria nos braços da sorte porque já tinha meus planos traçados. Não via a hora de tudo acontecer. Até lá, o ano letivo já teria sido encerrado, eu estaria formada no Ensino Médio e livre em todos os sentidos que um ser humano pode ser.

Os negócios praticados pela minha família eram os piores que se pode imaginar. Minha mãe e minha irmã, junto com Cleiton, o namorado de Scarlet, formavam uma pequena quadrilha que aplicava golpes em homens cheios de dinheiro.

O mais comum desses golpes era quando Scarlet fingia ser uma prostituta, atraía esses homens para lugares remotos, onde Cleiton aparecia armado e levava tudo o que conseguia arrancar desses babacas. Podia não parecer, mas Cleiton era muito

ciumento, sempre aparecia no local combinado antes que algum dos idiotas tivesse tempo de colocar as mãos em Scarlet. O ato sexual entre ela e suas vítimas era expressamente proibido. Às vezes, eles apenas drogavam esses homens com os medicamentos controlados aos quais minha mãe tinha acesso, por meio das amizades que fizera no hospital da cidade quando trabalhava lá. Com as vítimas drogadas, tudo ficava mais fácil para eles.

No entanto, a cidade era pequena e mesmo agindo nos municípios das redondezas, eles estavam ficando conhecidos. Nem mesmo o delegado corrupto, subornado para não averiguar as denúncias que recebia, estava conseguindo mais controlar a situação, devido à grande exposição e atenção que os casos vinham recebendo. Com isto, a opção era parar, ou pelo menos dar um tempo.

Para não ficarem na pior, ou ter que arranjar um emprego – o que para elas seria pior até que a própria morte –, elas estavam envolvidas no maior de todos os golpes. Pretendiam fazer com que Scarlet engravidasse de Adriel Beaumont, um milionário da indústria do petróleo que estava na cidade para a construção de um oleoduto nas redondezas.

Diziam que o sujeito era o mal em pessoa. Impiedoso e sem coração, estava construindo seu oleoduto nas terras de uma das maiores fazendas da região, responsável pelo sustento e moradia de dezenas de famílias. Diziam também que muitas dessas famílias já estavam desabrigadas e sem emprego, por causa da crueldade desse homem e que o proprietário das terras, Arnaldo Brandão, estava lutando na justiça para não perder tudo o que tinha. Era

muita maldade de um ser humano destruir tantas vidas em nome da sua ambição.

Ainda assim, minha mãe e Scarlet estavam determinadas a cometer a sandice de aplicar o golpe da barriga em um homem tão perigoso. Há quase dois meses, desde que ele chegara à cidade, as duas vinham se empenhando nisso. Tão logo a sede da sua empresa foi implementada em Santa Clara, onde vivíamos, Scarlet arranjou uma vaga de faxineira lá e passara a tentar seduzi-lo de todas as formas, com o intuito de ficar grávida. Só que o homem era mais difícil do que os outros com quem ela estava acostumada a lidar, não cedeu a nenhuma de suas tentativas e olha que Scarlet era uma garota bonita, ardilosa e experiente.

As duas chegaram a pensar que ele era gay, porém depois descobriram que não passava de um libertino da pior espécie, que procurava prazer em um clube de sexo, desses bem pervertidos, onde se praticava as mais bizarras pornografias, em uma cidade próxima. Ele ia lá pelo menos uma vez por semana e, após dias de preparação, aquela era a grande noite em que Scarlet saíra para o encontrar nesse clube, levando medicações que o deixariam alucinado a ponto de engravidá-la sem sequer perceber.

Segundo as pesquisas que elas fizeram, ele era solteiro e não tinha filhos. Considerando o quanto era rico, essa criança lhes garantiria uma pensão milionária, por pelo menos dezoito anos, como a minha. A diferença era que a minha não passava de uma merreca que mal pagava minhas despesas.

Cleiton não concordou com o plano, claro. Que homem concordaria que sua garota engravidasse de outro? Fez várias tentativas de convencê-la a desistir disso, mas não obteve sucesso.

Scarlet estava obstinada a sair da miséria. E o fato de Cleiton não estar participando de toda essa trama, como das outras vezes, estava deixando minha mãe mais preocupada que o habitual.

Da sala, eu podia enxergar a luz acesa na cozinha, onde ela se encontrava, nervosa, sobressaltada, andando de um lado para o outro, fumando um cigarro atrás do outro. Scarlet saíra por volta das sete horas, para ir ao clube frequentado pelo libertino. Já eram duas da madrugada e ela ainda não voltou, nem telefonara. Pelo estado em que minha mãe se encontrava, parecia não estar atendendo o telefone também. Talvez algo terrível tivesse acontecido. E o pior era que sequer podíamos chamar a polícia. O que diríamos ao delegado?

Cogitei ir até minha mãe, oferecer algum apoio, mas não sabia ao certo como falar assuntos delicados com ela, principalmente estando tão nervosa. Existia uma barreira transparente entre nós, desde sempre. Ela nunca fez questão de esconder que Scarlet era sua filha preferida, ambas eram muito parecidas em todos os aspectos. Quanto a mim, elas apenas suportavam, por causa da pensão.

Apesar de todas as diferenças que tínhamos, fechei os olhos e fiz uma oração silenciosa, para que Scarlet ficasse bem, para que nada de mau acontecesse a ela.

O tempo se arrastava lentamente, minha mãe parecia cada vez mais desesperada na cozinha. Eu estava convencida de que algo dera muito errado, quando, por fim, a porta da sala se abriu e Scarlet entrou, tempestuosa como um furacão, seguida por Cleiton.

Definitivamente o plano não saíra como deveria, ou Cleiton não estaria com ela. Ele não fazia parte dessa jogada.

— O que faz acordada a essa hora? Onde está, mamãe? — perguntou ela, parando diante de mim.

Sua aparência não era das melhores. A maquiagem escura escorrendo dos seus olhos evidenciava que esteve chorando, os cabelos dourados estavam desgrenhados, a meia-calça preta rasgada, as roupas amarrotadas.

— Na cozinha — informei.

Observei-a partir rumo à cozinha, rápida como um raio, seguida pelo namorado e quis ir atrás, saber o que aconteceu. No entanto, como sempre fiquei na minha, quieta, apenas ouvindo, tornando minha existência o menos perceptível possível.

— O que diabos aconteceu? Por que não atendia o telefone? — Ouvi quando minha mãe falou, alterada.

— Acabou a bateria — disse Scarlet.

— O que aconteceu? Por que Cleiton está aqui?

Seguiu-se um instante de um silêncio carregado de tensão, antes que eu pudesse ouvir a voz de Scarlet novamente, um tanto hesitante.

— Deu tudo errado.

As duas começaram a discutir. Minha mãe parecia cada vez mais alterada, nervosa, enquanto Scarlet explicava-lhe que conseguira encontrar o libertino no clube, aproximou-se de uma mulher com quem ele costumava sair e acabou indo com os dois para um dos quartos.

Chegando lá, conseguiu colocar o medicamento na sua bebida e o drogar, no entanto mesmo estando muito louco pelo efeito da droga, o sujeito fez questão de usar o preservativo durante o ato sexual e tudo o que ela conseguiu foi trazer o esperma dele

dentro de uma camisinha. Até aí tudo bem, elas já haviam pensado nessa possibilidade e estavam prontas para uma inseminação artificial, com o uso de uma seringa, caso algo assim acontecesse, o problema foi o que houve depois.

Ao sair do clube, Scarlet foi abordada por Cleiton, que se recusou terminantemente a permitir que ela fosse em frente com aquela loucura. Bêbado e enciumado, ele acabou persuadindo-a a uma relação sexual entre os dois, sem proteção, o que impossibilitaria distinguir de quem seria a criança caso ela fosse inseminada logo após transar com outro homem.

Ao ouvir o relato de ambos, minha mãe gritou, xingou, esperneou, enlouquecida de ódio.

— Ela é minha mulher, porra! Não vou deixar que pegue barriga de outro cara e ponto final! Já basta ter ido até o fim com ele. É inadmissível o que aconteceu e, se tiver que ter um filho, que seja meu! — Cleiton rebateu, no mesmo tom furioso, com a voz embargada pelo álcool.

— Sua mulher o caralho! Você por acaso tem com o que sustentar ela? E se a engravidar, vai sustentar essa criança com o quê? — minha mãe retrucou no mesmo tom e a discussão continuou cada vez mais acirrada, com os dois trocando ofensas e acusações.

— Já chega! Essa briga não vai nos levar a nada! — Scarlet interveio, gritando mais alto que os dois, a fim de silenciá-los. — A merda está feita. Não tem como voltar atrás. Pelo menos, ainda temos o “material” dele, podemos arranjar outra pessoa.

Ela estava falando do esperma do sujeito.

— Como se isso fosse possível em tão pouco tempo — minha mãe disse.

E era verdade. Pelo que ouvi, das duas conversando, enquanto tramavam o grande plano mirabolante, o esperma vivia no máximo por seis horas fora do corpo humano e isso quando não havia contato com o oxigênio, que o matava instantaneamente.

Como fora orientada pela nossa mãe, Scarlet trouxera o sêmen muito bem embalado e em um recipiente congelado, mas jamais encontrariam outra mulher disposta a embarcar naquela loucura em tão pouco tempo. Já devia fazer no mínimo umas quatro horas que ela esteve com o libertino no clube. Tudo o que fizeram estava indo por água abaixo.

De súbito ouvi meu nome ser mencionado na cozinha e um arrepio atravessou minha nuca, anunciando um mau presságio. Tentei ouvir o que estavam dizendo, mas de repente passaram a cochichar e não tive dúvidas de que estavam falando sobre mim.

Cacete! O que estavam tramando?

Não demorou muito, os três saíram da cozinha e avançaram pela sala, vindo em minha direção. Um estremecimento desceu pelo meu corpo e pulei do sofá, sobressaltada, quando vi a seringa branca, grande, na mão da minha mãe.

Droga!

— Sinto muito, filha, mas tem que ser você — minha mãe falou, me encarando como se realmente sentisse.

— De jeito nenhum! Pode esquecer! — retruquei.

Como se o espaço entre nós, ou mesmo os móveis do recinto, pudessem me proteger deles, me coloquei do outro lado da sala, o pânico crescendo dentro de mim, pela certeza de que, se

minha mãe realmente quisesse inseminar aquele sêmen em mim, não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-la.

— Eu não estaria te pedindo, se tivesse outro jeito. Olha pra nossa situação. Um filho daquele homem pode mudar nossas vidas para sempre. Pode pagar uma boa faculdade pra você. Não é isso que tanto quer?

— Mãe, acorda! Eu não vou engravidar de um homem que nem conheço. Não vou fazer parte disso.

— Você não terá que fazer nada. Quando sua barriga começar a crescer, o ano letivo já terá sido encerrado. Você se tranca em casa e não sai até a criança nascer. Não precisa nem mesmo ter o trabalho de criá-la, eu faço isso pra você.

— Você prometeu ao meu pai que nunca me envolveria nas suas armações, em troca da pensão.

Recorri à pensão, pois o medo de perder esse dinheiro, que não era muito, mas era garantido, sempre a fazia desistir de me envolver em suas tramoias.

— Eu sei. Mas falta pouco pra você completar dezoito anos e a pensão vai acabar. É melhor arriscar ter algo melhor.

— Não vou fazer isso!

— Essa ingrata do caralho não tem que concordar, só tem que obedecer! — esbravejou Scarlet. — Ela come à nossa custa faz tempo, já tá na hora de pagar pela despesa.

— Não é verdade. Eu me sustento com o dinheiro do meu trabalho e ainda tem a pensão, que não vejo nenhum centavo.

— Vai jogar isso na minha cara agora? — Minha mãe fez uma expressão magoada, completamente teatral.

Scarlet se aproximou um passo de mim, os olhos castanho-claros carregados de agressividade, fixos em meu rosto.

— Deita logo aí e abre as pernas, sua songamonga do caralho. Já está mais do que na hora de você fazer alguma coisa por essa família. Não somos apenas nós que temos que nos sacrificar.

Como se eu tivesse o poder de enxergar o futuro, previ o que iria acontecer e tremi dos pés à cabeça, tomada pela certeza de que iam me forçar a fazer aquilo, sem que eu tivesse a mínima chance de me defender, de lutar contra os três.

Ainda assim, agindo unicamente por reflexo, me apegando a algum instinto de autopreservação, corri rumo à porta de saída, certa de que teria alguma chance de escapar, chegar até a rua e pedir ajuda. Entretanto, Cleiton era muito mais rápido e mais forte, antes mesmo que eu tivesse tempo de girar a maçaneta da porta, ele já havia me alcançado. Me agarrou pelo meio com os dois braços e me puxou para si, ignorando meus protestos.

Gritei, chutei, esperneei, atacando-o com minhas unhas crescidas onde conseguia alcançar, mas era um esforço em vão. Ele era muito maior e mais forte e logo estava me deitando de volta na cama, colocando-se sobre mim, dominando-me por completo, sem que em nenhum momento eu deixasse de lutar. Mesmo depois que o cansaço me dominou, continuei me debatendo e tentando me soltar.

— Para com isso! — Scarlet disse, ajudando Cleiton a me segurar. — Até parece que estamos tentando te matar. É só uma gravidez, porra! Em poucos meses, você estará livre e cheia da grana. Vai poder fazer o que quiser com sua vida.

Não percebi que minha mãe havia deixado a sala, mas vi quando ela surgiu do seu quarto, trazendo uma seringa menor, a qual eu sabia que continha sedativo.

Mil vezes droga!

— Não, mãe. Por favor, não faz isso.

— Eu não faria, se tivesse outra opção, mas não vou perder uma oportunidade dessa de mudar nossas vidas. Além do mais, ainda existe a possibilidade de a gravidez não acontecer.

— Mãe... você não entende.

Ela se aproximou de mim. Enquanto os outros dois me aprisionavam sobre a cama, se inclinou e introduziu a pequena agulha no meu braço, provocando uma leve picada.

— Acredite. Um dia você vai me agradecer por isto — disse, com seu rosto próximo ao meu, o fedor de cigarros me enojando.

Aos poucos, sua face foi sumindo da minha frente, assim como tudo mais à minha volta. Um silêncio inesperado foi me envolvendo, uma languidez invencível tomando conta dos meus membros, tornando-me cada vez mais mole e pesada. Por mais que eu lutasse, não consegui evitar o torpor que fez minhas pálpebras irem se fechando aos poucos.

— Por favor... não... — balbuciei, quase sem ouvir minha própria voz, mas não consegui completar a frase, antes disso fui engolida pela mais profunda e tranquila escuridão.

CAPÍTULO 1

RAVENA

— Ravena! Ravena! Ravena! — Ouvi a voz me chamando ao longe e, por um instante, acreditei estar sonhando, pois nunca precisei ser acordada para ir à escola. Desde criança sempre fiz isso sozinha.

Abri os olhos e senti minha cabeça girando, o corpo pesado, um sono incomum me ordenando a continuar dormindo. Então percebi que não me encontrava no sofá-cama na sala e sim no quarto da minha mãe, na cama dela. A constatação me invadiu ao mesmo tempo em que eu me recordava dos acontecimentos e me sentei na cama de supetão, o quarto girando à minha volta, o rosto da minha mãe, acomodada na beirada do colchão, entrando no meu campo de visão.

— O que aconteceu? — indaguei, com um fio de voz.

No entanto, eu não precisava que ela respondesse. Sabia que havia me sedado e injetado o sêmen daquele homem em mim. Podia sentir a leve ardência entre minhas pernas, provocada pela invasão da seringa. Meu corpo parecia inacreditavelmente diferente e tive quase certeza de que ficara grávida, embora fosse cedo demais para saber.

Puta que pariu! Eu não conseguia nem imaginar um destino mais bizarro do que ser virgem e estar grávida de um completo desconhecido. Realmente o Criador estava de mau humor quando traçou os meus caminhos na vida.

— Você está dormindo demais. Estou começando a ficar preocupada — disse minha mãe.

Preocupada comigo, ela? Só podia ser piada! Ou mais especificamente um teatro armado para me convencer a manter o que provavelmente estava no meu ventre. Só que não iria acontecer. Eu faria um aborto se a concepção realmente tivesse ocorrido.

— Nunca vou te perdoar pelo que está fazendo comigo — falei, com as emoções aflorando em meu íntimo, atiçando uma mágoa antiga.

Mágoa por todas as vezes que ela me deixou sozinha em casa para ir aos bares com seus amantes; por permitir que esses homens me assediassem, quando os trazia para casa; por estar sempre do lado de Scarlet, mesmo quando ela me machucava; pelo desprezo que sempre me direcionou, devido à minha recusa em participar das suas sujeiras. Era uma mágoa tão infinita, tão enraizada em mim, que se sobrepunha inclusive ao amor fraternal.

— Pelo contrário. Um dia você vai me agradecer — disse ela.

— Você realmente colocou o esperma daquele homem em mim, não foi? — A situação era tão absurda que eu precisava de uma confirmação para acreditar.

— Sim. E se tiver ficado grávida, você e todas nós estaremos com o futuro garantido. Isso é maravilhoso. Já imaginou ingressar na melhor faculdade que o dinheiro pode pagar?

Suas palavras despertaram uma raiva quase cega dentro de mim.

— Não precisa fingir que está fazendo isso por mais alguém além de você mesma.

— Estou fazendo por todas nós.

— Para de ser hipócrita! — esbravejei, perdendo a compostura. — Você nunca deu a mínima pra mim, nunca fez nada por mim. E como se não bastasse, agora está me usando para conseguir o que quer, como se eu fosse um desses idiotas de quem você e Scarlet tiram proveito dia após dia!

— Baixa o tom de voz comigo, garota! Eu ainda sou sua mãe. Me respeite!

Eu queria gritar, espernear, voar no pescoço dela e estrangulá-la. Mas ela estava certa, era minha mãe e devido ao fato de eu ser menor, ainda exercia certo poder sobre mim, o que não me impedia de odiá-la com todas as minhas forças.

— Quer saber. Eu vou pra escola, que é melhor.

Levantei-me da cama e tentei ir rumo à porta, mas ela me impediu, se colocando em meu caminho, altiva e medonha como sempre.

— É melhor você ficar aqui por uns dois dias. Até porque já passa das dez horas. Não dá mais tempo de ir à aula hoje.

Ela moveu a pequena chave em sua mão, para que eu soubesse que a porta estava trancada. Instintivamente, olhei para a janela e fiquei chocada ao vê-la trancada com pregos.

— Você só pode estar brincando! Vai me manter presa aqui?!

Eu não conseguia acreditar que isso estava realmente acontecendo. Minha mãe sempre foi má e desprezível, mas desta vez estava se superando.

— É só por dois dias. Para eu ter certeza de que você não vai tomar uma pílula do dia seguinte.

Observei-a desnorteada, com um misto de ódio e mágoa acumulada tomando conta de mim. As lágrimas ameaçaram aflorar

dos meus olhos, mas as contive.

— Você não pode fazer isso comigo — murmurei, com um fio de voz.

— Não fale como se isso fosse o fim do mundo. Você dormirá em meu quarto por mais duas noites e pronto. Depois de amanhã estará livre. Ligarei para a escola e para seu trabalho avisando que está doente. Até lá ficarei com seu celular e trarei todas as suas refeições aqui. Devia era estar me agradecendo por pensar no seu futuro e não me olhando com essa cara, como se eu fosse um monstro de duas cabeças. Vou cuidar do almoço. Descanse, ou assista televisão, se quiser.

Dito isto, ela destrancou a porta e saiu, trancando-a novamente pelo lado de fora.

Sozinha, fiquei ali parada durante um longo momento, atônita, incrédula, processando todos os acontecimentos, me certificando de que eram reais, de que aquilo estava realmente acontecendo, de que não se tratava de apenas um pesadelo ruim que logo acabaria. Por fim, me convenci de que era tudo verdade e minha única chance de escapar de toda aquela loucura seria se essa gravidez não tivesse acontecido. Do contrário, minha mãe não me daria a mínima oportunidade de me livrar dessa criança, eu estaria arruinada e marcada pelo resto da vida, ligada por laços inquebráveis a um desconhecido, que, pelo que diziam, era tão mau-caráter quanto a mulher que me trouxera ao mundo.

Como sempre, minha mãe estava conseguindo o que queria. Se nem mesmo homens inteligentes e ricos de quem ela se aproveitava conseguiram detê-la, quem era eu para o fazer? Em se tratando dela, eu jamais teria a mínima chance de fazer com que as

coisas fossem diferentes dos seus planos. Seria um objeto de uso, uma mina de dinheiro em suas mãos e nada nunca seria diferente do que ela planejava.

Desconsolada, joguei-me de bruços na cama e deixei o pranto rolar abundante, rezando silenciosamente para não estar grávida, pois essa seria minha única chance de escapar de toda aquela situação.

***

Passei dois dias trancada no quarto da minha mãe, sem celular, isolada do mundo, chorando na maior parte do tempo, recebendo sua visita periodicamente. Por várias vezes pensei em gritar alto o suficiente para atrair a atenção dos vizinhos, mas o que eles poderiam fazer por mim? Chamar a polícia seria perda de tempo, já que o delegado era apenas mais um cúmplice da minha mãe, pago para se omitir. Não duvidava nada que estivesse do lado dela nessa jogada, de olho no dinheiro que certamente essa história iria render.

No terceiro dia, após o almoço, ela me deixou sair. Era tarde para ir à escola e cedo para entrar na lanchonete onde trabalhava, mas ainda assim vesti o uniforme de garçonete, peguei minha bicicleta e deixei a casa, sentindo-me completamente desnorteada, sem rumo, perdida. Tudo o que queria era me distanciar dali. O desejo de fugir de tudo jamais foi tão vivo dentro de mim. Se pudesse, compraria uma passagem naquele momento mesmo para o mais longe possível e partiria, vinha juntando dinheiro para isto há anos. No entanto, ainda era menor de idade e não conseguiria ir

muito longe. Com certeza minha mãe iria atrás de mim e me traria de volta.

A lanchonete onde eu trabalhava ficava às margens da rodovia que ligava Santa Clara a outras cidades. Em uma direção ficava a capital, no sentido oposto a saída do estado. O lugar era o mais perto possível que eu ficava da minha liberdade, além de ser o meu refúgio. Eu gostava de passar as tardes lá, de conviver e conhecer os viajantes que paravam para abastecer o carro e fazer um lanche. Trabalhava de duas da tarde às dez da noite, isso depois de passar a manhã inteira na escola, o que me garantia ficar em casa o mínimo de tempo possível.

Ainda faltava uma hora para o início do meu expediente, mesmo assim segui para lá, pedalando a bicicleta apressada, através das ruas pouco movimentadas, quase sem ver nada à minha volta, devido à aflição que me cegava.

Estava tão absorta pela angústia que esqueci de olhar para os lados antes de atravessar a rua e, quando percebi, o carro já estava praticamente em cima de mim, os pneus cantando no asfalto, evidenciando a tentativa do motorista de frear antes de me atropelar. Ele quase conseguia. Quase.

O toque do para-choque na minha perna foi suavizado pela sua tentativa de parar, porém brusco o suficiente para me arremessar no chão, para o outro lado, junto com a bicicleta. Meu corpo chocou-se contra o asfalto duro, num baque tão violento que senti minha pele dilacerando, principalmente na altura do cotovelo e do joelho, os quais usei para amortecer a queda.

Fiquei lá deitada, imóvel, assustada, tentando distinguir se meus ferimentos eram graves, se me machuquei mais do que

estava percebendo e desejei ardentemente que a queda tivesse sido forte o suficiente para pelo menos me induzir a um aborto, caso estivesse grávida.

À minha volta, alguns poucos transeuntes paravam para observar a cena, porém logo retomavam seus percursos, perdendo o interesse, torcendo o nariz ao perceber que era eu caída no chão. Não importava a eles que eu não fizesse parte das tramoias da minha mãe, ser filha dela era o bastante para que fosse odiada e discriminada por toda a cidade.

Eu ainda não havia conseguido me levantar, quando ouvi a porta do carro se abrindo e logo o motorista entrou no meu campo de visão. Não consegui enxergar seu rosto, tampouco identificar de quem se tratava, devido a estar contra a luz do sol, os raios escaldantes ofuscando meus olhos. Percebi apenas que era um homem muito alto, com o porte atlético, cabelos bem cortados, usando terno e gravata.

Eu não conhecia ninguém em Santa Clara que usasse terno e gravata. Seria alguém de fora?

— Será que você não olha por onde anda?! — vociferou ele, com a voz estrondosa, grossa e ríspida, provocando-me outro susto.

Irritada com sua agressividade, abri a boca para rebater no mesmo tom, porém a voz não saiu. Ainda estava em choque, tentando me levantar, mas sem conseguir devido ao tremor incessante que se instalara em meu corpo e à minha perna presa sob a bicicleta.

Eu ainda estava lá estendida no asfalto, quando a mão grande dele se fechou firmemente em torno do meu braço e me

puxou para cima, colocando-me de pé com um único e rápido movimento.

— Está muito machucada? Precisa de um hospital? — indagou o homem, com a impaciência evidente no seu tom de voz.

Puxei meu braço da mão dele, necessitando de um pequeno esforço para me equilibrar sobre minhas pernas trêmulas e verifiquei meus machucados. Não eram nada de mais. Apenas o cotovelo e o joelho estavam ralados, além de uma leve dor muscular na minha coxa, onde o para-choque encostara. Nada que me impedisse de ir para o trabalho.

— Eu estou bem.

Virei-me para encará-lo e, pela primeira vez, meus olhos focaram claramente seu rosto. Estremeci dos pés à cabeça quando o reconheci. Era Adriel Beaumont, o homem cujo sêmen fora injetado em mim há dois dias.

Embora eu nunca o tivesse visto pessoalmente, mas apenas em fotografias durante as pesquisas que minha mãe fez sobre sua vida, eu jamais esqueceria aqueles traços. Seu rosto era marcante demais, dono de uma beleza inigualável, máscula, quase agressiva, que ficava ainda mais evidente de perto. Tinha cerca de trinta e poucos anos, a pele ligeiramente bronzeada, o queixo forte oculto por uma barba curta escura, o nariz pontudo, a boca bem desenhada. Contudo, o que realmente atraía a atenção eram seus olhos. De um azul-escuro perolado, sombreados por sobrancelhas grossas e arqueadas, refletiam uma frieza que era quase assustadora. Pareciam os olhos de um demônio, presos ao rosto bem esculpido de um anjo.

— Você é Adriel Beaumont — falei, quase para mim mesma.

— Sou eu mesmo. De onde você me conhece? — exaltou-se, áspero.

Deu um passo em minha direção, parecendo tão intimidante e ameaçador que instintivamente recuei outro. De súbito lembrei-me de todas as maldades que ele cometia, desabrigando as famílias da fazenda Ouro Verde, tentando a todo custo arrancar tudo que seu proprietário tinha, um homem que era já quase um idoso, que não fazia mal a ninguém.

Se essa gravidez tivesse acontecido, quando descobrisse que fora vítima de um golpe, um atropelamento seria insignificante perto do que aquele homem faria comigo.

O pensamento me provocou outro estremecimento e, de súbito, vi as construções ao longo da rua dançando à minha volta, transformando-se em um amontoado de imagens fantasmagóricas e sem sentido. Como se minhas pernas já não fossem capazes de me sustentar de pé, fui despencando aos poucos, caindo no chão, ao passo que minha visão escurecia.

Eu estava prestes a me chocar contra o asfalto mais uma vez, quando braços fortes me seguraram com firmeza, amparando-me, transmitindo-me uma sensação de segurança tão reconfortante, que parei de lutar e me entreguei à profunda escuridão que me engolia.

CAPÍTULO 2

RAVENA

Quando recobrei a consciência, eu sentia o mundo balançando à minha volta. Tão logo abri os olhos, me dei conta de que estava deitada no banco de trás de um carro em movimento, trafegando através das ruas de Santa Clara. Imediatamente lembrei-me do que aconteceu e sentei-me com um movimento tão rápido, que me deixou ligeiramente tonta.

— Está se sentindo melhor? — indagou a voz grossa e ríspida.

Elevei meu olhar até o retrovisor e me deparei com os olhos gélidos de Adriel Beaumont, fuzilando-me tão fixamente, que, de repente, tive a sensação de que ele podia enxergar através de mim, saber que talvez eu carregava um filho seu em meu ventre.

Meu primeiro impulso foi o de abrir a porta do carro de saltar, escapar daquele demônio antes que ele me fizesse algum mal, porém me contive. Não tinha como ele saber de nada. Talvez eu sequer estivesse grávida.

— Estou bem — respondi. — Pra onde está me levando?

— Pro hospital. Sabe onde fica?

Caramba! Ele estava na cidade há quase dois meses e não sabia onde ficava o hospital? Devia andar muito ocupado com o clube de sexo que frequentava.

— Não preciso ir pro hospital. Pode me deixar aqui mesmo.

Eu só queria me livrar dele o quanto antes. Estava apavorada. Se não encontrasse um meio de interromper essa possível gravidez, ele jamais acreditaria que fui forçada a participar

desse golpe e, então, eu estaria muito ferrada. Através dos olhos dele, eu percebia que não era o tipo de homem que alguém podia sacanear. Minha mãe devia estar fora de si quando teve essa maldita ideia.

— Não posso te deixar aqui no meio do nada. Se não quiser ir ao hospital, me diga onde mora e te levarei para casa.

— Onde está minha bicicleta?

— No porta-malas.

— Pode me deixar aqui — pedi. — A cidade é pequena. Eu faço o resto do percurso pedalando.

Ele me observou atentamente através do retrovisor.

— É impressão minha, ou você está com medo de mim?

Merda! Só faltava ele adivinhar o motivo.

— C-claro que não. Só quero que me deixe aqui mesmo.

— Eu já disse que não vou deixar você por aí depois de quase ter te atropelado! — vociferou, rispidamente e me encolhi no assento, tomada pela certeza de que seria inútil discutir.

Aquele homem não era apenas intimidante, mas também um poço de arrogância e, quanto antes ele concordasse em me deixar em algum lugar, mais cedo eu me livraria dele.

— Me deixe no meu trabalho então. Fica na rodovia. Lanchonete Alvorada.

Sem dizer mais nada, ele fez o retorno mais adiante e nos conduziu no sentido oposto, rumo à rodovia. Dirigia em velocidade baixa, em meio às ruas ensolaradas e pouco movimentadas. O silêncio que se instalou dentro do veículo era tenso, quase tocável. Todas as vezes que eu olhava na direção do retrovisor, me deparava com seu olhar frio, observando-me fixamente, como se me

sondasse, como se soubesse o que fiz, o que me impelia a olhar em qualquer outra direção, a fim de evitar o seu escrutínio.

— Quantos anos você tem? — indagou depois do longo silêncio.

— Isso não é da sua conta.

— Você tem a língua muito afiada para uma menina da sua idade.

— E você é arrogante demais para um velho.

— Eu sei ser gentil quando me convém.

Encarei seus olhos através do espelho sobre o painel e de súbito senti um calor estranho, latejante, percorrendo meu organismo, não exatamente por causa das suas palavras, mas devido ao tom insinuante, safado, com que foram pronunciadas. Eu conhecia bem aquele tom, era como um homem falava quando estava excitado.

Apesar de nunca ter tido intimidades com um homem, devido ao fato de nenhum garoto da cidade ter se mostrado interessado em assumir um relacionamento sério com a filha da maior piranha da região e de eu não ter me interessado em transar só por transar, eu sabia quase tudo sobre os homens e sobre o sexo. Estava acostumada a ver minha mãe entrar no seu quarto com até dois homens ao mesmo tempo, às vezes também com outras mulheres, ouvia o que eles faziam lá dentro, via a forma como se comportavam antes e depois de tudo. Isso sem falar nas incontáveis vezes em que aqueles nojentos a deixavam dormindo e vinham até a sala me assediar durante a madrugada.

Embora não tenha sido fácil, consegui me preservar sem ser molestada por nenhum deles, mesmo que ninguém na cidade

acreditasse que eu não participava de toda aquela orgia. Felizmente, eu não ligava muito para o que pensavam de mim. Tinha certeza de que, quando deixasse Santa Clara e estivesse morando em um lugar onde ninguém conhecia minha família, encontraria alguém que me respeitaria e me mereceria.

— Ah é, e quando te convém? Quando está com as mulheres do *Clube Riviera*? — deixei escapar.

Puta merda! Onde eu estava com a cabeça para dizer isso a ele?

Percebi, na expressão do seu olhar, que minhas palavras o deixaram surpreso.

— Então é de lá que você me conhece? — Esperou que eu respondesse, como não o fiz, continuou falando: — Não me lembro de ter comido uma bocetinha tão jovem.

— Talvez você esteja comendo mais bocetas do que consiga se recordar.

Meu Deus! Onde eu estou com a cabeça para dizer essas coisas a um sujeito que exala perigo por cada poro?

Aquele assunto estava indo longe demais, ficando íntimo demais, mas ainda assim excitante, envolvente, opostamente a como era quando os nojentos que iam lá em casa falavam assim comigo. Com eles, eu só queria vomitar, mas com Adriel era diferente.

— Não é assim que funciona. Eu escolho muito cuidadosamente as mulheres com quem trepo e, com certeza, não escolheria uma criança.

Por alguma razão, ouvi-lo me chamando de criança me fez sentir ofendida, quando, na verdade, eu deveria estar me sentindo

respeitada.

— Você não está olhando direito. Não sou uma criança.

Cacete! Por que diabos eu estou agindo assim? Ficou parecendo que eu estava me oferecendo!

Soltei um grande suspiro de alívio quando o carro avançou pela rodovia e nos aproximamos da lanchonete.

— É ali. Pode me deixar lá, por favor.

Adriel estacionou e saltamos ao mesmo tempo. O segui quando ele se dirigiu para a parte de trás do carro e abriu o porta-malas. Sob a forte claridade do sol, meus olhos pareciam ser puxados para ele, enquanto tirava a bicicleta pesada, erguendo-a com espantosa facilidade e a colocando no chão.

Algo dentro de mim me impulsionava a observá-lo atentamente, notando detalhes que nunca reparei em outros homens, por mais bonitos que fossem. Embora o tecido do seu terno caro fosse espesso, era possível perceber que tinha braços fortes, com músculos pronunciados, a silhueta alongada, os quadris mais estreitos que os ombros. Por alguma razão desconhecida, me flagrei querendo ver um pouco mais, saber como ele era por trás de todo aquele tecido, se tinha pelos no peito, se suas coxas eram musculosas e imediatamente me repreendi pelo pensamento.

Quando recebi o guidão da bicicleta da sua mão, meu dedo resvalou levemente o seu e quase pude sentir o contato se manifestando na parte mais íntima do meu corpo.

Por Deus! O que está acontecendo comigo?

— Obrigada pela carona. Adeus — falei e saí andando depressa, rumo à porta de entrada.

Fiquei aturdida ao ver que ele me seguia, caminhando tranquilamente ao meu lado.

— O que está fazendo? — indaguei.

— Apenas me certificando de que você não vai desmaiar de novo.

— Eu não vou. Não precisa me seguir.

— Preciso sim. Só por garantia.

Ele parecia ser o tipo de homem que não aceitava nada diferente da sua vontade. Discutir era inútil, então apenas ignorei a tensão que sua proximidade me causava, assim como sua presença.

Prendi a bicicleta no cadeado e entrei no estabelecimento, com Adriel vindo no meu encalço. Não houve nenhum pescoço ali dentro que não virasse para nos observar enquanto avançávamos pelo espaço entre o balcão e as mesas repletas de clientes.

As pessoas que moravam na cidade, certamente deduziam que a companhia dele se tratava de mais um golpe aplicado pela minha família e eu não podia nem dizer que estavam errados. Os demais presentes apenas pareciam curiosos com a forma como Adriel se vestia, sofisticada demais para o ambiente.

Os homens logo perderam o interesse, enquanto as mulheres continuaram olhando até depois que ele se acomodou ao balcão. E quem podia culpá-las? O homem era um verdadeiro espécime masculino. Alto, elegante e charmoso, ele exalava uma irresistível aura de força e poder, que nos fazia desejar ajoelhar aos pés e implorar por um minuto da sua atenção.

Entre todos os olhares, nenhum era mais perplexo que o de Marina, que parecia ter congelado atrás do caixa, a ponto de sequer

perceber quando passei para o outro lado do balcão, atravessei o recinto e entrei na cozinha. Lá, encontrei o meu chefe e precisei mentir, confirmando as histórias da minha mãe sobre ter faltado ao trabalho durante aqueles três dias por estar doente.

Demorei na cozinha mais que o necessário, esperando que Adriel não estivesse mais lá quando saísse, mas ele estava. Lindamente acomodado ao balcão, exalando aquela atmosfera de poder e riqueza que parecia tomar conta de todo o ambiente, tornando sua presença impossível de ser ignorada. Tomava café de uma xícara e conversava com uma Marina, que parecia prestes a babar sobre o tampo de madeira do balcão.

Tão logo surgi pela porta, seus olhos gelados desviaram do rosto dela e se cravaram em mim, fitando-me tão intensamente, que fiquei tensa, intimidada, tomada pela sensação de que ele podia enxergar até minha alma, de que sabia o tipo de armação na qual eu estava envolvida contra a sua pessoa.

— Vejo que você está realmente bem — disse ele, sem desviar aquele olhar que parecia mortal.

— Estou ótima. Você não tem mais nada para fazer aqui.

O canto da boca dele se dobrou em um sorriso muito suave, enquanto Marina me lançava um olhar atônito.

— Na verdade, temos uma ótima torta de frango que você precisa experimentar — disse ela, dando ao cara um sorriso que ia de orelha a orelha.

Não entendi por que ela estava bajulando tanto aquele sujeito, se uma das famílias que ele desabrigou era de um primo dela. Deveria estar tratando-o como ele merecia.

— Vai ficar para outra ocasião, Marina. — Ele voltou a olhar para mim e, como se previsse que muito provavelmente voltaríamos a nos encontrar em breve, acrescentou: — Até breve, menina.

Assenti e com isto ele se levantou e deixou a lanchonete. Todos os olhares femininos voltaram-se em sua direção enquanto ele atravessava o grande salão.

— Onde você encontrou essa coisa linda? E por que praticamente o expulsou? — indagou Marina, demonstrando um misto de incredulidade e empolgação.

— Ele me atropelou.

Lentamente, a animação foi se esvaindo do seu semblante, dando lugar a uma expressão preocupada.

— Meu Deus! Como foi isso? E por que você passou todos esses dias sumida? Tentei te ligar incontáveis vezes. Cheguei a ir na sua casa, mas sua mãe não me deixou entrar, dizendo que você estava doente.

Repassei mentalmente os acontecimentos dos últimos dias e uma enxurrada de lágrimas ameaçou despencar dos meus olhos. Percebendo o meu estado, Marina me segurou pela mão e saiu me puxando rumo aos fundos do estabelecimento, avisando ao nosso chefe que precisávamos de um tempo.

Fomos para o quintal e nos acomodamos na pequena varanda, nos sofás improvisados com assentos de carros antigos, nos quais alguns dos funcionários se sentavam quando iam fumar um cigarro.

Ali, contei tudo a Marina, cada acontecimento dos últimos três dias. Falei sobre a inseminação forçada e o medo de que a gravidez tivesse ocorrido; sobre os dias presa no quarto da minha mãe e a

forma desprezível como, mais uma vez, ela me tratava. Ao final da minha narrativa, eu estava deitada no assento com a cabeça apoiada em seu colo e meu rosto banhado de lágrimas. Porém, me sentia um pouco mais leve, com a certeza de que tinha uma pessoa do meu lado, que me impediria de desmoronar de vez.

Sempre foi assim entre nós duas. Desde crianças dividíamos nossas dores, encontrando apoio uma na outra.

Como eu, Marina também não teve sorte com a família. Vivia em um casebre caindo aos pedaços com a mãe alcoólatra e o padrasto abusivo. A saída para nós duas seria nossa fuga para outra cidade, onde recomeçaríamos nossas vidas, com a ajuda uma da outra. Planos que agora pareciam ameaçados pelas maldades da minha família.

— Perder a virgindade para uma seringa, definitivamente é uma história que você nunca vai poder contar pros seus netos — disse ela, com aquele seu jeito displicente, após me ouvir.

— Ter perdido a virgindade assim é o que menos me importa agora. O hímen pode não estar mais aqui, mas tecnicamente ainda sou virgem. O que me apavora é saber que posso estar esperando o filho de um homem que nem conheço e, principalmente, o que esse homem vai fazer comigo quando souber que está sendo vítima de um golpe.

A simples menção à reação daquele homem, quando soubesse de tudo, foi suficiente para me fazer estremecer.

— Fica calma. Deixa pra se preocupar com isso quando chegar a hora. Talvez a concepção não tenha acontecido; e se aconteceu, conheço ótimos remédios caseiros para abortar, sem falar que na farmácia deve ter alguma medicação com este fim.

— Minha mãe deve ter se precavido quanto a isto. Não vai deixar nenhum farmacêutico me vender um abortivo nem aqui, nem nas cidades das redondezas.

— Eles podem se negar a vender para você especificamente, mas eu conheço muita gente de fora que pode ajudar. Se você estiver grávida, nós vamos dar um jeito de tirar essa criança do seu ventre.

Ela falava com tanta certeza, com tanta segurança, que consegui me acalmar um pouco, depois de três dias com os nervos à flor da pele e a cabeça a mil. Mergulhadas no silêncio, ela acariciava meus cabelos, transmitindo-me a sensação reconfortante de apoio, assim como eu fazia quando precisava de mim.

— Se bem que ter um filho daquele homem nem parece uma ideia tão ruim. Ele não é apenas lindo, tem algo nele que faz a gente querer arriar a calcinha na mesma hora — acrescentou ela.

— Lindo e perigoso. Considerando o que ele está fazendo com os funcionários daquela fazenda, sem que eles tenham feito nada, não consigo nem imaginar o que faria comigo se eu aplicasse esse golpe nele. No mínimo me mataria.

Senti o leve estremecimento atravessando o corpo de Marina. Na certa, ela também havia percebido que Adriel não era o tipo de homem com quem se podia aprontar.

— É verdade. Tem algo assustador nele. O melhor mesmo é interromper essa gravidez.

— Se tiver acontecido.

Continuamos lá conversando por mais algum tempo, até que nosso chefe enfiou a cabeça através do espaço na porta entreaberta e nos intimou a voltarmos ao trabalho.

CAPÍTULO 3

ADRIEL

Dois meses depois...

— *Senhor Adriel, aquela senhora, a dona Soraya, está novamente aqui querendo lhe falar* — disse minha secretária, através do interfone.

Era o terceiro dia seguido que essa mulher aparecia na sede da empresa tentando falar comigo. *O que diabos ela queria?* Essa gente folgada achava que eu não tinha mais o que fazer! No mínimo, estava ali para pedir ajuda financeira, como tantos outros faziam, como se eu fosse dono de alguma instituição de caridade. Era nisso que dava fazer negócios naquele fim de mundo, repleto de caipiras.

— Diga que estou ocupado. — Dei a mesma resposta dos últimos dois dias.

— *Senhor, ela disse que é urgente. Está insistindo muito.*

— Nesse caso, diga que espere.

— *Sim, senhor.*

Depois de algumas horas esperando, certamente ela desistiria. Gente chata!

Desliguei o interfone e voltei novamente minha atenção para o arquivo no computador. No documento chegado há algumas horas, estava mais uma das tentativas desesperadas daquele maldito de atrapalhar os meus planos. Desta vez, ele conseguiu o mandado de um juiz da capital ordenando a interrupção da construção do oleoduto, com a alegação de que o nível em que este

se encontrava, já seria suficiente para o deslocamento do combustível. Com isto, ele salvaria o pouco que ainda lhe restava das suas malditas terras.

Com certeza, o nível em que estavam os tubos de óleo era mais que o suficiente para transportar o petróleo através do país, no entanto eu queria mais. Queria passar por cima de tudo o que ele tinha, destruir a sua casa e o que ainda restava das suas plantações, acabar com ele e com tudo o que possuía. O oleoduto era apenas um pretexto e era o que menos me importava.

Não foi fácil chegar até ali. Subornar juízes e promotores até conquistar o apoio do governo para este projeto e com isto o direito de acabar com a raça daquele cretino. Não seria um juizeco de merda que me impediria de ir até o fim. Eu só descansaria depois que Arnaldo Brandão estivesse na lama, sem casa, sem dinheiro, sem terras, sem dignidade. Isso era pouco perto do que ele merecia.

Por várias vezes, ao longo dos anos, depois que deixei a maldita fazenda dele, quando era ainda criança, cogitei apenas contratar um assassino de aluguel e acabar com a raça daquele maldito, como pagamento por todo o mal que me fizera. No entanto, a morte seria pouco. Ele merecia sofrer, como eu e minha mãe sofremos, merecia perder tudo, como nós perdemos, estar na rua da amargura, como estivemos. Se havia algo que ele estimava mais até que a própria vida eram suas terras, seus bens materiais e nada o afetaria mais do que perder tudo, principalmente para alguém como eu, a quem ele fizera tanto mal.

Ao longo da minha vida, esse foi meu único objetivo, o incentivo que me motivou a andar para a frente, a lutar para conquistar meios de o destruir. Cada passo que dei nessa vida,

cada gota de suor que derramei, foi com o intuito de chegar até aqui e acabar com a raça daquele miserável, como ele acabara comigo um dia. Destruí-lo, como ele destruiu a mim e à mulher que me colocou no mundo, era o que me incentivava a continuar respirando. Foi para isto que lutei durante anos e não era um juizinho de merda que atrapalharia os meus planos, logo agora que eles estavam prestes a ser totalmente concluídos.

Eu passaria por cima dele, como passei por cima de todos que se colocaram no meu caminho. Não seria fácil, mas nunca foi. Desde que minha mãe faleceu, quando eu tinha doze anos – dois anos após irmos embora da fazenda –, a luta pela sobrevivência sempre foi árdua e talvez jamais deixaria de ser. No entanto, até as dificuldades me incentivavam a continuar, pois a certeza de que eu estava sozinho no mundo, de que não tinha mais ninguém, me lembrava de quem era o responsável pelas coisas serem assim.

Consumido pelo ódio que já fazia parte de mim, por me acompanhar há tantos anos, deixei meu lugar atrás da mesa, fui até o pequeno frigobar e me servi de uma dose de uísque importado, puro e sem gelo. Enquanto forçava minha mente a trabalhar, em busca de uma solução para mais aquele empecilho, coloquei-me diante da janela que dava para a rua, observando a pouca movimentação lá embaixo.

Era uma rua no centro da cidade, mas quase não tinha movimento de trânsito, nem de pedestres, opostamente à agitação de São Paulo. Continuava sendo a cidadezinha atrasada e pacata, de quando eu tinha dez anos.

Inclusive, o prédio onde eu abri meu escritório, temporariamente, até a finalização do oleoduto, era precário. Com

apenas dois andares, se resumia a um saguão mediano e meia dúzia de salas ao longo de um corredor mal projetado e, ainda assim, era o maior da cidade.

Com alguns poucos goles, ingeri todo o uísque do copo e, em seguida, interfonei para a secretária, mandando que convocasse uma reunião urgente com os engenheiros. Todos eles sabiam qual era a minha verdadeira jogada, tinham ciência de que eu não estava ali apenas para construir um transporte de combustível, isso seria fácil demais. Conheciam meu verdadeiro objetivo e eram muito bem pagos para arranjar meios de que aquele projeto reduzisse a fazenda de Arnaldo Brandão a nada mais que uma vastidão de terras inférteis e inúteis. Haveriam de conseguir derrubar o mandado daquele maldito juiz. Se não conseguissem, o plano B seria suborná-lo como fiz com tantos outros.

No final do dia, eu estava completamente estressado e mentalmente esgotado. Precisava seriamente ir até o *Clube Riviera* dar uma aliviada, mas não iria naquela noite, pois havia muito no que pensar e necessitava estar totalmente concentrado para que nada desse errado. O mínimo deslize poderia atrapalhar a conclusão dos meus planos. Arnaldo era um cretino, mas não era um tolo. Assim como eu, também sabia jogar sujo e o fazia com maestria.

Eu estava saindo do precário edifício, indo na direção do estacionamento, mais adiante, quando, ainda na calçada, fui abordado por duas mulheres, uma de meia-idade, a outra adolescente, a mesma que quase atropelei algum tempo atrás.

— Senhor Adriel, sou Soraya Almeida, preciso lhe falar e é urgente — disse a mulher mais velha, tomando o meu caminho,

irritando-me com sua insuportável insistência.

Devia ser a mesma que me procurava há três dias, a quem deixei esperando, acreditando que iria embora. Mas ela não foi. Pelo visto, passara a tarde toda ali me esperando sair.

— No momento estou ocupado. — Me limitei a dizer.

Tentei passar, ela praticamente pulou na minha frente, tentando me impedir de seguir adiante.

— Minha filha tem dezessete anos e está esperando um filho seu.

Suas palavras me fizeram congelar. Imediatamente virei-me para as duas e concentrei minha atenção na menina, que parecia se esconder atrás da mãe, pálida e assustada como da outra vez em que a vi.

— O que você disse? — indaguei, desconfiado de que tinha ouvido errado.

— Essa é minha filha Ravena. — Ela gesticulou na direção da adolescente. — Vocês estiveram juntos no *Clube Riviera*. Ela está esperando um filho seu.

Ao ouvir a menção ao clube que frequentava semanalmente, desde que chegara à cidade, levei um susto, me perguntando se havia alguma possibilidade do que aquela mulher afirmava ser verdade. No entanto, olhei bem para aquela garota e logo afastei a hipótese. Eu era um canalha da pior espécie, capaz de qualquer jogada suja para conseguir o que queria e até me orgulhava disso, contudo seria incapaz de comer uma menina daquela idade.

— Ou você é louca, ou abordou o cara errado. Eu nunca tive nada com essa garota.

— Teve sim, há dois meses, quando ela esteve no clube procurando a irmã. Ela não queria, foi praticamente forçada pelo senhor e podemos provar isso com um simples exame de DNA, por meio de um procedimento de amniocentese.

A mulher falava com segurança demais para estar mentindo. Então puxei pela memória e lembrei de que há dois meses alguém colocou LSD na minha bebida e estive praticamente fora da realidade durante horas, no clube. Até aquele instante, eu não fazia ideia de quem havia me drogado, ou com que objetivo. Chegara a cogitar que fora alguma armação de Arnaldo, porém, como nada aconteceu depois, acabei deixando o assunto de lado, mas agora eu entendia. Aquela mulher certamente era uma golpista que introduzira a droga na minha bebida e me induzira a transar com a filha dela, uma criança.

Atônito com a possibilidade, novamente desloquei meu olhar para a menina, que se encolhia atrás da mãe, parecendo um ratinho assustado. Era linda, como eu já havia reparado na outra ocasião em que a vi. Tinha enormes e assustados olhos azuis-claros, cabelos escuros, longos e densos, a pele rosada como a de uma boneca e uma boca carnuda que parecia implorar para dar uma chupada, mas era apenas uma criança. Eu não treparia com ela. Treparia?

Recordei-me de que ela desmaiara ao me reconhecer na rua, da conversa que tivemos no meu carro, quando afirmara que me conhecia do clube e, tal qual agora, se mostrara completamente apavorada com a minha proximidade.

Por Deus! Será que eu realmente a forcei a fazer alguma coisa enquanto estava sob o efeito do LSD?

— Eu jamais faria alguma coisa com uma menina dessa idade, a não ser que estivesse muito *drogado* — enfatizei o tom de acusação nas minhas palavras, para que ela soubesse que eu tinha consciência de que fora ela que me drogara.

Mas a mulher não se intimidava facilmente, devia estar acostumada a aplicar esse tipo de golpe. Fez questão de fitar-me de forma desafiadora, dizendo:

— Eu não sei que tipo de drogas vocês usam naquele lugar, ou o que fazem por lá. O que sei é que minha filha é menor de idade e está esperando um filho seu. Ela precisa de assistência e espero não ter que ir à imprensa, ou até mesmo à polícia, para que essa assistência seja prestada pelo senhor.

Como toda vigarista, era dinheiro o que ela queria. Estava armando para cima de mim e fazia isso muito bem. Não inventaria uma gravidez inexistente sabendo que um simples exame a desmentiria. Provavelmente, aquela menina estava mesmo esperando um filho meu.

Puta merda! Como permiti que algo assim acontecesse?

As duas não faziam ideia com quem estavam se metendo. Se me conhecessem pelo menos um pouco, saberiam que tentar me aplicar um golpe da barriga era o pior erro que podiam cometer. Eu passara por cima de pessoas mau-caráter por muito menos que isto. Aquelas eram apenas mais duas que seriam esmagadas por mim, reduzidas a pó.

— Antes de mais nada, preciso saber se está falando a verdade.

A mulher abriu a boca para dizer algo, certamente afirmar que estava disposta a submeter a garota a um teste de paternidade,

mas antes que tivesse tempo, tirei meu cartão de visitas do bolso e a interrompi:

— Esse é meu telefone pessoal. Envie uma mensagem com o seu endereço. Meu motorista irá apanhá-las amanhã cedo para fazermos o exame na capital.

— Acho bom que apareça mesmo — cuspiu ela e a raiva disparou ainda mais feroz em minhas veias.

— Acredito que você não tenha a mínima noção de com quem está lidando. Armar para cima de mim foi o pior erro que vocês duas já cometeram na vida.

A mulher nem mesmo piscou em reação às minhas palavras. A garota, no entanto, deu um passo para trás, mostrando-se apavorada. Pelo visto, era mais inteligente que a mãe, embora não tenha sido esperta o bastante para ficar fora do meu caminho.

— O único a errar aqui foi o senhor, por não conseguir manter seu pau longe da minha filha.

Observei novamente a menina, que parecia prestes a sair correndo, tão apavorada se mostrava. Tentei me imaginar na cama com ela e, embora ela fosse incrivelmente atraente, de um jeito quase perturbador, tive certeza de que não tomaria alguém daquela idade, mesmo estando drogado. Havia mais por trás daquela história, talvez o dedo podre de Arnaldo. Era o que eu pretendia descobrir.

— É o que vamos ver. — A fim de investigá-la, acrescentei: — Soraya Almeida é o seu nome?

— Soraya Almeida de Souza, decore bem esse nome, pois ainda o ouvirá muitas vezes.

— Eu aposto que sim. Até amanhã.

Dito isto, dei-lhes as costas e retomei meu percurso até o estacionamento. Tão logo entrei no carro e comecei a dirigir, telefonei para Brendon, um hacker que eu pagava para descobrir qualquer coisa que eu quisesse saber. Dei o nome completo da vigarista e mandei que me passasse todas as informações que encontrasse sobre ela, o mais depressa possível, embora em uma cidade como aquela, onde todos se conheciam e sabiam tudo sobre a vida uns dos outros, eu colheria informações importantes também por meio das fofocas. Eu podia apostar como a dona Rosilene, minha governanta, me diria exatamente quem era ela.

Minha cabeça ainda fervia com os pensamentos quando cheguei à casa. Em toda a cidade, era o único ambiente no qual existia o mínimo de requinte, isso depois que providenciei para que a construção fosse minuciosamente restaurada e redecorada. Antes disso era apenas um casarão construído por um fazendeiro rico e excêntrico que viveu ali durante o século passado. O comprei pouco antes de voltar à Santa Clara.

As principais vantagens do lugar, eram que ficava ligeiramente afastado da cidade e possuía muros altos que impediam a aproximação de intrusos. Além disso, tinha um terreno imenso, que permitia à casa ser cercada por um belo bosque e jardins. Isso garantia que eu tivesse sossego e, ao mesmo tempo, estivesse seguro das armadilhas que Arnaldo provavelmente articulara para mim.

Se eu não tivesse providenciado e deixado com meus advogados um dossiê contendo todas as informações que me ligavam a Arnaldo, cujo conteúdo o tornaria o principal suspeito caso algo me acontecesse, certamente ele já teria mandado me eliminar,

como costumava fazer com todos os seus oponentes. Mas ele não era burro.

Tão logo adentrei a imponente moradia, a governanta veio me receber, como fazia todos os dias, perguntando a que horas poderia servir o jantar. Desta vez, no lugar de mandar que servisse dali a meia hora, depois que tomasse um banho, a convidei para sentar-se em um dos sofás e me servi de uma dose de uísque puro, antes de me acomodar no outro.

— O que você sabe sobre Soraya Almeida? — Fui direto ao ponto e a mulher, magrinha, com cerca de cinquenta anos, torceu o nariz ao ouvir o nome de Soraya.

— É uma vigarista da pior espécie. Vive de aplicar golpes em homens ricos, com a ajuda das filhas e de um degenerado que namora uma delas. Não valem um centavo. Só ainda não estão na cadeia porque o delegado é um corrupto.

Eu sabia!

— Parece que essa região é mesmo uma mina de gente canalha.

— Nem todos são ruins. Tem muita gente do bem por aqui. — Seus olhos cinzentos, enrugados, se ampliaram um pouco mais. — Não me diga que elas aprontaram para cima do senhor.

— Estão tentando. Parece que vou ter que ser o cara que dará fim à trajetória de malandragem dessas infames.

— Eu sinto muito que tenham alvejado o senhor. São mesmo umas infames. Todas as três.

— Alvejaram o homem errado. — Levantei-me, depositei o copo vazio sobre a mesinha e segui rumo à escadaria que levava ao

segundo andar. — Sirva o jantar dentro de meia hora. Vou tomar um banho.

Após o banho e o jantar, acomodei-me no escritório da casa e telefonei para Brendon, solicitando os resultados das suas pesquisas e logo ele me enviou um relatório com as informações que já havia coletado.

Rosilene estava certa, aquelas mulheres realmente eram bandidas de primeira linha, alvos de várias denúncias em delegacias de diferentes cidades. Cometiam crimes como roubo, extorsão, estelionato, falsidade ideológica, vadiagem e até agressão. Provavelmente nem metade do que praticavam era denunciado, já que agiam enganando homens que evitavam se expor. A maioria dessas denúncias não eram averiguadas, o que evidenciava que tinham a polícia nas mãos.

Duas coisas que me chamaram a atenção. A primeira era que o nome da filha mais nova, Ravena, nunca aparecia entre as denúncias, certamente por ser menor de idade. A outra coisa, era que a filha mais velha, Scarlet, trabalhara como faxineira na sede da minha empresa em Santa Clara durante algum tempo, até desaparecer de repente, depois de eu tê-la visto certa noite no *Clube Riviera*. Não podia ser coincidência.

Refleti sobre este fato e por fim toda a armação delas ficou clara na minha mente. Desde o primeiro dia de trabalho na empresa, Scarlet tentara me seduzir, me levar para a cama, na certa com o intuito de engravidar. Na noite em que fui drogado com LSD no *Riviera*, ela estava lá, foi para a suíte comigo e Juliane, a garota que eu estava comendo desde que cheguei à cidade. Eu não me lembrava nem de metade do que aconteceu naquela noite, mas,

sem sombra de dúvida, foi Scarlet quem colocou a droga na minha bebida, para que eu a penetrasse sem proteção e a engravidasse. *Mas por que então era a filha mais nova que estava grávida?*

Puta merda! Na certa, eu fiquei muito louco com o efeito da droga e transei com a menina sem ao menos perceber, embora não me recordasse de tê-la visto por lá, mas eu estava fora de mim, não me recordaria se um elefante tivesse entrado na suíte. A mãe dela disse que eu a forcei quando ela foi lá falar com a irmã, podia estar mentindo, mas podia ser verdade. Não existia outra explicação para Ravena ter ficado grávida e não Scarlet.

Mil vezes puta merda!

Os acontecimentos daquela noite haviam se transformado em um borrão na minha mente. Só fiquei sabendo a razão disto no dia seguinte, após acordar já quase no meio do dia e fazer um exame de sangue que evidenciou a presença da droga no meu organismo.

Eu tinha quase certeza de que aquela menina estava mesmo grávida de um filho meu, elas não inventariam essa história sabendo que um simples exame poderia provar o oposto. A armação delas fora muito bem elaborada. E embora a situação fosse perturbadora, já não importava tanto como isso aconteceu, se eu a forcei, ou se fizeram alguma inseminação artificial com meu esperma. A merda estava feita e não existia como voltar atrás, a menos que eu a forçasse a fazer um aborto, o que seria quase impossível, devido à idade dela.

Muito provavelmente eu me tornaria pai e não tinha a mínima ideia do que fazer com um filho. A paternidade não era algo que já tivesse feito parte dos meus planos. Não havia espaço na minha

vida para uma criança, muito provavelmente esta seria criada pelas bandidas infames que forçaram sua existência em troca de dinheiro.

Minha única certeza era que eu faria com que elas pagassem caro por terem entrado no meu caminho e já sabia exatamente como. Bastava subornar as pessoas certas.

CAPÍTULO 4

RAVENA

Passei praticamente a noite toda rolando na cama, sem conseguir dormir, ou ao menos relaxar. Estava aterrorizada com o que aquele homem faria conosco por causa do golpe da barriga que estávamos aplicando nele. Eu via, em seus olhos gélidos, que ele era capaz de tudo, talvez até de matar. Quando a sua paternidade se confirmasse, o que aconteceria em poucas horas, minha mãe e eu estaríamos nos braços da sorte, correndo sério risco de perdermos nossas vidas. *Como ela podia não enxergar isso? Como era capaz de aprontar para cima de um homem tão perigoso como aquele?* Estava escrito, na sua expressão, que ele não tinha alma, nem coração. Suas atitudes com os moradores da fazenda sobre a qual construía seu oleoduto, também diziam isso.

Se, pelo menos, eu não fosse uma covarde e tivesse tido coragem de tirar a criança, quando Marina finalmente conseguiu arranjar os medicamentos abortivos, estaria livre dessa situação, mas fui estúpida o bastante para me apegar a essa vida que crescia dentro de mim. Embora ele ainda tivesse o tamanho de um grão de feijão, eu já o amava, seria incapaz de matá-lo.

No início, eu estava determinada a fazer um aborto. Tão logo a gravidez se confirmou, ainda no primeiro mês, tomei todos os remédios caseiros que Marina me arranjara, mas nada da menstruação descer. Tentamos comprar Cytotec nas farmácias, mas ninguém quis vender, certamente seguindo a ordem da minha mãe. Quando, por fim, Marina conseguiu que um caminhoneiro amigo seu trouxesse o medicamento de outro estado, já era tarde, eu havia me

apegado ao meu filho como se ele já existisse, como de fato existia. Eu podia senti-lo, não mexendo ainda claro, mas crescendo dentro de mim, cada dia mais forte, mais presente. *Como eu poderia acabar com uma vida que mal havia começado? A vida do meu filho?*

A verdade era que eu sacrificaria a minha vida, a minha liberdade, por esta criança e, embora lamentasse pelo destino cruel, ainda obscuro, que nós dois certamente teríamos, no fundo sabia que estava fazendo a coisa certa.

Empolgada com a ideia de irmos até a capital fazermos o teste de DNA, exatamente como ela havia planejado, minha mãe levantou cedo e veio me apressar. Estávamos prontas há horas quando, por fim, ouvimos a buzina do carro do lado de fora da casa e saímos. Um *Audi* luxuoso nos aguardava, conduzido por um motorista quase tão mal-encarado quanto seu chefe, o qual, com poucas e sérias palavras, nos instruiu a ocuparmos os assentos traseiros e nos conduziu pelas ruas da cidade.

Enquanto minha mãe tentava puxar assunto com ele, sem que ele se desse ao trabalho de responder, eu suava frio e me tremia toda, invadida pelo pânico do que Adriel poderia fazer conosco. Por mais que eu tivesse insistido que Cleiton viesse conosco, a fim de garantir pelo menos um pouco nossa segurança, minha mãe determinou que não precisava. Estava realmente subestimando o perigo que Adriel representava e nem se dava conta disso, por pura arrogância, por se considerar mais inteligente do que realmente era.

Deixamos o perímetro urbano de Santa Clara e avançamos por uma estradinha de tijolos que levava à mansão antiga que Adriel

ocupava desde que chegara à cidade. Era uma casa imensa, há muitos anos abandonada, que ele reformou antes de se mudar. Diziam que o lugar era assombrado pelos espíritos dos seus antigos donos, um fazendeiro poderoso e sua família, que viveram ali há muitas décadas.

Eu não acreditava em assombração, no entanto, nada jamais me pareceu tão assustador quanto aquela casa, quando ela entrou no meu campo de visão. Era realmente muito grande, mais até do que eu me lembrava das vezes em que brincava por ali quando criança. Muros altos, com cerca elétrica, haviam sido construídos à sua volta, vários homens mal-encarados e armados até os dentes vigiavam as entradas, como se a pessoa que vivia ali fosse o chefão da máfia russa e não um simples empresário.

Minha nossa! Em que tipo de negócios sujos Adriel Beaumont estava envolvido, para que precisasse de todos aqueles seguranças? Definitivamente, minha mãe estava nos colocando na maior roubada de nossas vidas.

O *Audi* passou direto pela casa e seguiu através de uma estradinha que cortava o imenso arvoredo, até que demos em uma clareira, onde havia um heliponto e nele um moderno helicóptero, diante do qual o motorista estacionou.

— Nós vamos voar? — minha mãe indagou, aturdida e, finalmente, assustada.

O homem não respondeu. Apenas saltou e deu a volta para abrir a porta para nós duas.

Tão logo saltamos, um Mercedes escuro se aproximou, vindo de outra direção e Adriel surgiu de dentro dele, falando com alguém ao telefone, estrondosamente, com a voz ríspida e seca.

Não usava terno e gravata como das outras vezes em que o vi, mas apenas uma camisa cor de vinho, com as mangas enroladas até os cotovelos e calça social. Tinha os cabelos curtos bem penteados e a fisionomia endurecida de fúria. Como sempre, seus olhos enigmáticos, incrivelmente gelados, atraíram a minha atenção e senti um baque por dentro quando meu olhar os encontrou. Suas íris gélidas prenderam-me durante um tempo interminável, parecendo ameaçar-me silenciosamente e ao mesmo tempo dizer-me algo mais que eu não compreendia, despertando-me tantas sensações confusas, indefiníveis, que fiquei sem fôlego e me apressei em desviar o olhar.

Ainda falando no celular com alguma pobre vítima da sua tirania, Adriel gesticulou para que entrássemos no helicóptero, mas minha mãe se recusou. Em vez disso, cruzou os braços na frente do peito e o encarou altivamente, na certa pronta para arranjar uma briga por não querer voar, já que tinha medo de altura.

Por fim, Adriel encerrou a ligação e a encarou de volta, com uma fúria quase bestial emergindo na sua expressão, misturando-se à frieza cortante.

— Qual o problema? Não vai me dizer que tem medo de voar — disse ele.

— Claro que tenho. Não vou entrar nessa geringonça. Acho melhor o senhor arranjar outro meio de irmos.

— Diferente de você, eu tenho mais o que fazer. Não tenho tempo de passar horas dentro de um carro, quando posso fazer o mesmo percurso em minutos.

— Tem uma clínica na cidade onde podemos fazer esse exame.

— E confiar em um médico que pode estar sendo pago por você para mentir? Nada feito. Ou você entra, ou o exame não será realizado.

Derrotada, minha mãe chegou a colocar um pé no degrau da porta do helicóptero, ficou ali parada por um instante, hesitante, até que por fim desistiu e se virou para mim.

— Vai com ele, Ravena, e traga o resultado dos exames.

Fitei-a atônita.

— Mãe, não!

— Vocês vão estar entre outras pessoas. Ele não vai te fazer nada. Só tome cuidado para não ser enganada.

Minha mãe só podia estar brincando. Como podia confiar sua filha de dezessete anos, aos cuidados de um homem contra quem estava aplicando um golpe e, ainda por cima, um homem perigoso como aquele? Era muita falta de amor, mas nunca foi diferente.

— Por favor, não me deixa sozinha com esse homem.

— Até parece que vão ficar sozinhos. Deixa de ser medrosa. Ele é o pai do seu filho.

— Acho melhor vocês duas resolverem isso logo. Como eu disse, tenho mais o que fazer. Meus compromissos me esperam — disse Adriel, áspero como sempre.

— Ela vai com você. Se a idade dela causar algum empecilho, diga para me ligarem.

— Mas mãe...

— Não tem mas. Chega de conversa.

Sem permitir que eu continuasse me recusando a fazer o que mandava, ela saiu me empurrando na direção da porta do helicóptero, até que eu estivesse dentro dele, acomodada em uma

das pontas do largo assento de couro. Logo em seguida, Adriel entrou e se sentou na outra ponta, ordenando ao piloto que decolasse.

Em questão de segundos, estávamos levantando voo, as hélices do veículo causando um barulho ensurdecedor, que foi se amenizando à medida em que eu me concentrava na paisagem abaixo de nós, a mansão cercada por bosques e jardins bem cuidados ficando cada vez mais distante e menor.

Logo eu podia enxergar praticamente toda Santa Clara, a cidade se tornando menor e mais distante à medida em que nos afastávamos, até desaparecer completamente do meu campo de visão e tudo o que restou foi a vista dos pastos das fazendas e toda a vastidão do verde que cercava o lugar.

Era a primeira vez que eu deixava Santa Clara, assim como voava de helicóptero. Apesar de assustadora, a sensação era boa, a vista do solo se distanciava cada vez mais, as novas paisagens que surgiam embaixo de nós eram de tirar o fôlego.

Eu continuava encolhida em uma das pontas do assento, enquanto Adriel ocupava a outra. Agradeci aos céus quando seu telefone tocou e ele voltou a vociferar com alguém do outro lado da linha. Falava sobre a construção do seu oleoduto. Pelo que entendi, exigia que os tubos traçassem um percurso diferente daquele estipulado por algum juiz, queria que passassem pelo local exato onde ficava a casa do seu Arnaldo, dono da fazenda. Pelo ódio que empregava em suas palavras, pela energia com que as pronunciava, era possível notar que fazia questão de desabrigar o velho homem, tornar suas terras inúteis para algo além de sediar o transporte do combustível.

Aquele homem não era apenas perigoso e cruel, ele era um monstro. Além de arrancar o lar e o emprego de todas aquelas famílias, ainda queria deixar o dono da fazenda sem casa, um homem que era já bastante idoso.

Como podia existir gente tão ruim assim?

Quando ele encerrou a ligação, eu continuava olhando através da janela, observando a vista lá embaixo e quase pude sentir o peso do seu olhar sobre mim, observando-me fixamente, de forma silenciosa, como se me sondasse, como se tentasse enxergar minha alma.

Tentei, com todas as minhas forças, não olhar de volta, mas uma energia poderosa, mais forte que eu, pareceu me puxar e virei o rosto em sua direção, deparando-me com suas piscinas azuis peroladas, frias como gelo, fixas em mim. Um estremecimento me percorreu quando meu olhar encontrou o seu e fui invadida por um misto de medo e algo mais que não consegui definir.

— Tem medo de mim, Ravena? — indagou Adriel, com a voz baixa, porém mortalmente fria, desprovida de emoções.

Eu me perguntava como ele sabia meu nome, quando lembrei que minha mãe entregara-lhe alguns documentos antes que entrasse no helicóptero. Na certa o viu lá.

— Não tenho motivos para ter?

— Muito mais do que possa imaginar. — Um calafrio atravessou minha espinha. — Mas isso prova que você é mais inteligente que sua mãe.

Tentando ignorá-lo, voltei a olhar a paisagem através da janela.

— Contudo, não foi inteligente o bastante para ficar fora do meu caminho. Vai me contar o que aconteceu naquela noite? Era pra Scarlet estar grávida. Como meu sêmen foi parar dentro de você?

Fitei-o de queixo caído, incrédula com suas palavras. Ele não tinha visto meu nome nos documentos, andara nos investigando, já sabia que Scarlet era minha irmã e que a ideia inicial era que ela ficasse grávida, logo descobriria o plano todo e estaríamos ainda mais ferradas. O fato de ter descoberto tudo tão depressa mostrava que era ainda mais perigoso do que parecia.

— Aconteceu o que minha mãe disse — falei, tentando manter a calma.

Não seria inteligente da minha parte contar a verdade a ele, principalmente enquanto estávamos a vários quilômetros de distância do chão.

— Então, eu a forcei a fazer sexo comigo? Você pelo menos gozou? Às vezes, as mulheres gozam, mesmo quando estão com um homem por trabalho e é uma pena que eu não me lembre de nada.

Ele falava com a frieza de um carrasco recitando um discurso diante da execução de um condenado. Cada palavra que saía da sua boca me aterrorizava e me abalava de um jeito que eu não conseguia entender, sabia apenas que precisava tomar cuidado para não me deixar levar por aquela conversa e acabar confessando toda a verdade, como ele queria.

— Eu nunca ouvi falar que uma mulher tenha... tido um orgasmo enquanto está sendo estuprada — disparei e me arrependi

na mesma hora, ao perceber a fúria se misturando à frieza no azul dos seus olhos.

Com sua fisionomia mortalmente endurecida, ele projetou seu corpo para a frente e tive certeza de que me atiraria para fora do helicóptero.

— Eu não estuprei você. Jamais faria isso — disse, com a voz baixa e mortalmente gélida. — Foram vocês que me drogaram e se aproveitaram de mim. Um estupro aconteceu naquele quarto e, com certeza, não fui eu quem cometi. — Recostou-se novamente no espaldar do assento. — Você já deve ter ouvido falar em estupro de vulnerável. Foi isso que você fez comigo, Ravena, e vai pagar muito caro por tamanho erro.

Por Deus! O que ele pensava que tinha acontecido era ainda pior que a verdade. Eu podia contar-lhe tudo, me livrar dessa culpa, mas do que adiantaria? Certamente, ele não acreditaria. Só serviria para que minha mãe se virasse contra mim, aí eu estaria na mira não de apenas de uma, mas de duas pessoas más e perigosas. Adriel que acreditasse no que quisesse. A merda já estava feita, o bebê já estava aqui. A verdade não mudaria nada.

— Acredite no que você quiser — falei, tentando parecer tão fria quanto ele.

— Estou acreditando no que vocês me disseram. Você foi ao clube falar com sua irmã e acabou transando comigo. Como eu estava completamente drogado, não me lembro de nada, mas tenho certeza de que não violentaria uma criança. O que realmente aconteceu naquela noite?

Engoli em seco, antes de dar-lhe a resposta que parecia mais fácil.

— Como eu disse, foi como minha mãe falou.

— Você é jovem e completamente influenciável por aquela mulher. Se me disser a verdade, talvez eu possa poupá-la do que as espera. Talvez até perdoá-la.

Ele ficou me encarando em silêncio, fuzilando-me com seus olhos demoníacos, esperando que eu confessasse, enquanto o medo me fazia tremer dos pés à cabeça e agradeci aos céus quando seu telefone voltou a tocar, interrompendo o momento tenso, levando-o a reiniciar a acalorada discussão com o funcionário do outro lado da linha, deixando-me finalmente em paz.

Pouco tempo depois aterrissamos no terraço de um enorme edifício na capital paulista, onde alguns homens que pareciam seguranças nos esperavam e nos acompanharam até um carro com motorista que nos esperava na rua.

Para quem nunca havia deixado os limites da pacata Santa Clara, me ver ali em meio à imensa metrópole, repleta de edifícios gigantescos, tomada pela movimentação de carros e pedestres nas ruas, foi quase como estar em outro planeta. Tudo à minha volta me fascinava, a grandiosidade das construções, a forma requintada como a maioria das pessoas se vestia, os outdoors gigantescos, a quantidade de bares, restaurantes e outros estabelecimentos. Foi amor à primeira vista o que senti por aquela cidade e decidi que era ali que Marina e eu moraríamos depois que saíssemos da nossa cidade natal, só não sabíamos ainda quando.

Aquela gravidez havia mudado os planos que vínhamos elaborando desde crianças, já não sabíamos se fugiríamos dentro de dois meses, quando eu atingisse a maioridade, ou se esperaríamos a criança nascer, para deixá-la aos cuidados da

minha mãe, ou de Adriel, se assim ele quisesse, claro. A única certeza era que ambas as opções pareciam terríveis. Eu não sabia o que era pior, se ficar com uma criança estando praticamente sozinha no mundo, sem a certeza de que conseguiria um bom emprego, ou se deixá-la com aqueles monstros. Apenas o tempo me mostraria qual seria a decisão certa a ser tomada.

CAPÍTULO 5

RAVENA

Adriel se mostrou indiferente a mim durante todo o percurso, falando apenas quando atendia o telefone, ou dava alguma ordem ao motorista. Após percorrermos diversas ruas e enfrentarmos um pequeno engarrafamento, finalmente o carro adentrou o estacionamento de um edifício que sediava a clínica médica e subimos. No andar em que deixamos o elevador, a recepcionista só faltou babar em cima de Adriel e estender um tapete vermelho para que ele passasse, tamanha era a bajulação e o indisfarçável interesse.

Ali descobri que a consulta já estava marcada e fiquei aliviada ao saber que a ginecologista que me atenderia era uma mulher.

Fomos encaminhados diretamente para o consultório da médica, uma sala ampla e decorada com requinte, onde ela se encontrava sentada atrás de uma mesa, diante da qual nos acomodamos.

Era uma mulher com cerca de cinquenta e poucos anos, com olhos inteligentes por trás das lentes dos óculos de grau e dona de uma elegância clássica. Algo no jeito dela me transmitiu uma certa segurança e me senti um pouco menos amedrontada com a proximidade de Adriel, convencida de que ele não me faria mal enquanto estivéssemos em sua presença.

— Então estão esperando o primeiro filho — disse a mulher, tentando parecer simpática, mas sem conseguir esconder a

expressão de perplexidade, certamente devido à minha pouca idade.

Eu tinha dezessete, mas frequentemente era confundida com uma garota de quinze anos, devido à minha aparência.

— Queremos pular essa parte — disse Adriel, seco e áspero. — O objetivo de estarmos aqui é exclusivamente para fazer o teste de DNA. Preciso saber se sou o pai da criança que ela está esperando.

A mulher torceu o nariz, sem fazer questão de esconder sua desaprovação pelo comportamento rude dele.

Finalmente alguém que era imune ao charme daquele tirano!

— Eu entendo — disse ela. — Apesar de ser uma gravidez muito recente, com as novas tecnologias já é possível fazer esse exame com um procedimento de amniocentese. Mas antes de mais nada, precisamos fazer um ultrassom para termos certeza de que o feto está forte o suficiente para enfrentar tal procedimento, já que não é um exame tão simples.

Quase pude ouvir o som da respiração de Adriel acelerando, demonstrando sua irritação. Ele queria ir direto para o teste de paternidade, sem mais delongas, mas não tinha como contestar as ordens da médica e eu podia apostar como o fato de ser contrariado estava acabando com seu ego tirano.

— Como queira — disse, com os dentes cerrados.

— Está tudo bem para você, querida? — indagou a médica.

— Claro.

Minutos depois, estávamos em outra sala, repleta de equipamentos médicos que pareciam de última geração, ao centro da qual havia uma cadeira ginecológica dessas em que uma mulher

tem que se deitar e pendurar as pernas para cima. Uma auxiliar de enfermagem que nos acompanhava me entregou uma camisola listrada e me instruiu a entrar no banheiro, me despir de todas as minhas roupas e a vestir.

Fiquei atônita ao sair do banheiro e ver que Adriel ainda estava lá, com os braços cruzados na frente do peito, carrancudo como sempre.

Eu não ia subir naquela cadeira e arreganhar minhas pernas na frente daquele degenerado! Não mesmo.

— Ele vai ficar aqui? — indaguei, olhando para a médica.

— Se você não estiver se sentindo à vontade, ele pode sair — disse ela.

— Eu vou ficar — determinou Adriel, com a voz grossa e áspera ressoando pela sala.

— Senhor Adriel, é um exame muito minucioso, exige que a paciente esteja completamente relaxada. Se o senhor sair, Ravena ficará mais à vontade.

— Eu não vou sair. Sou eu quem está pagando pela consulta, aliás, pagando um preço muito bom, portanto, não volte a me dizer o que fazer. — Virou-se para me encarar com seu olhar apavorante. — Além do mais, não há nada aí que eu já não tenha visto, não é, querida?

Como se tivesse acabado de perceber o tipo de situação na qual estávamos envolvidos e o tipo de ser humano com quem eu estava lidando, a mulher me lançou um olhar de piedade, que me pareceu quase desolador. No entanto, não podia fazer nada por mim, então apenas gesticulou para que eu subisse na cadeira e o fiz, colocando-me na posição que ela instruía, com as pernas

escancaradas, minhas partes íntimas completamente expostas diante do olhar dela.

— O senhor poderia pelo menos se afastar? Toda essa proximidade atrapalhará o resultado dos exames — exigiu ela, antes que Adriel tivesse tempo de olhar embaixo da minha camisola.

Milagrosamente, sem dizer nada, ele cedeu, colocando-se do lado em que ficava o espaldar da cadeira, de onde não podia enxergar minha intimidade.

Com bastante gentileza, me explicando a finalidade de cada procedimento, a médica primeiro fez um toque vaginal, quando pude ver a expressão de espanto em seu olhar, embora nada dissesse.

Será que havia percebido que eu ainda era virgem? Eu não soube se isso era possível.

Em seguida, ela preparou a enorme sonda para um ultrassom transvaginal, mas acabou desistindo e optando por uma ultrassonografia pélvica, menos invasiva.

Lágrimas brotaram dos meus olhos com a intensidade das emoções que me invadiram quando ouvi as batidas superaceleradas do coração do meu bebê, através do equipamento. Ele realmente existia, estava lá, crescendo dentro de mim, era mesmo real. O afeto que explodiu em meu peito foi inexplicável, incrivelmente genuíno.

Segundo a médica, ele estava forte e no tamanho certo para o tempo de gestação, embora ainda fosse muito cedo para saber o sexo.

Após o exame de ultrassom, durante o qual Adriel não esboçou qualquer outra emoção além de impaciência, enquanto ficava lá parado, observando e ouvindo tudo, foi a vez da médica me

explicar como ocorreria o procedimento de amniocentese, o qual me pareceu tão cruel e invasivo, que só não fui embora dali porque não podia, o tirano jamais permitiria.

O procedimento consistia na introdução de uma agulha muito longa e fina no meu abdômen, até a cavidade amniótica, a fim de obter uma amostra do líquido amniótico, mergulhado no qual estava o meu bebê. O procedimento foi rápido e praticamente indolor, no entanto, me deixou quase deprimida, com a sensação de que estavam maltratando meu filho, antes mesmo de ele nascer.

A amostra coletada seria comparada com uma amostra de DNA de Adriel e o resultado, que ficaria pronto dali a algumas horas, diria se ele era o pai da criança.

Quando deixamos a clínica, eu ainda estava arrasada, tomada pela sensação de que meu nenê havia sido maltratado por aquele maldito exame. Se já estava sendo assim antes mesmo de ele nascer, eu podia imaginar como seria depois que viesse ao mundo, sendo criado por Adriel, ou mesmo por minha mãe, sem que eu pudesse o proteger. Se minha mãe jamais me amou, também não amaria essa criança, a trataria como uma mina de dinheiro e nada mais, como sempre foi comigo.

Se Adriel quisesse ficar com ele, as coisas seriam ainda piores, pois sempre o veria como o fruto de um golpe que sofrera, sempre o odiaria.

Eu precisava pensar em uma forma de ficar com meu pequenino, de fugir de todos eles e o criar sozinha. Não seria fácil, mas eu conseguiria, com a ajuda de Marina. Essa era a única chance que essa criança tinha de crescer com amor.

— Você está bem? Me parece meio pálida. — A voz grossa de Adriel invadiu minha mente, interrompendo meus pensamentos.

Estávamos acomodados nos assentos traseiros do luxuoso carro conduzido pelo motorista, trafegando através das ruas da grande metrópole. Pelo que ouvi ele falando com o motorista, estávamos seguindo de volta para o heliponto. Voltaríamos direto para Santa Clara, sem pararmos para almoçar, mesmo que já passasse do meio-dia e eu estivesse com apenas o café da manhã no estômago.

Até dois meses atrás, eu aguentaria passar daquela hora sem almoçar, mas a gravidez me provocava uma fome que chegava a ser quase dolorosa. Além disso, eu não havia trazido meu remédio para enjoo e meu estômago embrulhava cada vez mais fervorosamente.

— Não muito. Esqueci meu remédio para enjoo — murmurei.

— Você lembra o nome do remédio?

— Sim.

Adriel soltou um suspiro de irritação e ordenou ao motorista que parasse em uma farmácia.

Enquanto continuávamos trafegando pelas ruas, à procura da farmácia, o enjoo foi se tornando cada vez pior, afetando meu organismo enfraquecido pela ausência de alimento, até que cheguei ao ponto em que não consegui mais me segurar, por mais que tentasse.

— Preciso vomitar — falei, mas era tarde.

Antes mesmo que tivesse tempo de abrir a janela, a bile subiu violenta e apenas me inclinei para a frente, vomitando sobre o carpete macio do veículo.

— Droga! Por que não avisou que estava se sentindo mal? — vociferou Adriel, ríspido como sempre.

Quando abri a boca para responder, a bile voltou a subir, silenciando minhas palavras e outra golfada de vômito foi derramada sobre o tapete do carro, o líquido amarelo e fétido salpicando tudo em volta, inclusive minhas roupas e as dele.

— Antônio, nos leve para meu apartamento — ordenou ao motorista.

Logo senti a mão grande e firme de Adriel esfregando minhas costas, inesperadamente.

— Coloca tudo pra fora. Segurar é pior. Meu apartamento fica perto daqui. Ligarei para o meu médico nos encontrar lá.

Voltei a erguer o corpo, trêmula, fragilizada e respirei fundo, tentando acalmar meu organismo, controlar o enjoo e ao mesmo tempo fazendo com que ele tirasse sua mão de mim.

— Eu não preciso de um médico. Apenas do meu remédio de enjoo e de uma refeição.

— Claro. Posso providenciar isso. Acho que acabei esquecendo que uma mulher grávida não pode ficar sem almoçar. — Mesmo tentando se mostrar minimamente humano, ele tinha a voz ríspida, carregada de irritação.

Sacou seu celular do bolso e com esse mesmo tom de voz ordenou à sua secretária que cancelasse os próximos compromissos, já que demoraria um pouco mais que o previsto para retornar à cidade.

Logo o motorista encontrou uma farmácia e minutos após engolir o comprimido me senti muito melhor. O edifício no qual entramos pouco depois era um dos mais altos e imponentes da

cidade, onde ficava o apartamento do tirano. Localizado na cobertura, era o lugar mais sofisticado e lindo no qual eu já havia colocado meus pés. Lembrava as imagens de imóveis que se destacavam nas revistas de design de interiores. Por mais que eu não entendesse do assunto, presumi que cada mobília e obra de arte ali havia custado o equivalente ao valor de toda a casa onde eu vivia com minha família.

— Já pedi a comida. Daqui a pouco ela chega. Você precisa tomar um banho. O quarto de hóspedes fica por ali. — Adriel gesticulou na direção de uma escadaria. — Deve ter algum roupão lá que te sirva. Enquanto isso vou ligar para alguém trazer roupas limpas para você. Que número veste, trinta e seis?

— Não precisa fazer isso. Não quero dar trabalho.

Seus lábios se dobraram em um sorriso suave e perverso, a frieza se tornando ainda mais espantosa em seu olhar.

— Se não quisesse me dar trabalho, não estaria aplicando o golpe da barriga para cima de mim! — vociferou, tão rispidamente que levei um susto. — Agora suba e tome banho. Esse fedor de vômito está começando a impregnar tudo e minha empregada está de férias.

Eu podia dizer-lhe que não tinha culpa do que estava acontecendo, mas o ódio dele era intenso e cegante, jamais o permitiria acreditar em mim, falar só pioraria as coisas para o meu lado. Então apenas me mantive em silêncio e obedeci, subindo as escadas que levavam ao segundo piso, imaginando o quanto esse ódio cego seria direcionado à vida dessa criança, se eu permitisse que nascesse perto daquele homem. Meu filho seria maltratado de todas as formas se eu o deixasse aos cuidados dele, ou da minha

mãe. Eu precisava dar um jeito de salvá-lo enquanto ainda estava em meu ventre. Precisava, mais do que nunca, encontrar uma forma de sumir no mundo, desaparecer sem deixar rastros. São Paulo seria o meu destino, pois era grande o suficiente para eu me esconder de todos eles.

O quarto no qual entrei era do tamanho de toda a casa onde cresci, mobiliado com requinte e sofisticação, como o restante do apartamento. No imenso banheiro, aproveitei para lavar os cabelos, que também estavam salpicados de vômito e saí do banho usando apenas minha calcinha e um roupão atoalhado. Não tive coragem de deixar o quarto vestida assim, pois me sentia praticamente nua, o que piorava por estar em um apartamento sozinha com um degenerado. Adriel não me inspirava confiança nenhuma, principalmente devido a acreditar que havíamos transado.

Então apenas me sentei aos pés da enorme cama de casal e fiquei lá parada, pensando sobre o que fazer.

Não demorou muito, houve uma batida abrupta na porta e logo em seguida ele entrou, avançando pelo aposento com passos largos e firmes, usando roupas limpas e com seus cabelos molhados. Um cheiro másculo e gostoso partia dele e sua proximidade me fez estremecer dos pés à cabeça. Definitivamente não era uma boa combinação estar seminua e sozinha em um quarto com um homem que, além de me odiar, acreditava que eu era uma garota de programa e que já havia feito sexo comigo.

— O que você está fazendo aí parada? O almoço já chegou — disse ele, com aquele jeito nunca delicado de ser.

— Já vou descer.

Instintivamente, levei as mãos ao colarinho do roupão e o fechei um pouco mais, quando pude ver aquele sorriso perverso dobrar seus lábios bem desenhados.

— Não vai me dizer que está com medo que eu te faça alguma coisa — soltou, com escárnio. Como eu não disse nada, continuou falando: — Tira isso da cabeça. Não costumo e nem preciso forçar uma mulher a nada e tampouco trepo com crianças. Pelo menos, não quando estou lúcido. Agora levanta essa bunda daí antes que eu perca a paciência e te leve pendurada no ombro.

Ele não precisou dizer mais nada. Temendo que cumprisse a ameaça, levantei-me e o segui para o primeiro piso.

CAPÍTULO 6

ADRIEL

Enquanto observava a menina devorando o frango com molho de laranja como uma faminta que não comia nada há dias, de súbito senti minha consciência pesando por quase tê-la deixado sem almoço. Apesar de ser uma golpista, ela era também quase uma criança, que muito provavelmente carregava uma parte de mim dentro do seu ventre. Eu não podia ser tão desumano a ponto de matar os dois de fome.

Olhando para ela, quem não a conhecia, jamais imaginaria os tipos de sujeiras nas quais estava envolvida, em cumplicidade com sua família. Visto que possuía um ar de inocência, uma aura de meiguice e bondade que enganava qualquer pessoa. Além disso, era dona de uma beleza que jamais passaria despercebida. O azul claríssimo dos seus olhos, pareciam saídos de quadro raro, sua boca era sexy até demais, moldada em um rosto de boneca, com pele de porcelana. Era a arma perfeita para atrair e enganar homens desprecavidos.

Eu podia apostar que aquele seu jeito inocente, tímido e calado, não passava de um disfarce, uma armadilha para idiotas. Muito provavelmente estava acostumada a dar a boceta para qualquer um em troca de dinheiro, a usar o belo corpo para enganar os outros e conseguir o que queria. Talvez até já tivesse outros filhos, por meio desse golpe da barriga. Tudo bem que ela era influenciada pela mãe, isso ficou claro quando a mulher a empurrara para dentro do helicóptero, praticamente forçando-a a vir comigo. No entanto, Ravena já era quase uma adulta, completaria dezoito

anos dentro de dois meses. Se realmente quisesse, podia se negar a participar de toda aquela merda. Mas preferia seguir a pilantragem da sua progenitora.

Cabisbaixa sobre o prato, sentada na cadeira à minha direita, enquanto eu ocupava a cabeceira da mesa, ela comia apressadamente, silenciosa e arredia como quase sempre.

— Há muito tempo que você faz programas? — indaguei, entre uma garfada e outra do frango.

Ravena ergueu a cabeça e encarou-me com olhos arregalados de espanto, como se a pergunta a tivesse chocado. Era mesmo uma ótima atriz, além de linda demais, com aqueles olhos enormes e incríveis. Estava sendo realmente uma pena que eu não me lembrasse do que havia acontecido entre nós. Isso se realmente aconteceu alguma coisa.

— Eu não faço programas — murmurou, sucinta, e voltou a fitar o prato à sua frente.

— De acordo com o que vocês me disseram, você estava no clube na noite em que engravidou, e nenhuma garota vai lá, a não ser para fazer programas.

— Eu fui apenas falar com a minha irmã.

A insistência dela em mentir despertou minha irritação. Era realmente uma lástima que Juliane também fora drogada naquela noite e não se lembrava de nada. E outra lástima que não houvesse câmeras no maldito clube, que me mostrassem o que realmente aconteceu.

— Claro. Aí você interrompeu uma sessão de sexo entre três pessoas e eu, mesmo estando com duas mulheres experientes à

minha disposição, não resisti em comer também a menininha, como se fosse uma animal!

Meu tom de voz pareceu tê-la assustado e, como sempre, ela se encolheu toda.

— Foi exatamente isso — sussurrou, sem me encarar e a raiva ferveu ainda mais intensa em minhas veias.

Minha vontade era de pegá-la nos braços e atirá-la pela janela do apartamento. Não bastava ser mentirosa, ela ainda tinha que agir como uma pobre coitada indefesa, fazendo parecer que era a vítima nessa história e eu o vilão. Que ódio!

— Não, Ravena, não foi isso! Eu jamais forçaria uma mulher a nada, mesmo estando completamente drogado. Eu estou te dando a chance de falar a verdade, mas você se nega. Vai desejar ter agido diferente depois que eu passar por cima de todas vocês!

Vi seu corpo frágil estremecendo de medo e achei melhor me concentrar em outra coisa antes que perdesse a cabeça de vez. Na hora certa, todas elas entenderiam a exorbitância do erro que cometeram se metendo comigo.

Não voltei a me dirigir à menina durante o restante da refeição. Depois de comermos, suas roupas chegaram e deixamos o apartamento para irmos ao heliponto. Já era para eu estar em Santa Clara há horas, toda essa demora estava atrapalhando meus negócios. Se não conseguisse derrubar a ordem do maldito juiz a tempo, acabaria perdendo a chance de destruir a moradia daquele inseto e isso estava fora de cogitação.

Acomodados nos assentos traseiros do carro, sendo conduzidos de volta aonde o helicóptero nos esperava, a menina parecia lutar contra um sono incontrolável que a consumia e,

quando indaguei a respeito, explicou que a medicação para enjoo, assim como a gravidez, a deixavam sonolenta.

Eu não entendia nada de mulher grávida, não sabia se estava mentindo.

Pouco tempo depois de embarcarmos na aeronave e levantarmos voo, ela finalmente desistiu de lutar e adormeceu. Aparentemente sem perceber, recostou a cabeça em meu ombro e foi deslizando aos poucos para baixo, até que estava deitada em meu colo, completamente adormecida, parecendo um anjo inocente, com seus densos cabelos escuros e ondulados espalhados sobre minhas pernas, o rosto de boneca completamente relaxado, os olhos fechados revelando os cílios longos e escuros.

Tentei não olhar para o resto dela, mas quando dei por mim estava percorrendo meus olhos através do seu corpo esguio e feminino. Não dava para ver muita coisa por cima da calça jeans e da blusa de malha que ela usava, mas era possível notar que tinha as curvas de uma mulher e não de uma criança, com os seios firmes e redondos despontando no tecido da roupa, a cintura bem fina marcada pelo cós da calça e os quadris perfeitamente arredondados. Minhas mãos tremularam de vontade de tocá-la e, quando dei por mim, estava tendo uma ereção das grandes.

Caralho! Era só o que me faltava, ficar de pau duro por causa de uma menina que, além de ter apenas dezessete anos, me aplicava o golpe da barriga.

Tentei concentrar minha atenção em qualquer outra coisa, mas foi impossível. Até o cheiro que partia daquela garota era sexy como o inferno. Tudo nela exalava feminilidade, sensualidade, nada

tinha de infantil ali, a não ser o número que representava a sua idade.

Por Deus! Será que enxerguei tudo isso nela quando esteve no clube na noite em que engravidou? Será que perdi a cabeça, por conta do LSD, e realmente e violentei? Não era possível! Eu não seria capaz.

A forma como ela estava agindo, deitando-se no meu colo, talvez não passasse de mais uma armação para me induzir a pensar assim. Talvez o fato da mãe dela ter se recusado a entrar no helicóptero fosse nada mais que parte dessa grande encenação, a fim de deixá-la vir sozinha comigo e tentar me seduzir. Talvez ela nem mesmo estivesse adormecida de verdade e só se deitara em cima de mim para me desestabilizar, o que infelizmente estava dando certo.

Droga! Eu me recusava a ser mais um otário a cair na lábia daquelas vagabundas. Terminantemente!

Tentei acordá-la – ou forçá-la a parar de fingir –, sacudindo-a de leve, mas ela não abriu os olhos, apenas soltou um suspiro longo, parecendo tão tranquila, tão serena, que acabei desistindo e deixei que ficasse lá, usando meu colo como travesseiro, o que me manteve mergulhado naquela agonia durante todo o voo, sem conseguir me concentrar em mais nada a não ser nela, sem conseguir pensar em outra coisa que não no desejo de experimentar a maciez da sua pele, o gosto da sua boca.

Mil vezes droga!

Quando aterrissamos no heliponto da mansão em Santa Clara, Ravena ainda dormia e pensei seriamente em deixá-la lá adormecida e ir cuidar dos meus negócios, mas desisti ao presumir

que o motorista, que já nos aguardava, teria que colocar as mãos nela para a acordar e isso não me pareceu uma ideia muito boa, principalmente estando ela sozinha com ele e o piloto no meio de todo aquele mato e tendo ela a fama que tinha na pequena cidade.

Sem opção, acabei pegando-a no colo e carregando-a rumo ao veículo, o contato com sua pele quente e infernalmente macia, não me ajudou muito com a situação na qual eu estava dentro das calças, apenas piorou tudo.

Estávamos quase alcançando o carro, quando por fim ela despertou. Sua reação foi mais exacerbada do que eu esperava. Ao perceber que estava em meus braços, sendo carregada por mim, seus olhos azuis-claros se arregalaram e seu rosto lindo ficou inacreditavelmente pálido, como se ela fosse apenas uma mocinha em perigo e não uma grande vigarista.

— O que está fazendo?! — indagou, apavorada, como se tivesse acordado nua e em uma cama comigo.

Empurrou o meu peito com punhos cerrados e não hesitei em colocá-la no chão, esperando que se equilibrasse sobre as pernas antes de soltá-la completamente.

— Nada. Só te carregando pro carro. Já estamos em Santa Clara.

Ela fuzilou-me com olhos irritados e abriu a boca para dizer algo, mas pareceu desistir, preferindo desviar seu olhar para o chão e permanecer em silêncio, novamente dando uma de menina tímida e inocente, como se alguém assim fosse capaz de aplicar o golpe da barriga em um homem.

Entramos no carro conduzido pelo motorista e a deixei na frente do casebre precário no qual morava, na periferia, antes de

seguir direto para a sede da empresa, onde os milhares de afazeres me esperavam.

***

Já era tarde da noite quando finalmente consegui deixar o trabalho e ir para casa. Ao avançar pela sala grande demais, larguei a valise com documentos sobre um sofá, afrouxei o nó da gravata, me livrei do paletó e fui direto para o bar me servir de uma dose de uísque puro. Apesar de cansado e mentalmente esgotado, eu me sentia duplamente vitorioso. Primeiro, porque havia conseguido derrubar a ordem estipulada pelo juiz para modificar o trajeto do meu oleoduto, algo pelo que Arnaldo lutou durante semanas, tentando salvar sua casa da demolição.

Eu faria questão de ir pessoalmente até a fazenda dar-lhe a notícia de que aquele lugar maldito em breve não passaria de um amontoado de entulho sem utilidade. Só precisava esperar mais dois dias até tudo se confirmar.

A segunda vitória daquele dia foi o mandado de prisão imediata, adquirido junto à Polícia Federal, contra Ravena, sua mãe e irmã. As três apodreceriam na cadeia, onde era o lugar de gente pilantra como elas. Pouco me importava se o filho que aquela garota estava esperando fosse meu. Ter um filho jamais fez parte dos meus planos e não passaria a fazer agora, principalmente sendo esse filho fruto de um golpe. O que eu ainda faria por essa criança, até por uma questão de humanidade, seria providenciar para que fosse adotada por alguma família que lhe desse uma vida digna. Seria melhor do que deixá-la crescer com aquelas malditas bandidas.

Acompanhar a prisão delas, seria a primeira coisa que eu faria no dia seguinte.

Ainda estava na sala, apreciando a aspereza do uísque descendo pela minha garganta, em grandes e lentos goles, quando me lembrei de que àquela hora o resultado do teste de DNA já devia ter saído e abri mais uma vez meu e-mail para verificar. O arquivo estava lá e o resultado já era o esperado: o filho que Ravena esperava realmente era meu.

Ao ter certeza de que seria pai, tentei sentir algo diferente, algum arremedo de afeto, mas nada aconteceu. A constatação de que aquela criança era real, de que aquelas malditas bandidas realmente estavam armando para cima de mim, só serviu para atiçar ainda mais minha fúria. Eu não queria um filho, daria um jeito de esse bebê ser adotado assim que nascesse e providenciaria para que aquelas vadias nunca mais cometessem o erro de atravessar o caminho de alguém como eu. Quando descobrissem o que as esperava, elas se arrependeriam até de ter nascido.

Como já era tarde, Rosilene não veio me incomodar perguntando o que eu queria para jantar. Então continuei ali na sala, acomodado em um sofá de frente para uma janela, que dava vista para o jardim bem iluminado pelas luzes de postes, pensando em tudo, nas vitórias conquistadas, no prazer que sentiria quando olhasse para a face de Arnaldo e lhe dissesse que ele já não tinha mais direito sobre nenhum metro daquelas terras, que era tudo meu e sua maldita casa seria demolida.

Foram longos anos lutando para chegar até ali, jogando sujo, fazendo negócios obscuros para que aquele infeliz fosse perdendo tudo aos poucos, sem saber que perdia para mim. O vício dele em

jogo fora minha principal arma. Quando iniciei o projeto de construção do oleoduto, ele já estava falido e ainda nem tinha se dado conta disso. O que aconteceria nos próximos dias, seria só mais um passo dado em direção ao meu objetivo de acabar com ele, talvez o passo mais importante.

Pensei também em Ravena, no seu jeito tão meigo e delicado, em contraste com suas ações. Eu queria sentir pena dela, por estar em uma vida tão indigna sendo ainda tão jovem, mas tudo o que eu conseguia sentir era um ódio cego, que parecia vivo dentro de mim.

Continuei mergulhado em meus pensamentos, remoendo ódios e dores, até que peguei no sono.

Em meu pesadelo, eu era novamente um menino, que corria descalço por todos os lados e estava de volta à fazenda Ouro Verde, onde nasci. Havia acabado de me empanturrar com a canjica feita pela minha mãe, a cozinheira da família Brandão, e corri rumo aos estábulos ajudar o vaqueiro a cuidar dos cavalos. Eu gostava de ajudá-lo a lidar com os animais, gostava inclusive do cheiro que os estábulos tinham. Quando crescesse, eu queria me tornar o vaqueiro e tomar conta de tudo por ali, como ele.

Mas, naquela tarde, não era Francisco quem estava lá. Em meio à semiescuridão, a qual meus olhos demoraram algum tempo para se adaptar, enxerguei Arnaldo escondido em uma das baias, nu da cintura para baixo, o fedor de álcool e cigarros partindo de sua direção.

Um medo aterrador me ordenou a correr para fora, a fugir enquanto podia, mas minhas pernas me traíram e, ao invés de me

tirarem dali me aproximaram ainda mais daquele monstro, quando pude ver que não estava sozinho. Havia uma criança ao seu lado, um menino do meu tamanho, descalço, descabelado, sem roupas. Olhei mais atentamente em seu rosto, tentando descobrir de quem se tratava e fiquei espantado ao notar que tinha os mesmos traços de Ravena, a mesma pele rosada, os mesmos olhos azuis-claros, os quais estavam marejados de lágrimas.

Como isso era possível? Ravena ainda nem existia quando eu era criança.

O menino me encarava com súplica, sua boca se movia como se me dissesse alguma coisa, mas sem que sua voz saísse. Dei mais um passo em sua direção, tentando ouvi-lo e foi então que aquele velho imundo o agarrou por trás, aprisionando-o contra seu corpo.

Acordei com meu coração a ponto de sair pela boca, de tão disparado que estava. Uma grossa camada de suor frio cobria meu corpo. O medo que me assolava era tão aterrador que eu podia senti-lo até nos ossos, me consumindo, me fragmentando e aterrorizando.

Seguindo a um impulso, corri até o interruptor e acendi a luz forte da sala, olhando tudo em volta, apenas para me certificar de que estava mesmo aqui, na minha casa e não naquele estábulo aterrador. Perceber a realidade à minha volta, me dar conta de que tudo não passou de um sonho ruim, me tranquilizou um pouco, embora o pânico ainda estivesse lá, fazendo meu corpo tremer descontroladamente.

Tentando me acalmar, sentei-me na beirada do sofá e enterrei o rosto entre as mãos, respirando fundo e lentamente, repetidas vezes, forçando as batidas descontroladas do meu coração a voltarem ao normal, até que meu organismo foi se aquietando.

Já fazia muito tempo que eu não tinha um pesadelo como aquele. Eram imagens distorcidas de uma realidade passada que me atormentaram durante muitos anos, das quais só consegui me livrar depois de fazer terapia. Algo havia desencadeado o meu pior tormento.

Repassando o sonho, lembrei-me do menino com o mesmo rosto de Ravena e um estremecimento me percorreu, minha pele voltou a ficar gelada. Estava claro como água que aquilo foi um aviso, um alerta de que, assim que tomasse conhecimento da existência da criança que Ravena carregava no ventre, meu filho, Arnaldo a destruiria, acabaria com ela da forma mais cruel e dolorosa que conseguisse pensar, com o objetivo único de me atingir. Faria com essa criança o mesmo que fizera comigo, há muitos anos, e só em imaginar uma coisa dessas eu queria morrer.

Não existia ninguém para proteger esse bebê daquele imundo, ele teria o mesmo destino que eu tive, um destino que fora traçado no instante em que aquelas vagabundas decidiram aplicar um golpe para cima de mim. Eu não devia estar minimamente preocupado com isso, devia deixá-lo entregue à própria sorte, mas não conseguiria. Era de uma parte de mim que eu estava falando, meu filho, sangue do meu sangue. Se Arnaldo não existisse, eu poderia apenas entregá-lo à adoção, mas com aquele demônio sabendo sobre sua existência, eu não podia deixá-lo desprotegido.

Maldição! Era exatamente isso que aquelas mulheres queriam, que eu cuidasse dessa criança e, por mais que eu não quisesse isso, precisava protegê-la daquele infame. Precisava encontrar uma forma de manter essa criança perto de mim, sob meus cuidados, até que se tornasse adulta e pudesse se cuidar sozinha. Com isto, precisaria modificar todos os meus malditos planos e amaldiçoava aquelas mulheres por me trazerem mais esse problema.

CAPÍTULO 7

ADRIEL

Não consegui mais dormir durante aquela noite e, quando o dia amanheceu, me sentia péssimo, com a cabeça latejando de dor, cansado como se tivesse corrido uma maratona. Meus planos de mandar aquelas bandidas para a cadeia haviam mudado, mas eu ainda precisava dar-lhes um susto, para que não ousassem discordar de entregar-me aquela criança. Então, após entrar em um novo e difícil acordo com o agente da Polícia Federal, que já se encontrava em Santa Clara, fui para a delegacia da cidade aguardá-las.

Lá, o delegado corrupto e imprestável, encaminhou-me para uma sala grande, mobiliada com apenas uma mesa retangular ao centro, cercada por algumas cadeiras e um bebedouro no canto. Parecia uma sala de interrogatório.

Não demorou muito, a porta se abriu e todos entraram, incluindo as três bandidas: Ravena, Scarlet e Soraya, com seus pulsos algemados atrás das costas, escoltadas pelo agente da federal e os dois policiais locais, que haviam ajudado na prisão. Faltava o tal de Cleiton, mas até onde eu sabia esse havia sido esperto o bastante para ficar fora do meu caminho. Se o atravessasse, eu estaria pronto para passar por cima dele também.

Foi indescritível a sensação de prazer que me percorreu quando vi o desespero refletido na expressão das três mulheres. Certamente, àquela altura elas já tinham adquirido uma certa noção das catastróficas consequências de se meterem com alguém como eu.

— Bem-vindas ao inferno, senhoras — falei, calmamente, apreciando um pouco mais o prazer em vê-las desesperadas. — Prontas para passarem o resto da vida na cadeia?

— Eu não sei o que diabos está acontecendo aqui. Não fizemos nada disso que estão nos acusando. Você pagou a polícia pra inventar tudo isso, seu demônio! — disse Soraya, fuzilando-me com olhos carregados de um misto de fúria e pavor.

Com um simples aceno de cabeça, ordenei ao agente que mandasse os dois policiais locais saírem da sala e eles se foram. Em seguida, com gestos nada delicados, ele fez com que as três golpistas sentassem à mesa, do lado oposto ao qual eu estava e acomodou-se ao meu lado, fuzilando as três com altivez. Era um homem alto e parrudo, afrodescendente, cujos olhos avermelhados e irados, unidos às suas atitudes indelicadas, pareciam tocar o terror nas três mulheres.

Ótimo! Estava desempenhando bem o seu papel.

— Nada aqui foi inventado. Vocês cometeram cada crime dos quais estão sendo acusadas — disse ele.

— É verdade — comecei. — Na noite em que Ravena engravidou, vocês me drogaram e se aproveitaram de mim, o que se classifica como estupro de vulnerável. — Olhei para Ravena, que estava pálida como um fantasma e com os olhos lindos arregalados de pânico. — Apesar de ainda ser menor de idade, você pode pegar até dez anos de prisão por causa disso.

Esperei que ela se defendesse, que dissesse algo, que confessasse a verdade sobre o que realmente aconteceu naquela noite, mas tudo o que fez foi arregalar ainda mais os olhos, tomada

pelo mais intenso horror. Ou estava sendo forçada pelas outras duas a mentir, ou realmente fizera aquilo comigo.

— Quanto a você — continuei, dirigindo-me à Soraya —, será acusada de aliciamento de menores, por ter levado sua filha até um clube de prostituição para transar comigo, além de ter que responder por todas as acusações que o delegado daqui jamais averiguou. Elas agora são de responsabilidade da Polícia Federal e, acredite, você jamais conseguirá suborná-los. — A mulher abriu a boca para retrucar, mas antes que tivesse a chance, virei-me para Scarlet e continuei: — Você também será acusada de aliciamento de menores e por todos os crimes de já cometeu na vida, o que inclui: roubo, extorsão, estelionato, prostituição, falsidade ideológica, tráfico de entorpecentes e por aí vai.

— Ninguém aqui aliciou menor nenhuma! Não foi o que aconteceu naquela noite. — Em meio ao seu desespero, Scarlet deixou escapar, mas silenciou-se assim que Soraya olhou para ela e meneou a cabeça negativamente, alertando-a de que não devia continuar.

Mas que merda! O que aquelas vadias estavam me escondendo?

— E o que aconteceu naquela noite, Scarlet? Me conta e, talvez, eu dê um jeito de que sua pena seja reduzida.

Antes que a loira de olhos castanhos tivesse tempo de responder, a mãe interveio:

— Ele está blefando. Não tem prova nenhuma do que está dizendo. Se quisesse mesmo nos mandar para a cadeia, não estaríamos aqui tendo essa conversa, e sim em uma cela.

— Você realmente não se cansa de ser estúpida! — vociferei alto e ríspido o bastante para que a mulher levasse um susto. — Eu tenho todas as provas de que preciso para que vocês apodreçam em uma jaula. Tenho o depoimento de Juliane, que, apesar de também ter sido drogada por vocês, viu tudo o que fizeram. Viu quando colocaram algo na minha bebida, viu quando Ravena chegou lá e transou comigo enquanto eu estava desacordado. — Essa parte era mentira. Juliane também estava sob efeito do LSD e se lembrava daquela noite tanto quanto eu, ou seja, de nada. — Tenho também um exame de sangue provando que havia LSD no meu organismo naquela manhã, além do depoimento de um funcionário do clube que viu todas vocês lá naquela noite.

— Você está pagando essas pessoas para mentir e nos acusar — disse Soraya, já sem tanto veneno, talvez por finalmente perceber que eu era um oponente contra quem ela não podia lutar.

— Isso tudo é apenas a ponta do iceberg. Com todas as outras acusações nas mãos da Polícia Federal, podemos garantir que vocês envelheçam na prisão. _ disse o agente.

Por fim, a mulher mais velha encolheu os ombros, desviando seu olhar para o chão, dando-se conta do enorme erro que cometeu se metendo comigo. Ficou pensativa por um instante, então voltou a me encarar.

— Se estamos presas, por que não fomos levadas para a carceragem então? — indagou, com a voz muito mais calma, carregada de hesitação.

— Porque tenho uma proposta a fazer. Eu estava realmente disposto a mandá-las para a cadeia hoje e providenciar para que ficassem lá por muito tempo, mas algo me fez mudar de ideia.

Certifiquei-me de que todas elas estavam prestando bastante atenção, antes de prosseguir com minha fala:

— Eu não queria ter um filho, mas, já que vocês me forçaram a isso, vou ficar com essa criança, cuidar dela e a proteger a partir de hoje. Estou disposto a retirar todas as acusações, a garantir que a Polícia Federal não vai averiguar os casos de extorsão e roubo, desde que Ravena venha morar na minha casa, e fique lá sob meus cuidados até a criança nascer, ou até acabar a amamentação. Lembrando que esse acordo não envolve dinheiro. Vocês não verão um centavo do meu dinheiro, vão ter que se contentar em não ir para a cadeia, embora todas as provas continuarão comigo e posso mudar de ideia a qualquer momento.

Olhei dentro dos olhos de Ravena, antes de prosseguir:

— E se você tentar fugir de mim, se tentar levar meu filho para longe, enquanto ele ainda estiver dentro de você, além de mandar todas vocês para a cadeia, vou providenciar para que suas vidas sejam pior que o inferno lá dentro. Será que fui claro?

Com seus olhos arregalados de pavor, Ravena começou a tremer e me perguntei se isso não faria mal ao bebê. Mas se fosse meu filho, forte como o pai, ele aguentaria.

— E então, senhoras, o que vai ser? — Virei-me para as outras duas, que aparentemente davam as cartas em toda aquela maldita armação.

— M-mas... é... é... que... — Soraya estava sem palavras.

Na certa, ela buscava uma brecha para ainda conseguir me extorquir, porém obviamente já sabia que não existia nenhuma. Era burra, mas nem tanto.

— Não tem mas nessa história. Acabou, Soraya. Ou a menina vai morar na minha casa enquanto estiver grávida e vocês duas esquecem que eu existo, ou todas vão para a cadeia agora mesmo.

A mãe e a filha mais velha se entreolharam, como se a terceira membro da família não participasse da decisão, que no fim das contas definiria o destino dela, até que por fim murcharam os ombros, cientes de qual seria a decisão certa a ser tomada.

— Que seja como você quiser. Ravena fica com você até a criança nascer — disse Soraya.

— O quê?! Não! — Ravena praticamente gritou, manifestando-se pela primeira vez desde que entrara na sala. — Isso é loucura. A senhora não pode me deixar ir morar com esse demônio.

— E você prefere a cadeia? — vociferou a velha, deixando mais do que claro a ausência de estima pela filha mais nova.

— Deixa ele nos mandar para a prisão. A gente arranja um advogado e sai dessa.

— Advogado com que dinheiro, garota? Não temos nem o suficiente para todas as nossas despesas.

— Eu não vou morar na casa desse homem!

— Sim, você vai. E vai caladinha. Você ainda é menor de idade, quem manda sou eu. Se eu digo que você vai, não tem que me questionar.

Com isto, a mulher a silenciou, certamente conseguindo impor sua decisão.

Quase senti pena da menina, por ser tão tola e fraca, por ceder tão facilmente à vontade da mãe. No lugar dela, eu a teria

mandado ir para a puta que pariu e determinado meu próprio destino ali mesmo, jamais permitiria que uma megera estivesse no controle da minha vida. Ravena era submissa demais às outras duas, uma boba, o que talvez explicasse porque concordou em participar daquele golpe, embora não a isentasse da sua culpa.

— Não precisa fazer tanto drama — dirigi-me à Ravena. — Você será muito bem tratada na minha casa, terá vários empregados à sua disposição e, quando a criança nascer, poderá vê-la quando quiser. Eu jamais a proibirei de ver o seu filho, embora terei a guarda legal dele. Até seu nascimento, eu já terei voltado para São Paulo, mas você pode deixar essa cidadezinha de merda e ir morar lá. Talvez arranjar um emprego que preste, estudar e se tornar alguém melhor.

A menina não disse nada. Apenas ficou parada, me encarando com seus imensos olhos carregados de espanto. Com certeza estava tramando algo em sua mente, uma fuga talvez, já que as mães têm essa dificuldade incompreensível de desapegar dos filhos. Contudo, se tentasse algo, ela logo descobriria o tamanho do erro que cometia.

— Bem, agora que estamos conversados, acho que podemos ir embora — determinei.

— Não gosto de deixar bandidos como vocês saírem impunes, por isso vou guardar bem as provas de todas as merdas que vocês fizeram. Basta uma palavra do senhor Adriel e terei o prazer de mandá-los para a prisão — completou o agente da federal, antes de libertar os pulsos delas das algemas.

CAPÍTULO 8

RAVENA

Encolhida no assento traseiro da viatura policial, a caminho de casa, com minha mãe e Scarlet sentadas ao meu lado e o tirano em seu carro luxuoso logo atrás de nós, eu tremia dos pés à cabeça, tomada pelo mais intenso pavor. Não podia acreditar que aquilo estava realmente acontecendo, que seria obrigada a viver sob o mesmo teto que aquele demônio, que meu filho seria tirado de mim tão logo nascesse, para ser criado por aquele homem, o mal em pessoa.

Desde o início, eu sabia que aquele plano daria errado, só não imaginei que sobraria para cima de mim, que seria eu a pagar pelos malditos erros daquelas duas.

Puta merda! Eu estava mesmo muito ferrada! Teria minha vida arruinada, meu futuro destruído, enquanto elas voltariam para casa ilesas de todo o mal que tramaram. Era mesmo muita falta de sorte da minha parte.

Tentar argumentar seria inútil, as duas tinham completo domínio sobre mim e sabiam disso. Jamais permitiriam que eu contasse a Adriel a verdade sobre como fiquei grávida. Se eu tentasse, me destruiriam. Além do que, ele acharia que eu estava inventando, pois a verdade era absurda demais, pensaria que eu estava tentando me safar.

Não existia ninguém que pudesse me ajudar, me salvar daquela roubada. Do meu lado, eu tinha apenas Marina e ela não podia fazer muita coisa. Mas, ainda assim, eu pediria a sua ajuda para fugir. Precisava tentar, nem que fosse necessário esperar

algum tempo, até Adriel estar convencido de que eu havia aceitado passivamente ficar na sua casa, como aceitava as imposições da minha mãe. Até lá eu seria maior de idade e nada mais me prenderia em Santa Clara.

Conseguir escapar e desaparecer no mundo, era a única forma que eu tinha de salvar meu filho e a mim mesma daquele monstro.

Chegando a nossa casa, diante da qual a viatura nos deixou, Adriel não esperou ser convidado para nos seguir para o lado de dentro, agindo como se fosse o dono de nossas vidas, como se mandasse em tudo ali. Na sala simples e pequena, minha mãe o convidou a sentar, mas ele se recusou, olhando tudo à sua volta com expressão de desprezo, certamente nauseado com a precariedade do lugar, tão diferente do seu apartamento em São Paulo e da casa onde morava nas proximidades da cidade.

— Faça as malas da menina o mais depressa possível. Tenho muito o que fazer ainda hoje — limitou-se a dizer, dirigindo-se à minha mãe, com o tom ríspido de sempre.

— Só um minuto — disse ela.

Segurando-me pelo braço, ela arrastou-me rumo ao quarto, enquanto Scarlet ficava fazendo companhia ao tirano na sala, com as orelhas murchas como eu nunca vi. Minha mãe também estava dócil e humilde como nunca, intimidada com as ameaças de Adriel.

Ao nos encontrarmos sozinhas no quarto onde ficava minhas coisas, decidi apelar para algum instinto maternal que porventura pudesse existir dentro dela em relação a mim.

— Mãe, por favor, não deixa esse homem me levar. Ele é o demônio. Já imaginou o que vai fazer comigo naquela casa?

— Não temos outra opção. Ou você vai, ou todas seremos presas. É isso que você quer? Apodrecer em uma cadeia? Ver acontecer o mesmo comigo e com Scarlet? — Ela falava ao mesmo tempo em que ia tirando minhas roupas de dentro do armário e jogando em uma mala aberta sobre a cama, apressadamente, com o pânico estampado em sua fisionomia.

— A gente fica presa um tempo, mas depois dá um jeito.

— Não existe jeito a dar. São muitas acusações.

— Mas eu não fiz nada!

Finalmente ela parou o que fazia e voltou sua atenção totalmente para mim, o olhar perverso fixando-se em meu rosto.

— E você acha que vai adiantar contar isso a ele? Se você falar sobre a inseminação artificial, ele não vai acreditar, vai ficar com ainda mais raiva e isso só vai piorar a nossa situação, inclusive a sua. Ele está pagando as pessoas para mentir. Disse que viram quando você transou com ele, mas você nunca esteve naquele clube. A verdade não vai fazer com que ele mude de ideia sobre nos mandar para a prisão, só vai deixá-lo com ainda mais raiva. A única coisa que nos protege minimamente agora é a culpa que no fundo ele sente por acreditar que teve relações sexuais com uma menina menor de idade. Se ele descobrir que não aconteceu, estaremos todas ainda mais ferradas.

— Mas eu não tenho culpa do que vocês fizeram. Não posso pagar por tudo sozinha.

De súbito, sem que eu esperasse, minha mãe desferiu uma bofetada estalada em meu rosto, deixando minha pele em chamas, com seus olhos raivosos me fuzilando ameaçadoramente. Não era a primeira vez que fazia aquilo. Me batia sempre que eu a contrariava

e ao longo dos anos isso me ensinou a jamais ir contra a sua vontade.

— Cuidado com o que fala, sua peste! — vociferou, com a voz baixa, mas ríspida. — Nós somos uma família e estamos juntas nessa! Não delatamos umas às outras. Se você abrir essa sua maldita boca, eu te mato, entendeu? Até porque, se você falar o que aconteceu, ele nunca vai acreditar. Nem tente uma merda dessa.

Ficou em silêncio, esperando pela minha resposta e assenti, concordando em ficar de boca fechada, pois obviamente ela estava certa sobre ele não acreditar.

— Mas você tem uma chance de reverter essa situação. Estando dentro da casa dele, pode seduzir esse homem e fazê-lo comer em sua mão. Basta deixar de ser sonsa e idiota. Se jogar com as cartas certas, pode arrancar muito dinheiro dele.

Nem me dei ao trabalho de responder àquilo. Minha mãe estava tendo duras provas de que com um homem daqueles não se jogava e ainda assim tinha uma ideia absurda daquelas. Eu jamais ousaria cometer o mesmo erro dela, de atravessar o caminho daquele crápula. Jamais! Me tornaria o mais invisível possível dentro da casa dele, até conseguir arranjar um meio de fugir para bem longe.

Ambas ainda estávamos ocupadas com a arrumação da mala, quando o maldito invadiu o quarto, altivo e imponente, como se fosse o dono da casa e de nossas vidas.

— Eu disse que não era para demorar! — esbravejou áspero e autoritário.

— Já estamos terminando — disse minha mãe, com uma humildade que nunca imaginei que tivesse.

Adriel cravou seu olhar em minha face e aproximou-se um passo de mim, parecendo ameaçador e intimidante como sempre.

Naquele dia não usava a gravata formal, mas apenas o terno caro por cima de uma camisa azul. Tinha o rosto cansado, com enormes olheiras sombreando os olhos gélidos. Apesar do perigo que exalava por cada poro do seu corpo, conseguia ser incrivelmente charmoso, de um jeito quase irresistível.

— O que houve com seu rosto? — indagou, sem desviar seu olhar de mim.

— Ela é estabanada e acabou batendo de cara na porta. — Minha mãe se apressou em responder, mas aparentemente não o convenceu.

Ele continuou observando a marca da mão dela em minha pele, intrigado, porém logo perdeu o interesse.

A despedida com minha família foi rápida. Nunca existiram muitos laços afetivos entre nós, portanto nosso distanciamento não era motivo para nostalgia. Tampouco eu sentiria falta daquela casa. Se estivesse indo para um lugar melhor, estaria inclusive aliviada em me livrar daquele antro. Mas eu me sentia como se estivesse sendo levada para a forca, sem ter cometido crime algum e sem ninguém que defendesse a minha inocência, ou mesmo acreditasse nela.

CAPÍTULO 9

RAVENA

Minutos depois, Adriel e eu estávamos sentados no banco de trás do seu luxuoso carro conduzido pelo motorista, trafegando através das ruas tranquilas e ensolaradas de Santa Clara, comigo acomodada em uma das extremidades do assento, e ele todo espalhado do outro lado.

Como parecia costume seu, brigava ferozmente com algum de seus funcionários, por meio do celular. Ao encerrar a ligação, concentrou sua atenção em mim, me sondando, me fazendo sentir seu peso, embora eu não virasse o rosto para olhar de volta.

— Você é sempre calada assim? — indagou com um tom de voz neutro.

— Não tenho nada para falar com você — falei o mais firme que consegui.

— Quase não fala, mas tem a língua afiada.

— Apenas com pessoas como você.

— Pessoas como eu, como? Que denunciam quando são abusadas sexualmente e vítimas de um golpe?

Por fim, virei-me para encará-lo e senti aquele baque por dentro, que me acometia sempre que eu me deparava com seu olhar gélido, fixando-me com escrutínio, alertando-me do quanto era perigoso e, ao mesmo tempo, despertando-me algo mais que eu não conseguia identificar, algo que me inquietava e me fazia querer continuar olhando para ele, apesar do risco que representava.

— Vê se eu tenho cara de quem abusa sexualmente de um homem — falei, quase sem pensar, com seu olhar inquietante

interferindo na minha racionalidade.

— Ah, então você está me dizendo que realmente não transamos.

Droga!

— Não foi o que eu disse. — Virei novamente o rosto para o outro lado, lembrando-me da afirmação feita pela minha mãe sobre me matar caso eu falasse a verdade. Eu a conhecia o suficiente para ter certeza de que seria capaz de cumprir tal promessa se eu a contrariasse.

Pensei também em suas palavras sobre Adriel se sentir culpado por acreditar que teve relações sexuais com uma menina da minha idade.

Será que esse sentimento de culpa realmente existia? Se sim, ótimo! Isso me manteria minimamente protegida dele. Além do mais, se sentir culpado era o mínimo que ele merecia por estar me obrigando a ir morar na sua casa, muito embora eu não pudesse julgá-lo por todo o resto. Se eu fosse vítima de um golpe sujo como aquele e tivesse o poder que ele tinha, também ameaçaria colocar as golpistas na cadeia.

— Nós dois sabemos que não estuprei você, como querem me fazer acreditar. Vamos, Ravena, me conte a verdade.

Imaginei qual seria a reação dele se eu falasse que fui forçada a uma inseminação artificial, que nunca estive naquele clube. Com certeza, não acreditaria em mim e ainda acharia que eu estava inventando para me safar. Então eu teria despertado o ódio não apenas da minha mãe, mas dos dois e as consequências desse ódio seriam catastróficas. Ele que acreditasse no que fora falado, talvez merecesse essa culpa por frequentar aquele antro de

perdição. Eu não ligava. Até porque em breve estaria bem longe de todos eles, só precisava esperar a oportunidade certa para fugir com meu filho.

— De uma coisa você pode ter certeza: eu não transaria com um homem como você. Não por vontade própria.

— Cuidado com o que diz, menina. Eu posso encarar isso como um desafio.

Um frio atravessou meu estômago e decidi me calar, pois quanto mais abria a boca, mais parecia piorar as coisas.

— Se alguém te forçou a alguma coisa naquela maldita noite, esse alguém foi a megera da sua mãe! — vociferou ele e o encarei surpresa — E você não é mais tão criança assim, já está mais do que na hora de enfrentá-la, mandá-la ir tomar em todos os lugares possíveis. Mas, em vez disso, abaixa a cabeça como uma tola.

— Você não sabe de nada!

— Não é a mim que você tem que se dirigir com essa língua afiada, mas a ela e àquela pilantra da sua irmã. — Com tom de voz mais brando, indagou: — Ela te bateu enquanto vocês arrumavam as malas no quarto, não foi?

— Isso não é da sua conta. — Virei novamente o rosto para a janela do carro.

Minhas mãos ficaram geladas, o nervosismo me invadiu quando percebi que deixávamos o perímetro urbano de Santa Clara e avançávamos pela estrada de pedras ladeada pela floresta. Era como se meu último contato com a civilização se quebrasse naquele momento, como se eu estivesse cada vez mais nas mãos daquele tirano, sem ninguém para me salvar.

De todas as maldades que minha mãe já cometeu contra mim, nenhuma foi pior que ter permitido que aquele homem me trouxesse para a sua casa, onde podia fazer o que quisesse de mim, inclusive me violentar, sem que eu tivesse ao menos o direito de o denunciar, sem correr o risco de ir parar na cadeia.

Minha nossa! Eu estava muito ferrada.

— Enquanto meu filho estiver na sua barriga, tudo o que diz respeito a você é da minha conta. Quero saber de tudo, principalmente sobre essa gravidez.

— O que eu sei sobre a gravidez, é o mesmo que você sabe. O que a médica disse.

Nesse instante, o telefone dele tocou e sua infinita arrogância voltou a ser direcionada para a pobre vítima do outro lado da linha, o que me fez suspirar de alívio.

Adriel ainda falava ao telefone quando chegamos à imensa casa construída em meio a jardins e arvoredos. Com gestos, ele instruiu o motorista a carregar minhas malas e nos conduziu para dentro.

Embora eu brincasse ali nas proximidades quando era criança, nunca tinha entrado na moradia. Era grande e organizada demais, como se não morasse ninguém lá. Apesar de todo o luxo e riqueza, presentes em cada detalhe, desde a mobília até as cortinas nas janelas, possuía um aspecto sombrio, obscuro, que combinava com Adriel e que me deixou quase deprimida.

Ao avançarmos pelo hall de entrada, o tirano, ainda ao telefone, foi dando as instruções a mim e ao motorista para que subíssemos a larga escadaria que partia da sala, até que estávamos no segundo andar, onde entramos em um quarto imenso e sombrio,

apesar de bem mobiliado. Apenas então ele encerrou a ligação e dispensou o outro homem.

Uma sensação esquisita revirou minha barriga ao me encontrar sozinha com Adriel naquele quarto. Pânico e algo mais, que não consegui identificar, revirando em minhas entranhas.

— Esse é seu quarto de agora em diante. Espero que se sinta à vontade. Se precisar de alguma coisa fale com a dona Rosilene, a governanta — disse ele, com o tom de voz áspero de sempre. Aproximou-se um passo de mim cravando seu olhar demoníaco em meu rosto antes de continuar falando: — Duas recomendações que você não pode esquecer: jamais tente fugir de mim. Jamais! Você se arrependeria amargamente.

Engoli em seco, apavorada com seu tom de ameaça, pois era exatamente isso que eu pretendia fazer.

— E segundo: fique o mais longe possível das minhas vistas enquanto estiver aqui.

Como se o pânico tivesse roubado a minha voz, apenas assenti.

Ele encarou-me em silêncio por mais um instante até que por fim deixou o aposento.

Ao encontrar-me finalmente sozinha, peguei meu celular e liguei para Marina. Assim que ouvi sua voz amiga comecei a chorar e, em meio a um pranto irrefreável, contei a ela tudo o que estava acontecendo, o pesadelo no qual minha vida havia se transformado naquele dia. A fiz prometer que me ajudaria a fugir, a ir para bem longe de todas aquelas pessoas ruins que me cercavam, a salvar o meu filho de crescer perto delas.

Após a nossa longa conversa, eu ainda estava aflita com toda aquela situação absurda, contudo me sentia um pouco melhor, mais leve e confiante de que tudo daria certo, de que, apesar de viver cercada por lobos ferozes, eu tinha pelo menos uma pessoa boa do meu lado, com quem eu podia contar em qualquer circunstância.

Tão logo encerramos a ligação, fui invadida por uma sensação de solidão devastadora, intensificada pela amplitude do quarto grande e impessoal demais, extremamente sombrio. Ansiando que chegasse logo a hora de ir para o trabalho, quando eu finalmente poderia sair, abri a janela e espiei o lado de fora. A paisagem em volta da casa era linda, isso eu não podia negar, composta por belas árvores frondosas nas laterais e um lindo jardim à frente. O que me assustava, eram os seguranças mal-encarados circulando por todos os lados e me perguntei se eles tinham ordens para me impedir de sair quando eu fosse trabalhar. Teria que descobrir isso na prática, já que o tirano não me dissera nada a respeito.

Eu estava parada em frente à janela, observando o lado de fora, quando houve uma batida na porta do quarto e logo em seguida uma mulher de meia-idade entrou. Era dona Rosilene, moradora antiga da cidade.

— Vim arrumar suas coisas no closet — disse ela, torcendo o nariz, olhando-me de cara amarrada, como a maioria das pessoas na cidade fazia, por acreditar que eu era conivente com as armações da minha mãe.

— Não precisa. Eu faço isso.

— Acho que você não entendeu. Eu cumpro ordens e fui ordenada a isso. Se quiser pelo menos não atrapalhar já faz muita

coisa — disparou rispidamente.

Provavelmente, ela já sabia de tudo sobre essa gravidez, acreditava que eu estava aplicando um golpe em Adriel, o que tornaria minha estadia naquela casa ainda mais insuportável, como se eu já não estivesse suficientemente no chão.

— Escuta... — comecei, hesitante. — Eu sei que é difícil acreditar, mas eu não fiz nada. Não precisa me tratar assim.

Ela fuzilou-me com seus olhos cinzentos ainda mais raivosos.

— Não sou paga pra aturar gente da sua laia. Não vou abrir mão da minha moral porque você está aqui, na casa do patrão, até porque todo mundo na cidade já sabe o que te trouxe pra cá. É só mais uma armação de vocês, portanto não venha me dizer que não fez nada. E se não quiser ser tratada como merece, é só desaparecer da minha frente.

Ainda abri a boca para tentar me defender, mas era inútil. O preconceito contra mim estava incrustado naquela gente e nada mudaria isso. Então apenas assenti e saí do quarto de cabeça baixa.

Temendo encontrar o tirano a cada passo que dava ali dentro, decidi conhecer as dependências do casarão enquanto a mulher estava no meu quarto. Assim, percorri vários cômodos do lugar, todos imensos e assustadores, tão vazios e silenciosos que eu podia ouvir o eco dos meus passos ressoando no assoalho.

Tinha tudo ali, desde academia até uma sala de cinema. Entretanto, a parte que mais me fascinou foi a enorme piscina, em formato de L, no jardim dos fundos. Eu não me lembrava da existência dela no tempo em que vinha brincar ali, certamente o tirano mandou construí-la depois que se mudou.

Ao retornar para o interior da moradia, pela porta dos fundos, encontrei mais duas empregadas na cozinha, uma delas cuidando da limpeza, a outra preparando a comida. Ambas eram antigas moradoras de Santa Clara e agiram da mesma forma que dona Rosilene, me olhando de cara feia, deixando claro que minha presença as incomodava. Mas eu não ligava muito, estava acostumada a receber tal tratamento por parte da população de Santa Clara, devido às atividades ilícitas praticadas pela minha família. No fundo era algo positivo, pois me incentivava cada vez mais a lutar pelo meu objetivo de ir embora dali para nunca mais voltar.

Depois que a dona Rosilene se retirou, voltei ao quarto no segundo andar. Apressada em sair logo da casa, vesti o uniforme de garçonete e desci as escadas, determinada a ir para o trabalho na lanchonete, embora ainda faltasse duas horas para o início do meu expediente.

Na sala, encontrei dona Rosilene e sua insuportável carranca.

— O almoço está pronto. Vai querer comer agora? — indagou, asperamente.

Pensei seriamente em recusar, apenas para não ter que continuar olhando para ela. No entanto, não seria apenas eu quem ficaria sem almoço, mas a vida que crescia em meu ventre. Eu precisava que meu filho estivesse pelo menos bem alimentado, já que nenhum de nós dois tínhamos paz.

— Claro. Obrigada.

Sob o olhar hostil dela, segui para a cozinha, onde as outras duas mulheres pararam de falar ao me verem avançando pelo

amplo recinto. Não fizeram questão de esconder o mal-estar que minha proximidade lhes provocou, embora nada dissessem.

Fui diretamente nas panelas e fiz o meu prato. Servida do ensopado de galinha caipira ao molho pardo, arroz e salada, deixei a cozinha e me encolhi em uma poltrona de couro em uma das imensas salas, onde fiz a refeição, sozinha, mergulhada no silêncio.

A comida estava uma delícia, quis repetir, mas preferi me afastar logo do clima tenso que a hostilidade daquelas mulheres provocava. Então apenas lavei meu prato, deixando-o no escorredor e saí o mais depressa possível da casa, ansiosa por encontrar Marina e buscar conforto nos seus braços amigos. Talvez, quando estivesse com ela, eu conseguisse me livrar dessa sensação horrível de angústia, de apreensão, que insistia em se manter instalada em meu âmago, ameaçando levar um rio de lágrimas aos meus olhos a qualquer momento.

Felizmente eu havia trazido minha bicicleta no porta-malas do carro do tirano e a encontrei rapidamente na garagem. No entanto, minha facilidade acabou por aí. Ao tentar atravessar os portões de saída da propriedade, como eu já imaginava que aconteceria, fui barrada pelos seguranças.

— Desculpe, mas você não pode sair sem que o senhor Adriel autorize — disse um deles, o mais alto e parrudo, cujos olhos se escondiam atrás das lentes de óculos escuros.

— Você está enganado. Não sou uma prisioneira. Saia da minha frente, por favor — falei, tentando ser firme, mas com minha voz já trêmula, as lágrimas ameaçando despencar.

— Eu sigo ordens. Se quiser sair, ele tem que autorizar.

Fiquei incrédula diante de tamanho absurdo. Aquilo não podia estar acontecendo. Não mesmo! Quando lançou sua proposta na delegacia, Adriel dissera apenas que eu precisava morar na sua casa, em troca de não irmos todas para a cadeia, não disse nada sobre eu ser sua prisioneira. Eu não aceitaria essa situação passivamente. Se ele me impedisse de sair, eu optaria pela cadeia, pelo menos lá estaria longe da sua tirania.

CAPÍTULO 10

RAVENA

— Então liga pra ele e diz que precisa autorizar — pedi.

— Não posso fazer isso também. Mas você pode ligar. Se ele autorizar, você sai.

Com meu sangue fervendo de ódio, saquei meu celular da bolsa, mas logo me dei conta de que não tinha o número do maldito. Pedi ao segurança, mas ele se recusou a me fornecer. No entanto, o outro homem que estava mais adiante parecia mais humano e me ditou os números.

— Obrigada — agradeci e fiz a ligação, tensa, sobressaltada. — Que história é essa de você não me deixar sair? — esbravejei, tão logo Adriel atendeu ao telefone, com sua voz grossa ressoando do outro lado da linha. — Me manter presa aqui não fazia parte do nosso acordo. Eu quero sair. Mande seu segurança se afastar da minha frente agora mesmo, ou vou chamar a polícia!

— *E para onde exatamente você quer ir?* — indagou ele, surpreendentemente calmo.

— Não que seja da sua conta, mas preciso trabalhar. Já está quase no meu horário e ainda tenho que pedalar até a lanchonete.

— *Você não precisa mais trabalhar naquele muquifo. Se precisar de dinheiro para alguma coisa, é só me avisar.*

Eu não podia acreditar que estava ouvindo aquilo!

— Você está enganado se acha que pode me comprar! Eu gosto do meu trabalho e vou continuar lá. Se realmente estiver decidido a me manter presa aqui, o acordo está desfeito. Prefiro a cadeia. Apenas me diga o que vai ser.

— Ravena, fica calma. Toda essa agitação pode fazer mal ao bebê. Me diga de quanto precisa e eu providencio. Quanto você ganha naquela pocilga? Eu te pago o dobro para que você fique quieta em casa.

— Eu não quero ficar quieta em casa. Você não pode me impedir de sair.

— Infelizmente, eu sou um homem que tem inimigos. Se você sair por aí sozinha, vão atrás de você e do meu filho para tentar me atingir.

Suas palavras provocaram um calafrio na minha espinha. Agora eu entendia por que ele não nos mandou para a cadeia, estava protegendo o filho, não porque tivesse algum afeto por ele, mas para não dar aos seus oponentes a vantagem de o afetar.

— Pode esquecer. Não vou ficar presa aqui. Além do mais, eu sei me cuidar.

Resignado, Adriel soltou um suspiro.

— Como você é teimosa. Não vai mesmo ficar quieta, não é?

— De jeito nenhum.

— Nesse caso, o motorista vai ter que te levar e trazer. Com ele, você e a criança estarão seguras. — Abri a boca para retrucar, porém, como se tivesse o poder de ler minha mente, ele me interrompeu: *— Pensa bem se você quer arriscar a vida dessa criança. É seu filho também.*

Com isto, ele me convenceu. Mesmo que Adriel não tivesse me dito aquilo, seria perigoso ir sozinha de bicicleta através da floresta, pois ele não era o único a ter inimigos. Existiam muitas pessoas na cidade e fora dela, que foram prejudicadas de alguma

forma pela minha mãe e Scarlet. Não seria impossível que uma dessas pessoas tentasse se vingar em mim, ou no meu filho.

— Tudo bem. Ele pode me levar — concordei.

— *Certo. Passe o telefone para o segurança.*

***

Pouco tempo depois, cheguei à lanchonete no carro luxuoso conduzido pelo motorista, que permaneceu no estacionamento diante do estabelecimento mesmo após eu ter entrado, certamente me vigiando a mando daquele carrasco.

Antes de iniciar o trabalho, mais uma vez busquei conforto nos braços amigos de Marina, que estava chocada com todos os acontecimentos daquele dia e, mais uma vez, prometeu me ajudar a fugir da cidade.

Iríamos embora dali juntas, como planejávamos desde crianças. Só precisávamos de tempo para elaborar uma forma de deixar Santa Clara sem que existisse a mínima possibilidade de o tirano nos localizar. Eu não queria nem imaginar o que ele faria se me pegasse durante a minha fuga. Como ele próprio disse, além de me mandar para a cadeia, com a acusação de tê-lo estuprado, providenciaria para que minha estadia lá dentro fosse um verdadeiro inferno. Partindo dele, eu não duvidava de mais nada. Se fora capaz de comprar testemunhas e até um agente da Federal para mentir, ele seria capaz de tudo.

Enquanto eu trabalhava, o motorista que me trouxe continuava lá, do lado de fora, me observando, de vez em quando entrando para tomar um café. Nos livrar dele era o primeiro passo

que Marina e eu teríamos que dar na hora de fugir, mas daríamos um jeito, haveríamos de conseguir.

O movimento na lanchonete estava fraco naquela tarde, poucas mesas estavam sendo servidas. Já era noite quando meu chefe me chamou para conversar em seu escritório e, pela sua fisionomia fechada, presumi que não era coisa boa.

Na pequena sala nos fundos do estabelecimento, nos acomodamos um de cada lado da mesa simples retangular.

— Eu sinto muito, Ravena, mas vou ter que te dispensar — disse, evitando me olhar nos olhos, com sua voz e sua expressão carregadas de pesar.

Era um bom homem, um dos poucos na cidade que nunca me julgou pelas atitudes da minha família.

— Mas por quê? O que eu fiz?

— Você não fez nada. É que chegou uma prima da minha mulher do interior, e preciso dar a vaga a ela. Sinto muito. Mas aqui está o seu pagamento desse mês e o seguro-desemprego. Pode verificar. Está tudo certinho.

Ele estendeu-me um envelope com o dinheiro e o recebi da sua mão enquanto tentava entender o que estava acontecendo. Não era segredo para ninguém que a esposa dele não tinha família na região. Por que diabos estava mentindo?

— Eu sei que sua esposa não tem família. Por que está fazendo isso comigo?

Relutou, porém, por fim, encarou-me diretamente.

— Foi o senhor Adriel, ok? Ele descobriu que a lanchonete está hipotecada e ameaçou quitar a dívida só para demolir meu negócio, se eu não demitisse você. Eu sinto muito, Ravena. Você é

uma ótima funcionária e uma excelente pessoa, mas eu não posso lutar contra esse homem. Ele já destruiu Arnaldo Brandão, que é muito mais poderoso que eu, faria picadinho de mim se eu o contrariasse e tenho dois filhos para criar.

Eu o fitava de queixo caído, completamente aturdida e incrédula. Que uma pessoa minimamente sensata evitasse contrariar Adriel Beaumont, como meu chefe fazia, era perfeitamente compreensível. O que eu não entendia era porque aquele crápula dos infernos estava me fazendo perder o emprego, a única coisa que eu tinha de mais importante, o único lugar onde eu me sentia minimamente livre e acolhida, não apenas pela amizade de Marina, mas pela oportunidade de conviver com pessoas de fora da cidade, que não me conheciam e, portanto, não me julgavam. Eu não aceitaria que aquele monstro tirasse isso de mim. Não mesmo!

— Tudo bem. Você fez a coisa certa. Mas que aquele cretino vai me pagar, isso vai.

Deixei o escritório tão dominada pela raiva que mal enxergava alguma coisa à minha frente. Cega, peguei minha bolsa pendurada em um canto e deixei o estabelecimento sem ao menos parar para explicar à Marina o que havia acontecido. Fui direto para o carro e, ao me acomodar no assento traseiro, pedi ao motorista que me levasse para a sede da empresa daquele traste. Eu ia mostrar a ele que não estava lidando como uma idiota, como certamente acreditava, com quem podia fazer o que bem quisesse. Nem que eu tivesse que colocar aquele prédio dele abaixo, faria com que devolvesse meu emprego. *Onde já se viu uma coisa dessas?*

Enquanto o motorista nos conduzia através das ruas da cidade, tentei ligar para o tirano, mas ele não atendeu ao celular. Logo percebi que o motorista seguia em direção ao casarão, e não ao trabalho dele como pedi. Quando questionei a respeito, afirmou que Adriel já estava em casa.

Enfrentá-lo naquela casa assustadora, longe de qualquer vestígio de civilização e de qualquer pessoa que não trabalhasse para ele, podia ser mortalmente arriscado, porém ainda assim eu o faria. Já estava na hora daquele maldito entender que não podia manipular a vida das pessoas desta forma.

Chegando em casa, ainda nervosa, com meu sangue fervendo de raiva, procurei pelo tirano em todos os cômodos. Como não o encontrei em lugar nenhum, presumi que só podia estar em seu quarto, o que não me intimidou e foi para lá que segui. Ao encontrar a porta destrancada, simplesmente girei a maçaneta e entrei. Ao mesmo tempo em que eu atravessava a porta de entrada do aposento, Adriel atravessava a porta do banheiro, saindo de lá com apenas uma toalha enrolada em torno dos quadris, com seu corpo salpicado de água, os cabelos completamente molhados.

Ao me deparar com sua seminudez, senti um impacto por dentro, que me paralisou no lugar e me deixou sem voz, quase sem conseguir respirar. Sua imagem era a personificação da masculinidade na sua forma mais crua e selvagem, indescritivelmente atraente e perturbadora.

Sem que eu pudesse evitar, meus olhos desceram através do peito musculoso, onde se concentrava uma espessa camada de pelos negros. Continuaram deslizando para baixo, observando o abdômen sarado demais para um homem com quase quarenta anos

e se detiveram na trilha escura de pelos que iniciava perto do seu umbigo e sumia no tecido da toalha, de onde escapava uma camada mais larga de pelinhos da mesma cor.

Ao constatar que eram seus pelos pubianos, caprichosamente espalhados sobre uma pélvis tão lisa que parecia de um atleta, meu coração deu um solavanco, uma corrente desconhecida de calor passeava solta pelas minhas veias, concentrando-se em algum ponto abaixo do meu umbigo e me tornando quase incapaz de respirar.

— O que você quer aqui? — estrondou a voz grossa, tão ríspida e alterada, que levei um susto e imediatamente voltei meu olhar para seu rosto sério, tentando me lembrar do que mesmo viera fazer ali.

— E-eu... é... é q-que... — tropeçava nas palavras, como se minha mente estivesse entorpecida pela visão do homem à minha frente.

— Vai passar a noite toda aí plantada, ou me dizer logo o que veio fazer no meu quarto?

Seu tom áspero me despertou do meu torpor e, por fim, a raiva voltou a se alastrar pelo meu sangue, suplantando tudo que senti ao atravessar aquela porta.

— Vim dizer que você é um porco imundo e está redondamente enganado se acha que pode tirar meu emprego e me manter presa nessa maldita casa.

— Ah, é isso.

Tranquilamente, como se eu não estivesse ali diante dele, soltando fogo pelas narinas, ele foi até um cabide, de onde pegou outra toalha, e começou a secar seus cabelos.

— Como assim, é isso? O acordo que fizemos não incluía você arruinar minha vida e me manter presa aqui. Eu quero meu emprego de volta. Pode ligar para o meu chefe e consertar o que fez! — Praticamente gritava.

— Não fique tão agitada. Isso pode prejudicar o bebê.

— Como se um monstro como você se preocupasse com mais alguém além de si mesmo.

De repente, de forma inesperada, ele desferiu um violento soco do seu punho cerrado no cabide de madeira, fazendo com que se chocasse contra a parede antes de despencar no chão, causando um baque ensurdecedor, que me fez estremecer dos pés à cabeça, invadida pelo mais intenso horror. Pude ver claramente ele fazendo o mesmo comigo e quis sair do quarto correndo, mas minhas pernas se recusaram a se mover, paralisadas pelo pânico.

— Nisso você tem razão, eu sou mesmo um monstro, muito mais cruel e perigoso do que você possa imaginar! — vociferou Adriel, enquanto caminhava em minha direção, ameaçadoramente, com sua voz baixa, porém tão mortalmente fria quanto o olhar que me dirigia. — Mas foram você e sua corja que decidiram atravessar o meu caminho. Agora aguenta as consequências e não se esqueça também de agradecer por perder apenas o emprego. As coisas poderiam estar sendo bem piores para o seu lado se não carregasse um pedaço de mim aí dentro.

Ele continuou avançando em minha direção, com os passos lentos e precisos de um felino, enquanto eu recuava apavorada, trêmula, cogitando dar meia-volta e sair correndo. Mas não podia continuar me acovardando. Se não me impusesse, ele faria o que bem entendesse com a minha vida.

— Não vou ser uma prisioneira. Se você se recusar a devolver o meu emprego, o acordo estará desfeito. Pode mandar a mim e à minha família para a cadeia.

Era lógico que estava blefando. Se ele insistisse com aquilo, eu acabaria recuando, pois se fosse presa pela polícia, meu objetivo de fugir estaria completamente arruinado. Além do que, dificilmente conseguiria me livrar das acusações, continuaria encarcerada por vários anos e sequer teria a oportunidade de ver meu filho crescer.

O pensamento me fez estremecer, seus olhos gelados registraram a reação.

— Acho que você não entendeu a gravidade da situação, Ravena — falou, mais calmo. — Eu tenho inimigos, que são ainda mais monstruosos do que eu. Se eles colocarem as mãos em você, vão destruí-la, somente para me atingir. Eu não ligaria se fosse apenas você, mas meu filho está aí dentro e vou protegê-lo, custe o que custar.

Por fim, minhas costas encontraram a parede e ele me encurralou com seu corpo, que parecia ainda maior e mais forte sem as roupas, colocando-se tão perto que o cheiro do seu sabonete invadiu minhas narinas, despertando algo em meu organismo que parecia extremamente pecaminoso, proibido, deixando todos os meus sentidos em completo alerta.

— É meu filho também. Eu sei me defender e sou perfeitamente capaz de protegê-lo.

— Não, Ravena, você não é. — Aproximando-se ainda mais de mim, de modo que restaram apenas míseros centímetros de distância entre nós, ele apoiou o antebraço na parede acima da minha cabeça e se inclinou ligeiramente, aproximando tanto seu

rosto do meu que pude sentir o cheiro de uísque partindo do seu hálito morno, o odor de álcool jamais me pareceu tão inebriante, perturbadoramente excitante. — Você é só uma criança, uma menina que está perdida na vida e se deixa ser pisoteada pela víbora que tem como mãe. Você sequer tem idade para ser mãe e é incapaz de se defender sozinha. Não tem a menor noção do perigo; se tivesse, não entraria sozinha no meu quarto.

Suas palavras me deixaram ainda mais paralisada, realmente perdida, desnorteada. Meu lado racional me ordenava a sair correndo urgentemente dali, porém uma parte muito mais forte do meu ser me impedia de me mover, de desviar meus olhos das suas piscinas azuis e geladas, de me afastar daquele cheiro de homem e daquele calor extremamente perigoso, proibido, que partia dele, como se eu estivesse sob o efeito de um transe.

Mantendo seu rosto lindo e, ao mesmo tempo, endurecido diante do meu, Adriel fechou os olhos e aspirou profundamente, como se aspirasse meu cheiro. Quando voltou a abrir os olhos, pude ver o fogo ardente da excitação se mesclando à frieza na sua expressão, o que praticamente me estilhaçou por dentro.

As sensações pecaminosas se intensificaram em meu íntimo, fazendo meu sangue fluir mais quente nas veias, tornando o ar mais denso e difícil de ser puxado, o que me obrigou a entreabrir a boca para conseguir continuar respirando. A lascívia pura desceu pelo meu corpo, tornando meus seios subitamente sensíveis, quase doloridos, se espalhando por todo o meu ser e se instalando no espaço entre minhas pernas, provocando um latejar quase suplicante na minha parte mais íntima.

Eram sensações desconhecidas, jamais antes experimentadas, tão arrebatadoras, que, quando dei por mim, meu olhar estava vagando pelo seu rosto, buscando os contornos da sua boca magnificamente bem desenhada e precisei de um esforço sobre-humano para me conter no lugar e não cobrir aquela boca com a minha. Por mais que me custasse acreditar, sentir aqueles lábios nos meus, aquelas mãos percorrendo minha pele, era tudo o que eu queria naquele instante.

— Acho melhor você sair daqui — disse Adriel. Sua voz soou ainda mais grossa e ligeiramente rouca, o hálito quente e cheiroso me alcançou ainda mais. — Não seria bom para nenhum de nós dois se eu perdesse a cabeça.

Por fim, desfazendo o contato visual, ele se afastou, indo em direção a uma porta que parecia dar acesso ao closet, através da qual desapareceu da minha vista.

Como se minhas pernas tivessem perdido as forças, apoiei-me ainda mais na parede, a fim de evitar cair no chão e respirei fundo várias vezes, tentando acalmar os ânimos exacerbados do meu corpo. Quando recobrei o controle, finalmente consegui sair do lugar e deixei o quarto quase correndo.

CAPÍTULO 11

ADRIEL

Já fazia uma semana que eu não via Ravena. Ambos havíamos descoberto os horários em que o outro transitava pela casa – ela indo e vindo da escola, eu do trabalho –, e evitávamos nos encontrar. Assim era melhor, não apenas porque eu queria distância de uma pessoa capaz de me aplicar o golpe da barriga, mas porque era a única forma de controlar a atração descabida que eu sentia por essa menina.

Ainda não podia acreditar que estive prestes a perder a cabeça e tomá-la em meus braços, na ocasião em que ela invadiu meu quarto. Uma adolescente que era ainda quase uma criança! Quando eu havia me tornado esse tipo de homem?

Apesar da idade, Ravena tinha todos os traços de uma mulher, era linda, sexy e estava mexendo comigo de um jeito que eu não conseguia evitar, por mais que tentasse. A atração que exercia sobre mim estava lá, viva, incontestável. Estarmos evitando nos encontrar pela casa foi a melhor decisão a ser tomada, embora não fosse fácil.

Se por um lado eu não queria vê-la; por outro, passava o dia inteiro preocupado com o perigo que suas idas à escola representava. Porém, apesar de tê-la feito perder o emprego, em nome da sua segurança e do bebê, eu não podia impedi-la de estudar. Até porque faltava poucas semanas para o fim do ano letivo e com isto ela concluiria o Ensino Médio. A melhor solução estava sendo manter um segurança o tempo todo de olho nela, levando-a e

trazendo-a, permanecendo na porta do colégio durante as horas em que ela estava lá dentro.

Se havia algo que eu tinha certeza era de que Arnaldo Brandão tentaria fazer mal ao filho que ela carregava em seu ventre, com o objetivo único de me atingir, principalmente agora que eu estava prestes a deixá-lo desabrigado.

Finalmente depois de todos aqueles dias de espera eu havia conseguido indeferir a ordem do juiz que limitava a extensão do oleoduto e conquistado o direito de demolir a casa daquele maldito, o que o deixaria sem nada, sem terras, sem moradia, sem dinheiro nas suas contas. Ao longo dos anos, meu único objetivo de vida fora tirar-lhe tudo e aquele dia seria marcado pelo meu triunfo.

Fiz questão de ir pessoalmente dar-lhe a notícia de que agora ele não passava de um miserável sem teto, de saborear minha vitória mais gloriosa de perto, contemplando a sua face e sua reação quando soubesse o tamanho da derrota que o acometeria.

Era a primeira vez que eu voltava à fazenda Ouro Verde depois de ter ido embora, quando tinha dez anos. Mandei que o motorista estacionasse a certa distância da casa, próximo ao imenso cajueiro onde eu costumava brincar quando era moleque.

Pouca coisa havia mudado por ali, o casarão de dois andares, que outrora me parecia gigantesco, agora se parecia com apenas uma casa comum, precisando de reformas. Olhando tudo em volta, o quintal com a areia branca como a da praia, os currais desprovidos do gado, os estábulos mais adiante, o pomar rico aos fundos, fui momentaneamente invadido por uma nostalgia inesperada, que logo foi suplantada pelo turbilhão de terror e ódio que me acompanhava desde que eu fui embora.

Lancei um olhar na direção dos estábulos, onde tudo aconteceu e o gosto amargo como fel se fez em minha boca, ódio e desespero se espalhando pelas minhas veias como fogo em gasolina. Era hoje que tudo acabaria, que aquele verme maldito pagaria pelo que fez comigo.

Respirando fundo para recobrar o controle sobre minhas emoções, mandei que o motorista esperasse ali e segui a pés pelo restante do percurso até o casarão, sempre atento a tudo à minha volta, ciente de que Arnaldo poderia estar me esperando com algum atirador bem treinado, pronto para enfiar uma bala na minha cabeça. Mas ele não seria burro a tal ponto.

Ao bater à porta, fui recebido por uma empregada morena, de fisionomia sofrida, que não conseguiu me impedir de entrar quando avancei pela grande sala de estar. A familiaridade do ambiente me deixou ligeiramente abalado, as lembranças me atacaram com ferocidade. Tudo ali estava precário, precisando de restauração, porém era tão familiar que até o cheiro eu reconheci.

— Vim falar com Arnaldo. Você pode chamá-lo?

— Seu Arnaldo está trabalhando no escritório. E não recebe ninguém sem hora marcada.

— Não se preocupe em me mostrar onde fica o escritório. Eu sei o caminho.

Ignorando os protestos da mulher, segui direto para o escritório daquele maldito e entrei. O encontrei sentado atrás de uma mesa de madeira antiga, escrevendo algo em uma folha de papel. A mão que segurava a caneta paralisou tão logo ele ergueu seu olhar e o deteve em mim.

Fazia mais de vinte anos que eu não o via pessoalmente e as fotografias que me foram enviadas não faziam jus à sua real condição. De perto, parecia muito mais velho e cansado, o rosto pálido e enrugado marcado por manchas da idade e grandes olheiras em torno dos olhos azuis perolados. Apesar do abatimento provocado pelos muitos anos de vida, ainda carregava aquele detestável ar de arrogância que sempre possuiu, com o qual humilhou e pisou em muitas pessoas ao longo da sua existência.

— Eu sabia que, em algum momento, você apareceria por aqui — disse em uma voz tão desgastada quanto sua aparência.

Vê-lo e ouvi-lo, depois de tanto tempo, trouxe-me recordações que passei muitos anos tentando esquecer, aflorou-me um ódio tão descomunal que precisei de um esforço quase inumano para me controlar, não avançar para cima dele e arrancar os seus olhos, como ele merecia.

De repente, eu estava suando frio, com algo se revirando na boca do meu estômago, de modo que precisei respirar profundamente, a fim de manter o autocontrole. Se eu o quisesse morto, já teria feito isso sem precisar sujar minhas mãos. Não mudaria de ideia após tantos esforços para o destruir, embora a tentação fosse grande.

— Fiz questão de vir pessoalmente te dizer que essa casa será demolida em breve, seu maldito! — vociferei, entredentes, esforçando-me por conter o impulso matá-lo ali mesmo. — Você não tem mais nada, nem terras, nem gado, nem dinheiro, nem plantações. Reduzi tudo o que era seu a pó e farei o mesmo com essa maldita casa.

Com o ódio cego queimando em minhas veias, atirei a folha de papel com a ordem de demolição sobre a mesa à sua frente. Tentei a todo custo me encher de prazer por vê-lo ali derrotado, mas tudo o que existia dentro de mim era aquela fúria incontrolável e o desejo de continuar prejudicando-o até que não restasse nem mais suas cinzas sobre a face da Terra.

— Pra que tanto ódio, filho?

— Não me chama de filho, porra! — gritei, cego de cólera. Tudo dentro de mim ordenava que eu o estrangulasse até que não restasse nenhum sopro de vida dentro de si.

— Queira ou não, você é meu filho, sangue do meu sangue, isso nunca vai mudar.

— É realmente uma pena que não possa ser mudado. Eu me mataria se isso arrancasse seu sangue imundo das minhas veias.

Ele observou-me por um instante de silêncio, seus olhos parecendo penosamente cansados, sua postura conotando fragilidade e uma humildade que certamente era teatral, assim como aquele ar de coitadinho que tentava transmitir. De coitado aquele maldito não tinha nada. Era todo feito de maldade e perversidade, características que certamente herdei em meu gene.

— Já faz muito tempo, Adriel. Passou da hora de você me perdoar.

— Perdoar?! — soltei um riso amargo. — Nunca! Tudo o que você terá de mim é a sua ruína, seu velho escroto! Ainda essa semana sua casa será demolida e agradeça por eu não fazer isso com você aqui dentro.

— Eu não tenho para onde ir. Não tenho mais nada. Você me tirou tudo.

— Exatamente como você fez comigo e minha mãe tantos anos atrás.

— Eu nunca disse para vocês irem embora. A decisão foi dela.

Suas palavras atiçaram ainda mais a fúria mortal que me consumia, deixando-me prestes a perder o controle e apertar sua garganta até que parasse de respirar. Era melhor eu sair dali antes que me tornasse incapaz de me segurar.

— Acho que já desperdicei tempo demais com um lixo como você. Apenas desocupe minha propriedade. Você tem setenta e duas horas.

— E para onde você espera que eu vá sem dinheiro algum?

— Isso não é problema meu.

— O oleoduto pode ser desviado da casa, sem que o projeto seja prejudicado. Me deixe continuar morando aqui. Não tenho mesmo muito mais tempo de vida.

— Eu poderia, mas não quero. Saia da minha propriedade por bem, ou sairá à força.

Eu estava dando-lhe as costas, apressado para sair daquele ambiente pesado, carregado de lembranças amargas e da sua abominável presença, quando ele voltou a falar, desta vez com um tom de voz muito mais firme e grosso:

— Eu não vou a lugar nenhum.

A firmeza das suas palavras me fez voltar a encará-lo, quando então me deparei com sua fisionomia muito mais endurecida, os olhos revelando sagacidade e aquela arrogância que eu conhecia bem, como se finalmente deixasse a máscara de coitadinho cair e revelasse quem realmente era.

— Esse oleoduto é construído em parceria com o governo federal, não é? — Sem esperar que eu respondesse, ele continuou falando: — O que você acha que o pessoal do governo vai pensar quando souber que você engravidou uma menina de dezessete anos, em uma casa de prostituição, onde, de acordo com a mãe e a irmã dela, você a violentou?

Processei suas palavras e o sangue fugiu-me da face. Como não presumi que aquele demônio usaria isso contra mim? Na certa, essa história já havia se espalhado por toda a cidade, e ao ficar sabendo ele foi correndo falar com Soraya, que não pensou duas vezes antes de se juntar a ele para me prejudicar. Malditos!

— Toda a documentação já está assinada. O governo não pode mais voltar atrás. — falei, já não mais confiante.

— O governo pode fazer o que quiser, pois manipula as leis; e se existe algo de que eu tenho certeza é de que, se sua história com essa menina chegar ao conhecimento da imprensa e se tornar um escândalo, o governo cortará qualquer laço com você, inclusive retirará a autorização para a construção dessa palhaçada de oleoduto.

— Isso não é mais possível. A autorização já foi dada.

— É possível sim, basta eles quererem e você sabe disso tanto quanto eu.

Quanto mais ele falava, mais o meu ódio crescia, de maneira quase cega.

— Você não vai sair impune de tudo o que fez, seu safado!

— E não vou mesmo. Eu já perdi tudo, você tirou até minha dignidade. É um preço justo pelo meu erro. Me deixe ficar com pelo

menos minha casa, vivendo com o salário que sua irmã recebe com o trabalho dela na cidade.

— Não! Eu vou demolir essa maldita casa, seu monstro do caralho!

— Não vai, Adriel. Já chega disso. Desvie o oleoduto e me deixe em paz, ou providenciarei para que o fato de você ter violentado e engravidado uma menina de dezessete anos esteja estampado na capa de cada jornal desse país. Aí veremos quem é o verdadeiro monstro nessa história.

Sentindo-me acuado, vendo meus planos serem frustrados, perdi o que restava do meu autocontrole e parti para cima daquele maldito, cego de ódio, disposto a matá-lo.

Fechei as duas mãos na gola da sua camisa e o puxei por cima da mesa, brutalmente, seu corpo debilitado pela velhice sendo mais leve do que parecia. Cerrei meu punho e puxei o cotovelo para trás, pronto para esmurrá-lo até matá-lo.

Bastavam alguns socos naquela carcaça enrugada para arrancar-lhe a vida. No entanto, eu não era um covarde e somente minha recusa em tornar-me um fez com que eu o soltasse. Não valia a pena sujar minhas mãos com aquele rato de esgoto.

— Não vou sujar minhas mãos com você, seu rato. Mas essa história ainda não acabou. Você terá notícias minhas muito antes do que imagina.

— Adriel, me perdoe pelo que eu fiz, filho. Eu estava bêbado, não vi o que estava fazendo.

— Vai se foder, seu maldito!

Dito isto, dei-lhe as costas e segui para fora, com uma veia latejando em minha têmpora, a cólera me martirizando, meu sangue

a ponto de incendiar em minhas veias, tamanho era o ódio que me consumia.

Por sorte, não vim dirigindo, pois não me encontrava com nenhuma condição de pegar o volante. Então apenas me acomodei no banco de trás do *Audi* e mandei que o motorista me levasse para casa. A única coisa que eu queria naquele instante, era ficar sozinho, pensar em uma forma de me livrar da chantagem daquele maldito e seguir com meu plano. Devia haver alguma forma.

Chegando à casa, me apossei de uma garrafa de uísque intacta e me tranquei em meu escritório, buscando alívio no álcool para aquele insuportável martírio, que jamais me deixava e que parecia ainda mais torturante depois do encontro com aquele rato.

As emoções pareciam descontroladas em meu íntimo: ódio, revolta, humilhação, tudo se misturava, provocando um turbilhão intolerável, que me fazia querer deixar de existir apenas para que tudo passasse, exatamente como era no início, exatamente como me senti quando fui embora daquela maldita fazenda e continuei me sentindo por muitos anos ainda.

Não foi fácil reprimir todas as dores nos cantos mais obscuros da minha alma e agora estava tudo de volta, a humilhação pela qual aquele demônio me fez passar tomava novamente conta de mim, como se tivesse acontecido há poucas horas e não há vários anos.

O fato de ele estar conseguindo se safar de ter sua maldita casa demolida, estava piorando tudo, trazendo-me a infernal sensação de derrota, de que eu perdia uma batalha que lutara durante toda a minha vida. E tudo por causa daquelas malditas vadias! Pela ambição descomedida que as motivou a armar toda

aquela merda para cima de mim. Se não fosse por elas, eu estaria expulsando Arnaldo da sua casa nesse exato instante. Mas ele continuava lá, como se risse da minha cara, dos esforços que fiz durante toda uma vida para o destruir.

Eu faria com que elas pagassem caro pela afronta de atravessar o meu caminho e atrapalhar os meus planos. Faria com que se arrependessem até de ter nascido.

Continuei ali no escritório durante as horas que se seguiram, atormentado pelos pensamentos, assolado pelo ódio e pela revolta antigos, bebendo uma dose de uísque atrás da outra, tramando os próximos passos, mas sem conseguir articular as ideias devido à mente embaralhada pela fúria descomedida e pelo efeito do uísque.

Eu precisava fazer com que todos eles pagassem, tanto aquele maldito quanto aquelas vadias e começaria fazendo com que Ravena confessasse a verdade sobre o que aconteceu naquela maldita noite. Aquela palhaçada já havia ido longe demais, ela me falaria o que realmente aconteceu, ou eu faria picadinho dela.

Com as emoções exacerbadas, os nervos à flor da pele, deixei o escritório e subi a escadaria rumo ao segundo andar, com passos cambaleantes devido à embriaguez, indo direto para o quarto de Ravena.

CAPÍTULO 12

ADRIEL

Ao encontrar a porta destrancada, girei a maçaneta e entrei. Ravena estava sentada na cabeceira da cama, recostada no espaldar, com as pernas encolhidas, concentrada na tela do seu celular, certamente trocando mensagens com suas cúmplices, ou algum namorado com quem pretendia dividir o dinheiro que acreditava que arrancaria de mim.

Tão logo me viu entrando, pulou da cama sobressaltada e se colocou do outro lado do recinto, com suas costas grudadas na parede, fuzilando-me com olhos arregalados de um pânico que certamente era teatral, pois se realmente tivesse medo de mim, jamais teria se metido no meu caminho.

— Acabou a palhaçada. Você vai me dizer exatamente o que aconteceu naquela noite, depois que vocês me drogaram! — vociferei, entredentes.

— Foi como minha mãe disse. Eu fui falar com Scarlet e você me forçou — falou, com a voz trêmula, o que certamente também era fingimento.

Sua insistência em continuar mentindo me levou a um descontrole, que já estava por um fio. Cego de ódio, avancei para cima dela e a encurralei contra a parede, fechando minha mão em torno do seu pescoço frágil, fazendo uma leve pressão, enquanto ela segurava meu pulso com suas duas mãos, tentando me fazer soltá-la, sem que seus esforços sequer fossem percebidos pela minha força bruta.

— Já chega de mentiras! Ou você me fala a verdade, ou eu te mato agora mesmo!

— Por favor, não faça isso — suplicou.

— Então me fala, Ravena! O que aconteceu naquela noite?

— Já falei.

Mas que merda! Nem mesmo prestes a ser morta, ela confessava que estava mentindo!

Descontrolado pela raiva, fiz um pouco mais de pressão da minha mão em torno da sua garganta, esperando que o medo de morrer a fizesse falar. No entanto, ela apenas arregalou ainda mais seus olhos suplicantes, implorando silenciosamente pela vida, o que me fez mudar de tática.

— De acordo com o que vocês dizem, nós transamos, não foi? Nesse caso, você não vai se importar em dar para mim mais uma vez, não é?

Agindo como um verdadeiro sádico, puxei-a para mim e colei minha boca na sua, pressionando os lábios nos seus, provando da sua infinita fragilidade, sem que ela pudesse fazer nada para se defender, para me impedir.

Ainda segurando firmemente em seu pescoço, empurrei minha língua para dentro da sua boca, forçando-a a abrir os lábios, ao mesmo tempo que percorria a mão livre através do seu corpo oculto apenas por um shortinho de malha pequeno e uma blusa de alças finas.

Não havia nada de criança ali. O corpo que eu tocava era o de uma mulher, com seios firmes e pontudos, uma cintura bem marcada e quadris perfeitamente arredondados. Porém, isso pouco me importava, eu não a queria realmente, mas apenas a magoar, a

assustar a ponto de fazê-la confessar o que estava me escondendo. No fundo, eu sabia que as coisas não tinham acontecido como elas diziam.

Eu a tocava e forçava facilmente meus lábios nos dela, mas nada sentia da sua feminilidade. Tudo em mim era tomado pelo ódio, pela revolta, que se misturava à humilhação do passado, aflorada pelo encontro com aquele desgraçado. Contudo, de repente o inesperado aconteceu.

Mesmo acreditando que estava prestes a ser violentada, Ravena segurou dos dois lados da minha face e correspondeu ao beijo, a princípio timidamente, receosa, para logo tornar o contato mais profundo, sua língua macia resvalando a minha, os lábios delicados se movendo de encontro aos meus, com ganância e luxúria, o que me provocou um baque inigualável por dentro.

De súbito, as emoções descontroladas foram se modificando dentro de mim, um desejo insano, desconhecido, subiu quente em minhas veias, fazendo-me arder ainda mais abrasadoramente, suplantando tudo mais que me acometia.

Logo o ódio, a cólera, pareciam já não mais existir, tudo dentro de mim era tomado por um querer quase desesperado de ter aquela garota, de estar dentro dela e senti-la da forma mais íntima que um homem podia sentir uma mulher.

Mas ela não era uma mulher, era apenas uma menina.

As sensações exacerbadas me fizeram ignorar o pensamento, como se afastasse um empecilho entre mim e o que eu queria. Então soltei o pescoço de Ravena e passei os braços em torno dela, puxando-a para mim. Quase entrei em combustão quando senti suas curvas delicadas, deliciosamente femininas, se

moldando ao meu corpo, colando-se a mim, o ventre ainda achatado empurrando propositalmente minha ereção.

Seus braços delicados enlaçaram meu pescoço e ela me puxou para si, intensificando ainda mais o beijo, devorando minha boca como uma faminta e me permitindo devorar a sua. A lascívia pura tomava conta de mim, me tornando completamente incapaz de me refrear, ou de sequer conseguir pensar.

Tentei me agarrar a algum vestígio de racionalidade que ainda pudesse me restar, me perguntar por que diabos ela estava correspondendo, por que me beijava com tanto desejo. Seria uma armadilha para conseguir mais alguma coisa de mim? Eu não fazia ideia, já não conseguia mais pensar claramente, mas apenas sentia, a queria com tudo o que havia em mim.

Sem separar minha boca da sua, nos movimentei pelo quarto e deitei-a de costas na cama, colocando-me sobre ela, seu corpo parecendo pequeno e frágil debaixo do meu.

Completamente entregue, com seus braços passados em volta do meu pescoço, Ravena abriu suas pernas, me permitindo acomodar meus quadris entre suas coxas e quase fui à loucura quando ela soltou um arquejo de encontro à minha boca, em resposta à pressão da minha ereção contra sua intimidade.

Eu a faria minha, nada mais me importava, ou poderia me impedir.

Assim, separei minha boca da sua e a desci através da sua pele macia, provando e me deliciando com cada centímetro seu, até alcançar a barreira da blusa cavada. Fechei meus dentes em volta do tecido e o desci com facilidade, desnudando os seios deliciosamente firmes e redondos, com os bicos rosados,

intumescidos. Parei um breve instante para observá-los, contemplando-os quase com veneração e os ataquei faminto, mordiscando levemente um deles antes de o colocar na boca e chupar, firmemente. Seus gemidos doces ecoaram pelo quarto, intensificando o fogo em minhas veias.

Passei para o outro peito e me esbaldei com aquela delícia, sugando, lambendo, me alimentando do seu frescor.

Em meio aos seus gemidos, Ravena enfiou os dedos entre meus cabelos e fez pressão, empurrando ainda mais minha boca contra seu corpo, como se estivesse tão descontrolada quanto eu. Foi então que percebi que suas mãos estavam ligeiramente trêmulas e geladas, o que me fez congelar no lugar, me dando conta do tamanho da merda que eu estava fazendo.

Ravena não era uma mulher, mas apenas uma garota que se mostrava nervosa por estar prestes a ser tomada por mim. *Onde eu estava com a cabeça?*

Com os pensamentos povoando-me a mente, levantei-me apressado, saindo de cima dela e sentei-me na beirada da cama. Respirando profundamente, me forcei a organizar os pensamentos e acalmar os ânimos do meu corpo, o que não era fácil, pois o desejo me dominava até o âmago.

— O que houve? — indagou Ravena, com a voz arrastada pela respiração ofegante.

Virei o rosto para observá-la e quase perdi novamente o autocontrole ao vê-la ali espichada sobre a colchão, com os cabelos escuros espalhados sobre o lençol branco, os seios lindos à mostra, as pernas ainda abertas, o peito subindo e descendo com o peso da sua respiração ofegante. Ela queria aquilo tanto quanto eu, isso

estava evidente. Eu conhecia as reações de uma mulher bem o suficiente para ter certeza de que não estava fingindo.

— Você é só uma criança — respondi, enquanto a culpa me espezinhava, sem que eu ao menos compreendesse o porquê.

Seguiu-se um breve instante de silêncio antes que Ravena se sentasse ao meu lado, muito perto de mim. O breve resvalar do seu braço no meu provocou um verdadeiro temporal de sensações luxuriosas em meu interior.

— E-eu não s-sou uma criança. Olha pra mim.

Olhei. Vi os seios empinados, a cintura fina, e todas as suas outras curvas deliciosamente femininas. Precisei me levantar e me afastar da cama para não a atacar e fazê-la minha como tudo em mim ordenava.

— Eu tenho trina e sete anos, idade suficiente para ser seu pai.

— Mas você não é.

Ela deu de ombros e continuei a observando, simplesmente porque não conseguia desviar o olhar. Era linda demais, incrivelmente sexy e feminina. No entanto, não possuía a mesma malícia das outras mulheres, não sabia como seduzir, como se portar de forma sensual diante de um homem. Pelo contrário, era possível notar que estava ligeiramente trêmula, com seus ombros encolhidos, como se não tivesse noção do poder que podia exercer sobre um homem, o que lhe emprestava um aspecto de inocência e simplicidade que era quase perturbador.

— Por que você está tremendo? — indaguei, tentando entender, mas sem conseguir.

— Eu não sei. — Ela fuzilou-me com seus imensos olhos azuis-claros, que jamais me pareceram tão inocentes. — A-acho que por causa do que você me fez sentir.

— Eu também nunca senti isso antes.

Ela me olhou como se não acreditasse, mas era verdade. Apesar do prazer sexual sempre ter feito parte da minha vida, jamais experimentei algo tão intenso e perturbador, jamais desejei uma mulher com tamanha ferocidade, como a desejava naquele instante e o pior era que ela nem mesmo era uma mulher.

Minha vida sempre esteve marcada pelo ódio, a revolta sempre me acompanhou em todos os momentos, jamais deixou espaço para qualquer outro sentimento. Porém, agora esse ódio parecia quase insignificante, suplantado pela intensidade com que eu queria a menina diante de mim, cuja aparência não exprimia apenas beleza e feminilidade, mas também uma inocência que não condizia com suas ações.

De repente, me dei conta de que ela e a mãe podiam estar falando a verdade, sobre eu tê-la forçado no clube. Agora eu tinha certeza de que era perfeitamente capaz de perder a cabeça por sua causa e nada jamais me pareceu tão aterrador quanto a constatação de que eu podia ser um estuprador, exatamente como o rato cujo gene estava em mim.

Puta merda!

— Eu te forcei aquela noite no clube, não foi? — indaguei, temendo pela resposta.

Em reação à minha pergunta, Ravena desviou seu olhar do meu rosto, suspendeu a blusa de malha, ocultando os seios, como

se, de súbito, sua seminudez a incomodasse e se encolheu toda, o que me deixou novamente confuso.

Talvez eu estivesse mais uma vez tentando fugir da minha culpa, mas na mesma hora me ocorreu que, se eu realmente a tivesse forçado naquela noite no clube, ela jamais se entregaria a mim por vontade própria, e com tanto fogo, como acabara de quase fazer.

— Foi como minha mãe disse — respondeu rapidamente, sem me encarar, como sempre dando-me a impressão de que escondia algo.

— Eu acho que estou cansado demais para conseguir entender isso tudo, ou mesmo entender você. — Ela voltou a me encarar, com aqueles olhos magníficos e achei melhor ir embora antes que perdesse a cabeça de novo. — Boa noite, Ravena.

— Boa noite.

Ao deixar o seu quarto, passei rapidamente no escritório apenas para pegar a garrafa de uísque e me refugiei em meu aposento, com minha mente atormentada pelos pensamentos, o organismo ardendo pelas sensações recentes. Como se não bastasse todo o ódio dentro de mim, agora eu tinha que lidar também com a hipótese de ser um estuprador e com o fato de desejar ardentemente uma menina que tinha idade para ser minha filha.

Se eu estivesse completamente lúcido, sem o efeito do uísque comprometendo meu raciocínio, talvez estivesse tentando pensar em uma forma de conseguir ir em frente com os meus objetivos de jogar Arnaldo na lama, como almejava desde sempre. Porém, tudo o que eu consegui naquela noite foi me afundar cada

vez mais na bebida e me deixar abraçar pela sensação de que o mundo estava desmoronando à minha volta.

Se eu fosse em frente com a demolição da sua casa, ele realmente falaria sobre aquela gravidez à imprensa e o escândalo seria grande o bastante para que o governo cancelasse minha autorização de concluir o oleoduto. Era necessário recuar neste momento, esperar por outra oportunidade de destruir de vez aquele rato e essa espera acabaria comigo, pois vinha se arrastando ao longo de toda a minha vida.

Como se não bastasse o martírio que sempre me acompanhou, agora eu tinha também Ravena se recusando a deixar meus pensamentos e não era apenas pela hipótese de eu realmente tê-la violentado, mas pelo que aconteceu entre nós no quarto dela. Eu ainda podia sentir o gosto da sua boca, seu cheiro gostoso ainda estava em mim, assombrando-me.

Sem conseguir afastar tais pensamentos, passei a noite toda bebendo em meu quarto, remoendo dores e sentimentos. Ainda cogitei ir até o *Riviera* buscar distração na cama com Juliane, mas acabei desistindo, pois não era do que eu precisava.

Após esvaziar a garrafa inteira de uísque, acabei adormecendo do jeito que estava e, quando acordei, já era meio-dia. Havia perdido a metade do dia de trabalho, mas que se fodesse tudo.

Sem ter como continuar pisando na cabeça de Arnaldo, nada valia a pena, nem mesmo voltar à empresa. Além do mais, há muitos anos eu não tirava um dia de folga, faria daquele um feriado.

Foi difícil me levantar da cama com minha cabeça latejando de dor. A ressaca me assolava e só consegui me sentir um pouco

melhor após tomar um demorado banho frio. Como não pretendia sair, vesti apenas uma bermuda e uma camiseta de algodão e desci para o primeiro andar. Precisava encontrar Rosilene e pedir que me arranjasse algum analgésico. Nem sabia se tínhamos isso em casa. Atravessei a casa inteira sem encontrar nenhuma das empregadas, então segui o som de vozes e fui parar na cozinha. A cena com a qual me deparei lá foi no mínimo inesperada.

Debruçada sobre as panelas no fogão, estava Ravena, servindo-se da comida, humilhada, cabisbaixa, ainda usando o uniforme da escola, que se resumia a uma calça de malha preta e camiseta branca com a logo da instituição. Não entendi por qual razão ela própria fazia o seu prato, enquanto as três empregadas se encontravam amontoadas a um canto do cômodo, cochichando e soltando piadinhas e risinhos provocadores, como se debochassem de Ravena e, ao mesmo tempo, tentassem insultá-la, sem que ela reagisse ou mesmo olhasse de volta.

Quando decidi tirar folga do trabalho, eu realmente acreditei que teria um dia tranquilo, sem estresse, mas me deparar com uma merda daquelas conseguiu fazer com que a raiva fervesse quente em minhas veias.

Por que diabos, Ravena permitia que aquelas mulheres tirassem sarro dela? Não sabia como se defender? E quem aquelas idiotas pensavam que eram para tratá-la assim?

— Posso saber o que diabos está acontecendo aqui? — vociferei, tão alterado que as quatro mulheres se viraram para mim ao mesmo tempo, apenas então dando-se conta da minha presença, cada uma empalidecendo mais depressa que a outra.

Seguiu-se um breve momento em que o silêncio era quebrado apenas pelo som da respiração nervosa de todas elas. Até que Rosilene deu um passo à frente.

— Senhor Adriel, precisa de alguma coisa? — indagou.

— Preciso que respondam à pergunta que acabei de fazer.

Tensa, ela olhou na direção de uma petrificada Ravena e novamente para mim.

— Ravena está se servindo do almoço.

Percebi o tom de desprezo ao mencionar a menina e a fúria me percorreu ainda mais fervorosamente.

— Você acha que encontra outro emprego nessa merda de cidade que pague o mesmo que eu para uma governanta?

— Não, senhor. O desemprego está grande aqui em Santa Clara.

— Nesse caso, se não quiser se tornar mais uma na fila dos desempregados, sirva a minha convidada com respeito! — Confusa, Rosilene alternou seu olhar entre mim e Ravena. — Alguma objeção quanto a isso, dona Rosilene?

— Não senhor. Vou servir à mesa para Ravena — disse, finalmente abaixando a cabeça.

— Não é Ravena, para você é senhorita Ravena.

— Claro, senhor.

— E quanto a vocês duas — dirigi-me às outras funcionárias —, perguntem em que mesa a senhorita Ravena gostaria de almoçar, o que gostaria de comer e sirvam-na como o que ela é: minha convidada nesta casa!

Uma delas assentiu de orelhas murchas, a outra ousou me refutar:

— Não sou paga para servir uma biscate dessas.

Aproximei-me alguns passos da mulher, enquanto via seu rosto empalidecendo ainda mais de medo.

— Sério? Nesse caso, vá trabalhar para alguém que não seja biscate. Saia da minha casa agora mesmo. Está demitida.

Ela fitou-me, atônita.

— Mas...

— Nem mais uma palavra! Fora da minha casa. Meu contador entrará em contato para acertar suas contas.

— Não precisa demiti-la por causa disso — interveio Ravena. — Nem forçá-las a me servir. Eu posso fazer isso sozinha.

— Nada disso. Você é minha convidada e essas alienadas vão ter que te respeitar — falei tão alto e firme que todas silenciaram. — Agora sirvam a mesa para dois, me arranjem um analgésico e você, fora da minha casa!

Dito isto, deixei a cozinha com minha cabeça ainda mais dolorida que antes.

CAPÍTULO 13

ADRIEL

Estava atravessando a sala, quando Ravena me alcançou.

— Eu não preciso de você para me defender — disse atrás de mim.

Revirei os olhos e me voltei para fitá-la. Ao observar seu rosto, lindo e jovem como o de uma boneca, não consegui evitar um baque por dentro. As lembranças da noite passada me bombardearam, o desejo feroz correu solto em minhas veias. Um desejo que precisava ser contido.

— Claro que você precisa. Não tem a mínima ideia de como se defender sozinha. Permite que um bando de idiotas a humilhe.

— Não acho que seja humilhação eu mesma fazer o meu prato.

— Não foi só a questão de você mesma se servir. Elas estavam te zoando, te inferiorizando.

Ravena desviou seu olhar para o chão, parecendo envergonhada.

— Eu não ligo pra esse tipo de bobagem. As pessoas são preconceituosas mesmo, mas não me importo com o que pensam de mim.

Suas palavras me levaram a compreender que era alvo desse tipo de tratamento também por parte moradores da cidade, que era discriminada e desprezada por causa das atividades que praticava em cumplicidade com a mãe e a irmã. Não era para eu ter ficado com pena, pois não passava de mais uma de suas vítimas, contudo imaginá-la naquela situação, sendo humilhada e pisada,

ainda tão jovem, com tanta vida pela frente, foi como se a lâmina afiada de uma navalha atravessasse o meu peito.

— Pois está passando da hora de colocar essa gente no devido lugar. Ninguém nessa maldita cidade é melhor do que você. Você precisa aprender a se defender, a andar na rua de cabeça erguida, principalmente agora que vai ser mãe do meu filho. Mas já chega de conversa, vá para a sala de refeições e espere aquelas imbecis servirem o almoço. Já desço para comer com você. Quero ver se elas vão ousar te olharem de cara feia de novo.

Não esperei que ela retrucasse. Antes que tivesse tempo de abrir a boca, dei-lhe as costas e segui ao escritório, para dar alguns telefonemas e verificar como as coisas estavam na empresa.

Não resolvi nem metade do trabalho que me esperava lá. Pouco tempo depois, eu estava acomodado na cabeceira da mesa na sala de jantar, com o almoço servido diante de mim e uma cabisbaixa Ravena sentada à minha direita, comendo sem, em nenhum momento, erguer os olhos para a minha direção, como se minha proximidade a intimidasse e apavorasse.

Quanto mais eu a observava, menos a compreendia. Sua aparência, assim como suas atitudes, expressavam uma inocência genuína, que não condizia com o fato de estar me aplicando um golpe da barriga. Tampouco condizia com a forma como ela se mostrara fogosa e entregue, quando a tomei em meus braços na noite passada.

Outra característica que a tornava um enigma, era que tinha crescido em meio à bandidagem, cometendo crimes como extorsão e roubo e mesmo assim não conseguia revidar as provocações das pessoas que a humilhavam. Tais constatações me levavam a crer

que a vida toda Ravena foi coagida pela mãe a agir de forma hedionda, como fazia comigo.

Aquela velha maldita certamente a obrigara a ir até o clube e transar comigo na noite em que engravidou, o que me tornava ainda mais culpado de ter feito isso com ela e de quase ter repetido na noite passada.

— Sobre ontem à noite... — falei e ela me olhou depressa, com seus olhos lindos arregalados, apreensivos. — Me desculpe pelo que fiz. Não sou o tipo de homem que vai para a cama com uma menina da sua idade. Não quando estou lúcido.

Ela me pareceu confusa e, ao mesmo tempo, surpresa com minhas palavras.

— Não há o que desculpar. Eu queria aquilo tanto quanto você.

A frase curta e direta foi o suficiente para fazer meu pau despertar dentro da calça, ficando duro a ponto de doer. Meu primeiro pensamento foi que ela estava tentando me seduzir para conseguir alguma coisa de mim, dinheiro, talvez. Porém, logo tratei de afastar tal hipótese, já que fui eu quem invadiu o seu quarto e a ataquei como um animal, sem jamais esperar que ela correspondesse de forma tão verdadeira e enlouquecedora.

— Sabe o que eu acho? Que você é uma criança que não tem discernimento nenhum para saber o que quer, principalmente em relação a um homem e acho também que você é coagida pela sua mãe a participar de todas as merdas que vocês praticam.

Como se eu tivesse lhe dirigido uma grande ofensa, ela voltou a ficar cabisbaixa, encarando o prato à sua frente apenas para desviar seu olhar do meu rosto.

— Eu estou certo, Ravena? Aquelas duas megeras obrigam você a aplicar esses golpes nos homens? De quantos homens já te obrigaram a engravidar? Quantos filhos você tem largados por aí?

— Você não sabe de nada — murmurou, entredentes.

— Não pense que eu estou te julgando, porque não estou. Se você se abrir comigo, se confessar que essas duas vêm te explorando, te aliciando, eu posso te ajudar.

— Ninguém pode me ajudar — disse, amargurada.

Meu Deus! Então eu estava certo. Aquelas malditas a usavam, a aliciavam o tempo todo, sem que ela fizesse nada para se defender. Provavelmente cresceu sendo humilhada e pisada naquela casa, explorada e usada, prova disto foi o fato de ter apanhado da mãe no dia em que saiu de casa, quando estavam fazendo as malas. A melhor coisa que fiz foi tirá-la daquele ninho de cobras.

— Eu posso qualquer coisa. Posso mandá-las para a cadeia e te livrar das duas para sempre. É o que você quer?

Ravena não respondeu, apenas continuou comendo, sem levantar os olhos para mim. Eu já havia lido em algum lugar sobre pessoas que conviviam por tanto tempo com seus agressores, que acabavam se tornando emocionalmente dependente deles. Devia ser esse o seu caso, agravado pelo fato de ser filha e irmã daquelas duas.

— Eu sinto muito pelo que fiz a você aquela noite no clube — falei quase sem pensar e ela me olhou espantada. — Não teria acontecido se eu estivesse lúcido.

Ravena ainda abriu a boca, como se fosse dizer algo, mas acabou desistindo. Talvez motivado pelo meu desejo de que fosse

tudo mentira, de que nada acontecera entre nós no clube, esperei que ela confessasse algo diferente, mas não ia acontecer, porque certamente não havia nada diferente dessa verdade a ser dita. Eu realmente havia abusado de uma adolescente e jamais me perdoaria por isto.

Continuamos comendo em silêncio o guisado de frango com brócolis. Estávamos quase terminando quando Rosilene avançou pela sala, pronta para recolher os pratos.

Bastou que eu olhasse no rosto da velha mulher para me lembrar da cena que presenciara na cozinha e a raiva pipocou quente em minhas veias. Eu devia ter demitido todas elas, isso sim.

— Rosilene, pergunte à senhorita Ravena o que ela gostaria de comer na sobremesa — ordenei, firme e autoritário.

Esperei que a mulher pelo menos olhasse de cara feia para Ravena, para demiti-la ali mesmo, no entanto ela foi esperta e se aproximou de cabeça baixa e orelhas murchas.

— O que gostaria de comer na sobremesa, senhorita Ravena?

Com aquele seu jeito tão submisso que, às vezes, chegava a irritar, Ravena ia abrir a boca para dizer que não precisava, mas antes que tivesse tempo lancei-lhe um olhar severo e ela entendeu que precisava mudar sua atitude. Então, ergueu a cabeça e se dirigiu à mulher com a devida altivez.

— Quais são as opções? — indagou.

— Salada de frutas e pudim de chocolate.

— Traga a salada de frutas e não se esqueça de acrescentar leite condensado.

— Sim, senhora. — Humilde, a governanta se virou para mim. — E o senhor, o que vai querer?

— O mesmo que ela.

— Certo. Com licença.

Rosilene deixou a sala e voltei a olhar para Ravena.

— Tá vendo? Não é tão difícil.

Em resposta, ela me deu o mais lindo dos sorrisos, fazendo meu pau soltar um espasmo dentro da calça.

"*Adriel, ela é só uma menina que passou a vida toda sendo explorada, cara. Se controla*", falei para mim mesmo.

— Quero te pedir uma coisa — disse Ravena.

— Peça.

— Minha amiga Marina pode vir aqui me visitar?

— Claro. Quando quiser. — De acordo com as informações que eu havia coletado sobre sua vida, Marina era sua melhor amiga, com quem convivia na escola e no trabalho. Talvez lhe faria bem tê-la como companhia em casa, enquanto estivesse aqui. — Pergunta se ela não quer trabalhar aqui, no lugar da imbecil que acabei de demitir. Tenho certeza de que o salário que pago é muito maior do que o que ela ganha na lanchonete e assim vocês passam mais tempo juntas.

— Vou perguntar. Obrigada.

Ravena sorriu ainda mais amplamente, mostrando-se não apenas feliz com a novidade, mas exultante, o que na mesma hora me levou a desconfiar que estava tramando algo em cumplicidade com Marina: certamente fugir com meu filho, levá-lo para longe de mim. E quem podia culpá-la? No lugar dela, eu já estaria do outro lado do país. Só que era do meu filho que estávamos falando e, pelo

visto, ela ainda não havia entendido com quem estava se metendo. Eu jamais permitiria que o levasse para longe.

— Só tome cuidado com o que trama com sua amiga. Não cometa o erro de tentar levar essa criança para longe de mim.

Sua face empalideceu, seus olhos lindos se arregalaram de espanto, o que confirmou que eu estava certo sobre seus planos.

Maldita!

— Eu não faria isso.

— Pode apostar que não.

Algo em meu olhar pareceu a amedrontar a ponto de o pavor se estampar na sua expressão e fiquei satisfeito, pois esse medo a inibiria de tentar fugir, embora não fosse o bastante para convencê-la a desistir. Assim era a maioria das mães, sempre tentando ficar com sua cria. Só que essa criança era minha e nada do que Ravena, ou qualquer outra pessoa fizesse, poderia mudar isso.

— E o bebê, como está? — indaguei.

— Acho que bem. Preciso arranjar um médico para acompanhar a gestação, fazer um pré-natal.

— Eu cuido disso.

— Está bem.

***

Não consegui concretizar meu plano de tirar o dia de folga, de modo que, depois do almoço, fiz uma reunião on-line com meus advogados e engenheiros. Como todos eles sabiam que meu verdadeiro objetivo ao construir o oleoduto era destruir Arnaldo Brandão, coloquei-os a par de sua chantagem, buscando uma

possível solução para o problema e acabamos chegando ao consenso de que a decisão mais sensata a ser tomada naquele momento seria esperar que Ravena atingisse a maioridade antes de concluirmos a obra, o que aconteceria em menos de dois meses, pois assim, mesmo que aquele inseto falasse com a imprensa sobre a gravidez, sendo ela maior de idade, o escândalo seria amenizado e reduziria o risco do governo cancelar nossa permissão.

Passar quase dois meses a mais naquela maldita cidade estava fora de cogitação. Eu precisava me dedicar a outro projeto durante esse tempo, até porque assim aquele inseto acharia que eu havia desistido de passar por cima da casa dele e relaxaria, me poupando de um possível contra-ataque. Eu ainda não sabia ao que me dedicaria, talvez a um gasoduto que já se encontrava em andamento na Austrália. Sabia apenas que precisava levar Ravena comigo, para que ela e o bebê estivessem seguros.

Fazia pouco tempo que eu havia encerrado a reunião, quando Rosilene bateu à porta para avisar que eu tinha uma visita. Era Silvana, filha de Arnaldo com sua falecida esposa, minha meia-irmã.

— Pode mandar entrar — ordenei.

Logo em seguida Silvana avançou pelo recinto, esbanjando sensualidade, como sempre fazia quando nos encontrávamos.

Naquela tarde usava um vestido curto e colado da mesma cor de sua pele morena, seus densos cabelos castanho-claros caíam sobre ombros e sua boca estava pintada de vermelho. Vivia flertando comigo, sem ter ideia de que éramos irmãos, de que nosso maldito pai deixava sua mãe dormindo no quarto e se mudava para

a cama da minha mãe, a cozinheira da fazenda, na calada da madrugada, sem que ninguém desconfiasse de nada.

— Adriel, há quanto tempo! Como você está? — indagou com aquele tom de voz frágil, que me parecia forçado.

Desde que comecei a construção do oleoduto, ela me visitava periodicamente, me implorando, tentando me fazer desistir dos meus planos, ao mesmo tempo que tentava me seduzir, sem que eu soubesse se era mais uma forma de tentar me persuadir.

Definitivamente era o cúmulo da falta de dignidade dar em cima de um homem que havia acabado com tudo o que ela tinha.

— Estou bem, como sempre. Sente-se. O que a traz aqui?

Agindo como toda mulher que se joga para cima de um homem, ela levou a mão à boca e deixou-a cair lentamente sobre as partes mais femininas do seu corpo, em um gesto falsamente espontâneo, tentando atrair a minha atenção para os seus atributos, enquanto acomodava-se à cadeira do outro lado da mesa.

— Fiquei sabendo que você foi até a fazenda ontem.

— Sim. Fui falar com o verme do seu pai.

Ela fechou os olhos por um instante, como se reprimisse o desgosto de me ouvir referir-me ao maldito de forma pejorativa.

— O que disse a ele?

— Não tenho certeza se o assunto é da sua conta.

— Eu não estou aqui porque quero me meter em seja lá o que existe entre vocês dois. Vim porque meu pai passou mal logo depois da sua visita, teve uma alta de pressão absurda, quase foi parar no hospital. — Suas palavras não conseguiram me comover. — Tem a ver com o oleoduto, não é?

— Sempre tem. É esse o motivo pelo qual estou na cidade.

— Você já destruiu todas as nossas plantações, já tirou todas as nossas terras com esse projeto. O que ainda pode querer de nós?

— Quero tudo. Demolir a casa para passar com o oleoduto por cima daquele maldito lugar.

Silvana fitou-me atônita, com seu queixo caindo de pura perplexidade.

— Então foi isso que você disse a ele? — Sem esperar que eu respondesse, continuou falando: — Mas por que tanta maldade? Eu não entendo! Sei que o vício em jogo do meu pai contribuiu para nos arruinar, para que perdêssemos tudo o que tínhamos, mas você está nos destruindo desde que colocou os pés de volta em Santa Clara. Agora quer tirar também nossa casa? O que fizemos a você?

— Como eu já te disse, você não fez nada, foi ele. E nem queira saber o quê. Agradeça a Deus por eu deixar que ele ainda esteja vivo, pois nem isso ele merece.

Ela fez aquela expressão sofrida que sempre me mostrava quando falávamos sobre seu pai, como sempre tentando me comover e me convencer a recuar, mas sem conseguir.

— Deve ter sido horrível o que ele fez e nem quero saber. Mas eu te imploro, em nome da amizade que tínhamos quando éramos crianças, nos deixe ficar com pelo menos a casa. Eu estou trabalhando como professora em uma escola da cidade, posso sustentar a mim e ao meu pai com esse salário, mas sem a casa, não teremos para onde ir. Por favor, não nos faça ir morar na rua. Tenha compaixão.

As lágrimas marejaram seus olhos e tentei sentir alguma compaixão, porém dentro de mim só existia espaço para o ódio que

se acumulava desde que eu tinha dez anos, nenhum outro sentimento encontrava lugar em meu peito.

— Não, Silvana. Eu quero aquela casa no chão, quero aquele maldito na rua da amargura.

Cogitei dizer-lhe que ela teria dois meses para arranjar outro lugar para morar, mas com isto aquele velho saberia que eu estava esperando para agir e articularia outro plano para tentar me deter. Ele precisava pensar que eu havia desistido.

— Eu nem sei por que ainda tento falar com você. Você está tão cego de ódio, que não enxerga o tamanho do mal que está fazendo.

— Na verdade, eu enxergo e faço esse mal porque quero.

— Como pode fazer isso comigo? Nós éramos amigos quando criança.

E era verdade. Éramos inseparáveis, mesmo sem sabermos que tínhamos o mesmo pai.

— Isso já faz muito tempo.

— Para mim, o tempo não passou. Sempre o mantive no meu coração durante esses anos, como era antes.

— Já faz muito tempo que deixei de ser a criança inocente que você conheceu. Não espere compaixão da minha parte porque brincávamos juntos naquela época.

Com a angústia estampada em sua fisionomia, ela apertou os olhos com força e voltou a fixá-los em mim.

— Eu nunca te esqueci e sempre vou tentar resgatar a pessoa boa que você era. Ninguém pode mudar tanto. Tenho certeza de que o garoto que um dia eu amei ainda está aí dentro e vou trazê-lo de volta.

— Nem perca seu tempo tentando.

Ela colocou-se de pé.

— Preciso ir. Obrigada por me receber. Espero que logo voltemos a nos falar.

— Eu te acompanho até a porta.

Deixamos o escritório, ela andando na frente, rebolando a bunda empinada dentro do vestido curto, eu a seguindo de perto. Na sala, nos deparamos com Ravena e Marina espichadas em um sofá, comendo pipoca e tomando refrigerante enquanto assistiam a um filme de terror na tevê. Pareciam o que realmente eram: duas adolescentes despreocupadas, que se empertigaram assim que nos aproximamos, como se tivessem sido flagradas fazendo alguma coisa errada.

— Então você realmente engravidou essa menina e a trouxe para morar aqui? — disse Silvana, com um tom de julgamento que me irritou.

Como a cidade era pequena e todos se conheciam, ela mirou seus olhos direto na garota certa.

— É o que parece — falei. — Ravena, essa é Silvana Brandão. Silvana, essa é Ravena.

— Nos conhecemos de vista — disse Ravena, com aquele seu jeito tímido e meigo. — Como vai, Silvana?

— Pelo visto, não tão bem quanto você.

Em resposta à provocação da outra, Ravena apenas desviou seu olhar para o chão, em uma atitude que me irritou. *Quando ela ia aprender a mandar todo mundo que a enchesse o saco ir tomar no cu?*

— Vamos indo, Silvana. Tenho mais o que fazer. — Fui áspero a ponto de deixá-la sem graça e seguimos rumo à saída.

Após acompanhá-la até seu carro, voltei e encontrei as duas adolescentes na sala, empertigadas, com a televisão desligada, parecendo igualmente nervosas, como crianças que precisavam dar satisfação de algo ao pai.

Marina tinha mais ou menos a mesma idade que Ravena, embora possuísse um estilo bem diferente, com os cabelos escorridos pintados de vermelho, os olhos castanhos carregados de uma maquiagem escura e um *piercing* pendurado no nariz.

Não parecia o tipo de garota que se intimidava facilmente, mas ainda assim Ravena precisou dar uma cutucada de ombro nela, para que me dirigisse a palavra.

— Senhor Adriel, Ravena me falou sobre sua proposta de eu vir trabalhar aqui e quero dizer que aceito, desde que receba o mesmo salário da empregada que saiu.

— Claro, o salário é o mesmo. Quando você pode começar?

A garota abriu um sorriso exultante. Devia receber uma miséria na lanchonete, ou apenas estava feliz em poder estar perto da amiga por mais tempo e tramarem uma fuga com meu filho. Eu só podia lamentar pelas duas se tentassem uma merda dessa.

— Amanhã mesmo. Alguma recomendação?

— Não. Apenas fale com Rosilene e siga as instruções dela.

Como se meus olhos fossem puxados contra a minha vontade, os direcionei para Ravena, contemplando a feminilidade delicada dos seus traços, a luminosidade incrível do azul das suas íris. Nos encaramos durante um longo momento de silêncio e, em seguida, deixei as duas, voltando ao escritório.

CAPÍTULO 14

RAVENA

— Menina, que encarada foi essa entre vocês? — indagou Marina, com seu jeito irreverente de sempre.

Eu ainda não tivera coragem de contar a ela sobre o que aconteceu na noite passada, quando Adriel invadiu o meu quarto e me atacou, primeiro com fúria, depois com paixão, me tomando em seus braços, quase me fazendo sua.

Desde então, eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser em tudo o que senti, no gosto daquela boca, na força daqueles braços.

Meu Deus! Eu não sabia o que estava acontecendo comigo. No mínimo devia estar enlouquecendo. O correto seria odiar esse homem, por ameaçar tirar o meu filho, por me forçar a morar na casa dele, muito embora a experiência de morar lá não estivesse sendo de todo ruim.

Desde ontem, depois que ele demitiu a empregada, as outras duas só faltavam lamber o chão que eu pisava, tamanha era a bajulação. Não que curtisse ser bajulada, mas era bom ser respeitada, para variar.

Apesar de ter crescido em uma casa frequentada por todo tipo de homem, dos mais pervertidos aos mais recatados, jamais consegui me sentir atraída por nenhum deles, pelo contrário, o assédio constante me causava nojo.

Com Adriel, no entanto, bastava que eu o olhasse, ou que fechasse os olhos e pensasse nele, para que meu coração batesse descompassado.

Eu o desejava com uma intensidade que jamais imaginei ser possível; e o pior nisso, era que ele não queria nada comigo, nem mesmo uma foda sem compromisso, porque me considerava uma criança. Além disso, carregava um peso enorme em sua consciência, por acreditar que havia transado comigo no clube.

Às vezes, eu tinha vontade de contar-lhe toda a verdade, apenas para que ele não se sentisse tão culpado, contudo, eu sabia que se o fizesse, minha mãe não mediria esforços para acabar com a minha raça. Eu a conhecia o suficiente para ter certeza de que não descansaria até me fazer em picadinho, se eu traísse sua confiança.

Se eu tivesse que contar tudo a Adriel, seria pouco antes de partir. Talvez lhe deixasse uma carta narrando todos os acontecimentos.

— Não teve encarada nenhuma. Você está vendo coisas — menti, tentando desviar a atenção de Marina do assunto.

Mas ela me conhecia bem o suficiente para identificar quando eu estava escondendo algo. Era inútil tentar.

— Não estou não. Rolou o maior clima entre vocês. Pode me contar agora mesmo o que está me escondendo.

— Eita, mas você não desiste!

— Não mesmo.

— Vamos pro meu quarto. Não quero ninguém nos ouvindo.

A levei para o imenso aposento onde dormia no segundo andar e contei-lhe tudo, a forma como aquele homem me fez sentir em seus braços, o quanto eu o queria, o peso na consciência que ele carregava por acreditar que havia me molestado no clube.

— Se você contar a verdade a ele, sobre o que aconteceu na noite em que engravidou, talvez a gente nem precise fugir — disse Marina, após me ouvir atentamente. — Ele pode nos levar pra São Paulo, quando voltar a morar lá, pode nos dar emprego e casa, porque afinal você será a mãe do filho dele. Não vai nos deixar desamparadas.

— Pelo amor de Deus, você está falando igual a minha mãe, esperando algo de bom desse homem, quando tudo o que ele tem a oferecer é maldade. Nada disso. A gente precisa fugir o quanto antes.

Não era porque eu sentia essa atração descabida por Adriel que ia esquecer o quanto ele era cruel, insensível e demoníaco, capaz de tudo para destruir quem o afrontasse.

— Ele não deve ser tão ruim assim. Você mesmo disse que ficou louca quando ele te beijou.

Essa parte era verdade.

— Aí é que está o problema, eu fiquei louca, mas ele não ficou. Praticamente saiu correndo do quarto e não voltou a chegar perto de mim.

— Porque você se veste e age como uma menininha. — Gesticulou na direção do moletom folgado, cor-de-rosa, que eu usava. — Me deixa mudar seu visual, te transformar numa mulher sexy pra você ver se ele resiste.

— Passei minha vida inteira ouvindo esse tipo de comentário, sobre Scarlet estar sexy o suficiente pra ludibriar as vítimas dela. Não é o que quero pra mim.

— Mas nesse caso é diferente. O homem por quem você está lutando é o pai do seu filho. O que você vai ganhar com isso é o

direito de vê-lo crescer, de perto.

— Esquece, Marina. Adriel nunca vai querer nada sério comigo, ou algo diferente disso. E se ele me quisesse mesmo, teria que me aceitar do jeito que sou. Não vou mudar por causa de um homem.

Marina revirou os olhos, discordando da minha opinião, mas não voltou a refutá-la.

No dia seguinte, ela mudou-se para a casa de Adriel e começou a trabalhar na parte da limpeza, pelo menos teoricamente. Na semana que se seguiu, nos tornamos mais inseparáveis do que nunca. Vínhamos juntas da escola todos os dias, no carro com motorista e passávamos praticamente a tarde toda jogando conversa fora, assistindo séries ou acessando a internet. Trabalhar mesmo era o que ela menos fazia.

Contratá-la foi a melhor coisa que Adriel já fizera, pois assim finalmente ela conseguiu se livrar do pesadelo que eram sua mãe alcoólatra e o seu padrasto abusivo. Embora ela dormisse na ala dos empregados, no primeiro andar, a certeza de que estava na casa me trazia uma reconfortante sensação de segurança e paz.

Na tarde de uma quinta-feira, penúltimo dia de aula, como sempre estávamos no meu quarto, espichadas na cama enorme, desta vez falando sobre a festa de formatura que aconteceria na escola.

Como vinha sendo nos últimos dias, Marina tentava me convencer a ir junto com ela e o carinha com quem estava saindo, já que ninguém havia me convidado. Só que me enfiar no meio de dezenas de pessoas que me discriminavam e desprezavam, durante toda uma noite, não era exatamente o meu conceito de diversão.

— Você estará comigo e Matheus o tempo todo. Ninguém vai ousar mexer com você — insistia ela.

— Se as pessoas dessa cidade já me olham de cara feia dentro da escola, estando sóbrias, imagina o que vão fazer estando bêbadas e em uma festa.

— Nós vamos cuidar de você. Matheus é lutador de boxe iniciante. Vai dar uma surra em qualquer um que se meter com a gente.

— Não quero causar mal-estar, estragar a diversão de vocês.

— Minha diversão só será estragada se minha melhor amiga não estiver lá.

Nesse instante, houve uma batida firme na porta do quarto e, antes que tivéssemos tempo de perguntar quem era, esta se abriu e Adriel entrou, avançando pelo recinto. Sua beleza inigualável enchia meus olhos, aquela masculinidade crua, meio bruta, que ele exprimia, me fascinava e excitava na mesma medida em que me intimidava.

Ambas nos levantamos da cama depressa, tensas, e quando meus olhos encontraram os dele, senti aquele impacto por dentro. Meus sentidos pareciam mais aguçados, com o sangue fluindo mais quente nas minhas veias.

— Senhor Adriel, eu já estava descendo para continuar o trabalho. Só vim aqui rapidinho falar com Ravena — disse Marina, completamente nervosa.

Ela era uma das pessoas mais destemidas que eu conhecia, mas na presença de Adriel ficava tão amedrontada quanto eu.

— Não foi por isso que vim aqui — disse Adriel, com sua voz grossa enchendo o ambiente, reverberando pelo meu corpo, soando

tão máscula, que provocou um calor estranho na altura do meu ventre. — Ravena, tenho negócios na Austrália na próxima semana e quero que venha comigo.

Ele não convidou, determinou, deixando claro que minha recusa não seria uma opção e a possibilidade de viajar para um país tão distante me deixou atônita.

— A-Austrália? M-mas eu nem tenho um passaporte.

— Isso não é problema. Pode ser providenciado.

— Sou menor de idade. Não posso viajar sem autorização da minha mãe.

— Isso já foi resolvido. Comprei a autorização dela. Mais alguma objeção?

Eu o fitei aturdida, sem conseguir acreditar, ou mesmo saber o que pensar.

— Acho que não.

Ele observou-me durante um instante de silêncio, parecendo reflexivo. Então voltou seu olhar para uma petrificada Marina.

— Você gostaria de vir com a gente? — indagou e Marina quase deu um pulo de euforia.

— Sério? Eu? Mas é claro que quero. Ai, meu Deus, nem acredito que vou andar de avião e conhecer outro país!

— Vou precisar da autorização dos seus pais?

— Não. Eu já tenho dezoito — informou, orgulhosa.

— Ótimo. Partiremos na segunda-feira. Tenham certeza de que tudo estará resolvido na escola antes de irmos, pois só voltaremos daqui a um mês. — Ele sacou sua carteira do bolso do terno e tirou um cartão de crédito, estendendo-o para mim, sem que eu recebesse. — Comprem o que precisarem para a viagem, roupas

e essas coisas, lembrando que lá faz frio à noite, mas é quente durante o dia.

Sem perder tempo, Marina tomou a frente e recebeu o cartão da mão dele.

— Pode deixar com a gente. Adoramos fazer compras.

— Ótimo.

Dito isto, Adriel me direcionou um olhar demorado, sem que eu conseguisse decifrar sua expressão enigmática e, em seguida, deixou o quarto.

Assim que a porta foi batida por fora, Marina se virou para mim e soltou um grito alto, agudo e longo, tamanha era sua euforia.

— Por que diabos você não está surtando? A gente vai conhecer a Austrália, porra! Vamos visitar todas as praias maneiras que tem lá, ver corrida de cangurus, andar de avião e, de quebra, ainda comprar vestidos maneiros para a festa de formatura.

— Deve haver algum motivo pra ele nos levar nessa viagem. Será que desconfiou que estamos tramando fugir e vai nos aprisionar lá até a criança nascer?

Lentamente, o sorriso de Marina foi se desfazendo e toda a empolgação se esvaindo da sua fisionomia.

— Nossa! Você sabe como acabar com a alegria de um ser humano.

— Temos que ser realistas.

— Mas é lógico que ele não está tramando nada. Você o ouviu dizendo que estaremos de volta dentro de um mês. Se findar esse tempo e ainda estivermos lá, aí a gente começa a se preocupar.

— Aí pode ser tarde.

— Que nada. A Austrália é cheia de polícia, qualquer coisa nós dizemos que fomos sequestradas e pedimos pra sermos mandadas de volta. É até melhor porque já aproveitamos e fugimos do aeroporto mesmo.

Ela estava certa. Se Adriel tentasse nos manter presas lá, teríamos muito mais possibilidade de fugirmos dele do que estando em Santa Clara.

Com a constatação em mente, abri um sorriso e Marina me abraçou animada.

— É isso aí, garota, vamos nos divertir. E por falar em diversão, precisamos ir às compras — completou, sacudindo o cartão de crédito no ar.

Descobrir que o cartão que Adriel nos dera não tinha limites, foi quase como acertar na loteria, para Marina. Como eu tinha permissão de sair de casa apenas com o motorista, que também se parecia com um segurança, ela insistiu até o convencer a nos levar a Belize, a cidade vizinha, onde ninguém me conhecia, para fazermos compras.

Confesso que me diverti como em poucas ocasiões na minha vida, percorrendo o grande shopping center, estando em meio a centenas de pessoas, sem que nenhuma delas me olhasse de cara feia, ou me jogasse piadinhas.

Com o segurança/motorista nos seguindo para onde quer que fôssemos, mas sem nos atrapalhar, compramos praticamente o shopping inteiro, pelo menos no que se referia a roupas. Os biquínis e saídas de praia, para usarmos na Austrália, foram os que mais se destacaram, pelo menos no que se referia à quantidade. Compramos também roupas de frio, de calor, todos os tipos de

calçados e acessórios, passamos no salão para fazer as unhas e arrumar o cabelo e, por fim, compramos os vestidos para a festa de formatura da escola, os mais lindos e caros que encontramos.

Já era noite e ainda estávamos envolvidas com as compras, quando recebi uma mensagem de Adriel avisando que eu precisava procurar um restaurante e comer alguma coisa por causa do bebê. Achei estranho que ele soubesse que eu ainda não tinha comido nada, desde que saí de casa. Na certa, estava se comunicando com o motorista/informante e acompanhando todos os meus passos. E mais estranho ainda era a preocupação dele com essa criança. Embora fosse seu filho, Adriel me parecia incapaz de amar alguém.

Não voltei a vê-lo naquele dia e nem no dia seguinte, quando Marina e eu nos despedimos definitivamente da escola e do Ensino Médio, um grande passo dado em direção ao futuro que almejávamos ter bem longe daquela cidade.

***

No sábado à noite, Marina e eu estávamos prontas para ir à festa da escola, usando os vestidos novos. O meu era nude, com pequenos brilhos de lantejoulas, ombro cortado transpassado, fenda bodycon que partia do busto e despontava no sentido lateral, quase encontrando a fenda da saia colada, que subia até o ápice da coxa. Como minha barriga ainda não aparecia e meus seios estavam ligeiramente maiores, devido à gravidez, havia me deixado sexy como jamais estive.

Foi otimismo da minha parte acreditar que o tirano me deixaria ir a essa festa. Tão logo alcançamos os portões da casa,

fomos barradas pelos seguranças e nem mesmo quando telefonei para ele, explicando que era uma festa da escola, me deu permissão para ir.

— Você não tem o direito de me impedir de sair! — esbravejei, furiosa, ainda no portão, falando com Adriel ao celular. — Você não é meu dono!

— *Não se esqueça de que sua mãe assinou um documento tornando-me seu responsável legal, com plenos poderes sobre você, até que complete dezoito anos. E mesmo que não tivesse assinado, eu não te deixaria ir a uma festa, passar sono e ingerir bebidas alcoólicas, enquanto está grávida do meu filho.*

— Eu não vou beber e nem passar sono. Voltaremos cedo. Antes de meia-noite.

— *Eu já disse que não! Volte para o seu quarto e vá dormir!* — vociferou e encerrou a ligação, desligando na minha cara.

Droga!

Furiosa, coloquei o celular na frente do meu rosto e, como se estivesse falando com aquele cavalo, esbravejei:

— Vai pro inferno, seu tirano de merda!

— Mas que absurdo. Ele não tem o direito de te impedir de sair — disse Marina.

— Não tem, mas faz. Melhor você ir sozinha. Vou ter que ficar.

— De jeito nenhum. Venha, vou falar com esse tirano. Quero ver se ele te deixa sair, ou não.

Marina segurou-me pela mão e saiu me puxando rumo à casa, obstinada, determinada a confrontar Adriel, enquanto eu era

tomada pela certeza de que seus esforços seriam em vão. Aquele homem era um déspota e irredutível.

Como ele passava a maior parte do tempo no seu escritório, foi para lá que ela nos conduziu, de queixo erguido e punhos cerrados, pronta para enfrentá-lo. No entanto, sua obstinação só durou até entramos no cômodo e nos depararmos com o homem grande, forte e com cara de mau, sentado atrás da sua mesa, usando uma camiseta de malha que deixava seus braços musculosos à mostra e ressaltava os músculos bem definidos do seu peito.

— O que vocês querem aqui?! — exaltou-se ele, ríspido como sempre, erguendo seu olhar de alguns papéis e nos fuzilando com uma frieza mortal.

— R-Ravena quer falar com o senhor — gaguejou Marina, escondendo-se atrás de mim.

Covarde!

Sem outra opção, ergui o meu queixo e me aproximei alguns passos. Seus olhos azuis perolados, gelados como a morte, foram descendo lentamente pelo meu corpo, examinando minuciosamente cada detalhe das minhas curvas, reveladas através do vestido colado. À medida que assumiam um brilho diferente, uma expressão de puro fogo atiçava algo dentro de mim, me abalando a ponto de acelerar as batidas do meu coração e fazer meu sangue fluir mais quente nas veias.

Por Deus! O que aquele cafajeste tinha, que mexia tanto assim comigo? Eu não conseguia entender.

— Eu vou a essa festa e você não pode fazer nada para me impedir. — Consegui falar, com a firmeza almejada.

Seus olhos subiram e encontraram os meus, fuzilando-me com aquele fervor intenso que me impactava, me tirava dos eixos e me deixava completamente desnorteada.

— O que pretende com isto, arranjar uma conquista enquanto carrega meu filho no ventre? Pode esquecer!

Suas palavras conseguiram acender a raiva em minhas entranhas.

— É uma festa de escola, seu idiota! Onde estarão todas as pessoas dessa cidade que me detestam e me julgam, exatamente como você está fazendo! — Seu olhar ficou ligeiramente surpreso. — De uma coisa você pode ter certeza: não estou nem um pouco interessada em uma conquista amorosa. Só quero comemorar esse grande passo em minha vida, que é concluir o Ensino Médio.

Pela primeira vez desde que o conheci, vi Adriel baixar a guarda, encolhendo ligeiramente os ombros, embora sua fisionomia continuasse dura como a de um carrasco.

— Concordo que seja um momento único e que mereça ser comemorado. Já que não posso impedi-la de ir, vou levar vocês, apenas para garantir que essa criança estará segura, sem que você beba ou passe sono. — Ele se levantou e se dirigiu para a porta. — Esperem um instante enquanto troco de roupa.

Adriel deixou a sala e tanto Marina quanto eu ficamos ali petrificadas, mudas, sem palavras. Eu nem sabia o que pensar sobre ele nos acompanhar a essa festa, um homem adulto se misturando com um bando de estudantes. No mínimo, ia ficar entediado em dez minutos e insistir para que voltássemos, o que não me parecia de todo ruim.

— É isso aí, garota. Você mandou ver — disse Marina e a encarei furiosa por ter se acovardado e deixado que sobrasse para mim falar com o tirano.

— Grande coisa ir a uma festa acompanhada de um cara, que acha que pode mandar em mim.

— Mas, pelo menos, a gente vai. Agora para de reclamar e vamos sair daqui.

Pouco tempo despois, nós duas estávamos acomodadas no banco de trás do luxuoso carro conduzido pelo motorista, indo em direção à escola. Sentado ao lado do motorista, sério e sisudo como sempre, Adriel com certeza se tornaria a atração da noite, pois deixaria os outros caras no chinelo.

Não existia outro homem naquela escola, ou naquela cidade, cuja beleza se comparava à dele. O sujeito era um tirano, cruel e sem coração, mas sabia como ser lindo e charmoso. Usava uma camisa de seda cor de beterraba, com as mangas compridas enroladas até os cotovelos, cuja barra se encontrava despojadamente jogada por cima do cós da calça jeans desbotada. Era a primeira vez que eu o via usando jeans, com seus cabelos curtos ligeiramente bagunçados, sem nada deixar a desejar aos garotos da minha idade. Pelo contrário, ele conseguia ser inacreditavelmente mais atraente, mais másculo, de um jeito meio selvagem, incrivelmente masculino, quase agressivo.

Durante o trajeto paramos para apanhar Matheus, o acompanhante de Marina, que se acomodou ao lado dela no assento, cumprimentando educadamente Adriel, mas sem obter uma resposta.

A festa já havia começado quando chegamos e parecia mais animada do que eu esperava, com as músicas eletrônicas, conduzidas por um DJ, tocando em um volume ensurdecedor.

Praticamente todos os alunos estavam lá, além de alguns professores. As bebidas eram distribuídas gratuitamente, principalmente refrigerantes e algumas poucas latinhas de cerveja.

Como eu já esperava, por onde passávamos as pessoas iam virando a cara, ou torcendo o nariz em minha direção, como se não esperassem que eu estivesse ali, como se não me considerassem digna de estar entre elas, agindo de forma ainda mais cruel do que na escola. Porém, como era algo com o que eu já estava acostumada, não liguei muito, embora no fundo desejasse que as coisas fossem diferentes.

Tão logo entramos, indo direto para a quadra de esportes, que se transformara em uma imensa pista de dança, Adriel desapareceu de nossas vistas – embora eu tivesse certeza de que nos observava de longe –, enquanto Marina, Matheus e eu caímos na dança, agitando-nos freneticamente ao sabor dos remixes animados.

CAPÍTULO 15

RAVENA

Estando entre Marina e Matheus, eu me sentia, de certa forma, protegida da hostilidade gerada pelo preconceito das outras pessoas, então simplesmente decidi não me importar com elas e assim comecei a me divertir como fiz em pouquíssimas ocasiões ao longo da minha existência, dançando, tomando refrigerantes, comendo petiscos e tirando *selfies* engraçadas.

No entanto, logo chegou o momento que me desestimulava a ir às festas, aquele em que eram tocadas músicas românticas e os casais se juntavam na pista para dançar. Ninguém nunca me chamava para dançar, com vergonha, com receio de que alguém pensasse que estava se envolvendo com a filha da maior vigarista da cidade. E naquela noite não foi diferente.

Marina ainda se ofereceu para ficar comigo, mas insisti que fosse dançar com seu ficante, pois não queria que deixasse de se divertir por minha causa e, como sempre, fui me sentar em um canto, sentindo-me dolorosamente excluída, rejeitada.

Bruno, um carinha com quem quase namorei no nono ano, ainda chegou perto de mim, como se pretendesse me convidar para a dança, mas acabou mudando de ideia e se afastando. Ele fora o mais próximo que eu tive de um namorado. Chegamos a sair juntos duas vezes, antes dos amigos dele descobrirem e começarem a debochar por ele estar cogitando assumir um relacionamento sério com uma golpista vigarista e, após tentar transar comigo, apenas para mostrar aos outros que só queria aquilo e não continuar sendo motivo de chacota, acabou se afastando de vez.

Sem Marina e Matheus por perto, os olhares hostis, risinhos de deboche e piadinhas jogadas pelas pessoas eram ainda piores, mais evidentes. Uma menina que dançava agarrada ao namorado, próximo aonde eu estava, chegou a cuspir na minha direção, quase me acertando, o que me fez me encolher ainda mais e só não fui embora porque prometi esperar por Marina e prometi a mim mesma que jamais deixaria esse tipo de coisa me afetar. Eu era mais do que isso.

A primeira música lenta encerrou e outra melodia romântica se iniciou. Os casais continuaram se embalando na pista. Como se, de alguma forma, isso as fizesse se sentir melhores, ou mais importantes, as pessoas faziam questão de me atacar, jogando piadinhas, sorrindo sem nem mais disfarçar que era de mim. Eu estava prestes a sair correndo dali, quando enxerguei Adriel vindo em minha direção, abrindo passagem entre as pessoas, atraindo o olhar de todos por quem passava.

Quase cavei um buraco e me enterrei, a fim de fugir da imensa vergonha que senti por ele presenciar minha humilhação. Eu podia apostar como ia jogar na minha cara que eu merecia aquilo, por ter teimado com ele quando tentou me impedir de vir a essa festa.

— Já faz tempo que não danço, nem sei se ainda me lembro dos passos. Mas você gostaria de arriscar ter seus pés pisados por mim? — disse ele e fitei-o perplexa.

Era sério? Ele estava mesmo me convidando para dançar?

— Você quer dançar comigo? — indaguei, apenas para ter certeza de que não havia entendido errado.

— É o que estou propondo.

Ele estendeu-me sua mão e não consegui conter o riso que fez meus lábios se dobrarem quando a segurei, aceitando o convite.

Enquanto caminhávamos de mãos dadas rumo ao centro da pista, em meio aos dançarinos, não houve um só olhar que não tenha se voltado em nossa direção. Alguns casais chegaram a interromper a dança para nos observar; alguns abismados, outros apenas curiosos.

O que não era de se estranhar, pois nenhuma outra pessoa ali se comparava a Adriel e isso nada tinha a ver com a sua idade, mas com sua postura e aparência. Sem sombra de dúvida, ele era o cara mais bonito ali dentro, dono de um charme irresistível, de uma masculinidade única. Exprimia uma aura de segurança, de poder e altivez, que fazia parecer que todos os outros eram seus súditos, reles criados que só existiam para servi-lo. Aqueles moleques jamais saberiam o que era ser um homem como ele e as garotas jamais teriam a sorte de conhecer a força e o calor daqueles braços.

Tudo dentro de mim se agitou quando Adriel passou os braços em volta da minha cintura e me puxou para junto do seu corpo. Meu coração assumiu um ritmo acelerado, um calor desconhecido e impaciente desceu pelas minhas veias e se instalou na altura do meu ventre, o que conseguiu piorar quando meus seios foram pressionados contra seu peito forte, sólido como uma rocha.

Inebriada com o cheiro delicioso que partia dele – uma mistura de perfume caro com suor masculino –, fechei os olhos e entreguei-me às sensações que me invadiram, ignorando todo o resto, esquecendo a existência da multidão à nossa volta.

Todo o meu mundo se resumiu à força e ao calor daqueles braços, à solidez rochosa daquele corpo de encontro ao meu,

moldando-me a ele, transmitindo-me uma segurança inigualável, ao mesmo tempo que me deixava meio perdida.

Passando os braços em volta do seu pescoço, eu me colei ainda mais a ele, pressionando minha delicadeza na sua robustez, sentindo-me frágil e pequena em comparação a ele, quase dependente de si.

Hesitantes, suas mãos grandes desceram pelas minhas costas e seus braços me apertaram ainda mais forte, fazendo com que tudo dentro de mim se agitasse ainda mais. Um desejo escaldante, completamente desconhecido, tomou conta de tudo, fazendo algo pulsar e molhar entre minhas pernas.

— Você cheira tão bem — sussurrou Adriel, perto do meu ouvido, sua voz jamais me pareceu tão gentil, rouca e grossa.

— Você também — murmurei.

Ele ergueu seu rosto e fitou-me diretamente nos olhos. Uma pontada suplicante se manifestou entre minhas pernas quando me deparei com aquele fervor incomparável no brilho da sua expressão e instintivamente umedeci meus lábios, enquanto meu olhar descia para a sua boca lindamente desenhada em meio à barba escura.

— Você não devia permitir que esses idiotas tirem sarro da sua cara — disse ele e a vergonha me bombardeou.

— Eu não ligo. Não me afetam em nada.

— Mas devia ligar. Exigir respeito.

— Acho que as atividades da minha família não deixaram muito espaço para respeito.

Sua boca linda se entreabriu, seus olhos revelaram surpresa.

— Só que agora você é a mãe do meu filho. Vou acabar com a raça de qualquer um que voltar a te desrespeitar. — Pareceu o

homem das cavernas falando assim e acabei não conseguindo conter o sorriso. — Acha que estou brincando?

— Não. Mas eu não sou tão poderosa quanto você. Não sei como intimidar as pessoas, como você faz.

— É muito fácil. Eu te mostro.

Deliberadamente, ele nos conduziu mais velozmente através do salão, até que esbarramos em Sylvia, a garota mais popular da escola e a que mais estava implicando comigo naquela noite. Ela dançava agarrada ao namorado e certamente Adriel percebera quando ela cuspira em minha direção.

— Será que vocês não olham por onde dançam? — gritou ela, histericamente, e parou de dançar no instante em que percebeu que era eu. — Só podia mesmo ser essa puta dos infernos!

Antes que eu tivesse tempo de empalidecer de tanta vergonha, a mão grande de Adriel estava passada em torno da garganta dela, o mais inconcebível horror estampando-se na sua expressão.

— Pede desculpa agora! — vociferou ele, tão assustador que quase tive pena da garota.

— Solta ela! — gritou o namorado de Sylvia, avançando para cima de Adriel, que precisou de apenas sua outra mão para empurrá-lo brutalmente pelo peito, atirando-o para longe, fazendo com que várias pessoas parassem de dançar para observar a cena.

— Ou você se desculpa com a mãe do meu filho, ou te levarei para a delegacia agora mesmo e farei com que seja presa por calúnia, injúria e difamação e, acredite, eu posso fazer com que fique presa muito tempo por isto.

Segurando o punho dele com suas duas mãos, Sylvia parecia desesperada quando percorreu seu olhar ao redor, à procura de alguém que viesse socorrê-la, porém, como ninguém foi corajoso a ponto de se solidarizar e enfrentar aquele homem, ela por fim encarou-me e disse:

— Me desculpe, Ravena.

— Acho que você consegue fazer melhor que isso — exigiu Adriel.

— Me desculpe por ter te xingado, Ravena. Foi só uma brincadeira.

— Está tudo bem — falei, chocada com o que acontecia.

Adriel ainda continuou a segurando por um instante, até que, por fim, a libertou e Sylvia levou a mão à sua garganta, massageando a pele certamente dolorida, enquanto desaparecia apressada em meio à multidão de pessoas.

— E que isso sirva para todos vocês — exaltou-se Adriel, virando-se para as pessoas que se aglomeravam à nossa volta, a fim de observar a cena, com sua voz estrondosa alterada. — Ravena é a mãe do meu filho. Não vou admitir que ninguém a desrespeite nessa maldita cidade! Se eu souber que pelo menos olharam para ela de cara feia, vão ter que se ver comigo e, acreditem, o que está acontecendo com Arnaldo Brandão vai ser pouco perto do que vai acontecer a vocês.

Dito isto, ele segurou-me pela mão e saiu me puxando mais para o centro da pista de dança, sob o olhar de dezenas de pessoas impactadas, inclusive o de Marina.

Eu ainda estava petrificada de tanta incredulidade, quando ele voltou a passar os braços em volta da minha cintura e nos

embalou pelo salão, ao sabor da melodia romântica. O calor que emanava do seu corpo, através das roupas, foi o bastante para me despertar daquela espécie de transe, acendendo o desejo escaldante dentro de mim, transformando minha pele em brasas.

— Viu como se faz? — indagou Adriel, finalmente.

— Você é louco! Não pode sair por aí apertando o pescoço das pessoas e as ameaçando.

— Com certos tipos de pessoas, essa é a única tática que funciona.

— Ela podia ter chamado a polícia.

— Não é segredo para nenhum de nós dois que, quando se quer uma coisa, se pode ter a polícia no bolso.

Engoli em seco, pela sua referência às atitudes da minha família, igual a quem me julgava ser, sem que eu ao menos pudesse culpá-lo por fazer tal julgamento. Se eu não fosse tão covarde, já teria lhe contado toda a verdade e ele saberia o quanto eu era inocente, embora o fato de estar mentindo maculasse essa inocência, de forma indefensável.

— Mas vamos esquecer esse assunto. Eu duvido que algum desses idiotas ainda volte a te olhar de cara feia algum dia na vida.

Concordei com um gesto de cabeça e continuamos dançando. Seu cheiro, seu calor, a letra romântica da música, tudo foi me inebriando, me enfeitiçando, levando-me a um regozijo que sequer imaginei que pudesse ser possível.

Naquele instante, tudo o que eu queria era que o tempo parasse, para que o momento jamais acabasse, para que eu jamais deixasse de estar em seus braços, sendo embalada e protegida por ele, invadida pelas sensações deliciosas que me despertava.

Quando pensei que nada poderia ser mais divertido que estar assim abraçadinha com Adriel, as músicas românticas encerraram e os remixes agitados recomeçaram. Marina, seu ficante, Adriel e eu formamos uma roda no meio da pista e passamos a dançar juntos, nos movimentando de acordo com a agitação das batidas aceleradas.

Se as pessoas ainda me olhavam com hostilidade, eu não fazia a menor ideia, simplesmente porque já não as enxergava mais, tudo o que eu conseguia ver era o espécime masculino dançando diante de mim, lindo, charmoso, irresistivelmente atraente, como apenas ele sabia ser.

Por mais que fizesse os passos de forma meio desengonçada, sem muita familiaridade com o ritmo, cada minúsculo movimento de Adriel exprimia aquela masculinidade crua, irresistível, que me atraía como se eu estivesse enfeitiçada. E não era apenas sobre mim que ele exercia esse poder. Não havia uma só garota ali dentro que não lançasse olhares insinuantes na sua direção, de vez em quando, cobiçando o que, pelo menos naquela noite, era meu.

Pouco antes da meia-noite, Adriel decidiu que iríamos embora e não protestei. Como Marina quis ficar, fomos apenas nós dois no carro conduzido pelo motorista, acomodados no assento traseiro, ele em uma das pontas, eu na outra. Um silêncio sepulcral recaiu sobre nós, enquanto tentávamos ignorar aquela energia puramente sexual que nos envolvia, puxando-nos um para o outro.

***

— Você quer comer mais alguma coisa antes de ir dormir? — Adriel indagou, tão logo chegamos à casa, avançando pela grande sala de estar.

— Não. Acho que comi petiscos até demais.

E era verdade. Eu estava quase explodindo de tantos salgadinhos e refrigerantes.

— Então acho melhor você ir dormir. Está ficando tarde. — Ele gesticulou na direção da escadaria, que levava ao segundo andar e hesitei.

Não queria que aquela noite acabasse ainda, queria estar com ele, voltar aos seus braços, reviver aquele encanto que me fez sentir durante todas as horas em que estivemos juntos. Mais que isso: eu o queria, por mais que isso parecesse uma grande loucura. Apenas não sabia como dizer isso a ele. Me relacionar afetivamente, ou mesmo fisicamente, com um homem, não era algo com o que eu estivesse familiarizada. Mas eu o queria demais para ficar sem fazer nada.

Então, hesitante e timidamente, aproximei-me e toquei o tecido da sua camisa com a ponta dos meus dedos trêmulos, erguendo o rosto para encará-lo. O fervor com o qual me deparei, na expressão dos seus olhos, incentivou-me a continuar.

— Não quero que a noite termine ainda — sussurrei.

Com sua mandíbula trincada, Adriel fechou seus olhos e recostou sua testa na minha, apertando-os. Aspirou profundamente meu cheiro, parecendo fazer um grande esforço para algo que eu não compreendia.

— Eu também não quero, mas... — Não concluiu a frase.

Eliminando os reles centímetros que nos separava, ele encostou seu corpo grande no meu, presenteando-me com seu calor gostoso, ao mesmo tempo que seus lábios tocavam minha testa e iam descendo vagarosamente pelo meu rosto, como se provassem meu gosto, com uma hesitação incompreensível, como se ele lutasse contra si mesmo, contra o desejo de me tocar, quando o seu toque era tudo o que eu mais queria.

— Que se foda tudo — grunhiu Adriel e, por fim, sua boca tomou a minha, com uma fome implacável.

Sem delicadeza alguma, seus lábios famintos pressionaram os meus, a língua exigente invadiu minha boca, pedindo uma retribuição que dei sem hesitar, resvalando minha língua na dele, deixando que a chupasse com uma lascívia desnorteante. Uma de suas mãos segurou meus cabelos, na altura da nuca, fazendo pressão, empurrando-me mais para ele, a outra foi parar em cima da minha bunda, me apertando, me invadindo, fazendo meu ventre pressionar a imensa protuberância da sua ereção, o que me deixou completamente perdida, sem fôlego, meu corpo todo em chamas, o centro das minhas pernas latejando e molhando.

Caralho! Eu nunca havia experimentando algo tão bom, tão arrebatador.

Por mais que o nervosismo de estar prestes a ser tomada por um homem pela primeira vez me fizesse tremer e suar frio, tudo em mim era desejo, tesão, luxúria. Eu o queria tanto, que a sensação chegava ser quase desesperadora. Queria sentir suas mãos brutas tocando meu corpo, experimentar sua boca explorando cada parte minha, senti-lo todo dentro de mim, me tomando e fazendo sua.

Enquanto minha calcinha ficava completamente lambuzada, passei os braços em volta do seu pescoço e apertei meu corpo ainda mais no dele, quase me fundindo à sua masculinidade bruta, o que me fez ferver ainda mais loucamente e esfregar-me na sua ereção, ansiosa por senti-la sem a barreira das roupas.

Sem desgrudar nenhum milímetro de mim, Adriel usou o seu corpo grande para nos conduzir pela sala, levando-nos até um sofá, sobre o qual foi me deitando de costas e se colocando por cima de mim. Tomada por uma necessidade latente, abri as pernas e a saia curta e colada do vestido foi parar na altura dos meus quadris, deixando-me só de calcinha dali para baixo. Mas eu não me importava, o queria com uma necessidade absurda, nada mais tinha qualquer importância.

Minha intimidade latejava e pingava, tudo dentro de mim parecia incendiar, eu já não conseguia nem mais pensar, mas apenas sentir e o querer dentro de mim. Então abracei seus quadris com as minhas pernas e um gemido abafado pela sua boca me escapou quando ele apertou a ereção bem em cima do meu sexo. Apenas a barreira da calcinha separava meu corpo da protuberância no seu jeans.

Sem interromper o beijo, Adriel espalmou uma mão sobre meu seio e o massageou deliciosamente por sobre o tecido do vestido, o que me fez perder a cabeça de vez e, quando dei por mim, estava levando minhas duas mãos ao fecho da sua calça, tentando desesperadamente abri-lo. Porém, ele não permitiu; antes disso, suspendeu seu corpo grande, levando-me junto e sentou-se no sofá, colocando-me em seu colo, montada sobre sua masculinidade, um joelho de cada lado.

Ensandecida, enterrei meus dedos em seus cabelos curtos e os puxei, ao mesmo tempo que rebolava em cima dele, esfregando-me na protuberância da sua ereção, ficando cada vez mais molhada e enlouquecida.

— Eu te quero tanto... — sussurrei, em meio à minha respiração ofegante.

— Eu também te quero, mas... — novamente, ele desistiu de concluir a frase.

Em vez disso, deslizou seus lábios deliciosos através da pele do meu pescoço, indo rumo ao meu colo. Com as duas mãos, rompeu a alça transpassada do meu vestido e o escorregou para baixo, desnudando meus seios, que ficaram quase na altura do seu rosto.

Observou-os por uma fração de segundo, com seus olhos perolados brilhando como duas joias raras e então abocanhou um dos mamilos, chupando com selvageria, o que me levou a lançar a cabeça para trás e soltar um gemido alto, rebolando ainda mais freneticamente em cima dele, me esfregando na sua ereção, enquanto minha lubrificação atravessava o tecido frágil da minha calcinha e molhava seu jeans.

Adriel abocanhou o outro peito e fez uma deliciosa fricção dos seus dentes sobre meu mamilo antes de começar a chupar, como um esfomeado, enviando ondas de tesão que se espalhavam por todo o meu ser, me alcançando até o âmago.

Ele continuou chupando meus peitos, alternando entre um e outro, enquanto as sensações luxuriosas iam crescendo cada vez mais dentro de mim, tomando conta de tudo, me fazendo rebolar cada vez depressa em seu colo, esfregando-me quase a ponto de

me machucar. Até que tudo foi se intensificando em um só lugar, na altura do meu ventre e, de repente, explodi.

Ondas incontroláveis atravessaram meu corpo, minha cabeça girou, gemidos altos escaparam da minha garganta, espasmos violentos fizeram os músculos da minha vagina contorcerem. Achei que estivesse tendo uma convulsão, até que, aos poucos, tudo foi se aquietando e uma languidez incomum tomou conta de mim, deixando meu corpo mais pesado, meus membros mais moles.

À medida que Adriel ia me deitando cuidadosamente no sofá e esticando-se ao meu lado, eu compreendia que acabara de ter um orgasmo e nada jamais me pareceu mais constrangedor.

Eu havia gozado sem que ele ao menos me penetrasse. Puta merda!

— Você está bem? — indagou Adriel, rouco, extremamente gentil.

— S-sim... — balbuciei, envergonhada. — Acho que são os hormônios — completei, tentando me justificar.

Seus lábios curvaram em um sorriso que me deixou quase sem fôlego.

— É. Pode ter alguma coisa a ver.

Incapaz de resistir àquela voz, àquele sorriso, virei-me de lado no estofado, ficando de frente para ele e uma nova onda de excitação me percorreu de cima a baixo quando os bicos sensíveis dos meus seios resvalaram o tecido da sua camisa.

Sem conseguir refrear o desejo, abri mais alguns botões da peça de roupa e enfiei meu rosto ali, mordendo o peito musculoso, coberto por uma rala camada de pelos negros, me refestelando com

o seu cheiro e o seu gosto levemente salgado, enquanto jogava uma perna por cima do seu quadril.

— Quero sentir você dentro de mim — murmurei, cheia de excitação.

— Eu quero você mais do que já quis qualquer coisa na vida, mas não posso fazer isso.

Suas palavras me deixaram paralisada e ele segurou em meu queixo para erguer o meu rosto e me fazer encará-lo.

— Você tem apenas dezessete anos, eu não conseguiria. Já basta o que fiz com você naquela noite no clube.

A abordagem daquele assunto fez meu sangue congelar.

— Eu entendo — murmurei.

Tentei me afastar, mas ele me puxou de volta.

— Espera. Vamos ficar aqui um pouco mais.

Ele suspendeu o decote do vestido, o bastante para ocultar os meus seios e aninhou o meu corpo ao dele, me abraçando com uma perna e um braço, com meu rosto rente ao seu peito forte.

Definitivamente, aquele era o lugar em que eu queria estar pelo resto da minha vida, mas talvez esse querer pudesse estar relacionado com o fato de haver uma parte dele dentro de mim.

— Dorme um pouco. Vocês dois precisam de descanso.

Adriel plantou um beijo demorado em minha testa, seus lábios mornos transmitiram-me aquele desejo incompreensível, além de uma gostosa sensação de paz e segurança. Em resposta, beijei seu peito cheiroso e fechei os meus olhos, permanecendo imóvel e adormecendo quase de imediato.

CAPÍTULO 16

ADRIEL

Já fazia alguns minutos que Ravena adormecera em meus braços, sua respiração foi se tornando lenta e longa, seu corpo lindo, completamente relaxado, moldado ao meu.

Relutante em me afastar, levantei-me, tomando cuidado para não despertá-la, segurei-a em meus braços e a carreguei através da escadaria, rumo ao andar de cima. Entrei em seu quarto e, cuidadosamente, deitei-a na cama.

Era para eu ter dado meia-volta e deixado o aposento, mas simplesmente não consegui me mover. Fiquei lá parado, observando-a quase sem respirar.

Apesar de Ravena ser quase uma criança, nenhuma outra mulher jamais me pareceu tão feminina, linda e atraente quanto ela. Seus densos cabelos escuros se espalhavam sobre a fronha branca do travesseiro, ao mesmo tempo que emolduravam seu rosto de boneca; seus olhos fechados revelavam cílios longos e escuros. Embora estivesse completamente relaxada, sua fisionomia exprimia aquele ar de inocência que me abalava na mesma medida em que me fazia sentir culpa; o vestido colado ressaltava cada curva do seu corpo lindo; os seios firmes, de mamilos rosados, quase saltavam do decote cuja alça eu rompera.

Quanto mais eu a observava, mais o meu corpo suplicava para que eu me deitasse ao lado dela, a despertasse e a fizesse minha. Mas eu não podia. Ela era apenas uma adolescente, com idade para ser minha filha. *Que espécie de homem uma coisa dessas me tornaria?* Na certa, alguém que eu não queria ser. Já

bastava a culpa que sempre carregaria por tê-la possuído quando estava fora de mim, na ocasião em que a engravidara.

Com muito esforço, consegui desviar meus olhos dela e deixei o quarto. Precisava tomar um banho frio, acalmar os ânimos do meu organismo, isso sim. No entanto, mesmo após passar quase uma hora debaixo da água fria do chuveiro, meu pau ainda estava duro como uma pedra, a ponto de minhas bolas doerem, o que só piorava quando eu lembrava que Ravena estava no quarto ao lado, a apenas uma parede de distância de mim.

Tentei ignorar as súplicas do meu organismo e dormir, mas foi inútil. Então, enfiei a mão dentro da calça do pijama e comecei a me masturbar, mas isso também seria inútil. Eu precisava buscar alívio em outro lugar, ou correria um sério risco de perder o autocontrole e acabar possuindo Ravena.

Porra! Ela era deliciosa demais. Eu jamais esqueceria a forma intensa como gozou, apenas esfregando seu sexo no meu pau, por cima das roupas. Podia imaginar como seria estar dentro dela, deslizando meu membro naquela umidade, sentindo suas paredes molhadas me apertando.

Determinado a dar um basta nisso, levantei da cama de supetão e peguei o celular. Há dias Juliane vinha me enviando mensagens, pedindo para que eu fosse vê-la. Ela não era apenas uma garota de programa que eu comia quando queria me aliviar, era também minha cúmplice, paga para mentir à polícia, dizendo que viu Ravena e sua mãe naquela noite no clube, que viu quando elas me drogaram e quando Ravena se aproveitou de mim, quando a verdade era que ela não se lembrava de nada do que aconteceu naquela maldita noite, assim como eu também me esquecera.

Desde que cheguei à Santa Clara, eu nunca havia passado um período tão longo sem ir lá fodê-la. Já fazia vários dias que não acontecia e, talvez, essa fosse a razão da minha dificuldade em me controlar em relação à Ravena. Enviei uma mensagem, perguntando:

Adriel: *Você está no clube?*

Recebi a resposta em seguida:

Juliane: *Sim. Você vem hoje?*

Adriel: *Chego aí em uma hora.*

Era o tempo do percurso de Santa Clara até Belize, onde ficava o *Riviera*.

Decidi ir dirigindo, a fim de evitar acordar o motorista a uma hora daquelas e, quanto mais eu me aproximava do local, mais tinha vontade de dar meia-volta e retornar para casa. A sensação era de que estava cometendo um erro, porém eu precisava me aliviar e parar de sentir tesão por uma menina de dezessete anos.

Chegando ao clube, Juliane veio me encontrar na porta. Era uma mulher linda, com longos cabelos dourados, a pele rosada, olhos verdes-claros. Sabia como agir com sensualidade e atiçar a libido de um homem, só que naquela noite não me animei muito com sua sedução, pois não era ela que meu pau degenerado queria.

— Que saudade de você — disse, após me cumprimentar com um abraço. — Como estão as coisas?

— Tudo bem. E com você?

— Muitos acontecimentos.

— Alguém da polícia, ou enviado por Arnaldo, te procurou?

— Não. Sobre isso está tudo tranquilo. Todos continuam acreditando que vi quando aquelas biscates te drogaram. Quer sentar e beber alguma coisa antes de irmos pro quarto?

Talvez uma bebida me ajudasse a relaxar e atiçasse meu interesse em transar com ela. Então, atravessamos o salão mal iluminado, repleto de garotas seminuas e homens cheios de tesão e de dinheiro e nos acomodamos a uma das mesas, onde logo um dos garçons veio nos servir de uísque para mim e *Martini* para ela.

Muitas coisas estavam acontecendo na vida de Juliane. Finalmente ela havia conseguido juntar dinheiro suficiente para comprar sua casa própria e se mostrava muito empolgada com isto, embora eu não estivesse conseguindo me concentrar nem em metade do que ela dizia. Minha mente insistia em me levar de volta para Ravena. Eu podia visualizar claramente ela deitada naquela cama, seminua, linda, cheia de desejo. Definitivamente era nos braços dela que eu queria estar, mas não deveria. Precisava fazer a coisa certa, que era ficar longe dela, pelo menos enquanto ainda fosse menor de idade. Dentro de pouco mais de um mês, ela completaria dezoito anos. Talvez depois disso algo mudasse em meu pensamento, mas eu não tinha certeza.

Tomei quase meia garrafa do uísque importado e segui para uma das suítes com Juliane. Normalmente costumávamos levar outra garota para um sexo a três, pois se havia algo que me

excitava ao extremo era ver duas mulheres se tocando. No entanto, naquela noite, eu não estava com ânimo para muita coisa. Quem eu realmente queria estava em casa dormindo.

Chegando à suíte, Juliane fez aquele showzinho que sabia que eu gostava, dançando sensualmente enquanto tirava as minúsculas peças de roupas, até estar completamente nua, com apenas as sandálias de salto alto. Tentou me ajudar a me despir, mas a impedi, apenas abrindo o zíper da calça e acomodando-me em um estofado.

— Apenas chupe — mandei e ela pareceu desapontada.

Mas eu não ligava.

— Certo. Você é quem manda.

Completamente nua, ela se ajoelhou no chão, entre minhas pernas, segurou meu pau, completamente duro, pela base, e começou a mamar, com gula, com a experiência de uma profissional.

Tentando fazer meu corpo relaxar, lancei a cabeça para trás, apoiando-a no espaldar da poltrona e fechei os olhos, enquanto a boca úmida e quente me devorava ali onde eu necessitava.

Sem que eu pudesse evitar, as imagens de Ravena projetaram-se em minha mente e pude ver seu rosto lindo contorcido de prazer enquanto se esvaía em gozo em cima do meu colo. Senti-a tão vividamente que seu gosto delicado se fez presente em minha boca, seu cheiro invadiu minhas narinas.

Eu a queria com uma intensidade tão absurda que me flagrei fantasiando que era sua boca linda me chupando, o que me deixou ainda mais duro, muito próximo do gozo. Imaginei como seria o

calor e a umidade daquela bocetinha de dezessete anos e foi então que o gozo se aproximou ainda mais, ameaçando me quebrantar.

Assim, segurei firmemente na parte de trás da cabeça de Juliane e a empurrei para baixo, forçando meu pau a ir mais fundo, alcançando-a até a garganta.

— Vou gozar... engole tudo, sua putinha... — grunhi e então me derramei.

Segurando sua cabeça com meu pau enterrado até o final, gozei de forma prolongada, com os jatos grossos de esperma enchendo sua garganta. Antes que a última gota jorrasse, puxei o pau para fora e esporrei em seu rosto, esfregando a glande sobre sua pele macia, lambuzando-a com meus fluídos.

Com um sorriso, Juliane se levantou e veio para cima de mim. Antes que tivesse tempo de voltar a me tocar, levantei-me, apressado, sem muito ânimo para continuar com aquilo.

— Por hoje já chega — falei, sucinto, fechando o zíper da calça.

— Ah... vamos brincar mais um pouco. Tem uma menina nova que chegou aqui. Posso convidá-la a se juntar a nós.

Se havia uma pessoa que gostava da sua profissão, essa pessoa era Juliane. Era dona de um fogo insaciável. Eu só não sabia se era assim com todos os homens com quem transava.

— Vamos deixar para outro dia.

Fui até o frigobar e reabasteci o meu copo com uísque, enquanto ela sentava-se na beirada da cama e apoiava as mãos para trás, abrindo as pernas, expondo a boceta carnuda, rosada, completamente depilada.

— Você está passando por algum problema?

— Não. Apenas trabalhando muito.

— Ouvi dizer que aquela menina está morando na sua casa.

— As fofocas vão longe aqui.

— Você está gostando dela?

Sua insinuação conseguiu me irritar.

— Claro que não. Ela só está lá porque preciso proteger meu filho das pessoas que querem me ver pelas costas.

Juliane me deu um sorriso enigmático, cujo sentido não entendi.

— Espero que não demore de novo a voltar. Sinto sua falta.

— Vou passar algum tempo viajando. Mas volto dentro de um mês.

— Vou sentir saudade.

Após ingerir o último gole do uísque, depositei o copo sobre uma mesinha e saquei a carteira, de onde tirei uma quantia equivalente ao que ela ganhava por toda uma noite de trabalho, como sempre fazia.

— Aqui tem o suficiente para que você não precise mais sair com ninguém hoje. Pode descansar — avisei, deixando o dinheiro sobre a mesinha.

— Obrigada, meu amor. Você é sempre tão generoso.

Segui rumo à porta e ela veio atrás de mim.

— Tem certeza de que não quer ficar mais um pouco?

— Tenho. Boa noite.

Dito isto, abri a porta de saí.

Enquanto dirigia de volta para casa, voltei a pensar em Ravena, no seu gosto delicioso, no quanto queria experimentar um

pouco mais e, quando dei por mim, meu pau estava duro como uma pedra novamente, como se eu não tivesse acabado de gozar.

Droga! Eu precisava dar um jeito de colocar minha cabeça de volta no lugar. Talvez o trabalho na Austrália me ajudasse com isso, pena que tive a “brilhante” ideia de levar aquela menina comigo.

Chegando em casa fui direto para o meu quarto e deitei-me. Ainda rolei na cama durante um longo tempo antes de finalmente conseguir adormecer.

Não fazia ideia de quanto tempo havia dormido, sabia apenas que não fora suficiente, quando fui acordado por batidas bruscas na porta do aposento e logo em seguida a voz áspera, masculina, invadiu o ambiente.

— Senhor Adriel, aqui é a polícia. Abra a porta! — gritou o homem do outro lado.

Completamente desperto, saltei da cama, minha mente trabalhando depressa, tentando deduzir o que estava acontecendo. Se a polícia já estava na porta do meu quarto, era porque se tratava de algo grave. Na certa, alguma armação de Arnaldo e eu nem podia acreditar que havia me descuidado a ponto de permitir que tramasse para cima de mim.

Maldição!

Houve outra batida brusca e falei:

— Só um minuto. Já vou sair.

Apressado, vesti a primeira calça que minhas mãos alcançaram e joguei uma camisa por cima. Fui até o banheiro lavar o rosto e voltei para a abrir a porta. Parados do outro lado, estavam o maldito delegado cúmplice de Soraya e mais dois policiais armados e uniformizados.

Do quarto ao lado, Ravena surgiu, usando apenas um roupão, com seu rosto ainda sonolento, nos observando com aflição. Foi um alívio perceber que não era nada relacionado a ela, que estava tudo bem.

— O que diabos significa isso? — indaguei.

— O senhor está sendo preso pelo assassinato de Juliane Almeida — disse ele, sacando um par de algemas do seu cinto, enquanto eu o fitava incrédulo, tentando processar aquela informação, mas sem conseguir.

Não fazia sentido. Eu estivera com Juliane há poucas horas e ela estava perfeitamente bem.

— Do que você está falando? — indaguei, quase em choque.

— Por favor, vire-se para que eu o algeme. Tem algo a dizer em sua defesa?

— Juliane está morta? Como isso aconteceu?

— Por favor, vire-se.

— Eu não fiz nada, porra! — vociferei, perdendo a paciência.

Foi então que os dois outros policiais avançaram para cima de mim, virando-me de frente para a parede, sem que eu cometesse a burrice de lutar contra os dois. O delegado algemou meus pulsos atrás das minhas costas e, quando me virei novamente para ele, pude ver a satisfação estampada em seu olhar, o que me levou a compreender que tudo aquilo era uma grande armação para cima de mim, da qual ele fazia parte e da qual certamente Arnaldo estava por trás.

Puta que pariu!

— Espere. Ele não fez nada. Passou a noite toda comigo — disse Ravena, aproximando-se, aflita, sobressaltada.

Eu preferia que ela não tivesse presenciando aquilo. *Inferno!*

— Não, senhorita. Ele foi até o *Clube Riviera* na noite passada, temos várias testemunhas que o viram lá.

Ravena fitou-me em busca de uma negação e pude ver a decepção refletida em seu olhar quando me mantive em silêncio.

— Após passar cerca de uma hora com a vítima em uma das suítes, ela foi encontrada morta pela arrumadeira. Foi enforcada com o fio do interfone. Temos também relatos do comportamento agressivo do senhor Adriel durante uma festa na escola ontem, pouco antes do assassinato acontecer.

— Eu estive com Juliane, mas ela estava viva quando a deixei. Não fui eu quem fiz isso. Vá atrás do verdadeiro assassino.

Eu estava completamente desnorteado. Por um lado, com meu peito dilacerado pela morte tão brusca de uma pessoa jovem, cheia de sonhos, como Juliane. Por outro, tentando pensar em quem estava armando aquilo para cima de mim. Só podia ser Arnaldo, embora a morte de Juliane trouxesse benefícios principalmente para Soraya. Minha melhor teoria era de que estavam juntos nessa. Mas eu os faria pagar caro.

— Isso o senhor terá que provar a um juiz — disse o delegado.

Segurando-me dos dois lados, os policiais começaram a me conduzir rumo à saída, sem que eu pudesse fazer nada para impedi-los. Olhei na direção de Ravena e a vi pálida como um fantasma, observando-me com olhos arregalados de um pavor intenso.

— Eu não fiz isso, Ravena. Logo vou provar minha inocência.

Ela não disse nada, apenas continuou paralisada, nos observando enquanto os policiais continuavam me arrastando para fora, até me enfiarem no banco de trás de uma viatura. Os dois homens fardados sentaram-se um de cada lado de mim, enquanto o delegado tomava o volante e partimos.

— Quem está te pagando pra fazer isso, seu maldito? — indaguei, com a fúria pulsando viva dentro de mim.

Aquele maldito delegado até podia não ter armado isso sozinho, mas estava em cumplicidade com outra pessoa.

— Cuidado com o que diz, senhor Adriel. Posso acrescentar desacato à autoridade na sua acusação, embora isso não fará muita diferença, pois esse assassinato garantirá que o senhor passe muitos anos na cadeia.

— Se você me conhecesse pelo menos um pouco, saberia que não sou um homem que fica preso.

— É impressionante como o mundo dá voltas. Há poucos dias o senhor quase me fez perder o meu cargo, ao entregar as acusações contra aquelas vadias à Polícia Federal e agora será enjaulado.

— Então está fazendo isso por vingança.

— Não. Estou fazendo isso porque o senhor matou aquela moça. Nem mesmo com todo o dinheiro que tem, se tornou inalcançável.

— Eu não a matei e você sabe disso.

— Nem o advogado mais caro de mundo vai conseguir livrá-lo dessa situação. Tinha fluídos seus no rosto da vítima, suas impressões digitais estavam por toda parte. Ninguém mais foi visto entrando na suíte onde vocês estavam.

— Não foi visto, mas com certeza entrou.

— O senhor acha que, porque é rico e mora na cidade grande, pode chegar aqui e fazer o que quiser. As coisas não são bem assim.

Ele continuava sustentando aquele risinho de satisfação, enquanto falava e decidi não dizer mais nada. Na hora certa, ele saberia com quem estava se metendo.

Aquela armação estava tão bem-feita que eles ainda conseguiram me manter preso por dois longos dias, sem tomar banho, quase sem comer, deitado na cama imunda de uma cela nojenta, sem conseguir pregar os olhos. Como se não bastasse tudo isso, eu ainda estava prestes a enlouquecer de tanta preocupação, com o que aqueles malditos poderiam fazer à Ravena e ao filho que ela esperava, a fim de me atingir, enquanto eu estava ali. Não havia ninguém do lado de fora que pudesse protegê-la. Sua mãe era a que mais queria vê-la pelas costas.

Puta que pariu! Eu precisava sair logo dali.

No terceiro dia, meu advogado, um dos melhores do país, finalmente conseguiu uma ordem de soltura provisória. Eu esperaria o julgamento em liberdade, mas não podia sair daquela maldita cidade, como se eu não tivesse mais o que fazer.

Deixei a delegacia por volta das dez horas, no carro conduzido pelo meu motorista. Chegando à casa, fui direto para a cozinha perguntar a uma das empregadas onde estava Ravena e, ao ficar sabendo que se encontrava em seu quarto, segui para lá, com meu peito pesado de tanta aflição. Após uma rápida batida na porta, abri-a e entrei, encontrando Ravena embolada na cama, ao lado de Marina.

Ao me verem, as duas se levantaram depressa, sobressaltadas, fitando-me com seus olhos carregados de horror. Na certa estavam convencidas de que eu realmente assassinara Juliane, o que era uma merda.

— Marina, me deixe sozinho com Ravena — pedi.

Marina lançou um olhar quase desesperado na direção da amiga, evidentemente temendo me contrariar e, ao mesmo tempo, com medo de deixá-la sozinha comigo.

— Pode ir, Marina. Está tudo bem — disse Ravena.

— Marina, eu não sou um assassino como estão dizendo.

— Qualquer coisa, estou ali fora. — disse Marina, antes de sair do quarto, quase correndo.

Quando a porta foi batida por fora, aproximei-me de Ravena, examinando-a atentamente, checando se estava bem. Foi então que me dei conta do tamanho da saudade que senti dela, sem nem perceber. Ela estava pálida, ligeiramente abatida, como se não dormisse direito há dias, o que me fez pensar no bem-estar do bebê. Usava um short jeans curto, uma blusa de malha simples e tinha os cabelos presos em um rabo de cavalo. Apesar da sua simplicidade, conseguia ser linda como jamais outra mulher me pareceu.

— Você está bem? — indaguei.

— Não consegui dormir muito nesses dois dias.

— É. Dá pra perceber.

Seguiu-se um instante de silêncio, durante o qual seus olhos me analisavam com toda a sua inocência.

— Fui à delegacia te ver, mas não me deixaram entrar.

— Você não ia gostar do que veria.

— Fiquei preocupada.

— Eu não a matei. Acredita em mim.

— E quem matou?

— Eu sei lá. Estão armando para cima de mim. Ainda não sei quem, mas vou descobrir.

Ravena continuou fitando-me com escrutínio, tentando decifrar se eu estava falando a verdade.

— Por que você me deixou aqui e foi lá ficar com ela? — indagou, com sua voz trêmula e seus olhos marejaram de lágrimas, me levando a perceber o quanto eu a havia magoado.

Merda! Eu não devia tê-la trazido para a minha vida, agora, além de se encontrar em perigo, ela estava também ferida.

— É complicado.

Irritado, passei os dedos entre meus cabelos e dei-lhe as costas. Ela voltou a se colocar diante de mim.

— Não. É bem simples. Você me rejeitou e foi transar com outra mulher. Será que sou tão desprezível assim?

— Como você pode pensar uma coisa dessa? Eu jamais desejei uma mulher com a mesma intensidade com que desejo você. Se eu fui lá, foi para evitar perder a cabeça e te fazer minha de novo, como na noite em que a engravidei. Perto de mim, você é só uma criança, Ravena.

As lágrimas marejaram seus olhos, lágrimas de compreensão e fui invadido por um desejo ardente, quase incontrolável, de tomá-la em meus braços, moldar seu corpo lindo ao meu, aninhar sua cabeça em meu peito e me regozijar com seu calor feminino, mas não tive coragem de tocá-la, pois eu estava fedendo, há dois dias sem tomar banho.

— Daqui a algumas semanas, eu serei adulta — sussurrou e sua voz doce reverberou por todo o meu ser. — Você não terá mais o direito de dizer que sou uma criança.

Precisei de muito esforço para conseguir controlar minhas emoções, me concentrar em qualquer coisa que não fosse no desejo de tocá-la. No entanto, perdi a batalha. Segurei seu rosto delicado dos dois lados e fiz com que me encarasse de perto. Refletido na expressão do seu olhar, vi o mesmo fogo que me acometia e, mais uma vez, tive certeza do quanto seu desejo também era verdadeiro.

— Ravena, eu não matei aquela mulher. Sou muitas coisas, mas não um assassino. Você acredita em mim?

Ela encarou-me em silêncio durante um longo momento, me sondando, me analisando. Até que por fim, disse:

— Eu acredito.

Respirei aliviado, soltando-a antes que meu corpo exigisse um contato mais íntimo.

— Obrigado. Significa muito para mim.

— Você gostava muito dela? Da garota que foi morta?

— Era uma boa pessoa. Mas o que existia entre nós era apenas sexo.

— Eu sinto muito.

— Eu também. Ela não merecia esse destino.

— Quem fez isso claramente queria te culpar. Você tem ideia de quem pode ter sido?

— Pode ter sido qualquer um. Arnaldo Brandão é meu suspeito número um. Ele pode ter feito isso para me tirar do caminho. Mas pode ter sido também sua mãe. Sem o depoimento

de Juliane, não tenho como provar que não estuprei você naquela noite e ela pode usar essa gravidez para arrancar dinheiro de mim, como planejou desde o início.

Vi seu rosto de boneca ficar completamente pálido.

— Minha mãe não faria isso. Ela é uma vigarista, mas nunca matou ninguém. Não é o estilo dela.

Suas palavras conseguiram despertar a raiva dentro de mim.

— Vai defender uma mulher que te explorou durante toda a sua vida? — Provavelmente gritei alto demais, pois ela levou um susto e seu rosto ficou ainda mais branco.

— As coisas não são como você pensa.

Eu não estava com paciência para as suas meias-verdades naquele momento.

— Quer saber? Eu vou tomar um banho e comer alguma coisa. Estou precisando urgente me limpar daquele lugar maldito.

— Vou pedir à Rosilene que te prepare alguma coisa gostosa.

— Obrigado.

Observei-a por mais um instante, simplesmente porque seus traços eram perfeitos demais. Em seguida, deixei o quarto.

Após passar quase duas horas debaixo do chuveiro, me limpando da sujeira daquele chiqueiro imundo onde estive durante os últimos dias, entrei em contato com o hacker, que de vez em quando prestava-me serviços, e pedi que conseguisse arranjar o melhor detetive particular que o dinheiro pudesse pagar. Eu não ia ficar esperando que a polícia de Santa Clara encontrasse o verdadeiro assassino de Juliane, até porque a polícia podia facilmente estar por trás disso. Daria o meu jeito de provar a minha

inocência e acabaria com a raça de quem estava armando aquilo para cima de mim.

Após falar com o hacker, dei alguns telefonemas para a empresa e respondi alguns e-mails. Apesar de sentir meu estômago roncando de fome, meu cansaço era muito maior, visto que não havia conseguido dormir minimamente naqueles dias. Acabei não resistindo e espalhando-me sobre a cama, tentando descansar. No entanto, o sono demorou para chegar e, quando finalmente veio, foi como se eu mergulhasse de cabeça no inferno torturante que eram meus pesadelos.

Em um instante, eu estava de volta àquela maldita cela, úmida, escura, tomada pelo cheiro fétido. No momento seguinte, eu era novamente um garoto e sentia um cheiro forte, porém era o cheiro dos malditos estábulos. Eu estava de volta à fazenda onde nasci, entrando nas acomodações das baias dos cavalos para ajudar o cuidador, mas naquela tarde não era ele quem estava lá e sim Arnaldo. Com sua força de adulto, contra a qual eu não podia lutar, ele me atacou e gritei desesperadamente, invadido pelo mais indescritível horror, sem que existisse ninguém que pudesse me ajudar.

CAPÍTULO 17

RAVENA

Tão logo Adriel deixou o meu quarto, segui rumo à cozinha e pedi que a cozinheira preparasse uma macarronada com queijo, pois, além de ser um prato rápido, eu já havia percebido que Adriel gostava bastante de massa.

Por Deus! Eu não podia acreditar que passei aqueles dois dias mergulhada no mais incomparável pavor, acreditando que ele realmente havia tirado a vida de uma pessoa. A mágoa dentro de mim estava me cegando tanto, por ele ter me deixado sozinha para ir passar a noite com aquela mulher, que não consegui enxergar mais nada, não percebi o quanto era inocente. Porém, essa inocência estava estampada em seu olhar quando lhe perguntei a verdade.

Adriel não era culpado. Ele podia ser arrogante, ter as atitudes de um tirano, mas não era um assassino. Até porque, não tinha qualquer razão para matar aquela moça. Pelo contrário, ele precisava dela viva para mentir, depondo em seu favor sobre o que pensava que havia acontecido entre nós no clube.

Eu queria poder acreditar que minha mãe não estava por trás desse assassinato, mas a verdade era que ela lucraria com a morte dessa mulher. Talvez não tivesse feito pessoalmente, ou mesmo tido essa ideia, mas Cleiton era capaz de tudo.

Meu Deus! Como se não bastasse todos os erros daqueles três, agora eles podiam também ser responsáveis por um assassinato.

Por outro lado, podia ter sido seu Arnaldo. Eu ainda não sabia que tipo de desavença existia entre ele e Adriel, mas já havia percebido que era bastante grave.

Eu continuava na cozinha, dando orientações à cozinheira, quando Mariana surgiu da direção da sala e saiu me puxando pela mão rumo ao jardim, fazendo com que nos acomodássemos em um jogo de mesinha com cadeiras de ferro perto da piscina.

— E aí, me conta o que ele disse? Será que foi ele mesmo que matou a rapariga? — indagou, com seus olhos arregalados me fitando com inquirição.

— Tenho certeza de que não foi ele.

— E como você pode ter tanta certeza?

— Pelo jeito como ele respondeu quando eu perguntei. Ele olhou dentro dos meus olhos. Quase pude enxergar sua alma. Sei que ele é inocente.

— Esse negócio de alma não existe. Eu acho que você está deslumbrada com esse cara, por causa da forma como ele te defendeu na festa e não quer enxergar que é um assassino. Pelo sim e pelo não, acho melhor a gente juntar nossas tralhas e deixar a cidade o quanto antes.

— Você sabe que, enquanto eu for menor de idade, não podemos fazer isso sem que minha mãe, ou mesmo Adriel, vá atrás da gente.

— Eu sei, mas precisamos nos arriscar. É melhor do que dormir sob o mesmo teto que um cara que pode ser um assassino. E se ele fizer o mesmo com a gente?

Tentando tranquilizá-la, segurei sua mão entre as minhas e fitei-a diretamente nos olhos, dizendo:

— Marina, confia em mim. Adriel não matou ninguém. Ele é mau, arrogante e mandão, mas não é um assassino. Isso ficou claro quando falei com ele.

Ela refletiu por um instante, ainda encarando-me com aflição, como se decidisse se acreditava ou não.

— Está certo, vou confiar no que você está dizendo, porque raramente você se engana. Mas vou estar preparada, caso ele tente algo conosco. E se, por acaso, ele me matar primeiro, pode ter certeza de que volto pra puxar sua perna. — Não consegui conter o riso, e ela riu de volta, mostrando-se mais calma. — E nossa viagem pra Austrália melou, né?

— É. Acho que não vai ser dessa vez.

— A gente não tem sorte mesmo — falou e sorriu.

***

Pouco depois, quando voltei à cozinha, descobri que a refeição de Adriel já estava pronta, mas a cozinheira não o havia chamado.

— Ele está no quarto. Eu não vou lá sozinha — informou ela, quando questionei, completamente apavorada.

A cidade inteira já estava sabendo sobre a suposta responsabilidade dele sobre aquele assassinato e não se falava em outra coisa. Felizmente, Santa Clara era uma cidade relativamente isolada do restante do país e o caso ainda não havia chegado ao conhecimento da imprensa nacional, ou o escândalo seria ainda maior.

— Tá. Pode deixar que eu vou lá.

Subi a escadaria e, ao me aproximar do quarto de Adriel, ouvi os gritos dele partindo lá de dentro. Gritos terríveis, como se ele estivesse sendo cruelmente torturado e, sem nem pensar duas vezes, abri a porta depressa e entrei. O encontrei deitado na cama, nu da cintura para cima, usando apenas a calça folgada de um pijama, com sua pele banhada de suor, embora o ar-condicionado estivesse ligado.

Como se sentisse seu corpo em chamas, ele se contorcia, se debatia e gritava daquele jeito aterrador. Seus olhos fechados evidenciavam que estava dormindo, em meio a um pesadelo que parecia consumi-lo dolorosamente.

Desesperada em vê-lo naquele estado, corri para perto da cama, segurei dos dois lados dos seus ombros e o sacudi, chamando seu nome, tentando acordá-lo, mas sem conseguir. Insisti, sacudindo-o mais forte, chamando seu nome mais alto, até que, de repente, ele abriu os olhos, fuzilando-me com uma expressão que conotava o mais indescritível horror.

Como se não me reconhecesse, ou projetasse em mim o oponente que o atacava em seu sonho, ele agarrou-me pelo meio e atirou-me brutalmente sobre a cama, colocando-se em cima de mim, imobilizando-me, fechando sua mão grande em torno da minha garganta e fazendo pressão.

— Adriel, sou eu — murmurei, apavorada.

Sua face parecia demoníaca, contorcida de um misto de fúria e terror, enquanto ele apertava minha garganta cada vez mais forte.

— Adriel, por favor… — Eu estava a ponto de não conseguir mais respirar.

Instintivamente, desferi um soco do meu punho cerrado em seu rosto e ele por fim despertou, parecendo confuso, desnorteado. Ao se dar conta de que tentava me estrangular, ficou em choque e finalmente me soltou.

— O que aconteceu? — balbuciou, ainda confuso, enquanto eu tinha um breve ataque de tosse.

— Você estava tendo um pesadelo. Acho que me confundiu com a pessoa que o atacava.

Seus olhos se ampliaram, atônitos.

— Ah, meu Deus! Me desculpe, Ravena. Não fiz de propósito.

— Eu sei. Está tudo bem agora. Eu vou ficar bem.

Ele continuava em cima de mim, apoiando o peso do seu corpo nas duas mãos espalmadas sobre o colchão, imóvel, confuso, tentando entender, se conectar ao mundo real, como se ainda não tivesse certeza de que o que acabara de viver fora de fato apenas um sonho. Seu olhar revelava uma angústia profunda, que despedaçava meu coração, seu rosto transtornado estava muito próximo ao meu. Cedendo a um impulso, ergui a mão e o acariciei com a ponta dos dedos, extasiada com a aspereza da sua barba curta.

Meu toque pareceu puxá-lo um pouco mais para a realidade. Como se, de súbito, ele tomasse consciência do quanto estávamos próximos, cravou seus olhos lindos nos meus, fitando-me com tamanha intensidade que um arrepio me percorreu inteira. Meu corpo tornou-se muito alerta do dele, do calor que partia de si.

Encarou-me durante um longo momento de silêncio, suas piscinas azuis peroladas expressavam um desejo escaldante, até

que por fim inclinou a cabeça e tomou minha boca com a sua, em um beijo sôfrego. Seus lábios se moviam contra os meus com exigência, despertando-me o mais primitivo dos anseios, fazendo o centro entre minhas pernas latejar e molhar. Tudo em mim suplicava por ele, por senti-lo mais intimamente.

Logo Adriel eliminou a pouca distância que nos separava, deitando-se sobre mim. Com seu peso apoiado nos cotovelos, nossos corpos se fundiram com uma perfeição absoluta. Soltei um gemido abafado quando seu peito forte pressionou os meus seios.

Perdida com as sensações, abri as pernas e ele encaixou seus quadris entre elas, pressionando a ereção potente onde eu mais fervia, o que me arrancou outro gemido. Consumida pelo fogo que ele me despertava, movi meus quadris para cima e para baixo, esfregando-me nele, buscando-o quase com desespero, o anseio por tê-lo dentro de mim, com urgência, tornou-se maior que tudo, até do que a mim mesma.

Sem separar sua boca faminta da minha, Adriel nos virou sobre a cama, colocando-me em cima dele, montada em seu colo e continuei pressionando meu sexo lambuzado na sua protuberância, enquanto suas mãos me percorriam, apalpando meus seios sobre o tecido da blusa, deslizando através de mim, apertando forte minha bunda.

— Não tenho mais forças para resistir a você — grunhiu ele, com sua voz grossa, rouca, ofegante, denunciando sua extrema excitação.

— Não resista — murmurei temendo ser capaz de morrer se ele parasse de me tocar.

— Mas…

— Eu não sou uma criança — interrompi-o.

Parecendo reflexivo, ele ajeitou uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha e voltou a me atacar com aquela fome insaciável que me enlouquecia, colando sua boca exigente na minha, chupando gostoso minha língua e me fazendo chupar a sua. Com uma brutalidade excitante em seus movimentos, nos virou novamente sobre o colchão, colocando-se por cima de mim e logo sua boca deliciosa estava descendo através da pele do meu pescoço, com fome, com volúpia, lambendo e mordiscando cada centímetro, deixando uma marca de brasas por onde passava.

Provou-me no pescoço e no colo e continuou descendo, arrancou-me um gemido alto quando mordeu um dos meus seios por cima do tecido da blusa, para em seguida descer um pouco mais. Beijou e lambeu minha barriga, ainda lisa, e segurou dos dois lados do cós do meu short, puxando-o para baixo.

Fiquei ligeiramente paralisada, hesitante, sem saber se devia contar a ele que aquela seria a minha primeira vez com um homem. Que vergonha! Quem, nesse mundo, era virgem aos dezessete anos? Ele jamais acreditaria. Não apenas por causa da minha idade, mas devido a todas as circunstâncias que nos trouxe um ao outro.

Por fim, decidi deixar que ele descobrisse isso sozinho, talvez sequer perceberia, devido à introdução daquela maldita seringa em mim.

Arrebatada pelo desejo, com meu coração batendo acelerado, acabei jogando todos os pensamentos para o alto e ergui os quadris sobre o colchão, permitindo que ele arrancasse o short pequeno, junto com a calcinha.

Adriel ficou imóvel por um instante, observando fixamente meu sexo, seus olhos revelando um brilho luxurioso incomparável. Então, inclinou-se sobre mim e soltei um gemido alto quando a língua áspera passou por toda a minha extensão, invadindo a abertura entre meus lábios vaginais, lambendo a entrada lambuzada da minha vagina e o meu clitóris.

Enlouquecida, enterrei meus dedos entre seus cabelos curtos e abri mais as pernas, projetando os quadris para cima, buscando mais daquela delícia, enquanto ele continuava me lambendo implacavelmente, com movimentos ritmados, frenéticos, de vez em quando parando e me sugando, misturando sua saliva com meus líquidos, até que concentrou os movimentos acelerados da sua língua bem em cima do meu clitóris e tudo se tornou incontrolável demais. Logo eu estava gritando como uma desvairada, gozando e esfregando a boceta na sua boca, enquanto meu corpo convulsionava e minhas costas arqueavam sobre o colchão.

Minha nossa! Por que nunca ninguém me disse que o sexo podia ser tão bom?

Eu estava toda trêmula, largada sobre a cama, acabada com a intensidade do orgasmo, quando Adriel tirou sua boca do meu sexo e voltou a repousar seu corpo grande sobre o meu, atacando minha boca com a sua, me fazendo experimentar o gosto salgado e aquela quentura luxuriosa, o que foi o suficiente para que tudo dentro de mim estivesse aceso de novo, minha vagina palpitando de tanta vontade dele.

Agindo unicamente por instinto, projetei meu corpo em direção ao dele e consegui fazer com que se deitasse de costas. Me coloquei por cima e fui descendo minha boca através da sua pele,

provando o gosto salgado, me deliciando com a textura, com seu calor, com a rigidez dos músculos do seu peito. Tentei fazer como ele fizera comigo. Mordisquei seu mamilo, mordi o tórax rochoso, ligeiramente peludo e fui descendo minha boca através do seu corpo gostoso, beijando e lambendo o abdômen sarado, me deliciando com sua masculinidade bruta. Quando segurei no cós da sua calça, tentando deslocá-la para baixo, ele me deteve, segurando meus pulsos e me puxando para cima.

— Não precisa fazer isso — falou, rouco e excitado.

— Mas eu quero.

— Vem cá, me deixa te beijar.

Com sua força bruta, ele novamente nos girou sobre a cama, colocando-se todo em cima de mim, me dominando e tomando minha boca com a sua, beijando-me com aquela sofreguidão que me fazia querê-lo cada vez mais gananciosamente, enquanto tudo em mim ardia e fervia de tanta vontade de senti-lo me penetrando, sem que ele me atendesse. Certamente estava colocando mais uma vez a minha idade como empecilho, como se eu fosse uma criança que não sabia o que queria. Só que de criança eu não tinha nada e se tinha certeza de algo era de que o queria demais. Nada mais nesse mundo me importava a não ser tê-lo.

Mantendo-me cativa sob seu corpo grande, com seu peito sólido esmagando meus seios, Adriel continuava me devorando com aquela boca insaciável, empurrando a ereção brutal de encontro ao ápice da minha coxa, até que seu celular começou a tocar insistentemente e fiquei frustrada quando se afastou para ir atender.

— O que foi? — disse, com aquele seu jeito nunca delicado de ser.

Vi a tensão tomando conta dos músculos das suas costas e ombros, enquanto ouvia a pessoa do outro lado da linha e imediatamente me coloquei em alerta.

— Diz pra ela ir pro inferno! Não vou recebê-la! — vociferou e encerrou a ligação.

— Quem era? — indaguei, preocupada.

— Sua mãe. Está no portão pedindo para falar comigo.

— Droga!

Suas palavras conseguiram me deixar completamente aflita. Nada do que partia da minha mãe podia ser bom. Se ela estava ali era porque pretendia fazer um grande mal.

Tensa, levantei-me e vesti minhas roupas depressa, enquanto o celular de Adriel recomeçava a tocar. Ambos fomos tomados pela certeza de que aquela mulher não iria embora antes que ele a recebesse.

— Ela vai acampar aí na porta e não vai sair enquanto você não a receber.

— Eu sei.

Irritado, Adriel atendeu ao telefone e, por fim, ordenou ao segurança que a deixasse entrar.

— Vá na frente. Eu desço depois — disse ele e compreendi que minha mãe não podia desconfiar do que estávamos fazendo.

— Claro.

Apressada, fui até o espelho, ajeitei meu rabo de cavalo, verifiquei se minhas roupas não estavam fora do lugar e desci as escadas, avançando através da sala grande no mesmo instante em que minha mãe entrava pela porta da frente, acompanhada de Rosilene e Cleiton, certamente usando o genro como seu

segurança. Se eu estivesse no lugar dela, também teria medo de Adriel.

Estava mais bem-vestida que o habitual, usando um vestido longo florido, sandálias de salto alto e com seus cabelos loiros muito bem escovados. Ao olhar em seu rosto, tentei sentir algum vestígio de saudade, ou afeto, porém tudo o que eu queria era que ela fosse embora dali e nunca mais voltasse.

— Vocês aceitam um café, ou um suco de laranja? — indagou Rosilene.

— Não precisa trazer nada, Rosilene. Pode ir.

A governanta pediu licença e seguiu rumo à cozinha, enquanto minha mãe nos observava com um teatral queixo caído.

— Ah, minha nossa, além de morar em meio a todo esse luxo, minha garotinha virou patroa. Acho que já pode começar a me agradecer.

— O que a senhora quer aqui?

— Nossa! É assim que me recebe depois de tantos dias sem me ver? — Sem que eu dissesse nada, ela sentou-se bastante à vontade em um dos sofás, enquanto Cleiton permanecia de pé, parecendo um cão de guarda, com seus braços cruzados na frente do peito. — Arrume suas coisas. Você volta pra casa comigo hoje.

Fitei-a, incrédula.

— O quê?

— Isso que você ouviu. Vá arrumar sua mala.

— Eu não vou a lugar nenhum com você.

— É isso mesmo. Ravena fica aqui. — A voz grossa de Adriel irrompeu pela sala, enquanto avançava pelo recinto, lindo e altivo,

usando jeans e uma camisa polo preta, ainda abatido pelos dias na cadeia, com enormes olheiras marcando seu rosto cansado.

CAPÍTULO 18

RAVENA

Ficando subitamente tensa, minha mãe colocou-se de pé e aproximou-se um pouco mais de Cleiton, como se ele fosse capaz de protegê-la de Adriel caso tentasse arrancar a cabeça dela fora do corpo.

— A filha é minha e, enquanto for menor de idade, vai para onde eu mandar.

— Nada disso. Nós temos um acordo e é aqui que ela fica até meu filho nascer.

Despindo-se do medo inicial, minha mãe ergueu o queixo e deu um passo à frente, parecendo irritantemente arrogante.

— Não existe mais acordo algum. Você não tem mais uma testemunha que vai mentir por você dizendo que viu Ravena te drogando e se aproveitando de você naquela noite. Acabou, Adriel. O lugar da minha filha é do meu lado e não na casa de um assassino. Se você quiser ver essa criança depois que nascer, vai ter que pagar muito caro por ela — minha mãe falou com tanto veneno, que conseguiu fazer com que eu a odiasse mais a cada palavra que saiu da sua boca.

Como eu podia ter nascido de alguém tão sem caráter?

Adriel também deu um passo à frente, na direção dela, fuzilando-a com seus olhos mortalmente frios. Sua mandíbula trincada evidenciava a fúria que o acometia.

— Você não vai ver um centavo do meu dinheiro, sua vagabunda!

— Olha como fala com ela! — Cleiton se manifestou pela primeira vez desde que entraram.

— Ou o quê, seu bandidinho de merda? Quer que eu mande meus seguranças te darem uma surra?

Cleiton ergueu as duas mãos no ar, em rendição e Adriel se voltou novamente para a minha mãe.

— Nós dois sabemos que o assassino aqui não sou eu. Você matou Juliane para que eu não tivesse mais uma testemunha, só que é burra demais para entender que, assim como eu a comprei, posso comprar quantas pessoas quiser para falar à polícia o que eu mandar.

— Eu não sou uma assassina, você sim. Era você quem estava na cadeia e, em breve, voltará para lá.

— Tenho certeza de que você vai lutar muito para que isso aconteça, só que vou ter que te desapontar.

— Já chega de conversa. Vim buscar minha filha e ela vem comigo. Se quiser ver seu filho crescer, vai ter que pagar por ele.

— Ravena não vai a lugar nenhum. Agora saia da minha casa, sua vagabunda!

— Acho que você ainda não entendeu, Adriel. Arnaldo Brandão me procurou, me propôs irmos até a imprensa e contarmos como você estuprou e engravidou minha filha, uma menina de dezessete anos. Imagina o tamanho do escândalo que isso seria?

Vi o rosto de Adriel empalidecer e compreendi que minha mãe havia conseguido o que queria, como sempre.

— Só não fiz isso ainda porque você subornava aquela moça para mentir, mas ela não existe mais, não é? Nada me impede de ir

até os jornalistas e acabar com a sua vida, com a sua moral, com os seus negócios e com você.

— Sua filha de puta! — vociferou Adriel, entredentes, com uma veia latejando em sua têmpora.

— Sou mesmo uma filha da puta, mas sou também a mãe da garota que você violentou. E ela vai embora comigo agora mesmo. — Ela cravou seus olhos em mim. — Vá arrumar sua mala.

— Ravena não sai dessa casa. É perigoso para ela e para o meu filho. Se é dinheiro que você quer, me diga seu preço. Quanto você quer para que ela fique aqui?

Um sorriso vitorioso se manifestou no rosto da minha mãe, enquanto eu ficava cada vez mais perto de explodir de tanta raiva daquela mulher.

— Não é assim que funciona. Ela vai pra casa comigo. Quando eu pensar em uma quantia que seja suficiente para me fazer esquecer que um drogado de trinta e sete anos violentou e engravidou minha filhinha de dezessete, eu volto a entrar em contato.

— Não é seguro para ela sair dessa casa, porra! Me diga seu preço.

— Não é um preço baixo. Você se aproveitou de uma criança!

— Já chega! — Praticamente gritei, sem mais conseguir controlar a raiva que queimava em minhas entranhas, raiva daquela mulher, do seu indescritível mau-caratismo. — Não aconteceu nada do que ela está dizendo. Você nunca se aproveitou de mim, Adriel.

Minha mãe deu um passo em minha direção, fuzilando-me com olhos brilhantes de uma fúria mortal, já conhecida, que me fez

estremecer de medo e na mesma hora me arrependi de ter aberto a boca.

Merda! Ela ia acabar comigo.

— Cala essa boca, sua filha da puta! — rosnou ela.

Colocando-se diante de mim, Adriel segurou-me pelos dois braços e fitou-me diretamente nos olhos. Suas piscinas peroladas eram tão intensas que pareciam alcançar minha alma.

— Então me conta o que aconteceu naquela noite. Me diga a verdade, Ravena. Tira esse peso enorme da minha consciência.

— Se eu falar, ela vai me matar — murmurei, trêmula de medo, com meus nervos à flor da pele.

— Ela não vai. Confia em mim. Eu vou te proteger nem que seja com a minha vida.

Suas palavras, assim como seu olhar, me transmitiram uma sensação de segurança, o que amenizou todo o resto. Então, decidi que estava na hora de acabar com toda aquela mentira. Adriel merecia saber a verdade.

— É melhor ficar de boca fechada, garota! — ameaçou Cleiton e estremeci dos pés à cabeça.

— Fica de boca fechada você, seu otário!

Adriel sacou seu celular e, digitando um único número, ordenou que os seguranças entrassem na casa.

— Me fala, Ravena, o que aconteceu naquela noite? — indagou ele.

— Era para Scarlet…

— Cala essa boca, sua imbecil! — minha mãe me interrompeu, bruscamente, e voltei a tremer de medo.

Nesse instante, três dos seguranças que vigiavam a casa entraram na sala. Eram homens parrudos e mal-encarados, que aparentemente estavam armados. Com um único aceno de cabeça de Adriel, eles se colocaram atrás de Cleiton e da minha mãe, prontos para detê-los, caso fosse necessário.

— Pode falar, Ravena. Enquanto eu existir, ninguém tocará em um só fio do seu cabelo — garantiu Adriel.

— Fala logo, Ravena. Já está na hora de dar um basta nessa história — disse Marina, avançando pela sala. — Adriel está certo. Você precisa tirar esse peso da consciência dele. — Ela se colocou do meu lado, encarando minha mãe com o queixo erguido, desafiando-a.

Respirei fundo, diversas vezes, tentando acalmar os meus nervos, ainda apavorada. Nunca na minha vida eu havia contrariado minha mãe, tudo na minha criação era voltado para que eu tivesse pânico dela. No entanto, já estava na hora de dar fim a esse domínio que ela exercia sobre mim, ou isso nunca terminaria. Então, segurei na mão de Adriel, buscando sua inabalável confiança, antes de começar a falar:

— Era pra Scarlet ter engravidado naquela noite. O plano inicial era que ela te seduzisse até te convencer a levá-la para a cama, por isso foi trabalhar como faxineira na sua empresa. Mas quando viu que não daria certo, elas descobriram que você frequenta o *Clube Riviera*.

— Você vai me pagar caro por isso, sua maldita! — rosnou minha mãe, com seus olhos furiosos a ponto de saltar sobre mim.

— Cala essa boca, vadia dos infernos! — esbravejou Adriel. — Continue, Ravena.

— Naquela noite, Scarlet foi até o *Riviera* sozinha, levando o LSD. Ela se aproximou da garota com quem você saía e a convenceu a levá-la para o quarto junto com vocês, onde colocou a droga na sua bebida e na de Juliane. — Hesitei e Adriel apertou minha mão, acenando com a cabeça para que eu continuasse, com seus olhos, carregados de expectativa, fixos em meu rosto. — Ela chegou a transar com você, mas mesmo drogado você exigiu o uso do preservativo, que ela levou para casa, com seu sêmen, a fim de fazer uma inseminação artificial. Só que, no caminho, encontrou Cleiton e acabou transando com ele sem proteção, o que a impossibilitaria de engravidar sem ter dúvida de quem seria o pai do bebê. — Uma lágrima solitária escorreu do canto do meu olho, as lembranças daquela maldita noite me afligiam a ponto de me impedir de continuar falando.

— Então eles a forçaram a essa inseminação artificial — completou Marina. — Soraya sedou a própria filha e injetou seu sêmen nela, enquanto estava desacordada, mesmo ela sendo ainda virgem.

A expressão com que Adriel me fitou era de puro choque. Seu queixo forte estava caído enquanto a confusão e a incredulidade se misturavam no brilho do seu olhar. Tentou dizer algo, mas as palavras pareciam lhe faltar, ou ele não sabia o que dizer, o que pensar sobre tudo aquilo.

Temi desesperadamente que me culpasse por ter mentido durante todo esse tempo, que me odiasse por tê-lo deixado acreditar que havia me estuprado. O medo da sua rejeição me bombardeou com tamanha intensidade, que quando dei por mim as

lágrimas estavam banhando meu rosto, sem que eu compreendesse ao certo o motivo de tamanho temor.

— Eu nunca participei das armações da minha mãe e de Scarlet. Não me envolver com suas sujeiras foi uma das condições que meu pai impôs para pagar minha pensão alimentícia. Elas só me aceitavam naquela casa por causa dessa pensão. — Esperei que Adriel dissesse alguma coisa, mas ele apenas me fitava com aquela expressão de choque, de incredulidade. — Me desculpe por ter mentido, por permitir que você acreditasse que havia me violentado.

Ele continuou encarando-me por um instante de silêncio, até que, por fim, se moveu, dando um passo em minha direção e passando os braços em volta da minha cintura para me puxar para junto do seu corpo. Primeiro hesitante, como se não tivesse certeza de que era mesmo isso que queria, para logo em seguida me apertar tão forte, que me deixou quase sem fôlego.

— Me perdoe por não ter percebido que algo assim aconteceu — sussurrou no meu ouvido, com sua voz trêmula. — Essa mulher nunca mais vai te fazer mal. Eu te dou a minha palavra.

— Que coisa mais linda, o casalzinho unido! — A voz da minha mãe ressoou pela sala, alta, debochada, carregada de um ódio mal contido e nos desvencilhamos do abraço, virando-nos para ela. — Isso é o que ela está dizendo, com certeza a fim de ficar com seu dinheiro só para ela. Mas essa puta safada ainda é menor de idade, tem que me obedecer e vai comigo pra casa, por bem ou por mal. Não me façam ter que procurar o Conselho Tutelar, ou até mesmo a polícia!

Os olhos com que ela me fuzilava refletiam uma fúria quase bestial e voltei a tremer toda. Um suor frio cobria minhas mãos enquanto o pavor tomava conta de mim. Eu a conhecia o suficiente para ter certeza de que aquela história estava longe de acabar. Ela jamais aceitaria sua derrota, jamais permitiria que as coisas ficassem assim.

— E vai dizer o que ao Conselho Tutelar? Que sedou sua filha e a forçou a uma inseminação artificial? — indagou Adriel.

— Quero ver essa vaca provar que foi assim. Está inventando essa história pra ficar com o dinheiro sozinha. — Fuzilou-me com seus olhos diabólicos. — Você vai me pagar caro por isto, sua vadiazinha de merda! Eu vou acabar com a sua raça. — Quanto mais ela falava, mais apavorada eu ficava. — Vou acabar com todos vocês. Vou procurar a imprensa e dizer que está mantendo minha filha menor de idade presa em sua casa, vou contar como a engravidou em um clube de prostituição!

— Cala essa boca! Você é completamente louca! — vociferou Adriel e, dirigindo-se aos seguranças, completou: — Tirem esses dois bandidos da minha casa e se voltarem aqui podem soltar os cachorros em cima deles.

Cleiton não reagiu quando dois dos seguranças o seguraram, um de cada lado e o conduziram rumo à saída. Minha mãe, no entanto, fez o maior escarcéu, gritando, chutando, se debatendo e proferindo ameaças que me aterrorizavam. De uma coisa eu tinha certeza: ela não descansaria enquanto não acabasse com a minha raça.

Dominada pelo mais indescritível pavor, desisti de tentar me equilibrar sobre minhas pernas trêmulas e desabei, sentando-me em

um dos sofás, gelada de medo, com as lágrimas ameaçando voltar a cair dos meus olhos.

— Você está bem? — indagou Adriel, sentando-se ao meu lado, segurando minha mão entre as suas.

— Não tenho certeza.

— Ela nunca tinha enfrentado aquela bruxa — disse Marina. — Estou orgulhosa de você, garota.

— Marina, vá até a cozinha e traga um copo d'água para ela.

— Claro — disse Marina, seguindo rumo à cozinha.

— Não fica assim. Jamais permitirei que aquela mulher te faça mal de novo.

— Você diz isso porque não a conhece. Ela vai acabar comigo. Não vai dormir nem descansar enquanto não me destruir. — Um estremecimento me percorreu, seus olhos incomparáveis registraram meu gesto. — A essa altura, já deve estar a caminho do Conselho Tutelar, o conselheiro é amigo e cúmplice dela. Com certeza vai encontrar uma brecha na lei e usar minha menoridade para me forçar a voltar para casa. Ela é capaz de tudo. Se me quer de volta, por causa do seu dinheiro, ela dará um jeito de me levar.

Adriel ficou pensativo e voltei a estremecer, temendo que ele também não soubesse o que fazer, que tivesse acabado de constatar que não existia uma forma de me salvar da minha mãe.

— Eu sei um jeito de te livrar dessa mulher de uma vez por todas — disse ele, depois de um longo silêncio.

Nesse instante, Marina entrou na sala, trazendo a água e entregando-me. Bebi o copo inteiro quase com um só gole, sentindo a agitação em meu sangue arrefecer.

— Que jeito? — indaguei.

Adriel voltou-se para Marina.

— Será que você pode nos deixar a sós por um instante? — pediu ele.

Marina lançou-lhe o mais frustrado dos olhares, pois queria saber de tudo, mas não ousou contrariá-lo e logo deixou a sala.

Adriel levantou-se e andou pela sala, parecendo hesitar, ou escolher as palavras. Evidentemente nervoso, percorreu os dedos entre seus cabelos curtos e voltou a me encarar.

— Nós temos que nos casar. Assim eu passo a ter plena responsabilidade sobre você, enquanto for menor de idade.

Fitei-o atônita, sem saber ao certo o que pensar sobre aquela louca ideia. *Nós mal nos conhecíamos, como íamos nos casar?*

— Para que isso seja possível, nós precisamos de uma autorização dela, mas ela nunca dará.

— Eu tenho uma autorização que ela me deu para a viagem à Austrália. Podemos sair da cidade e fazer isso onde ninguém a conheça e possa ser coagido por ela a interferir.

— Mas você não está impedido de sair da cidade?

— É só uma hora de carro daqui até a cidade ao lado. A polícia nunca vai saber.

Refleti sobre aquilo, especulando tudo o que podia dar errado. Até que, por fim, me convenci de que esse plano poderia dar certo. Faltava apenas um mês para que eu me tornasse maior de idade. Estando casada com Adriel, seria legalmente responsabilidade sua e até minha mãe conseguir mudar isso, já seria tarde demais, eu seria uma adulta, dona do meu próprio nariz.

Além do mais, um matrimônio não seria razão para que eu estivesse presa a Adriel de forma irreversível. Depois de adulta, eu

poderia ir para onde quisesse, fugir para bem longe com o meu filho, sem ter que dar satisfação nenhuma a ele. Enquanto meu bebê estivesse dentro de mim, Adriel não teria direito legal nenhum sobre ele e, quando nascesse, eu estaria bem longe.

Minha nossa! Eu nem podia acreditar que havíamos encontrado uma solução.

— Acho que isso pode dar certo. — Encarei-o animada.

Esperei que minha animação o contagiasse, no entanto Adriel continuou com aquela ruga profunda entre suas sobrancelhas, observando-me com a fisionomia endurecida. Assim, voltou a se acomodar ao lado, no sofá, e fuzilou-me com seus olhos penetrantes.

— Preciso que você entenda que não será um casamento de verdade. É apenas para nos livrar da sua mãe durante esse mês que falta para que você se torne uma adulta. Podemos ficar casados até nosso filho nascer, depois nos divorciamos.

Suas palavras despertaram uma raiva descontrolada em meu íntimo, que se alastrou pelo meu sangue como fogo sobre a gasolina.

Quem ele pensava que era para acreditar que eu queria ser sua esposa para o resto da vida?

— Mas não se preocupe com seu futuro. Eu nunca vou te abandonar, tampouco vou te afastar dessa criança. Depois que ela nascer, te darei toda assistência de que precisa, te darei um apartamento para morar em São Paulo, com sua amiga; arranjarei empregos para vocês duas e te deixarei ver o seu filho sempre que quiser.

Quanto mais ele falava, mais a fúria crescia dentro de mim. *Quem ele pensava que era para acreditar que tinha o direito de decidir minha vida?*

Era bom que dissesse essas coisas, pois assim reforçava a certeza que eu tinha de que precisava fugir para bem longe com o meu filho.

Reprimindo a raiva em algum canto dentro de mim, fitei-o com frieza e falei:

— Não se preocupe com isso, Adriel. O que eu sinto por você é só desejo, tesão. Sou jovem, mas não estúpida a ponto de confundir isso com amor, outra coisa qualquer.

Ele piscou repetidas vezes, parecendo ligeiramente confuso, surpreso, porém logo se recompôs.

— Ótimo. Assim é melhor. Se vamos mesmo nos casar, faremos isso ainda hoje. Pegue todos os seus documentos e vamos logo.

Nesse instante, Marina avançou pela sala com um sorriso que ia de orelha a orelha. Obviamente estava ouvindo tudo da outra sala.

— Ai, meu Deus, nem acredito que você vai se casar! — Veio em minha direção, com os braços estendidos e levantei-me para abraçá-la. — Parabéns, amiga. Me deixa ser a madrinha?

— E quem mais poderia ser?

CAPÍTULO 19

RAVENA

Marina parecia não ter ouvido a parte em que Adriel disse que esse casamento não seria de verdade, mas apenas uma mentira inventada para afastar minha mãe. Estava toda empolgada, tentando me convencer a irmos ao shopping comprar um vestido de noiva, fazermos penteados extravagantes no cabelo e até dar uma festa depois da cerimônia. Só que eu não estava com essa animação toda. Encararia aquele acontecimento como o que ele realmente era: só mais um obstáculo a ser vencido na caminhada rumo à minha emancipação. Além do mais, precisávamos ser discretos para que a polícia não descobrisse que Adriel deixaria a cidade durante algumas horas.

Precisei insistir para que ele comesse alguma coisa antes de sairmos, pois estava abatido demais, o cansaço, a fome e os dias de aflição passados na cadeia estavam evidentes em sua fisionomia. Deixamos a casa por volta das duas da tarde, no carro conduzido pelo motorista, indo rumo a Belize.

Adriel estava sentado no banco da frente, enquanto Marina, Rosilene e eu nos acomodávamos atrás. Elas duas seriam nossas testemunhas.

Eu usava um dos vestidos sofisticados que compramos no shopping para nossa viagem à Austrália, que não mais aconteceria. Era um modelo longo, em tom pastel, com detalhes em renda. Estava ótimo para um casamento falso e no civil. Marina havia me ajudado a fazer um penteado bonito e uma maquiagem bem

elaborada, enaltecendo o que chamava de sua obra de arte. Já havia tirado centenas de fotos minhas e de nós duas juntas.

O tempo todo eu me sentia apreensiva, temendo que o delegado nos flagrasse saindo de Santa Clara e prendesse Adriel. Como não gostava de ser contrariado, ele devia estar muito puto pelo advogado ter conseguido essa ordem de soltura e certamente esperava pelo mínimo deslize para o encarcerar mais uma vez.

Era impressionante o poder que o dinheiro tinha de tornar praticamente tudo possível. Quando chegamos ao cartório, já estava tudo organizado, o tabelião já nos aguardava, certamente pago por Adriel para fazer aquilo acontecer tão depressa. Em uma cerimônia prática e singela, que durou menos de uma hora, nos casamos. Agora, eu era oficialmente a esposa de Adriel, algo que parecia tão surreal quanto assustador. Quando olhava para a aliança de ouro em meu dedo, grande e pesada, mal podia acreditar que realmente havia acontecido e tão rápido.

Me casar era algo que sempre sonhei, mas não daquele jeito, com um homem que mal conhecia, que queria tirar meu filho de mim e com o objetivo de escapar da maldade da minha mãe. O matrimônio outrora fora um dos meus objetivos de vida, a ser concretizado depois que eu saísse de Santa Clara, me estabelecesse em algum lugar, me formasse na faculdade e tivesse um bom emprego. Contudo, agora eu ia ter que esperar até que meu filho se tornasse adulto, para que Adriel me desse o divórcio, pois apenas então eu teria coragem de aparecer na frente dele novamente, depois de ter fugido levando a criança. Em resumo, eu não poderia ter um casamento de verdade antes dos meus trinta e

cinco anos, o que seria mais um preço a ser pago por ter nascido de uma mulher como minha mãe.

Ao sairmos do cartório, fomos direto para o carro e pegamos a estrada de volta para Santa Clara, sem pararmos em lugar nenhum, a fim de evitar sermos vistos. Durante todo o percurso de volta, Adriel se mostrou mais calado, frio, distante. Na certa considerava aquela união um grande sacrifício, um preço que estava pagando para proteger o filho dos seus inimigos, ou seja: de Arnaldo Brandão.

Quando o encontrei em meio ao terrível pesadelo naquela manhã, ouvi quando ele mencionou o nome do fazendeiro, enquanto parecia se encontrar em completa agonia. Alguma coisa terrível seu Arnaldo havia feito contra ele, e eu pretendia descobrir do que se tratava.

Ninguém falou tanto quanto Marina durante o percurso de volta, um clima de apreensão tomou conta de todos dentro do carro, menos dela. Como tudo para ela era motivo para festejar, insistia que déssemos uma festa ainda naquela noite, em comemoração à essa união, ignorando completamente a bizarrice das circunstâncias que nos levaram àquilo.

— A gente podia contratar um cantor famoso, tipo a Anitta, para se apresentar nessa festa. Eu ia querer ver todo mundo dessa cidade rastejando atrás de um convite — divagava ela, exultante.

— Para conseguir um show com um desses artistas, teríamos que marcar com semanas de antecedência — disse Adriel, friamente.

— E quem disse que estamos com pressa? Vamos marcar e organizar tudo. Pode deixar a parte da organização comigo. Eu

conheço pessoas, que conhecem pessoas, que podem sacudir aquela cidade. Enquanto eu entro com essa parte, você só entra com o financiamento.

Ela continuou falando sem parar, até chegarmos à casa.

— Comemorem como quiserem. Organizem alguma coisa perto da piscina e convidem quem quiserem — disse Adriel, com aquele ar distante, tão logo adentramos a mansão. — Eu tenho coisas do trabalho para resolver, embora não pretenda sair de casa hoje. Talvez, mais tarde me junte a vocês.

Ele lançou-me aquele olhar frio, indiferente, que me fazia gelar dos pés à cabeça. A sensação que tive foi de que ainda me culpava por tudo o que estava acontecendo, como se eu o tivesse forçado a se casar comigo, quando na verdade foi ideia sua. Em seguida, sem dizer mais nada, deu-nos as costas e seguiu rumo ao escritório.

— Por ora, uma comemoração na piscina está bom, até termos tempo de organizarmos uma coisa maior. Já pensou em quem você quer convidar? — disse Marina, indiferente ao clima de velório entre mim e meu marido de mentira.

Eu não estava com o mínimo ânimo para festas, até porque não teria quase ninguém para convidar. Tudo o que eu queria era ficar sozinha com Adriel, conversar sobre o que estava acontecendo, tentar entender por que ele agia de forma tão descontente se a ideia desse matrimônio foi sua. Precisávamos falar também sobre o início do meu pré-natal, articular como aconteceria. Porém, não queria estragar a animação da minha melhor amiga. Deixaria para falar com ele mais tarde.

— Você sabe que, tirando o pessoal da lanchonete, eu não tenho ninguém para convidar.

— Eu podia chamar aquela gente chata da escola, aposto que iam fazer fila para entrar nessa casa, mas vou deixar para fazer isso no show da Anitta, para que a fila seja ainda maior e mais disputada. Vou chamar apenas algumas poucas pessoas e colocar um som na piscina. Agora vamos nos arrumar.

Estávamos no quarto, escolhendo roupas, ao mesmo tempo que Marina dava vários telefonemas, convidando pessoas e comprando bebidas, quando Rosilene apareceu trazendo-me um lanche, certamente seguindo as ordens de Adriel, por causa do bebê.

Era noite quando os convidados chegaram. Apenas nosso antigo chefe da lanchonete, dois funcionários, o ficante de Marina e a irmã dele, recentemente chegada à cidade. Enquanto Adriel continuava trancado em seu escritório, ficamos ali pelos arredores da piscina, ouvindo músicas eletrônicas em volume alto, todos eles bebendo cerveja enquanto eu tomava refrigerantes. Não fazíamos nada a não ser jogar conversa fora e contar piadas sem graça, um verdadeiro saco.

Eu só queria ir para o meu quarto, me espichar na cama e assistir uma série na tevê. A gravidez era assim, deixava-me sempre sonolenta, cansada e constantemente com fome. Contudo, não queria ser mal-educada abandonando uma festa que tecnicamente era realizada para mim.

Tentei ficar, esperar que todos decidissem ir embora, mas eles pareciam cada vez mais à vontade. Já tinha até gente mergulhando na piscina. Então esperei por um momento em que

ninguém estivesse olhando e fui me esgueirando de fininho, deixando o jardim e entrando na casa despercebidamente. Estava atravessando a sala, rumo às escadarias que levavam ao segundo andar, quando a campainha da porta tocou. Como o som estava alto no jardim, onde Rosilene se encontrava, provavelmente impedindo-a de ouvir, fui atender.

Ao abri-la me deparei com um sujeito que nunca tinha visto em Santa Clara. Era alto, dono de um porte atlético que fazia questão de exibir dentro da camiseta de malha fina e do jeans colado demais. Tinha cerca de vinte e poucos anos, cabelos escuros cacheados, olhos verdes contrastando com a pele morena e seus braços estavam cobertos por tatuagens. Presumi ser mais um parente do namorado de Marina, convidado para a festa.

De imediato, aquele estranho me despertou uma imensa antipatia, por descer seu olhar através do meu corpo de maneira indisfarçavelmente maliciosa, como faziam os pervertidos que costumavam frequentar a casa da minha mãe, de quem passei a vida inteira fugindo.

— Minha nossa! Será que eu morri, fui pro céu e agora estou sendo recebido por um anjo? — disse ele, encarando-me com perversão.

Será que aquela cantada ridícula funcionava com alguém?

— Você veio para a festa?

— Festa? Sim. Claro. Uma festa é sempre boa.

— É no jardim. Eu te mostro o caminho — ofereci, educadamente.

Pude sentir o olhar dele fixando minha bunda enquanto me seguia rumo aos fundos da moradia. No jardim, para minha

completa infelicidade, havia acabado de começar a tocar as músicas românticas e os casais se uniam na pista para dançar. Marina e seu ficante estavam praticamente se comendo, os outros dançavam mais comportados, todos estavam formando pares.

— Acho que chegamos na melhor parte. Dança comigo? — convidou o sujeito tatuado.

— Na verdade, eu não danço. Aliás, já estava indo dormir.

— Não acredito que vai me deixar aqui sozinho.

— Você não está sozinho.

— As pessoas estão dançando. Estou sobrando aqui. — De maneira inconveniente, ele segurou-me pelo antebraço — Dança comigo. É só uma música. Nada de mais.

— Desculpe, não quero dançar — falei, já quase perdendo a paciência e puxei meu braço da sua mão.

Pela forma ofendida como me olhou, tive certeza de que, se estivéssemos sozinhos, eu estaria completamente ferrada. Não existiam seres vivos donos de ego mais frágil do que homens rejeitados.

— O que diabos você está fazendo aqui? — A voz grossa e ríspida de Adriel irrompeu pelo jardim, enquanto ele se aproximava, vindo da direção da casa.

Na mesma hora empalideci, achando que ele falava comigo, mas logo percebi que se dirigia ao sujeito inconveniente.

— Era para você ter ido direto para o meu escritório, fui bem claro a esse respeito — completou, com a mesma aspereza.

— A moça me convidou para a festa e não quis desapontá-la. Você deve ser Adriel Beaumont.

— Sim. E você William Chaves.

— Ao seu dispor.

Puta merda! Então ele não era amigo do namorado de Marina, mas alguém esperado por Adriel. Que mancada a minha trazendo-o para a festa.

— E essa é minha esposa Ravena — disse Adriel, seco, firme e autoritário.

O sujeito não conseguiu disfarçar o espanto na sua expressão ao alternar seu olhar entre nós dois, certamente chocado com a nossa diferença de idade, com o fato de eu aparentar não ter mais do que quinze anos e ser casada. Ao final do seu instante de silêncio, acabou sorrindo da situação, o que me deixou ainda mais irritada.

— Esposa? Claro. Entendo.

— Vamos conversar no escritório. É por aqui.

Adriel me lançou aquele olhar frio e, ao mesmo tempo, especulativo, antes de acenar para que o outro homem o seguisse e ambos sumiram casa adentro.

Sem me despedir dos convidados, retomei o percurso para o segundo andar e me refugiei em meu quarto. Troquei o vestido colado por uma camisola confortável e deitei-me. Como não conseguiria dormir com o barulho que partia da festa, liguei a tevê e tentei me concentrar em uma série que estava acompanhando, mas não obtive sucesso. Os acontecimentos daquele dia repassavam-se em minha mente como cenas de um filme de suspense que eu assistira, tirando-me o sossego, roubando-me a paz.

Havia sido um dia intenso demais. Em questão de poucas horas, eu enfrentara a fúria da minha mãe, algo que jamais fizera e me casei com um quase completo estranho, um homem capaz de

destruir a vida de tantas pessoas, como fazia com os funcionários da fazenda Ouro Verde e com seu proprietário.

Ambos os acontecimentos trariam consequências terríveis. Se havia algo de que eu tinha certeza era que minha mãe daria um jeito de me destruir pelo que lhe fiz. Não descansaria até que tivesse acabado comigo, me transformando em cinzas, como fazia com todos que a confrontavam. O fato de eu ser sua filha jamais significou algo para ela e isso não mudaria agora.

Aquele pensamento me apavorou e instintivamente cobri minha barriga com as duas mãos, apreensiva. Eu precisava dar um jeito de proteger o meu filho daquela mulher e de quem mais ameaçasse fazer-lhe mal. Enquanto estivesse na casa de Adriel, nós dois estaríamos seguros, mas eu precisava sumir da vida dele antes que meu pequenino nascesse e fosse tirado de mim.

Eu ainda tinha um mês até atingir a maioridade, até lá precisava pensar com cautela e descobrir uma forma eficaz de escapar daquela cidade e das duas pessoas que queriam colocar suas mãos em mim e no meu filho.

Mergulhada em meus pensamentos, envolvida pelos tormentos, mal percebi o passar das horas. Fazia pouco tempo que o som da música havia cessado quando ouvi uma batida na porta do quarto e logo em seguida Adriel entrou, carregando uma bandeja pequena, na qual continha um copo de leite e uma fatia de melão.

Apressada, sentei-me na cabeceira da cama, com as costas apoiada no espaldar e tentei ajeitar os cabelos, que certamente estavam transformados em uma verdadeira farofa de fios castanhos, enquanto amaldiçoava o fato de estar usando uma camisola com a estampa dos Ursinhos Carinhosos.

— Vi a luz do seu quarto acesa por baixo da porta e presumi que ainda estivesse acordada — disse com sua voz grossa, ligeiramente rouca, irrompendo pelo aposento, provocando-me um arrepio que começou na nuca e se espalhou por todo o meu corpo.

— Não consegui dormir com o som da festa.

— Foi o que pensei. Por isso mandei encerrarem.

Ele sentou-se na beirada do colchão, tão perto, que o cheiro delicioso do seu perfume me alcançou, despertando cada um dos meus sentidos para a sua perigosa proximidade. Seus olhos azuis perolados prenderam os meus durante um breve instante de silêncio e tudo dentro de mim se agitou. Meu coração bateu mais depressa, aquele calor impaciente aflorou na boca do meu estômago e se alastrou pelo meu sangue, me levando a uma súplica silenciosa, quase desesperada, por senti-lo ainda mais perto, me tocando e me beijando, sem que eu compreendesse a intensidade descabida dessa atração que ele exercia sobre mim. Era só mais um homem, como tantos outros que frequentavam minha casa desde que eu me entendia por gente, porém aparentemente muito mais perigoso, o que só piorava as coisas.

Por que com ele era diferente de como era com os outros? Por que me sentia tão irremediavelmente afetada, atraída, se deveria ser exatamente o oposto? Eu não entendia.

Naquela noite ele parecia mais lindo que nunca, usando uma calça esportiva cáqui e camisa de gola polo, com seus cabelos curtos despenteados, emprestando-lhe um aspecto mais jovial, despojado.

— Não precisava ter mandando encerrar. Em algum momento eu dormiria — falei.

Adriel depositou a bandeja à minha frente.

— Uma mulher não pode ir dormir tão tarde enquanto está grávida e nem ir dormir sem antes fazer um lanche saudável. Acabei de ler isso em um livro.

Um sorriso me escapou.

— Você está lendo sobre gravidez? — Aquilo sim, era completamente surpreendente.

— Por que o espanto? Eu vou ser pai. Preciso entender como isso funciona.

Peguei a fatia de melão e dei uma mordida, perguntando-me como ele podia não saber como era ser pai, se obviamente tinha um que o educara bem a ponto de ter se tornado um homem rico e bem-sucedido.

— Seu pai não te ensinou isso? — indaguei, hesitante.

— Eu nunca tive um pai. — O amargor embutido em suas palavras doeu-me por dentro.

— Talvez você não o tenha conhecido, mas todos temos um pai.

— Fazer um filho e o abandonar à própria sorte não é ser pai.

— Nisso eu concordo. O cara que me fez também agiu mais ou menos assim. E quanto à sua mãe?

— Com certeza era melhor que a sua. — Ele quase sorriu, porém logo a amargura voltou a se refletir na sua fisionomia. — Ela fez o que podia, mas faleceu quando eu tinha doze anos.

— Lamento por isso. — Embora temesse tocar em feridas que ele carregava na alma, eu tinha tanto para perguntar que não consegui me calar, como deveria. — Você tem outros parentes? Tios, primos.

— Não. Éramos só nós dois. Beba o leite.

Após engolir o último pedaço do melão, peguei o copo e dei um gole no leite morno.

— Você nasceu em São Paulo mesmo?

— Não. — Limitou-se a dizer.

— Hoje pela manhã, quando você estava tendo um pesadelo, ouvi quando mencionou o nome de Arnaldo Brandão. Você já o conhecia antes de começar a construir o oleoduto?

De súbito, Adriel ficou tenso, sua fisionomia contraiu, a expressão do seu olhar endureceu.

— Conhecia — disse, com um grunhido sussurrado e seus dentes trincados.

— Ele fez um grande mal a você no passado, não foi?

— O que exatamente eu disse quando estava dormindo?

— Palavras desconexas, sem sentido. Entre elas, ficou claro apenas o nome do seu Arnaldo.

Pude jurar que ele soltou um suspiro de alívio mal disfarçado.

— O que aconteceu no passado, não é algo que eu gosto de falar.

— Me conta. Eu quero saber.

— Eu já disse que não! — exaltou-se, seco e áspero. — Termine seu leite.

Quando ingeri o último gole do líquido morno, ele pegou o copo da minha mão, o depositou sobre a bandeja e ia se levantando para deixar o quarto. Seguindo a um impulso que não consegui controlar, ou mesmo compreender a razão, segurei sua mão e pedi:

— Não vai. Fica comigo.

— Ravena, nós não…

— É só até eu conseguir pegar no sono. Acho que toda essa agitação de hoje me deixou com insônia.

— Está bem.

Hesitante, Adriel abandonou a bandeja sobre a mesa de cabeceira, contornou a cama e deitou-se do outro lado, tão na beirada do colchão que parecia prestes a cair no chão. Estava de frente, com a cabeça apoiada sobre suas mãos, seus olhos fixos no teto. Parecia tenso a ponto de ter os músculos dos seus braços enrijecidos e sua mandíbula trincada.

Deitando-me de lado, com a cabeça apoiada sobre o travesseiro, o observei de perto, extasiada com o quanto era lindo, todo másculo, grande e forte. Não havia nada que eu já tivesse ansiado mais do que ansiava, naquele momento, para senti-lo novamente, me tocando, me tomando, me fazendo sua, com aquela força bruta que parecia a mais poderosa do universo.

— Quem é o homem com as tatuagens que veio te ver? — indaguei, depois do longo momento de silêncio.

— Um detetive particular que vai investigar o assassinato de Juliane. — Adriel virou o rosto para me fitar e um arrepio me percorreu quando vi aquele fogo abrasador refletido em sua expressão. — Infelizmente, ele vai ficar hospedado aqui e quero que fique longe dele.

— Por quê?

— Não gostei do jeito como ele estava te olhando e te segurando no jardim.

Na verdade, eu também não havia gostado nem um pouco daquele sujeito, das suas atitudes, no entanto fiquei feliz que Adriel tenha reparado em como ele me olhava e se importado com isto.

— Será que ele consegue descobrir quem a matou?

— Pela quantia que estou pagando, vai ter que descobrir. Além disso, me disseram que é um dos melhores do país. Agora durma, o bebê deve estar cansado de tanta agitação.

— Claro.

Tentei, mas não consegui evitar de tocá-lo, tendo-o tão perto. Então, vagarosamente, como quem não queria nada, fui me aproximando, até me aconchegar a ele, com minha cabeça aninhada em seu peito largo, uma perna jogada sobre seu corpo. Achei que com isso o sono viria, mas foi o oposto, meu corpo logo estava todo aceso, o calor da lascívia transformou meu sangue em brasas. O desejo pulsou vivo dentro de mim, fazendo minha calcinha molhar, meus mamilos suplicaram pelo calor e umidade da sua boca. Ainda assim, me forcei a ignorar todas as sensações e fiquei quietinha, tentando dormir.

— É verdade o que Marina disse sobre… — sussurrou ele rouco, ofegante, excitado e hesitante. — Sobre você ainda ser virgem?

Imediatamente senti meu rosto ficando vermelho. Era constrangedor ser virgem aos dezessete, quase dezoito anos. Ele ia pensar que nenhum homem nunca me quis de verdade.

— Sim — respondi, envergonhada.

Adriel virou-se de lado, colocando-se de frente para mim, com suas piscinas peroladas encontrando meus olhos.

— O que você tem na cabeça? Quase me deixou te possuir.

— Eu queria… — Passei a perna por cima do seu quadril e esfreguei meu sexo lambuzado na protuberância da sua ereção. — Queria não, quero que você seja o primeiro homem da minha vida.

— Ravena… — grunhiu ele, rouco e ajeitou uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha.

— Não me diga que sou uma criança.

— Mas você é.

— Não, Adriel, eu sou a mãe do seu filho e a sua esposa.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas as palavras pareciam lhe faltar, ou então seus argumentos haviam acabado.

No instante seguinte, sua mão grande se fechou em torno do comprimento do meu cabelo, na altura da minha nuca, ao mesmo tempo que sua boca deliciosa atacava a minha, beijando-me com loucura e uma gostosa sofreguidão, a língua exigente me explorava, lançando-me em meio a um fogo abrasador, que fazia o centro entre minhas pernas latejar e molhar ainda mais, ansiando por recebê-lo, senti-lo todo dentro de mim.

Adriel me beijava como se aquele fosse o último instante de nossas vidas, enquanto percorria sua mão através do meu corpo, me apalpando, me apertando contra a firmeza dos seus músculos e moldando-me mais a ele. Soltou um grunhido na minha boca quando sua mão alcançou minha bunda e a apertou forte, pressionando meu ventre contra a sua ereção brutal, sob o tecido das roupas e me movi desavergonhadamente, esfregando-me nele, tentando aplacar aquele desejo insano que me consumia.

Empurrando meu corpo de encontro ao seu, tentei nos virar sobre a cama e me colocar por cima, mas ele me impediu.

— Eu te quero tanto, que chega a ser doloroso — sussurrou, espalhando beijos molhados através do meu pescoço.

— Eu também te quero demais.

— Mas não posso fazer isso, não enquanto você for uma criança. Vamos esperar. Daqui um mês, você completará dezoito anos e se tornará uma adulta. Não vai ser fácil essa espera, mas podemos fazer isso.

Quase soltei um grito, de pura frustração. Quando completasse dezoito anos, eu pretendia sair da vida dele, ir embora para o mais longe possível com o meu filho. Não teríamos tempo de fazer nada, de viver essa paixão louca, ou seja lá o que fosse que eu sentia por ele. E eu o queria demais. Queria que fosse meu primeiro amante, queria levar comigo o calor dos seus braços, o gosto dos seus beijos, a intimidade do seu corpo para o resto da vida. Eu não teria uma vida plena se fosse embora sem ter pertencido a Adriel. Um mês seria suficiente para vivermos essa paixão, porém seu plano de esperar, atrapalharia tudo.

— Não consigo esperar — sussurrei, inconformada.

— Consegue sim. Agora durma. Vocês dois precisam de descanso.

Afrouxando o contato entre nossos corpos, Adriel voltou a aninhar minha cabeça em seu peito e continuou aconchegado a mim, como se fizéssemos parte de um só ser. Beijou o alto da minha cabeça e permaneceu imóvel, sem mover um só músculo do seu corpo, a não ser seu coração, cujas batidas aceleradas eu conseguia sentir de encontro a mim.

Frustrada, porém mergulhada em uma deliciosa sensação de paz e segurança, tão rara na minha vida, fechei os olhos e fiquei quieta, reprimindo minhas emoções, forçando a agitação do meu sangue aplacar, até que, aos poucos, fui relaxando e logo peguei no sono.

CAPÍTULO 20

ADRIEL

Quando despertei, ainda na cama de Ravena, tive a sensação de que me encontrava no meio do deserto do Saara, sob o sol escaldante, tamanho era o calor que tomava conta de mim. Minha pele estava dolorida, ardente, minhas bolas doíam violentamente.

Ao abrir os meus olhos, me deparei com seu rosto lindo repousado sobre meu braço, adormecido, completamente relaxado, com os olhos fechados, os densos cabelos escuros espalhados para todos os lados, seu corpo feminino, frágil e pequeno, aninhado ao meu, revelando-me o motivo de tamanho alvoroço em meu organismo.

Eu desejava aquela garota com uma intensidade quase doentia, como jamais me senti em relação a outra mulher. No entanto, precisava me controlar, pois, apesar de estar esperando um filho meu, ela era apenas uma adolescente, quase uma criança. Eu precisaria de todo o meu autocontrole para resistir aos meus impulsos de a tomar e fazê-la minha, enquanto estivesse morando sob o meu teto. Não me tornaria esse tipo de pervertido, já tinha pecados demais sobre minhas costas, esperando para serem pagos.

Então, cuidadosamente, evitando acordá-la, fui me afastando aos poucos, até me levantar da cama. Parei ao lado do leito e a observei por um instante. Não havia nada sobre ela que não me atraísse, era linda demais, perfeita demais, com sua pele aveludada, rosada, contrastando com os cabelos escuros, a boca carnuda no

formato perfeito para chupar um pau, os cílios longos escuros, o corpo cheio de curvas deliciosamente femininas e aquele ar de inocência que agora eu compreendia ser verdadeiro.

O tempo todo em que esteve comigo, ela jamais fingiu, como imaginei a princípio. O tempo todo estava sendo verdadeira. Era realmente apenas uma vítima nas mãos daquelas bandidas. Uma vítima inocente, pura e intocada. Uma virgem.

Lembrar-me de que ela era virgem deixou meu pau ainda mais duro. *Merda! Em que espécie de pervertido eu estava me transformando?*

A fim de escapar daquele mar de luxúria em que me afogava, entrei apressadamente no banheiro, arranquei todas as minhas roupas e me enfiei debaixo da água fria do chuveiro, tentando acalmar os ânimos do meu organismo. Mas foi inútil, nem a água fria apagava aquele incêndio dentro de mim. Eu precisava de alívio, precisava gozar antes que minhas bolas explodissem. Então, dando início a um segundo plano, segurei meu pau pelo meio e comecei a me masturbar, com meus olhos fechados. Ravena preenchia cada parte da minha mente, seu calor ainda estava presente em minha pele.

Que merda! Um homem de trinta e sete anos tocando uma punheta como se fosse um adolescente.

Eu continuava sob os jatos da água, com meus olhos fechados, uma mão apoiada na parede, a outra se movendo cada vez mais freneticamente em torno da minha ereção, mas sem conseguir resolver o problema. Até que ouvi o rangido da porta se movendo e, quando abri os olhos, Ravena estava entrando no banheiro.

Droga!

Na mesma hora parei o que fazia e, por reflexo, virei-me de frente para ela. Quando pude ver seus olhos azuis-claros, ainda sonolentos, descendo vagarosamente através da minha nudez, arregalando-se de susto ao deter no meu membro completamente ereto. Ao passo que seu queixo caía, uma perplexidade genuína se estampava em sua fisionomia.

Será que nunca tinha visto um homem pelado?

É, garota, você arranjou um problema dos "grandes".

Ela ficou parada, observando meu cacete apontado em sua direção, enquanto o ritmo da sua respiração ia modificando, tornando-se ofegante a ponto de eu perceber os movimentos de sobe e desce do seu peito, cada vez mais profundos, sem que eu conseguisse ter qualquer reação. Na minha cabeça, era apenas uma menina observando minha completa nudez, testemunhando minha indecência. No entanto, minha cabeça já não estava no controle daquela situação, pelo menos não a cabeça de cima.

Quando Ravena ergueu os seus olhos, voltando a me encarar, vi o fogo da luxúria refletido em sua expressão e naquele instante compreendi que eu estava completamente perdido.

Sem desviar seus olhos dos meus, ela começou a se despir das suas roupas.

— O que você está fazendo? — indaguei, tentando ser racional.

— Não posso esperar — sussurrou.

Completamente nua, Ravena invadiu o boxe, atirando-se em meus braços, tornando-me seu, incapaz de resistir. Passou os braços em volta do meu pescoço e moldou sua completa nudez à

minha, os seios pequenos e firmes se espremendo contra meu peito, o ventre achatado pressionando meu pau duro entre nós dois, sua boca deliciosa buscando a minha, até que fosse tarde demais para voltar atrás. Eu a faria minha, ali, naquele momento, e nada podia mudar isso, nem mesmo os meus princípios.

Dominado pela luxúria, fechei a mão na parte de trás dos seus cabelos e enterrei minha língua na sua boca, explorando-a com lascívia, enquanto me apossava do seu corpo frágil, delicado, intocado, percorrendo minhas mãos através das curvas deliciosas, como se tivesse passado toda a minha vida esperando por isto.

Minha vontade era de pressioná-la contra os azulejos, pendurar suas pernas em volta dos meus quadris e fodê-la ali mesmo. No entanto, ela tinha uma boceta que nunca havia tomado um pau, eu precisava ser cuidadoso, controlar o tesão descomedido, evitar machucá-la. Então, apoiei suas costas de encontro a uma parede e separei minha boca da sua, descendo os lábios através da sua deliciosa nudez, provando com língua e dentes cada centímetro de pele que alcançava, extasiado com sua maciez, sua delicadeza extremamente feminina.

Juntei os dois seios na frente do meu rosto e os ataquei como um faminto desesperado, lambendo e chupando um mamilo de cada vez, apreciando a forma como ela choramingava e gemia, se contorcendo toda, enfiando os dedos nos meus cabelos e me puxando mais de encontro a si.

Ela pediu por isso, agora teria que aguentar, pois eu faria com que gemesse e choramingasse ainda mais, tomando meu pau, quantas vezes eu quisesse, quando e onde desejasse, até que estivesse dolorida demais para recebê-lo.

Após me refestelar com os mamilos rosados, deixando-os completamente duros, continuei descendo minha boca através da sua deliciosa feminilidade, até que me abaixei para nivelar o meu rosto com a boceta pequena, coberta por uma rala camada de pelos escuros. Fiz com que ela pendurasse uma perna sobre meu ombro, abri seus lábios vaginais com meus polegares e passei a língua em toda a extensão da fenda entre eles, me deliciando com o sabor da sua umidade quente e macia, enquanto ela lançava a cabeça para trás e gemia alto, deliciosamente entregue, dando-se a mim, para que eu fizesse o que quisesse.

Introduzi a ponta da minha língua na vagina lambuzada, pequena, e em seguida a deslizei até o clitóris minúsculo, intumescido, concentrando movimentos ritmados sobre ele, cada vez mais freneticamente, extasiado com a certeza de que a minha língua era a primeira que tocava aquela bocetinha tão doce, de que eu era o primeiro a ouvir aqueles gemidos.

Continuei movimentando minha língua sobre o grelinho minúsculo, me segurando para não enfiar os dedos no canal lambuzado, até que Ravena gozou, gemendo mais alto, convulsionando de encontro à parede, segurando meus cabelos enquanto esfregava a boceta na minha boca, enlouquecida.

Bebi até o último resquício do seu prazer e coloquei-me de pé, atacando sua boca com a minha, segurando-a pelo queixo para que não tivesse para onde fugir e chupasse minha língua até provar do seu próprio gosto e entender o quanto era deliciosa. E ela mamou como uma cadelinha esfomeada, o que me deixou ainda mais louco.

Sem que eu esperasse, Ravena usou seus braços finos para me guiar como queria, até conseguir me fazer apoiar minhas costas na parede. Então, sua boca abandonou a minha e desceu através do meu corpo, me lambendo e mordendo, imitando o que eu acabara de fazer com ela.

— Você não precisa fazer isso — falei.

— Mas eu quero.

Ravena plantou uma trilha de beijos e lambidas que foi do meu peito até minha pélvis. Quando se ajoelhou à minha frente, seus olhos brilharam ao fixar meu pau duro como uma rocha. Sem hesitar, ela segurou-o pela base e o colocou na boca, chupando como uma virgem, batendo os dentes de vez em quando, embora fosse possível perceber que levava jeito para a coisa, bastava um pouco de treino. E o que era melhor: ela gostava de fazer aquilo. Que delícia!

Esperei que se divertisse um pouco, até que não pude mais adiar o que queria e a interrompi, segurando firme em seus cabelos e a puxando para cima. Dei uma lambida no contorno dos seus lábios e a ergui do chão, segurando-a no colo e a carregando para o quarto, sem, em nenhum momento, desviar meus olhos dos seus, temendo, quase com desespero, ser incapaz de parar caso ela mudasse de ideia sobre entregar-se a mim.

Cuidadosamente, deitei-a na cama, molhada, encharcando o lençol embaixo de si e me acomodei sobre seu corpo, apoiando meu peso nos cotovelos, percorrendo minha boca através da pele macia do seu rosto e pescoço, enquanto minha completa nudez se fundia à sua.

— Tem certeza de que quer isto? — sussurrei no seu ouvido e seus pelinhos se arrepiaram.

— Como jamais quis algo em minha vida.

Suas palavras funcionaram como um estopim e desisti de uma vez de lutar. Completamente rendido, apossei-me da sua boca e a beijei com verdadeira paixão, enquanto encaixava meus quadris entre suas pernas abertas para mim. Ao interromper o beijo, ergui ligeiramente meu torso, segurei meu pau pela base e encaixei a glande na sua entrada minúscula. Estava muito lambuzada, completamente escorregadia, quente e deliciosamente macia. Tentei ir devagar, temendo machucá-la, mas acabei perdendo a cabeça e enterrei tudo de uma vez.

Um grito agudo escapou da sua garganta ao passo que as paredes deliciosamente lambuzadas do seu canal me apertavam, latejando em volta da minha rigidez, dilatando-se para se familiarizar com a invasão.

Porra! Que delícia!

Puxei o pau e estoquei novamente, entrando brusco e rápido, enterrando-me até o final, quase indo à loucura com a forma como ela o apertava.

Desta vez, Ravena não gritou, apenas lançou a cabeça para trás e mordeu seu lábio inferior, ainda desconfortável, com uma lágrima solitária escorrendo do canto do seu olho.

— Era isso que você queria, agora aguenta, cadelinha — grunhi e ela arqueou as costas, como se seu corpo reagisse ao som da minha voz.

Puta merda! Essa menina seria a minha perdição.

Puxei os quadris e soquei novamente meu pau naquela delícia, indo e voltando, metendo e tirando, até não conseguir mais parar, passando a mover-me cada vez mais freneticamente dentro dela, alcançando-a bem fundo, esticando-a toda, tornando-a tão minha, que a sensação chegava a ser quase dolorosa, de um jeito inexplicável.

Ravena não conseguiu evitar o desconforto natural nos primeiros instantes, porém, aos poucos, foi se soltando, entregando-se mais intensamente à medida em que a dor a abandonava e tudo o que lhe restava era a luxúria, o desejo de ser preenchida, um desejo tão insano quanto o meu.

Ela era uma amante nata. Logo suas mãos delicadas estavam percorrendo os músculos das minhas costas, suas panturrilhas abraçaram meus quadris e ela ergueu a cabeça para morder o meu peito, gemendo e choramingando, tentando rebolar no meu pau, acompanhar meus movimentos, mas com uma inexperiência que a tornava ainda mais deliciosa, enlouquecedora.

Tentei me segurar, experimentar aquela delícia por mais tempo, mas o tesão estava grande demais, descontrolado.

— Goza pra mim, cadelinha. Também quero, mas só depois de você.

Ravena lançou a cabeça para trás e minha boca se apossou da pele macia do seu pescoço, enquanto eu a penetrava ainda mais depressa e forte, até que senti os músculos do seu corpo se enrijecerem, anunciando a chegada do gozo e ergui a cabeça para fitar o seu rosto lindo.

Vê-la gozando foi o espetáculo mais magnífico que já apreciei. Os músculos da sua face se contorciam de prazer

enquanto ela gemia enlouquecida, arqueando as costas no colchão, tomando meu pau até minhas bolas tocarem sua bunda. Quando começou a se aquietar foi a minha vez. Bastaram mais duas estocadas para que eu estivesse me derramando, enchendo aquela bocetinha gostosa de esperma, com violentos espasmos do meu pau.

CAPÍTULO 21

ADRIEL

Após o êxtase, senti meu corpo ligeiramente mais pesado, lânguido. A fim de evitar colocar meu peso sobre Ravena, nos virei de lado na cama, mantendo nossos corpos ainda colados de cima até embaixo, com meu pau ainda dentro dela, completamente duro, deslizando gostoso no meu gozo e no seu, recusando-se a deixá-la, enquanto seu coração batia tão depressa que eu podia senti-lo de encontro ao meu peito.

— Você está bem? — indaguei, ofegante.

— Nunca estive melhor. — Deu-me um sorriso.

— Não te machuquei?

— Um pouco, no começo. Mas valeu a pena.

— Sinto que deveria te deixar em paz, para que tenha alívio, devido a ser sua primeira vez, mas não consigo sair de dentro de você.

Ela acariciou minha face com a ponta dos seus dedos, com seus olhos magnificamente azuis brilhando de luxúria.

— Não preciso de alívio. Preciso de você dentro de mim.

Em reação às suas palavras, meu pau soltou um longo espasmo. Então, espalmei minha mão sobre a carne rija da sua bunda, cravando os dedos ali, fazendo com que jogasse sua perna por cima do meu quadril e a apertei mais de encontro a mim, empurrando meu pau tão fundo, que pude sentir sua vulva melada pressionando minha pélvis, pelos e fluídos se misturando.

Segurei firmemente em seus cabelos e colei minha boca na sua, beijando-a devagar, languidamente, no mesmo ritmo em que

passava a movimentar meus quadris, entrando e saindo dela naquele ritmo lento, gostoso, extasiado com o deslizar da minha rigidez na sua carne lambuzada, quente e macia.

Eu queria passar o dia inteiro dentro dela, fodendo-a sem parar, mas ela tinha um bebê em seu ventre, precisava se alimentar. Então, nos virei sobre o colchão, colocando-a sobre mim, montada no meu cacete e segurei dos dois lados dos seus quadris, ensinando-a como se mover em cima de um homem, fazendo-a rebolar gostoso no meu pau, ao mesmo tempo que esfregava o clitóris nos meus pelos púbicos.

Não demorou muito e Ravena estava gemendo descontrolada de novo, movendo-se cada vez mais depressa, permitindo-me penetrá-la cada vez mais fundo e forte, mostrando-se naturalmente habilidosa na arte de foder. Aos poucos, ela foi endurecendo toda, o gozo se formando no seu organismo e levantei o tronco para beijá-la na boca enquanto ela gozava mais uma vez no meu pau, remexendo seus quadris enquanto o mantinha todo enterrado nela.

Não separei minha boca da sua quando fui ao êxtase também, mantendo-a cativa em minha boca enquanto ejaculava no seu canal apertado.

Apenas depois que nos separamos sobre a cama, cada um desabando para um lado, percebi as manchas de sangue entre suas coxas e no lençol. Foi então que a culpa me bombardeou ferozmente, deixando minha consciência perturbadoramente pesada.

Caralho! Eu havia acabado de deflorar uma menina de dezessete anos, a vítima inocente de duas bandidas sem alma. *Em*

que espécie de homem havia me transformado?

— Isso foi completamente incrível. — Sua voz suave penetrou-me a mente, resgatando-me dos pensamentos, funcionando como um bálsamo que amenizou minha culpa, embora não a dirimisse por completo.

Ravena quis aquilo. Por outro lado, uma garota daquela idade, principalmente com a vida sofrida que tinha, não dispunha de tanto discernimento para decidir.

— Foi incrível para mim também — falei, virando-me de lado para observá-la.

Estava estendida sobre o colchão, observando o teto com seu olhar sonhador e um sorriso nos lábios, mostrando-se bastante à vontade com sua nudez completamente exposta. Não havia nada de criança nela, tinha o corpo perfeito de uma mulher, com seios firmes e redondos, a cintura bem torneada, os quadris largos e a vulva completamente peluda. Era linda, sexy e deliciosa demais, perfeitamente capaz de levar qualquer homem à loucura. Além de tudo, ainda era fogosa, quente como o inferno.

— Como você conseguiu se manter virgem até essa idade, naquela casa frequentada por todo tipo de pervertido?

Arrependi-me por ter feito a pergunta no instante em que ela se virou para me encarar, com seu rosto corado de vergonha, os olhos carregados de aflição, levando-me a compreender o quanto sua vida fora infernal, se esquivando das investidas dos amantes e vítimas da sua mãe e irmã.

— Não foi fácil. A exigência que meu pai fez à minha mãe de não me envolver nos seus negócios me ajudou a fazer com que ela mantivesse os tarados que levava para casa longe de mim. E os

garotos da escola não queriam namorar sério a filha de uma vigarista.

— Só tem otário nessa escola. Melhor para mim.

Ravena sorriu. Tinha tanto que eu queria perguntar a ela, saber sobre seu relacionamento com o pai, no entanto teria que ficar para depois. Por ora, ela precisava se alimentar.

— Chega de conversa. Você precisa comer. Venha, vou te dar um banho.

Precisei de muito autocontrole para não comer Ravena novamente no banheiro, enquanto dava-lhe um banho. Ao descermos para o primeiro piso, encontramos Marina e William, o maldito detetive particular, acomodados à mesa, tomando o café da manhã. Percebi a forma insinuante como Marina fitava o sujeito à sua frente, quase o devorando vivo com o olhar. O mesmo olhar cobiçoso que ele lançou na direção de Ravena, tão logo avançamos pela sala.

Cedendo a um impulso incontrolável, passei um braço em torno da cintura dela, para que ele soubesse a quem ela pertencia, agindo como um verdadeiro cão de caça que marcava seu território.

— Meu Deus! Eu já estava quase indo lá em cima checar se vocês não tinham morrido. Nunca vi ninguém acordar tão tarde — disparou Marina, com aquele seu jeito sempre displicente, como se não existisse um filtro entre seu cérebro e o que saía da sua boca. — Quem vê assim pensa até que andaram dormindo juntos.

Antes que tivéssemos tempo de dizer algo, a compreensão pareceu alcançá-la e fiquei satisfeito ao ver o sorriso se formando em seus lábios, em sinal de aprovação, ao chegar à óbvia constatação.

— E quanto a você, não era para estar servindo à mesa, ao invés de estar sentada nela? — questionei.

A garota era paga para trabalhar na casa, mas não fazia praticamente nada, algo para o que eu dava pouca importância. Preferia mesmo que ela fizesse companhia à Ravena, para que o fato de não poder sair sozinha, sem os seguranças, não a fizesse se sentir uma prisioneira.

— Eu já servi. Fui eu quem trouxe toda essa comida. Só me senti na obrigação de fazer companhia ao seu hóspede.

Antes que Ravena tivesse tempo de alcançar a mesa, parti na frente e puxei a cadeira ao lado de Marina, a fim de evitar que ela se acomodasse perto daquele imbecil. Ele tinha que ser um detetive muito bom mesmo para fazer valer a pena o fato de eu ter concordado em hospedá-lo na minha casa. O que eu queria mesmo era mandá-lo para o hotel da cidade, no entanto permiti que me convencesse de que ficando na casa, examinando meu cotidiano, teria maior facilidade em realizar sua investigação. Vê-lo devorando Ravena com os olhos era um dos preços que eu pagava à espera de que ele descobrisse o mais depressa possível quem assassinara Juliane com o intuito de me incriminar. Eu tinha quase certeza de que fora Arnaldo, mas, sem provas, não podia fazer nada. Havia ainda a hipótese de ter sido Soraya, ou o delegado, ou os três juntos, pois estavam todos contra mim e eu os esmagaria como baratas rastejantes.

— Vocês estão casados há muito tempo? — perguntou o maldito detetive tatuado, sem sequer disfarçar os olhares maliciosos na direção de Ravena, que o ignorou completamente.

Por mais que tivesse quase metade da minha idade e, portanto, estivesse mais próximo da idade dela, e por mais que andasse por aí com aqueles braços enfeitados por tatuagens, ele não ia conseguir nada com Ravena. Se havia algo que ela estava era muito bem comida e saciada. E eu me encarregaria de que continuasse assim, para que não precisasse de outro homem na sua cama.

Eu estava abrindo a boca para dizer que esse assunto não era da conta dele, mas Marina foi mais rápida.

— Se casaram ontem. A festa que você viu era uma comemoração. Não parecem feitos um para o outro?

— Com certeza parecem. — Seu tom de voz era de sarcasmo e a irritação se alastrou pelas minhas veias.

— Eu não sei se você age assim em todos os seus clientes, mas na minha casa não admito que se meta na minha vida pessoal. Cuide apenas do que veio fazer aqui — disparei, estrondosamente.

Marina e Ravena paralisaram o garfo com a comida no ar, a meio caminho da boca, ambas observando-me com perplexidade, como se nunca tivessem visto um homem falando firme com outro.

Embora não fosse nada minha além da mãe do meu filho e de estar ligada a mim por um casamento de conveniência, Ravena estava sob os meus cuidados e eu a defenderia seja lá de quem fosse, inclusive do assédio daquele imbecil cheio de tesão.

— Calma, amigo. Eu só estava puxando assunto. Mas se você não curte uma boa conversa, não me manifesto mais.

— Pode se manifestar quando for para falar sobre algo relevante. Como, por exemplo, me dizendo por onde pretende

começar sua investigação. Quero que esse caso seja solucionado o mais depressa possível.

Ele estava abrindo a boca para falar, quando meu celular vibrou com uma chamada dos seguranças e atendi, apreensivo. Como eu já previa, Soraya estava no portão, junto com dois funcionários do Conselho Tutelar, exigindo entrar para falar comigo.

— Diga que esperem. Estou tomando meu café da manhã — me limitei a dizer.

Ao encerrar a ligação, instintivamente meus olhos buscaram os de Ravena, que já me encarava com sua fisionomia carregada de aflição, certamente presumindo o que estava acontecendo.

— Ela está lá fora, não é? — indagou, seguindo sua intuição.

— Sim. E trouxe junto o Conselho Tutelar.

— Ai, meu Deus!

— Não precisa ficar assim. Vou esfregar aquela certidão de casamento nas fuças dela e fazer com que vá embora daqui com o rabo entre as pernas.

— E se ela der um jeito de invalidar esse casamento? E se pagar o conselheiro pra me levar de qualquer jeito?

— Não vai acontecer. Ela pode até tentar encontrar uma brecha na lei, mas até lá você já será adulta e dona do seu nariz. Agora coma. O bebê não pode passar fome.

— Uau! Você está grávida? — Ousou dizer o maldito tatuado.

— Isso não é da sua conta! — Ravena e eu dissemos em uníssono, o que nos levou a dar um sorriso ao outro e foi o bastante para que o sujeito voltasse a comer em silêncio.

Ninguém mais abriu a boca para falar enquanto comíamos, todos envolvidos pelo clima de tensão acarretado pela presença de

Soraya no portão.

Ao final da refeição, peguei minha valise e segui rumo à saída, fazendo questão de levar William comigo, a fim de me certificar de que não ficaria na casa, cobiçando a mulher que carregava meu filho no ventre.

Antes que eu atravessasse a porta, Ravena me alcançou e pediu que o outro homem seguisse na frente para falar comigo a sós.

— Eu só queria dizer para você tomar cuidado — pediu ela, aflita, hesitante. — As pessoas que estão contra você são muito perigosas.

Ela fitava-me com seus olhos azuis-claros repletos de aflição, aquele ar de inocência genuíno, que me fascinava, presente em sua fisionomia, encantando-me visceralmente, fazendo-me pensar no quanto era intrigante o fato de parecer tão inocente e pura naquele momento, depois de ter agido igual a uma cadelinha no cio, quando estava tomando o meu pau.

O pensamento me causou uma ereção. Droga!

— Não se preocupe, Ravena. Nenhum deles vai conseguir colocar as mãos em mim. Ainda quero viver muito tempo, quero comer essa sua bocetinha apertada muitas vezes.

Sua face ficou corada, mas ao mesmo tempo um sorriso travesso se fez presente em seus lábios. Aquele seu jeito de menina safada e, ao mesmo tempo, inocente, ainda ia acabar comigo.

— Estarei aqui esperando você.

— Certo. Tome cuidado também. Tente não sair de casa, mas, se precisar, vá com o motorista. Ele cuidará da sua segurança. Até mais tarde.

Despedi-me com um beijo rápido em sua testa, pois temia que um contato minimamente maior me levasse a desistir do trabalho para ficar em casa fodendo-a.

Do lado de fora, entreguei as chaves de um dos meus carros a William, para que realizasse seu trabalho mais depressa, já que viera de helicóptero e deixara o seu em São Paulo. Em seguida, entrei no carro conduzido pelo motorista, certificando-me de que o outro homem me seguia e partimos rumo aos portões de saída. Apenas ao atravessá-lo, parei para falar com Soraya, que se encontrava entre os dois funcionários do governo e me fuzilava com seus olhos raivosos de sempre, enquanto eu saltava do veículo e me colocava à sua frente.

— Onde está minha filha? — inquiriu, de forma irritantemente arrogante.

— Como eu disse, ela não vai com você a lugar nenhum. Não sairá desta casa enquanto estiver carregando meu filho no ventre.

— É o que vamos ver. Esses senhores são funcionários do Conselho Tutelar e têm uma ordem do juiz para levar minha filha daqui.

Saquei a certidão de casamento do bolso do meu paletó e o entreguei a um dos homens que a acompanhava.

— Ravena agora é minha esposa, aí está a prova. — Vi o rosto da megera empalidecer. Eu podia apostar que por essa ela não esperava. — De acordo com a lei, agora sou o responsável por ela, enquanto for menor de idade. Portanto, é do meu lado que ela vai ficar e você não poderá fazer nada para mudar isto.

Pálida, quase em desespero, ela arrancou a documento das mãos do homem e examinou atentamente seu conteúdo, com seu

queixo caindo à medida que lia o que estava escrito. Em seguida, virou-se para o funcionário do Conselho Tutelar.

— Faz sentido isso que ele está dizendo? A lei permite que tenha algum direito sobre minha filha?

— Sim. Mediante esse casamento, não podemos fazer mais nada para tirar Ravena daqui. Segundo a lei, ele é responsável por ela agora.

— Mas que porra de lei é essa que permite um estuprador tirar uma filha de sua mãe? — vociferou, rasgando o papel em sua mão.

Ao ouvi-la me acusando de estuprador, minha vontade foi de apertar sua garganta até que parasse de respirar. Contudo, me forcei a reprimir a raiva que me queimava por dentro. Não valeria a pena sujar minhas mãos com aquela ratazana de esgoto.

— Pode rasgar, Soraya, era apenas uma cópia. O documento original está muito bem guardado. Ravena agora é minha e você não pode fazer mais nada para tirá-la de mim.

— Isso não vai ficar assim! — cuspiu ela, com sua fisionomia contraída de puro ódio. — Eu vou levar minha filha daqui, custe o que custar.

— Pode tentar. Até você arranjar um meio, ela já será maior de idade e escolherá por si mesma ficar ao meu lado.

— É o que vamos ver, seu patife de merda!

— Cansei de você. Se voltar aqui, mandarei que soltem os cachorros em cima de você e, acredite, se o fizerem, não sobrará nada de você para contar a história.

Dito isto, não esperei que a maldita retrucasse, apenas dei-lhe as costas e entrei no carro, ordenando ao motorista que nos

tirasse dali.

CAPÍTULO 22

ADRIEL

Considerando que a primeira coisa que fiz ao chegar de Belize, no dia anterior, depois de me casar com Ravena, foi enviar uma ordem de despejo para Arnaldo Brandão, dando a ele trinta dias para desocupar a casa que eu pretendia demolir, não me surpreendi ao encontrá-lo me esperando na recepção, tão logo adentrei o edifício que sediava minha empresa. Só que ele estava perdendo seu tempo indo ali. Não existia nada do que fizesse, ou dissesse, que seria capaz de me convencer a mudar de ideia.

Agora que Ravena havia se tornado minha esposa e eu podia provar, com seu depoimento, que não a violentei, ou mesmo a engravidei intencionalmente, aquele velho maldito não tinha mais nenhum trunfo com o qual pudesse me chantagear. Se insistisse em procurar a imprensa com aquela história, nenhum escândalo seria gerado com o meu nome e, no fim das contas, eu ainda seria visto como um bom samaritano que salvava a mocinha indefesa da sua mãe filha da puta.

Com isto, eu estava livre para passar por cima da casa dele e o faria. O tornaria um desabrigado, um morador de rua, sem que ele pudesse fazer mais nada para me impedir e sem que minha consciência pesasse minimamente.

Ele ainda estava com sorte, por eu ter-lhe dado os trinta dias para desocupar o imóvel, poderia ter sido apenas quinze, se não fosse pelas súplicas quase comoventes de Silvana. Levando em conta o fato de que ela era minha irmã e nada de mal fizera, resolvi

acrescentar mais alguns dias para que eles tivessem tempo de encontrar outro lugar para morar.

Quase coloquei o café da manhã para fora do estômago quando me deparei com aquele traste imundo, sentado nos estofados da recepção, seu rosto enrugado e empalidecido, tomado por um ar de súplica e humildade que só conseguia me fazer odiá-lo ainda mais. Seus olhos me fuzilavam com angústia, me induzindo a querer jogá-lo no chão e chutá-lo até que revelasse o porco imundo que realmente era.

Cumprimentei a secretária com um sucinto bom dia e tentei passar direto para a minha sala, ignorando-o completamente, mas o maldito tomou-me o caminho.

— Por favor, Adriel, preciso falar com você e não saio daqui até que concorde em me receber — disse ele e o ódio se espalhou feroz pelas minhas veias.

Talvez eu devesse apenas ter contratado um pistoleiro, assim que ganhei dinheiro suficiente e mandado acabar com sua raça, pois desta forma não seria obrigado a olhar para a sua cara nojenta de novo.

— E quer falar o quê, seu traste imundo? Vai implorar para ficar com aquela maldita casa? Nem perca seu tempo. Vou passar por cima daquele lixo nem que seja com você lá dentro.

— Não fale assim, não alimente tanto ódio, queira ou não, você é meu filho.

Ao ouvi-lo, a secretária nos olhou com os olhos arregalados de espanto e imediatamente compreendi que em questão de horas a cidade inteira estaria sabendo que eu era filho daquele traste.

Inferno!

— Cale essa sua maldita boca! — ordenei e acenei para que me seguisse, enquanto entrava no elevador que nos levaria para o segundo piso, onde ficava minha sala.

Entrei e me acomodei na cadeira atrás da minha mesa, minha garganta seca implorava por uma dose de uísque, porém era cedo demais para beber.

Arnaldo observava tudo em volta, ao passo que se acomodava na cadeira do outro lado da mesa, mesmo sem ser convidado a sentar.

— É um belo lugar e ficou ainda melhor depois da reforma. Já fui dono desse prédio, na época em que exportava soja.

— E perdeu tudo por causa do seu vício em jogo.

— Eu jamais teria perdido tudo o que tinha, se não fosse pela sua interferência.

— Você jamais teria perdido tudo o que tinha se não fosse um porco imundo, um estuprador de merda!

Seus olhos avermelhados pela idade avançada me fuzilaram com súplica, causando-me ainda mais náuseas.

— Pelo amor de Deus, filho, eu imploro que me perdoe pelo que fiz. Eu estava bêbado, fora de mim, não vi o que estava fazendo. Não me deixe morrer sem o seu perdão.

Quanto mais ele falava, mais o ódio se tornava vivo em meu íntimo, tornando-me cego, quase irracional.

— Cale essa boca, seu rato imundo! Pare de me chamar de filho.

— Queira ou não, você sempre será o meu filho.

— Pai não é quem faz, é quem educa. O fato de você ter trepado com a minha mãe não o torna meu pai. Agora, se já

terminou, pode ir embora. Olhar para a sua cara não é algo que eu queria fazer logo pela manhã.

Ele suspirou fundo, resignado, talvez finalmente chegando à óbvia conclusão de que era perda de tempo tentar me comover com seus lamentos, talvez tomando consciência de que seria destruído, independente do que dissesse.

— Eu não tenho muito mais tempo de vida. Tenho um câncer no intestino que está me matando lentamente. — Meu primeiro pensamento foi de que ele estava inventando aquilo, a fim de tentar me comover. — Não quero morrer sem antes obter o seu perdão e não quero partir deixando minha filha sem ao menos um teto sobre a sua cabeça. Se não quer ter compaixão por mim, tenha por ela. Se aquela casa for demolida, ela não terá para onde ir.

— Perceba até onde um ser desprezível como você é capaz de chegar para conseguir o que quer. Inventando que tem uma doença sem cura apenas para tentar me comover.

— Eu já imaginava que você me desacreditaria. Por isso trouxe isso.

Ele tirou um papel dobrado do bolso da sua camisa, abriu-o e o estendeu sobre a mesa diante de mim, indicando-me que olhasse. Mesmo relutante, o peguei e chequei seu conteúdo. Era um exame laboratorial em seu nome, de acordo com o qual ele tinha mesmo câncer no intestino e em estágio avançado. Não teria mais muito tempo de vida.

A constatação provocou-me um impacto inesperado por dentro, um misto de insatisfação e desânimo, que não compreendi, mas que talvez fosse acarretado pelo fato de que seria um maldito tumor a acabar com ele e não eu. Voltei a encará-lo e, por uma

breve fração de segundo, fui invadido por um misto de piedade e algo mais que não consegui identificar. Mas então lembrei-me de Juliane, do fato de ele ter tirado sua vida com o único objetivo de me incriminar. Aquele ser diante de mim não passava de um monstro sem alma e aquele tumor era pouco, perto do que ele merecia.

— Não espere pela minha piedade. Você tirou a vida de uma pessoa inocente apenas para colocar a culpa em mim e tentar me mandar para a cadeia. Só está tendo o que merece.

— O quê? Do que você está falando? — Mostrou-se confuso de início, porém logo a compreensão o alcançou. — Você acha que fui eu quem matou aquela prostituta? Está enganado, Adriel. Eu não fiz isso. Você é meu filho e jamais te faria mal de caso pensado.

Ele parecia realmente surpreso com a minha acusação, o que lançou uma leve sombra de dúvida sobre a minha suposição de que foi ele a fazer aquilo. Uma dúvida que durou pouco, pois um homem capaz de violentar o próprio filho de dez anos seria capaz de qualquer coisa, inclusive de ser dissimulado a ponto de me levar a duvidar da sua responsabilidade sobre aquele assassinato. Arnaldo não passava de um maldito monstro, a escória do universo e nada me convenceria do contrário.

— Ninguém estupra uma criança de dez anos, sem que seja de caso pensado. Esse mal que você fez a mim jamais será reparado. Então, não venha aqui me dizer que não me faria mal porque sou seu filho. Tenha a dignidade de, pelo menos, assumir a sua maldita covardia, seu estuprador de merda!

Ele desviou seu olhar para o chão, parecendo mais cansado e abatido do que quando entrou na sala. Mas eu não ligava. Que morresse à míngua, como merecia.

— Eu sinto muito... — balbuciou, quase sem voz.

— Eu não ligo para o que você sente. Agora, se já terminou, desapareça da minha frente e não volte mais aqui. Em trinta dias, a casa será demolida com você fora, ou dentro dela.

Parecendo duzentos anos mais velho do que realmente era, ele pegou o exame sobre a mesa, enfiou-o no bolso, levantou-se e se dirigiu rumo à porta. Antes de sair, virou-se novamente para mim.

— Você tem todo o direito de não acreditar, mas nunca houve um só dia da minha vida em que a culpa pelo que fiz a você não tenha me matado um pouco por dentro. Adeus, Adriel.

Com isto, abriu a porta e finalmente se foi.

A revolta dentro de mim permaneceu feroz como ondas gigantescas no mar agitado. Em um impulso incontrolável, peguei o notebook sobre a mesa e o atirei contra a parede, deixando-o em pedaços. A presença daquele imundo só servia para reavivar as feridas que eu carregava na alma desde que tinha dez anos, feridas que passei uma vida inteira tentando esquecer.

Eu realmente amara aquele homem um dia, quando era apenas uma criança. Mesmo sem saber que era meu pai, eu o admirava, o via como um super-herói e ele demonstrava também se importar comigo. Éramos amigos, companheiros de cavalgadas, ele jamais me tratou como um empregado. Até que, certo dia, o encontrei naquele maldito estábulo, onde ele costumava dormir quando chegava na fazenda bêbado demais para entrar em casa e ouvir as brigas da esposa. Foi lá que tudo aconteceu, foi ali que ele me destruiu, gravando marcas em minha alma que jamais seriam apagadas, marcas que se reavivavam cada vez que ouvia seu nome, que pensava nele ou o via.

Tentei ignorar meu martírio e me concentrar no trabalho, mas foi impossível. A visita daquele maldito, aquela história de que estava com um câncer terminal me atormentaram implacavelmente durante as horas que se seguiram, impedindo-me de me concentrar em qualquer outra coisa.

Mesmo em meio ao tormento que me assolava, passei a manhã inteira no escritório, resolvendo assuntos atrasados, me empenhando em terminar o que vim fazer em Santa Clara o quanto antes, a fim de voltar para a civilização, onde eu tinha certeza de que nunca mais precisaria olhar para a cara daquele inseto.

No entanto, nem mesmo os afazeres do dia foram suficientes para me acalmar. Minha revolta era imensurável, a ira fervia como lava dentro de mim. Nunca meu desejo de ter o poder de apagar tudo o que passou foi tão exorbitante. Eu só queria esquecer, parar de pensar em toda essa merda, ignorar toda essa angústia. Conversar com meu terapeuta talvez ajudasse, eu poderia ligar para ele, no entanto estava sendo difícil admitir, até mesmo para mim, que Arnaldo ainda exercia esse tipo de domínio sobre mim, que sua presença tinha o poder de me desestabilizar, de me tirar dos eixos. Ele era apenas um velho ridículo, não merecia um só minuto da minha lembrança, da minha dor.

Geralmente, eu não costumava ir almoçar em casa, devido à longa distância, apenas pedia um sanduíche e comia ali mesmo, no escritório. Contudo, naquele dia, quando dei por mim, estava entrando no carro e ordenando ao motorista que me levasse para a mansão.

Compreendi o que eu queria apenas ao entrar na moradia. Quando encontrei Ravena e Marina na sala de estar, acomodadas

em um sofá, com as pernas penduradas sobre o estofado, displicentemente, conversando. Ambas silenciaram-se logo que me viram entrando.

Apenas ao olhar para a garota com quem me casara há um dia, entendi que fora ela que me trouxera ali. Eu a queria. Meu corpo castigado pela tensão e minha mente atormentada pelo martírio, clamavam desesperadamente por tê-la, por me perder no seu gosto e no seu calor.

— Ravena, posso falar com você lá em cima? — falei, invadido por um desejo quase irracional de possuí-la, como se seu corpo fosse capaz de trazer alívio para todos os meus tormentos.

— Claro. — Ela levantou-se e se aproximou de mim. Seus olhos lindos revelaram um misto de espanto e aflição ao observarem meu rosto de perto. — Você está bem?

— Estou. Eu só preciso de você.

Segurei-a pela mão e a conduzi rumo ao andar de cima, trancando a porta por dentro ao entrarmos no meu quarto. Percebi que Ravena olhava tudo em volta, pois certamente era a primeira vez que entrava naquele aposento. Eu precisava decidir se devia, ou não, convidá-la a trazer suas coisas e passar a dormir ali, já que dividiríamos o mesmo teto ao longo de vários meses e eu seria incapaz de manter minhas mãos longe dela durante esse tempo todo.

— Você está mesmo bem? — indagou ela, voltando a me observar.

— E por que não estaria?

Eliminando a distância entre nós, levei a mão à parte de trás dos seus cabelos e puxei o rabicó que os prendia, desmanchando

seu rabo de cavalo, observando os fios densos e escuros caindo-lhe lindamente sobre os ombros.

— Você não me parece bem. Aconteceu alguma coisa?

— Por favor, pare de fazer perguntas e faz amor comigo. Eu preciso disso agora.

Ravena pareceu confusa, sem conseguir entender. Como não disse nada, apenas a ataquei, segurando-a firme pela nuca e me apossando da sua boca, ao mesmo tempo que explorava seu corpo gostoso com a outra mão, percorrendo suas curvas deliciosamente femininas por cima do vestido simples de malha.

A princípio ela mostrou-se hesitante, confusa, porém logo se rendeu, passando os braços em volta do meu pescoço e me beijando de volta, permitindo que minha língua a explorasse, ao passo em que colava seu corpo todo ao meu, deixando-me duro a ponto de explodir.

Eu necessitava estar dentro dela, com uma urgência quase doentia, não podia esperar nem mais um minuto, precisava tirar todas aquelas roupas do meu caminho. Então, agindo como um selvagem no cio, segurei dos dois lados no decote do seu vestido e fui puxando devagar, rasgando o tecido frágil, partindo a peça em duas, até arrancá-la totalmente do seu corpo, deixando os trapos no chão. Uma nova onda de excitação me percorreu quando constatei que ela não usava sutiã, apenas uma calcinha minúscula.

Abandonando seus lábios, desci minha boca através da sua pele macia, provando cada detalhe seu, até me abaixar diante de si, me perdendo por completo ao espalhar beijos sobre seu ventre ainda liso, com uma parte de mim ali dentro.

Ansioso por senti-la mais intimamente, apenas afastei a calcinha para o lado e busquei seu gosto com a minha língua, invadindo-a entre os grandes lábios, provando sua umidade e a provocando mais. Lambi e suguei o grelinho minúsculo até deixá-lo pontudo, contudo minha ansiedade exacerbada não me permitiu esperá-la gozar.

Com aquela fome que me consumia dolorosamente, peguei-a nos braços e a levei para a cama. Coloquei-a na beirada do colchão, fiz com que ficasse de quatro e abri bem suas pernas, apreciando a visão do seu sexo pequeno completamente exposto para mim. Inclinando-me, dei mais algumas lambidas na bocetinha rosada e abri o zíper da minha calça, descendo-a até a altura dos joelhos, junto com a cueca. Segurei meu pau, completamente duro, pelo meio e o encaixei na sua entradinha minúscula.

Ravena ainda não estava molhada o suficiente para me receber com conforto, mas isso não me deteve, eu a queria e a teria. Então, fui entrando nela devagar, empurrando a glande ligeiramente para os lados, a fim de abri-la e encontrar passagem, até que meu pau estava todo dentro, suas paredes macias o apertando deliciosamente, contraindo-se e relaxando em torno da sua rigidez, em uma pulsação que quase me levou à loucura.

Porra! Que delícia! Como eu estava precisando daquilo! Apenas ela conseguia me fazer esquecer toda a merda que era a minha vida.

Dominado por uma irracionalidade luxuriosa, segurei firmemente dos dois lados dos seus quadris e puxei o meu pau, para em seguida enfiá-lo todo novamente. Um grito agudo escapou da sua garganta, a firmeza das minhas mãos atrapalhou sua

tentativa de escapar. Puxei os quadris e os arremeti novamente contra ela, estocando firme e bruto, indo bem fundo, sem mais conseguir parar de me mover dentro dela, naquele vai e vem enlouquecedor. Toda a fúria que antes me consumia agora estava concentrada em meus movimentos, convertida em puro prazer e deleite.

Logo Ravena estava gemendo dengosa, abrindo mais as pernas e empinando a bunda para mim, dando-se toda, entregando-se de uma forma que me fazia querer nunca mais sair de dentro dela.

Eu a fodia cada vez mais depressa e firme, enterrando meu pau tão fundo que minhas bolas açoitavam sua vulva peluda, até que o gozo foi se formando nela e em mim. Então me movimentei ainda mais freneticamente, mergulhando no êxtase ao mesmo tempo que ela. Ambos gozamos juntos, nos acabando, enquanto nossos gemidos e grunhidos se misturavam pelo quarto.

Quando a calmaria nos arrebatou, tive vontade de deitá-la de bruços e cair sobre ela para continuar fodendo sua bocetinha lambuzada, mas lembrei-me do bebê e acabei me retirando a contragosto, permitindo que deitasse sozinha e ela o fez, virando-se de frente e espalhando-se lindamente sobre o colchão, com sua nudez delicada e deliciosa, completamente exposta, enchendo meus olhos.

Ofegante pelo gozo e pelo calor, livrei-me das minhas roupas e estendi-me ao seu lado, quando então Ravena veio se aninhar a mim, deitando a cabeça em meu peito, abraçando meus quadris com uma perna. Ficamos ali parados, aconchegados um no outro,

durante um longo momento. Apenas o som da nossa respiração quebrava o silêncio do ambiente.

Embora eu me sentisse ligeiramente mais calmo, mais aliviado, a sensação de que minha alma estava feita em pedaços ainda estava lá, atormentando-me, tirando-me qualquer vestígio de paz, enquanto eu fitava fixamente o teto, sem conseguir afastar o martírio que me assolava.

— Vai me contar o que aconteceu? — indagou Ravena, com um sussurro, depois do longo silêncio.

Ela espalhou uma trilha de beijos sobre meu peito suado, enquanto percorria o contorno dos meus músculos com a ponta do seu polegar.

Dificilmente alguém em Santa Clara ficaria sem saber que Arnaldo era meu pai, depois daquele safado ter dito isso em voz alta na frente da minha secretária, que embora tivesse vindo de São Paulo comigo, já estava inclusive saindo com um cara da cidade e muito facilmente daria com a língua nos dentes.

Inteligente e intuitiva como era, Ravena logo relacionaria meus pesadelos a esse fato e chegaria à óbvia conclusão. Não havia como esconder dela o que aconteceu e não seria nada fácil contar a alguém que fui violentado pelo meu próprio pai, quando tinha dez anos. Eu jamais falei sobre esse ocorrido com outra pessoa, além da minha mãe e do meu terapeuta. Seria humilhante e aterrador. Mas não existia uma forma de esconder isso da garota que seria a mãe do meu filho.

— À noite, a gente conversa sobre isso.

— Então aconteceu mesmo alguma coisa?

— Aconteceu.

Ela soltou um longo suspiro e afastou-se dos meus braços, dizendo:

— Se vira de bruços.

— O quê?

— Vira de bruços. Vou te fazer uma massagem beeeeem relaxante.

Hesitante, a obedeci.

Ravena montou sobre mim e começou a massagear meus ombros e costas com suas mãos delicadas. Até que levava jeito, a sensação era boa e reconfortante. No entanto, foi impossível relaxar enquanto sentia o contato daquela bocetinha peluda, quente e lambuzada, deslizando sobre a minha região lombar. A tensão em meu corpo não foi arrefecida, mas substituída por uma tensão melhor, pelo reacender do fogo do desejo que queimava como brasas em minhas veias.

— Está gostando? — indagou Ravena, com toda a sua inocência.

— Você não imagina quanto.

— Viu? Uma massagem não resolve tudo, mas ajuda a pessoa a lidar com os problemas com mais serenidade. Quando estiver estressado, você não precisa chegar e transar comigo como um animal.

— Desculpe. Eu não queria agir como um animal.

— Não se desculpe, não foi ruim, pelo contrário, foi delicioso. Mas existem outras formas de encontrar equilíbrio, de se acalmar. Podemos, por exemplo, também conversar.

— Claro. Você tem razão. Conversar sempre ajuda.

— Quero que saiba que você pode me falar sobre tudo. Não precisa me esconder nada.

— Você não vai gostar nem um pouco do que eu tenho a dizer.

Senti o leve estremecer que atravessou o seu corpo e, mais uma vez, constatei o quanto ela ainda tinha medo de mim, o que podia facilmente coagi-la a tentar fugir com meu filho antes do seu nascimento, algo com o que eu precisava tomar cuidado.

— O que você acha de trazer suas coisas para o meu quarto e ficar aqui comigo? — propus.

Suas mãos paralisaram por um breve instante, porém logo recomeçaram a se mover sobre minhas costas.

— É isso que você quer?

— Sim. Quero muito.

— Vou pensar no assunto.

— Não há no que pensar. Perante a lei, somos casados. Nada mais natural que durmamos na mesma cama.

— Eu gosto de ficar na cama com Marina, assistindo séries e conversando.

E certamente elaborando um plano de fuga que eu, com certeza, pretendia atrapalhar.

— Vocês podem fazer isso aqui, quando eu não estiver em casa. Ou peça para que ela se mude para um dos quartos de hóspedes. Não sei nem o que ela ainda está fazendo na ala dos empregados, se não trabalha mesmo.

— Quer que eu peça para ela se dedicar mais ao trabalho?

— Não. Gosto de saber que ela está te fazendo companhia. Agora chega de conversa e vem aqui, quero comer essa bocetinha

mais uma vez antes de voltar para a cidade.

Dito isto, a puxei de cima de mim, joguei-a na cama e a fiz minha mais uma vez.

CAPÍTULO 23

ADRIEL

Quando voltei para a empresa, eu me sentia muito mais calmo e relaxado, de modo que consegui me concentrar melhor no trabalho durante o período da tarde. Ao longo do transcorrer das horas, fiz algumas reuniões com os engenheiros e advogados, resolvi tudo o que tinha para resolver e por fim lembrei-me de que precisava arranjar um médico para fazer o pré-natal de Ravena.

Com muita insistência, consegui convencer o doutor Gabriel, um dos melhores obstetras de São Paulo, a se deslocar de helicóptero até Santa Clara, trazendo toda a sua parafernália médica para o início das suas consultas, já que eu não confiava no único médico que havia naquela cidade, visto que podia ser amigo, ou até mesmo cúmplice de Soraya. O doutor Gabriel chegaria dali a três dias, e voltaria para as consultas seguintes, ou quando necessário.

Passei a tarde toda pensando em Ravena, no quanto era bom estar com ela, sentir seu gosto e seu cheiro, possuí-la. Jamais desejei uma mulher com a intensidade com que a desejava, um sentimento que só havia crescido depois do que aconteceu entre nós e o fato de ela ser ainda uma adolescente, estava me corroendo a alma. A sensação que eu tinha, era de que a estava corrompendo, pervertendo, ao invés de dar-lhe a assistência que a vítima inocente de uma golpista necessitava, como um homem decente faria.

Mas o que eu podia fazer, se minhas emoções me dominavam por completo quando o assunto era aquela garota? Eu a queria tanto, que pensar em não tê-la chegava a ser doloroso.

De vez em quando me ocorria a hipótese de que ela podia ainda estar cogitando fugir de mim, ir embora levando meu filho. *Será que ela pensava nisso, mesmo depois de termos nos casado e eu tê-la libertado do domínio da sua mãe? Será que seria capaz de afastar aquela criança de mim?* Tudo era possível quando o assunto se referia a tirar um filho dos braços de uma mãe. Por mais que eu tivesse a intenção de jamais deixá-la desamparada ou sem ver o seu filho, pretendia ficar com essa criança, criá-la do meu jeito e não poderíamos fazer isso juntos, por tantas razões que eu sequer sabia por onde começar a enumerar.

Sem sombra de dúvida, a relutância de Ravena em abrir mão do próprio filho, como aconteceria com toda mãe, poderia coagi-la a tentar uma fuga. Eu precisava ficar de olho e impedi-la.

Era fim de tarde, quase noite, quando deixei o escritório, acomodado no banco de trás do carro conduzido pelo motorista, ainda respondendo alguns e-mails através do celular, sem prestar muita atenção ao percurso que fazíamos todos os dias.

A casa ficava localizada a cerca de dez quilômetros de distância do perímetro urbano de Santa Clara, de modo que precisávamos percorrer esses quilômetros através de uma estradinha estreita, coberta por paralelepípedos e ladeada por uma mata densa, quase intocada pela mão humana.

Estávamos na metade do percurso quando o carro parou de súbito, freando tão bruscamente que quase me arremessou para a frente e apenas então me dei conta dos dois homens montados sobre uma moto recém-saída da mata, tomando o nosso caminho, impedindo o carro de prosseguir.

Merda! Só podia ser mais uma armação de Arnaldo. Maldito!

Antes que eu tivesse tempo de esboçar qualquer reação, o sujeito que ocupava a garupa da moto sacou um revólver da cintura e o apontou direto para mim.

Mil vezes droga!

— Se abaixe, senhor Adriel! — gritou o motorista, que também atuava como meu segurança.

Ele estava armado e a essa altura já mirava os dois malfeitores com o cano da sua pistola. No entanto, eu estava desarmado e não ia ficar ali parado esperando para ver qual dos atiradores levaria a melhor, até porque o alvo era a minha cabeça.

Então, agindo unicamente por reflexo, atirei-me em direção a uma das portas e a abri, mas não fui rápido o bastante. Antes que tivesse tempo de sair, ouvi o estampido ensurdecedor dos tiros sendo disparados dos dois lados e logo o fragmento de uma bala me atingiu, em algum ponto entre meu ombro e meu peito, penetrando e queimando minha carne, provocando uma dor que, apesar de lancinante, não se comparava ao terror de presumir que minha vida acabava de chegar ao fim, sem que eu estivesse minimamente preparado.

Recusando-me a terminar assim, não permiti que a dor me detivesse, ou mesmo parei para checar a extensão dos danos provocados pela bala. Fazendo uso de todas as forças físicas que me restavam, e de uma agilidade que eu sequer sabia que possuía, pulei para fora do carro e avancei através da mata fechada, ocultando-me por trás de galhos e troncos antes de me colocar de pé e dar início a uma corrida incessante, acelerada, sem olhar para trás.

Eu tinha consciência de que o sangue jorrava abundante do meu ferimento e, quanto mais o perdia, mais fraco me sentia. Minhas vistas ameaçavam embaçar, a languidez insistia em tomar conta das minhas pernas, enquanto eu lutava valentemente para conseguir continuar correndo. Eu não podia desistir; se desmaiasse, certamente seria morto.

Logo os sons ensurdecedores dos tiros cessaram, sem que eu soubesse se meu motorista estava vivo ou morto. Contudo, não demorou muito, sua morte foi confirmada, por meio dos passos que ouvi correndo atrás de mim, aproximando-se rapidamente.

Os bandidos haviam levado a melhor. Puta merda!

Minha única chance de escapar com vida, seria se eu conseguisse chegar à casa antes de ele me alcançar, pois assim os seguranças os eliminariam. Então, tentei colocar ainda mais agilidade nas pernas, mas elas se recusaram a obedecer. Minhas forças eram minadas concomitante ao sangue que se esvaía de mim. Quanto mais eu corria, mais me aproximava da inconsciência. À minha frente, a floresta já não mais existia, mas apenas um amontoado de imagens embaçadas, fantasmagóricas e sem sentido, que passavam dançando à minha frente.

Eu ouvia os passos do atirador cada vez mais perto e mesmo ciente de que minhas chances eram mínimas, continuei lutando bravamente pela minha vida, correndo mesmo quando já não tinha mais forças, até que tropecei em uma raiz e despenquei no chão, de bruços. Tentei levantar, não consegui. Com muito esforço, rastejei pelo chão, mas não consegui me deslocar quase nada do lugar.

Com isto, logo ouvi os passos do meu assassino alcançando-me e me virei em sua direção bem a tempo de vê-lo chegar perto o

bastante para que eu pudesse fitar o seu rosto. Era jovem, com cerca de vinte anos e tinha um ferimento na cabeça, de onde o sangue jorrava. Certamente a bala passara de raspão por ali, ou ele não estaria de pé.

O esboço de um sorriso se manifestou em seus lábios quando apontou seu revólver direto para a minha cabeça, certamente constatando que conseguiria receber a quantia que lhe fora prometida para acabar comigo.

Cheguei à conclusão de que não existia uma saída, realmente havia chegado o meu fim, seria morto no meio do mato, sem ao menos ter alguém para ir ao meu enterro. E o que era pior: a mando daquele maldito. Ele havia vencido, estava me destruindo pela segunda vez, desta vez em definitivo, mas nem assim eu me arrependia por ter-lhe negado o meu perdão.

— Acabou pra você, senhor Adriel — disse o atirador.

— Quem o mandou? — Tive dificuldade em empurrar as palavras através da minha garganta seca.

— Isso não importa. Só quero que saiba que não é nada pesso…

Ele não teve tempo de concluir a frase. Antes disso, o estampido de um tiro ecoou pela floresta e não foi emitido pelo seu revólver, mas pelo de alguém que se encontrava atrás de si. Um tiro certeiro, que atingiu o garoto na cabeça, a ponto de uma golfada de sangue jorrar de sua boca antes que ele caísse, primeiro se joelhos, depois de bruços, com seus olhos ainda refletindo surpresa, antes de se fecharem para sempre.

Minha mente embaralhada pelo cansaço tentava processar o que havia acontecido, quando o homem que acabara de salvar a

minha vida aproximou-se um pouco mais, finalmente entrando em meu campo de visão. Não era meu motorista, como imaginei a princípio, mas William, o detetive particular.

— Você é um cara de sorte. Se fosse meia hora mais tarde, estaria escuro demais para que eu enxergasse o rastro de sangue que vocês dois deixaram pelo caminho — disse ele.

— E o motorista?

— Está morto. Mas conseguiu executar o outro bandido antes que o acertassem.

Minha nossa! Antônio trabalhava para mim há mais de cinco anos. Era lamentável que acabasse assim.

— Como você nos encontrou?

— Eu estava indo para a sua casa, quando me deparei com o tiroteio. Você consegue andar? Estamos mais perto da casa do que dos carros, melhor irmos para lá e estancar esse ferimento.

Dito isto, ele se inclinou para me ajudar a levantar do chão e praticamente me carregou em meio à mata, em direção à casa.

Não percebi em que momento perdi a consciência. Tive a impressão de que enxerguei a casa bem próxima, mas podia ser apenas uma alucinação provocada pelo desejo de chegar, de sobreviver.

Quando despertei, estava confortavelmente deitado em uma cama, aquecido por lençóis macios. Antes mesmo de abrir os meus olhos recordei-me do tiroteio, da minha fuga, da morte de Antônio, de William salvando minha vida e fui inundado por um incomparável sentimento de gratidão, pela oportunidade de continuar respirando.

Ao abrir os olhos, fitando o teto sobre mim, logo constatei que estava em meu quarto. A tranquilidade do silêncio, quebrado apenas

pelos cantos dos pássaros, confirmava esta realidade. Olhei em volta, apenas para me certificar de que era mesmo real e vi Ravena sentada em um poltrona acolchoada ao lado do meu leito, com os pés pendurados, as costas apoiadas no espaldar, completamente adormecida. Tomei consciência do soro ligado à veia do meu braço, do grande curativo sobre o ferimento causado pelo tiro, da minha completa nudez por baixo do lençol.

Ao abrir a boca para chamar por Ravena, fiquei surpreso ao precisar de mais esforço do que o necessário para fazer minha voz sair.

— Ravena... — consegui balbuciar finalmente.

Despertando, ela levantou-se quase com um pulo.

— Adriel, você acordou.

— O que aconteceu?

— Você levou um tiro.

— Dessa parte eu me lembro. Tiraram a bala de mim? Quem tirou? Há quanto tempo estou apagado?

— Shhh... fica calmo. Tente não falar tanto. Você perdeu muito sangue. Ainda está fraco. Quer um pouco de água?

— Sim. Por favor.

Ela afastou-se por um instante e logo voltou trazendo um copo com água. Ao tentar me levantar, fui golpeado por uma dor paralisante no local do ferimento e optei por continuar deitado, enquanto ela me ajudava a beber o líquido gelado, que molhou confortavelmente minha garganta seca.

— Me conta o que aconteceu — exigi, sentindo-me um pouco mais forte.

Ravena sentou-se na beirada da cama, perto o suficiente para que meu corpo ignorasse o fato de ter um buraco de bala latejando no ombro e se concentrasse unicamente no calor que emanava dela, o desejo de tocá-la sobressaiu-se a tudo mais, inclusive à dor.

— William disse que antes de desmaiar você falou que não queria ser levado ao hospital. Insistiu tanto nisso que ele acabou indo buscar o médico para atendê-lo aqui. O doutor extraiu a bala e arranjou duas bolsas de sangue para você.

— Ai, meu Deus! Se for o mesmo médico que atende no hospital onde sua mãe trabalhava, esse sangue deve estar no mínimo contaminado com HIV, hepatite, e sabe-se lá mais o quê.

Uma angústia dolorosa tomou conta da sua fisionomia, mas nem assim lamentei por minhas palavras. Soraya podia facilmente estar por trás daquela emboscada em cumplicidade com Arnaldo. Ambos só tinham a ganhar com a minha morte, pois o filho que Ravena esperava seria meu único herdeiro.

— Você acha que foi ela quem mandou fazer isso com você?

— Acho que foi Arnaldo. Mas ela pode ter sido cúmplice dele.

— Por que acha que foi ele?

— Entre outras coisas, ele foi ao meu escritório hoje e saiu me dando adeus, como se tivesse certeza de que não me veria nunca mais.

Ela hesitou antes de continuar:

— Estão dizendo que ele é seu pai. É verdade?

Droga! Eu demitiria minha secretária por ser tão indiscreta em uma cidade daquele tamanho, onde as fofocas tinham tamanha velocidade.

— É sim. Mas não quero falar sobre isso agora.

— Claro. Me desculpe. Eu nem devia estar te fazendo falar tanto. O médico disse para eu ligar quando você acordasse. Ele vai voltar pra te examinar.

Ela fez menção de se afastar, mas a detive, dizendo:

— Não. Espere. Não ligue para ele. Não confio em ninguém nessa cidade, principalmente alguém que trabalhou com sua mãe. Peça ao chefe dos seguranças que venha falar comigo, vou mandá-lo ir até Belize em busca de alguém de confiança. Traga também meu celular, por favor. Precisamos reforçar a segurança mais do que nunca. Se William estiver em casa, peça que venha falar comigo. Preciso agradecê-lo.

— Ele está lá fora. Vou pedir que entre.

Imaginei o que meus inimigos fariam a ela, por carregar meu filho no ventre, a fim de me afetar e um nó insuportável se formou em meu estômago.

— Ravena, preciso que me prometa que não vai deixar essa casa enquanto os novos seguranças não chegarem.

Um leve estremecimento atravessou seu corpo frágil.

— Você acha que corro algum risco?

— Com certeza. A pessoa que está tentando acabar comigo parece disposta a tudo, inclusive a eliminar o filho que você carrega, com o objetivo de me atingir. Precisamos tomar todo cuidado.

Com um gesto rápido, instintivo, ela cobriu seu ventre com as duas mãos.

— Não quero nem imaginar alguém fazendo mal ao meu filho.

Naquele instante confirmei o quanto seria difícil tirar essa criança dos seus braços quando nascesse. Porém, seria necessário.

— Agora vá. Peça ao William que venha me ver. Antes, traga o celular.

— O delegado também pediu que eu avisasse quando você acordasse. Ele quer pegar seu depoimento para investigar o caso. Ninguém foi preso até agora. Posso avisá-lo?

— Não. Ele que vá se foder pra lá. William será encarregado de descobrir quem fez isso.

Ravena assentiu, com um gesto de cabeça. Em seguida, entregou-me o meu celular e deixou o quarto.

Telefonei para a agência que me fornecia seguranças em São Paulo e contratei uma dúzia de homens bem treinados para virem imediatamente para Santa Clara. Se havia algo que eu tinha certeza era de que o delegado não se empenharia em prender Arnaldo por atentar contra a minha vida, talvez, inclusive, fosse seu cúmplice e tentariam acabar comigo novamente. Mas eu não pretendia facilitar as coisas. Eles teriam que lutar para passar por cima de uma dúzia de seguranças armados.

Eu precisava dar mais alguns telefonemas, porém deixei o celular de lado tão logo William entrou no quarto. Precisava saber se ele havia conseguido encontrar alguma prova da autoria daquele velho maldito no assassinato de Juliane, ou sabia de algo sobre o autor daquele atentado contra mim.

— Vejo que já está pronto para outra. — disse ele, com um irritante tom bem-humorado.

— Por favor, sente-se. — Ele acomodou-se na poltrona que outrora Ravena ocupara. — Quero agradecê-lo por salvar a minha

vida.

— Apenas cumpri meu papel de cidadão. Eu não ia deixar uma criança, que ainda nem nasceu, ficar sem pai.

— A arma que você usou para matar o pistoleiro, era sua mesmo?

— Sim. Não estranhe. Na minha área de trabalho é necessário estar sempre armado.

— Fico feliz com isso.

— Você é um cara de sorte, por eu estar passando na estrada naquele exato momento e por ter uma garota como Ravena, que permaneceu os dias em que você esteve desacordado sentada na beira do seu leito.

O descaramento dele em elogiar Ravena despertou a cólera em meu interior. Para todos os efeitos, ela era a minha esposa. *Quem ele pensava que era para a elogiar?*

— Não quero que teça elogios sobre a minha esposa. — Ele ia abrindo a boca para dizer algo, mas antes que tivesse tempo, o interrompi: — Não importa as circunstâncias que nos levaram a esse matrimônio, das quais certamente você já está inteirado. Ela é minha mulher e ponto final.

Enquanto ele erguia as duas mãos no ar, em sinal de rendição, eu me perguntava se Ravena já havia trazido suas coisas para o meu quarto. Se não, ordenaria que o fizesse de imediato, pois tínhamos um completo estranho dentro de casa, que nem ao menos disfarçava o interesse por ela. O fato de ter salvado a minha vida não nos dava garantia de que ele era uma pessoa decente.

— Me desculpe. Não está mais aqui quem falou — disse William.

— Enfim, vamos ao que interessa. Você conseguiu descobrir alguma coisa?

— Infelizmente não. Fui até o *Riviera* anteontem e voltei lá novamente ontem à noite. Conversei com várias pessoas e ninguém me disse nada de relevante. A impressão que tive foi de que sabiam de algo, mas não quiseram falar. Podem estar com medo de quem matou Juliane, ou então estão do lado do assassino e contra você. Além disso, não existem câmeras no clube e nem nas ruas próximas, o que torna tudo ainda mais difícil. Quanto aos pistoleiros que atentaram contra você, eram dois vagabundos viciados em drogas que viviam na capital. Alguém os contratou, mas ainda não sei quem.

— Provavelmente quem os contratou foi a mesma pessoa que eliminou Juliane.

— Com certeza.

— O que você quis dizer sobre as pessoas do clube estarem do lado do assassino e contra mim?

— Sabe como são essas pessoas de cidades pequenas, principalmente cidades isoladas como Belize e Santa Clara. Você é um forasteiro, chegou aqui desabrigando famílias, destruindo uma fazenda que gerava centenas de empregos. Elas sempre vão apoiar quem é daqui, principalmente se essa pessoa for sua vítima também.

— Conversa fiada. Não acredito nesse tipo de complô. Se não estão falando é porque Arnaldo as ameaçou.

— Pode ser e pode não ser. Se for complô, o fato de você ser filho dele, como estão dizendo, pode mudar isso. Basta você fazer uma nota no jornal local, contando o que ele te fez de tão terrível

que te levou a destruí-lo com tanto ódio. Se necessário, minta. Diga que ele te violentou e depois o expulsou da fazenda.

Suas palavras provocaram um leve tremor em minha mão e notei que seu olhar perspicaz registrou o movimento, o que certamente o levou a presumir o que aquele velho dos infernos fez comigo. Que humilhante!

— Fora de questão. Não vou fazer nota nenhuma na imprensa. Arranje outro jeito de provar a culpa daquele inseto. Ainda tenho bastante tempo antes do julgamento e arranjarei mais seguranças para me proteger de outra emboscada. Quanto ao seu pagamento, dinheiro não é um problema. Vá tão fundo quanto necessário, gaste quanto precisar, mas me traga as provas de que foi Arnaldo quem fez tudo isso.

William soltou um suspiro de resignação.

— Como queira. Vou verificar quem deixou a cidade esses dias, partindo da hipótese de que ele contratou alguém para matá-la e esse alguém não está mais na região.

— Ótimo. Faça isso. Agora me deixe sozinho.

Ele assentiu e deixou o aposento.

Minha ligação seguinte foi para o meu chefe da segurança, ordenando que se deslocasse até Belize em busca de um médico de confiança e não voltassem sem ele. Eu precisava me recuperar o mais depressa possível, a fim de poder voltar ao trabalho.

Mais do que nunca, o desejo de arrastar Arnaldo Brandão para a miséria, levá-lo à rua da amargura, pulsava vivo dentro de mim. Ele aprenderia que eu não era mais o garoto indefeso de quem podia se aproveitar, mas um homem com quem não devia ter se metido.

CAPÍTULO 24

RAVENA

Alguns dias depois...

Faltava pouco mais de uma semana para que eu completasse dezoito anos e, com isto, Marina e eu finalmente iríamos embora daquele fim de mundo para nunca mais voltar.

Meu Deus! Eu nem podia acreditar que estava tão perto, que o sonho pelo qual lutamos durante toda a nossa vida, finalmente seria realizado.

Foram vários anos juntando dinheiro, fazendo planos, pensando nos mínimos detalhes. Como agora não éramos mais apenas nós duas, mas tínhamos também o meu bebê, precisaríamos de ainda mais dinheiro, pelo menos o suficiente para garantirmos alguns meses de aluguel de um bom apartamento, até conseguirmos arranjar emprego. Contudo, já estávamos providenciando esse dinheiro, superfaturando as compras do enxoval do neném, que fazíamos toda semana no shopping de Belize, sem que Adriel desconfiasse que estava sendo roubado.

Ele não prestava muita atenção no que fazíamos, de tão concentrado que estava em garantir nossa segurança, em se certificar de que não saíssemos de casa sem um bando de seguranças armados nos seguindo, pois acreditava que seus inimigos atentariam contra a minha vida, com o intuito de atingi-lo. Aqueles seguranças era só mais um obstáculo que Marina e eu precisaríamos ultrapassar antes de fugirmos, mas já tínhamos

algumas ideias de como nos livrarmos deles quando chegasse a hora.

Já havíamos decidido que São Paulo seria o nosso destino. Em uma metrópole tão grande, Adriel não teria a mínima chance de me encontrar, nem mesmo se contratasse seu detetive particular para me procurar. Além de insuportável e oferecido, o sujeito era um incompetente, já estava na cidade há quase um mês, investigando o assassinato de Juliane e ainda não descobrira quem a matara, tampouco tinha pistas de quem armara a emboscada contra Adriel.

Às vezes, eu chegava a pensar que essa demora em encontrar o assassino era intencional, com o propósito de prolongar sua permanência na casa de Adriel, assediando-me como costumava fazer sempre que meu marido não estava por perto. Eu não falava nada para o pai do meu filho porque não queria aborrecê-lo ainda mais, já bastava tudo pelo que ele passaria depois que eu fosse embora levando essa criança e tudo pelo que passara quando era pequeno.

Embora estivéssemos dormindo juntos desde que ele fora baleado, como se de fato fôssemos marido e mulher, Adriel se recusava a se abrir comigo, falar sobre o que aconteceu no passado. No entanto, com base nas coisas que ele dizia quando tinha pesadelos, era possível deduzir que fora violentado pelo senhor Arnaldo, seu próprio pai, quando era ainda uma criança.

Minha nossa! Eu não conseguia nem imaginar o quão terrível isso podia ser para uma pessoa. Na certa, o transformara em um ser humano cheio de traumas, o que explicava a força do ódio que nutria pelo fazendeiro, a forma cruel como o destruía lentamente, algo pelo que eu já não mais o condenava.

Após sofrer a emboscada na estrada, Adriel já não saía tanto de casa. Por segurança, realizava grande parte do seu trabalho ali mesmo, onde recebia periodicamente seus funcionários e sócios. Desse modo, passávamos muito tempo juntos, um tempo durante o qual eu o conhecia cada vez melhor e descobria que, por trás de toda aquela postura arrogante e intransigente, existia um homem gentil, intenso, verdadeiramente apaixonante.

Não existiam melhores momentos nos meus dias do que aqueles em que eu estava em seus braços, fosse dormindo em sua cama, ou transando como animais no cio, o que fazíamos bastante.

Eu simplesmente amava esses instantes, esperava por ele todos os dias, o dia todo. Pensar que nunca mais o veria depois que fosse embora, fazia meu coração sangrar no peito, mas as coisas tinham que ser assim. Por mais que Marina insistisse em tentar me convencer de que ficar seria a decisão mais acertada, de que um dia Adriel pudesse se apaixonar por mim e me assumir como realmente sua esposa, para que criássemos aquela criança juntos, eu me recusava a me iludir. Se havia algo que aprendera com a minha família, era que homens não tinham sentimentos. Mesmo dormindo comigo todas as noites, fazendo-me sua com uma intensidade inesquecível, Adriel não pensaria duas vezes antes de tirar meu filho dos meus braços assim que ele nascesse. Jamais fez questão de esconder isso.

Ele parecia pressentir que eu pretendia desaparecer da sua vida, levando meu filho comigo, pois constantemente repetia que jamais me deixaria desamparada, que levaria Marina e a mim para São Paulo, nos daria um emprego, um apartamento, me permitiria ver meu filho quando quisesse.

Marina acreditava em cada palavra que saía da sua boca e insistia para que ficássemos, tentando me convencer de que permanecer ao lado dele, mesmo naqueles termos, seria o melhor caminho para nós.

Eu também acreditava que Adriel tinha a intenção de cumprir todas essas promessas, no entanto jamais conseguiria levar minha vida assim, tendo meu filho distante, vendo-o apenas periodicamente. Seria doloroso demais não participar integralmente da sua educação, assim como seria doloroso ver Adriel vivendo sua vida com outras mulheres. Seria uma realidade que eu não suportaria. A melhor decisão seria mesmo ir embora, desaparecer da sua vida e esperar que o tempo me fizesse esquecer todos os momentos que estava vivendo em seus braços.

Era uma noite de quarta-feira chuvosa. Após passar vários dias trabalhando somente em casa, Adriel havia saído para fazer algumas averiguações no oleoduto e fiquei com o coração na mão, temendo que seus inimigos voltassem a atentar contra a sua vida. Embora ele tivesse telefonado avisando que voltaria mais tarde que o esperado, devido ao surgimento de alguns imprevistos, continuei nervosa, abalada com sua demora. A sensação que eu tinha era de que a qualquer momento algo terrível aconteceria.

Já passava das dez horas e nada dele. Minha aflição só crescia. Não era apenas o senhor Arnaldo que tinha motivos para fazer-lhe mal, havia também minha mãe e todos aqueles funcionários da fazenda que ele desabrigara.

Deitada na cama, eu rolava de um lado para o outro, tentando pegar no sono, mas sem ao menos conseguir relaxar. Sem Adriel ali comigo, a cama parecia enorme, o quarto sombrio e

silencioso, a ausência do calor do seu corpo me torturava dolorosamente.

Passado algum tempo, por fim a porta do quarto se abriu e ele entrou. Na mesma hora percebi que estava destruído, desestruturado. Na agonia presente em seu semblante, compreendi que ele havia se encontrado com Arnaldo.

Aquele maldito não o destruíra apenas uma vez, quando era criança, vinha fazendo isso ao longo dos anos, reacendendo as feridas profundas que causara em sua alma, cada vez que aparecia na sua frente, ou mesmo quando Adriel apenas se recordava do que houve, geralmente por meio dos pesadelos terríveis que o assolavam.

Quase podendo sentir sua dor, sentei-me na cama e estendi os braços em sua direção, chamando-o para mim e ele veio, tirando suas roupas pelo caminho, deixando-as no chão por onde passava, permitindo-me ver mais claramente a angústia em sua expressão, à medida que se aproximava.

Sem uma palavra, completamente nu, Adriel subiu na cama e foi deitando-se sobre mim, apossando-se da minha boca quase com desespero, enquanto eu abria as pernas para acomodar seus quadris entre elas, a ereção poderosa empurrava o fundo da minha calcinha.

Ele beijou-me apaixonadamente, explorando-me com sua língua habilidosa, antes de descer a boca através do meu corpo. Com facilidade, deslizou as alças da camisola para baixo, até desnudar os meus seios, e fechou sua boca experiente sobre um deles, dando início a uma sucção lenta e deliciosa, que me fazia

gemer e me contorcer. Passou a boca para o outro peito e não teve pressa ao mamá-lo até deixar o bico despontado.

Continuou descendo, me beijando e mordiscando, provando cada centímetro da minha pele, deixando um rastro de chamas por onde passava. Até que pendurou minhas panturrilhas sobre seus ombros, afastou minha calcinha para um lado e me lambeu entre as pernas. A língua morna, quente e macia dançava freneticamente sobre meu clitóris, fazendo-me arquear as costas e gemer alto, movimentando meus quadris para cima, em busca de mais daquela delícia.

Enlouquecida, enterrei os dedos em seus cabelos curtos e puxei, esfregando-me na sua boca, enquanto ele continuava estimulando meu ponto sensível com a ponta da língua. Ao perceber que estava prestes a gozar, parou, levando a língua para a entrada da minha vagina e a invadindo, com estocadas rasas e macias que pareciam uma verdadeira tortura.

— Adriel… por favor… — supliquei, prestes a explodir.

— Ainda não... quero sentir seu gosto mais um pouco.

Ele voltou a lamber meu clitóris com aqueles movimentos ritmados, estimulando-o implacavelmente, até perceber que eu explodiria e então voltou a abandoná-lo, penetrando minha vagina com a língua, torturando-me um pouco mais.

— Por favor… me deixe gozar…

Por fim, ele me atendeu, voltando a movimentar sua língua sobre meu ponto mais sensível, até que mergulhei no êxtase, gemendo alto, minhas costas elevando-se do colchão, o suor brotando-me da testa.

Após se lambuzar com até a última gota do meu prazer, Adriel voltou a acomodar seu corpo grande sobre o meu, tomando minha boca com posse, enquanto posicionava a cabeça do seu pau na minha entrada encharcada e me penetrava, me fazendo gemer e ajeitar o meu corpo para acomodar melhor o seu tamanho.

Com movimentos lânguidos, de uma precisão habilidosa, ele passou a entrar e sair de mim, alcançando-me muito fundo, permitindo-me sentir cada centímetro do seu membro duro de encontro às minhas paredes escorregadias. Com sua respiração cada vez mais ofegante, de encontro à pele do meu pescoço, foi acelerando os movimentos aos poucos, estocando cada vez mais bruscamente, habilidosamente, levando-me a uma deliciosa insanidade.

Envolvi seus quadris com minhas pernas e pude sentir os músculos dos seus glúteos contraindo-se e relaxando de encontro às minhas panturrilhas, à medida em que ele se movimentava cada vez mais depressa dentro de mim, indo e voltando, chocando sua pélvis contra a minha, brutalmente, até que tudo foi se concentrando na altura do meu ventre e todos os músculos do meu corpo se retesaram.

— Goza comigo, delícia… — grunhiu no meu ouvido.

Desta vez explodimos juntos, meus gemidos preencheram o ambiente enquanto eu me derramava toda, gozando prolongadamente. O prazer se espalhava como lava em meu organismo enquanto ele ejaculava seu esperma quente dentro de mim e os espasmos do seu pau tornava tudo ainda mais enlouquecedor.

Adriel rolou para um lado, retirando-se do meu interior e me puxou para junto do seu corpo. Aninhei-me toda a ele, experimentando, extasiada, o cheiro gostoso do seu suor, as batidas aceleradas do seu coração de encontro ao meu rosto.

Como eu amava esses momentos! Amava estar assim com ele, unidos como se fôssemos parte de um só ser, envolvidos pelo silêncio e pelo sossego do quarto. Quando partisse, seria desses instantes tão preciosos que eu mais sentiria falta.

À medida que seu organismo acalmava, eu sentia a tensão tomar conta dele novamente, a angústia dolorosa estampava sua fisionomia e desejei ter o poder de infiltrar minha mão em seu peito e arrancar-lhe toda aquela dor.

— Você se encontrou com seu Arnaldo hoje, não foi? — indaguei, escolhendo cautelosamente as palavras.

— Ele foi lá onde eu estava me atormentar.

— Continua se recusando a sair da casa?

— Continua.

Eu nunca havia dito nada a Adriel, tampouco era capaz de medir sua dor, ou ter ideia de quanto sofrimento ainda seria necessário para que ele se sentisse justiçado, contudo sempre achei que ter destruído a fazenda toda, extinguindo rebanhos, moradias e plantações, ter deixado seu Arnaldo sem nada, além da casa, talvez já tivesse sido suficiente para que aquele velho pagasse pelo que fez. Até porque, transformá-lo em um sem-teto, como vários dos funcionários haviam se tornado, não ia mudar o que aconteceu no passado, muito menos curar suas feridas ainda abertas.

— Já passou pela sua cabeça deixar que ele fique com pelo menos a casa?

Senti seu corpo endurecer de tensão e na mesma hora me arrependi de ter feito a pergunta.

— Não. Ele tem que perder tudo, assim como eu perdi! — praticamente rosnou.

Cautelosamente, como se me empenhasse em domar uma fera, percorri a palma da minha mão através dos músculos do seu peito, passando pelo abdômen, acariciando sua pélvis, em uma tentativa de acalmá-lo.

— Ele estuprou você, não foi?

Achei que Adriel pularia da cama, a fim de fugir do assunto, como fizera outras vezes. Contudo, apenas soltou um longo e consternado suspiro.

— Foi.

— Você pode me falar abertamente sobre isso. Não vou te julgar, ou mesmo te dar motivo para sentir vergonha. Não foi culpa sua, mas apenas dele.

Seguiu-se um longo momento de silêncio, antes que Adriel começasse a falar:

— Aconteceu quando eu tinha dez anos. Nós éramos amigos, até então. Eu ainda não sabia que era meu pai, mas gostava dele. Naquela tarde, depois do almoço, como sempre fazia, corri para os estábulos ajudar o caseiro a cuidar dos animais, mas era Arnaldo quem estava lá, espichado em uma das baias, praticamente desfalecido, de tão bêbado. Na hora não entendi, achei que estivesse passando mal e me aproximei para socorrê-lo. Foi então que ele arrancou minhas roupas e fez o que quis.

Sua voz grossa tremeu na última frase e o abracei com perna e braço, apertando-o o mais forte que minhas forças me permitiam, espalhando uma enxurrada de beijos sobre seu peito musculoso, para que ele soubesse o quanto era especial e querido, o quanto não merecia ser tratado da forma como aquele maldito o tratara.

— O que aconteceu depois?

— Ele me violentou, enquanto tapava minha boca para eu não gritar, durante mais de uma hora. Quando terminou, disse que não fez de propósito, que estava bêbado demais para ver as coisas. Ao perceber que não me convenceria com aquela conversa, ameaçou me dar uma surra se eu contasse pra alguém.

— Mas você contou.

— Sim. Para a minha mãe. Mas ela não teve coragem de enfrentá-lo. Sabia com quem estava lidando. Sabia que ele mandaria nos matar se falasse para alguém, ou se o denunciasse. A saída que ela encontrou foi fugirmos no meio da noite.

— Então não foi ele quem os expulsou da fazenda?

— Não. Nós saímos durante a madrugada. Minha mãe tinha parentes em São Paulo, mas não conseguiu localizá-los. Com isto, passamos algum tempo nos abrigos do governo, até que ela conseguiu alugar uma casa na periferia. Trabalhava como empregada doméstica durante o dia e garçonete à noite, para conseguir custear nossas despesas. Mas a vida dela ficou dura demais. Com dois empregos e um filho pra criar, logo adoeceu. Teve uma pneumonia muito forte e não resistiu.

Um estremecimento me varreu de cima a baixo quando imaginei que logo seria eu no lugar daquela mulher, vivendo em

uma cidade grande, onde não conhecia ninguém, trabalhando para sustentar um filho sozinha.

Minha nossa! O que seria de mim? Será que terminaria como ela?

Naquele instante, pela primeira vez, tive dúvidas se partir era realmente a decisão certa a ser tomada.

— Como você se virou sozinho?

— Fui mandado para um orfanato.

— E uma família rica te adotou?

— Não. Nunca fui adotado.

— E como conseguiu se tornar um homem rico e poderoso?

— O ódio é o melhor combustível para motivar uma pessoa a conseguir o que quer. Eu jurei me vingar daquele maldito, vingar a morte da minha mãe e isso foi o que me moveu a ir para a frente. Agora chega de conversa. Vem aqui. Quero te comer mais uma vez.

Com suas mãos fortes, Adriel me puxou para cima do seu corpo nu. Segurou-me pela nuca e atacou minha boca com a sua, enquanto eu abria as pernas para encaixar minha entrada lambuzada, pelo seu gozo e o meu, na cabeça parruda do seu pau. Fui descendo lentamente, permitindo que entrasse em mim, ao mesmo tempo em que descia minha boca através da sua pele suada, provando-a extasiada, maravilhada com seu cheiro de homem, uma mistura de suor com perfume caro. Passei a língua sobre a cicatriz em seu peito, provocada pelo tiro e em seguida lambi seu mamilo minúsculo.

Ele estava quase todo dentro de mim, abrindo-me deliciosamente, quando um ruído partiu da direção da porta da sacada e Adriel me tirou de cima dele apressado, sobressaltado.

— Tem alguém ali — disse ele, saltando da cama e vestindo sua calça rapidamente, sem colocar a cueca.

Imediatamente minha mente projetou dezenas de imagens nas quais Adriel era assassinado, bem ali na minha frente, por outro pistoleiro contratado, que nos espreitava através da varanda e meu estômago se revirou de tanto terror, quando ele seguiu em direção à porta, de onde partira o barulho.

— Por favor, não vá — pedi e levantei-me esbaforida, com o lençol enrolado em meu corpo, escondendo minha nudez.

— Fique aqui. Preciso ver quem é.

— Não. Você está desarmado. Pode ser perigoso.

Ignorando minhas palavras, Adriel abriu a porta da sacada e avançou através do pequeno espaço, com vista para o jardim da frente, olhando para todos os lados, cuidadosamente e respirei aliviada ao perceber que não havia ninguém lá.

— Deve ter sido um gato — falei, juntando-me a ele.

— Não tem gatos aqui. Tinha alguém nessa varanda e ainda pode estar por aí. — Ele me segurou pelo braço e me levou de volta para o quarto. Trancou a porta da sacada pelo lado de dentro e enfiou a chave no bolso da sua calça. — Vou avisar aos seguranças. Quero que me prometa que vai me esperar aqui, que não vai sair deste quarto.

O bolo em meu estômago se agitou um pouco mais, devido ao temor de que, se ele saísse, alguém pudesse machucá-lo.

— Avise os seguranças pelo celular e fique aqui comigo — pedi.

— Vou usar o celular, mas quero ajudar a procurar. Tranque a porta quando eu sair e não se afaste daqui.

Dito isto, Adriel deu um beijo rápido em minha testa e seguiu apressado rumo à porta, pegando sua camisa jogada pelo caminho e vestindo-a, enquanto deixava o aposento.

CAPÍTULO 25

RAVENA

Tão logo Adriel saiu do quarto, tranquei a porta por dentro, vesti-me e tentei ficar calma, mas foi impossível. Um pavor intenso me sobressaltava, imagens dele sendo morto, de diferentes maneiras, passavam em minha cabeça sem que eu conseguisse evitar.

Cogitei ir até lá fora, descobrir o que estava acontecendo, mas em que eu poderia ajudar?

Continuei no quarto, caminhando de um lado para o outro, esperando que a qualquer momento a porta se abrisse e ele entrasse, mas o tempo se arrastava e nada acontecia. Até que, por fim, não consegui mais ficar parada, esperando e deixei o aposento, seguindo rumo ao primeiro piso, temendo pelo que encontraria.

Assim que avancei pela sala de estar, ouvi vozes partindo do salão de visitas, mais adiante e me dirigi para lá. Uma onda de alívio incomparável me percorreu quando meus olhos encontraram Adriel e, instintivamente, desceram através do seu corpo, verificando se estava machucado.

Ele encontrava-se em pé ao lado de uma poltrona na qual William estava sentado, com suas roupas sujas e amarrotadas, um fio de sangue escorrendo do canto de sua boca. Próximo a eles havia dois seguranças.

— Eu mandei você ficar no quarto! — esbravejou Adriel, asperamente, tão logo entrei no seu campo de visão.

— O que aconteceu? — indaguei.

— Chegou quem faltava, para tornar a noite ainda mais interessante — disse William, com um tom de humor bizarro.

— Cale essa boca, imbecil! — vociferou Adriel e fiquei chocada quando desferiu um soco do seu punho cerrado no rosto do outro homem, violentamente. — Quem mandou você? Quanto aquele cretino te pagou pra me matar?

— Acorda pra vida. Se eu estivesse aqui pra te matar, você não estaria mais respirando há um bom tempo. Aliás, se eu quisesse mesmo te matar, não teria salvado sua vida na floresta.

— O que está havendo aqui? — Eu tentava entender.

— Era ele na sacada, nos observando — explicou Adriel e fiquei perplexa.

Com que objetivo ele faria isso?

— Mas não estava lá pra te matar, idiota. Eu só queria ver como Ravena fode. E gostei muito do que vi.

Agindo como uma fera violenta, Adriel partiu para cima dele novamente, com tamanha fúria que achei que o mataria, porém se deteve, como se seu lado racional falasse mais alto.

— Eu podia acabar com você agora mesmo, mas não vale a pena sujar minhas mãos com uma criatura tão insignificante. Apenas pegue suas coisas e saia da minha casa agora mesmo.

— Eu vou sair. Mas não agora. Tenho uma proposta.

— Foda-se suas propostas. Desapareça da minha frente antes que eu mande os seguranças te tirarem a pontapés.

— Não quer saber quem assassinou Juliane e tentou matar você?

Adriel ficou paralisado, fitando-o ao passo em que sua face empalidecia.

— Você sabe quem matou Juliane?

— Claro que sei. Não foi fácil descobrir, mas faço meu trabalho direito.

— Quem foi?

— Eu vou te contar, mas quero algo em troca.

— Eu já te pago pra descobrir a verdade.

— Dinheiro é bom, mas tem algo que quero mais. — Seu olhar maligno deixou o rosto de Adriel e fixou-se em mim, fazendo com que todos na sala olhassem em minha direção ao mesmo tempo. — Quero ela.

Como se meu inconsciente seguisse a algum instinto de sobrevivência, dei um passo para trás, enquanto minha mente buscava cada possível saída da casa.

— Que tipo de doente mental é você? Ravena é minha esposa e, mesmo que não fosse, ela não está à venda. — Adriel parecia tomado por um misto de ódio e incredulidade.

— Quem matou aquela garota fez isso muito bem-feito. Foi a mesma pessoa que armou aquela emboscada contra você na floresta. Talvez não tente te matar de novo, por causa dos seguranças, mas se eu apagar todos as pistas que me levaram a esse assassino, ninguém nunca o descobrirá e você estará ferrado. Passará o resto da vida na cadeia, acusado pela morte daquela mulher. — Em meio ao silêncio que se seguiu, era possível quase tocar o clima de tensão, de incredulidade, que tomava conta das pessoas na sala, inclusive dos seguranças. — Eu conheço as circunstâncias que levaram vocês dois a se casarem, sei tudo sobre a família de Ravena e a inseminação artificial forçada, sei que vocês não são nada um para o outro, só estão trepando porque moram

sob o mesmo teto, unidos por uma gravidez indesejada. Tudo o que quero é uma noite com ela, apenas sexo, como é entre vocês. E no dia seguinte você saberá quem cometeu aquele homicídio.

Outro instante de silêncio se seguiu, com um misto de tensão e perplexidade tomando conta do ambiente, até que Adriel explodiu, partindo para cima de William com a fúria de um animal selvagem. Com seus punhos cerrados, desferiu-lhe um soco atrás do outro, alternando entre os dois lados da sua face, transformando seu rosto em uma mancha avermelhada. Se ninguém interferisse, certamente o mataria.

— Pelo amor de Deus, segurem ele! — gritei, aflita, desesperada, temendo que Adriel se tornasse um assassino.

Por fim, os seguranças decidiram agir, necessitando de muito esforço para tirá-lo de cima do seu oponente, segurando-o dos dois lados e o detendo. Mesmo longe de William, Adriel continuava enlouquecido, se debatendo, tentando se soltar para voltar a atacar o detetive.

— Saia da minha casa agora mesmo! — vociferou, entredentes. — Não suba nem para pegar as suas coisas. Ou sai, ou mando que te joguem fora!

Calmamente, como se não tivesse acabado de levar uma surra violenta, William se levantou e o encarou, dizendo:

— Se você não aproveitar essa oportunidade de provar sua inocência na morte daquela moça, passará o resto da vida na prisão, porque ninguém mais vai ter capacidade de descobrir quem fez isso. Aliás, não foi o seu pai, como está pensando. — Sua última frase deixou Adriel paralisado, fitando-o com o queixo caído. — Quem a matou sabia o que estava fazendo e escondeu as

evidências muito bem escondidas, assim como soube contratar aqueles pistoleiros sem deixar nenhum rastro da sua identidade. Em todo caso, passarei mais alguns dias na cidade. Caso Ravena aceite minha proposta, basta me procurar.

— Você é louco! Como Adriel disse, não estou à venda.

— Tudo está à venda, basta que se saiba o preço. Se quiser salvar o pai do seu filho da cadeia, seja minha por uma vez apenas.

— Nunca! — cuspi, entredentes.

Um sorriso diabólico se fez em seus lábios.

— É o que vamos ver. — Voltou a olhar para Adriel. — Só pra constar, se alguma coisa acontecer comigo, tenho pessoas que vão garantir que você apodreça na prisão.

— Fora daqui, seu vira-lata sarnento! Some da minha frente, antes que eu te mate!

Adriel continuou gritando e se debatendo, tentando se soltar dos seguranças, até que William nos deu as costas e seguiu rumo à porta de saída, deixando a casa com as roupas do corpo.

Os dois seguranças esperaram alguns instantes antes de o soltarem e continuaram próximos a ele, prontos para o deterem novamente, caso fosse necessário.

Um silêncio sepulcral recaiu sobre a sala, com a incredulidade tomando conta de todos nós. Se eu não tivesse presenciado aquilo, não acreditaria que existiam pessoas loucas como aquele homem.

Desde o primeiro dia em que chegara à casa de Adriel, ele me assediava, eu só não imaginava que fosse capaz de chegar tão longe, de cometer tamanha insanidade. Ser detetive particular era o

trabalho dele. Será que agia assim com todos os seus clientes? Era realmente inacreditável.

— No dia do julgamento, nós podemos testemunhar sobre o que ele disse aqui — sugeriu um dos seguranças, quebrando o longo silêncio.

— E quem vai acreditar nessa loucura? — indagou Adriel. — No mínimo vão achar que estou pagando vocês para mentir.

Os seguranças entreolharam-se, concluindo que ele estava certo.

Desolado, Adriel deixou-se cair sobre uma poltrona e inclinou o corpo para a frente, afundando sua cabeça entre as duas mãos, certamente constatando que não havia como desfazer aquilo, que William daria um jeito de providenciar para que ele passasse o resto da vida na cadeia, pagando por um crime que não cometeu.

Foi então que a culpa recaiu sobre os meus ombros, espezinhando-me cruelmente, atacando-me até a alma. Se não fosse por mim, nada daquilo estaria acontecendo. Se não fosse pelo seu interesse doentio, William já teria provado a inocência de Adriel, que estaria livre, sem correr nenhum risco de ser preso, ou assassinado. Mas, por minha causa, Adriel podia ser morto, ou condenado a uma vida inteira em um presídio.

Merda! Maldita hora em que minha mãe nos envolveu naquele golpe dos infernos!

— Talvez ele esteja mentindo. Talvez não tenha descoberto quem realmente matou Juliane e armou contra você e esteja inventando tudo isso pra nos infernizar — falei, em uma fracassada tentativa de remediar as coisas.

— Acho improvável. Quando o contratei, me disseram que ele era um dos melhores investigadores do país. Só esqueceram de dizer que é também um lunático.

— E o que faremos agora?

— Não tenho ideia. Vamos ver se encontramos alguma pista do assassino nas coisas que ele deixou aqui.

Acompanhados dos dois seguranças, Adriel e eu subimos para o segundo andar. No quarto que era ocupado por William, fuçamos tudo, reviramos cada canto, cada gaveta, cada fronha dos travesseiros e não encontramos nada que nos levasse ao autor do atentado e do assassino de Juliane. Obviamente, William já presumia que havia a possibilidade de ter que sair da casa às pressas e não deixara pista alguma para trás. Além de maligno, aquele sujeito era esperto, ardiloso, alguém em quem realmente não se podia confiar.

***

— Mesmo que eu seja preso, vou acabar com a carreira de detetive daquele infame — disse Adriel.

Estávamos no quarto dele, deitados na cama, aconchegados nos braços um do outro.

— Não diga isso. Você não vai ser preso. A gente vai dar um jeito nessa situação.

Subitamente, Adriel virou-se de lado, erguendo a cabeça para fitar-me diretamente nos olhos.

— Me promete que não vai fazer o que ele quer. Que não vai se entregar a ele por minha causa, mesmo que eu seja condenado a

passar o resto da vida na cadeia.

Um calafrio me percorreu, alcançando-me até os ossos ao ouvi-lo mencionar que existia a possibilidade de ser condenado por um crime que não cometeu e a culpa voltou a me espezinhar.

— Eu prometo — falei, mas sem muita convicção.

Eu não tinha certeza se suportaria vê-lo sendo preso pelo crime de outra pessoa e ficar sem fazer nada. Por mais que tivesse a intenção de deixá-lo, de sair da sua vida antes que meu filho nascesse e fosse tirado dos meus braços, Adriel ainda era o pai dessa criança, estava ligado a mim pelo resto de nossas vidas, mesmo que não tivéssemos feito essa escolha. Além do mais, se minha mãe não tivesse forçado minha entrada em sua vida, nada disso estaria acontecendo.

— Eu sinto muito que tudo isso esteja acontecendo — balbuciei, com a voz trêmula.

Adriel fitou-me em silêncio por um instante, até que uma expressão surpresa se refletiu no brilho do seu olhar.

— Nem por um instante deixe que passe pela sua cabeça que você tem alguma culpa sobre isso. O único culpado nessa história é William, por ser um canalha filho da puta. — Assenti e ele deu-me um beijo casto na testa. — Agora vamos dormir. Amanhã pensarei sobre o que fazer.

Adriel voltou a recostar a cabeça no travesseiro e dei um beijo em seu peito musculoso antes de fechar os olhos e permanecer imóvel, tentando dormir. Aos poucos, fui sentindo sua respiração ficando mais lenta, mais profunda e logo percebi que havia adormecido. Tentei fazer o mesmo, mas o sono não vinha, os pensamentos me assolavam enquanto a aflição me sobressaltava.

William não estava blefando quando disse que daria um jeito de garantir que Adriel passasse a vida inteira na prisão, se eu me negasse a passar uma noite em seus braços. *Como eu conseguiria seguir com minha vida, sabendo que o pai do meu filho apodrecia em uma cela de cadeia, por minha causa?* Eu precisava fazer alguma coisa, não podia ficar de braços cruzados. Não haveria tempo de contratar outro detetive, que encontrasse o culpado e o delegado jamais se interessou em investigar o caso. O destino do homem cujo sangue corria nas veias do meu bebê estava nas minhas mãos, apenas eu poderia salvá-lo.

Passei a noite toda pensando naquilo, atormentada, preocupada, sem conseguir dormir. Quando o dia amanheceu, eu já sabia o que precisava fazer. William disse que queria uma noite comigo, mas haveria de aceitar uma tarde, pois assim eu poderia ir encontrá-lo sem que Adriel ficasse sabendo. Eu só precisava da ajuda de Marina para me livrar dos seguranças e tinha certeza de que podia contar com ela.

Tão logo fiquei sozinha, telefonei para aquele abutre, avisando que iria encontrá-lo no hotel onde estava hospedado ainda naquela tarde, o que o deixou exultante, com um tom de voz vitorioso como se seu time de futebol preferido tivesse acabado de ganhar o campeonato mundial. O passo seguinte foi falar com Marina, a quem rapidamente convenci a me ajudar. Nós sairíamos de casa com o pretexto de irmos às compras, como fazíamos pelo menos uma vez por semana. Para nos livrarmos dos seguranças, colocaríamos em prática o plano que havíamos traçado para a nossa fuga da cidade. Quando chegasse a hora de partirmos, pensaríamos em outra coisa.

CAPÍTULO 26

RAVENA

Diferente de mim, Marina podia circular livremente pela cidade, sem a constante vigília dos seguranças, então, passou toda a manhã fora de casa, resolvendo tudo o que precisávamos e com êxito. Após o almoço, avisei Adriel que íamos ao shopping comprar mais alguns itens para o enxoval do bebê e deixamos a residência, no carro conduzido pelo motorista, com um dos seguranças sentado no banco da frente ao lado dele e outros dois em um segundo carro que vinha logo atrás de nós.

Como planejado, fomos direto para uma lojinha de confecção infantil, ali mesmo em Santa Clara, cuja proprietária havíamos pago para que nos ajudasse a escapulir. Foi muito mais fácil do que eu imaginava nos livrarmos dos seguranças, que ficaram na parte da frente da loja, perto da porta, enquanto seguíamos para os fundos. Entramos juntas no banheiro, de onde pulamos pela janela, indo parar no quintal da residência da proprietária da loja e de lá seguimos até a rua de trás. Ali, finalmente estávamos livres dos homens armados que nos acompanhavam.

— Você sabe que eles não vão cair nessa de novo, né? — indagou Marina.

— Eu sei. Mas pensaremos em outra coisa quando formos deixar a cidade.

— Tem que ser uma coisa muito convincente mesmo.

Ela estava certa. Depois dessa fuga, Adriel dobraria o número de seguranças atrás de nós e esses dificilmente se descuidariam. No fundo, Adriel sabia que pretendíamos fugir, ir

embora levando meu filho. Só não fazia nada porque não tinha certeza. Estava pagando para ver e com certeza veria.

A tarde estava ensolarada, quente como quase todos os dias naquela época do ano. Como o hotel onde o psicopata estava hospedado ficava a apenas algumas poucas quadras de distância, seguimos a pé, caminhando depressa, receando sermos apanhadas e agradeci aos céus por estarmos em uma rua tranquila, com pouca movimentação de pessoas, onde o risco de eu ser vista pela minha mãe, ou algum conhecido que poderia alertá-la de que eu estava sozinha na cidade era menor, embora existente.

Assim que avançamos pelo saguão do hotel simples, o carinha na recepção fixou seu olhar reprovador e hostil em mim, obviamente me reconhecendo e sabendo que eu estava ali para me encontrar com um dos hóspedes, enquanto vivia na casa de outro homem.

— Vim para falar com William — falei ao aproximar-me do balcão, evitando que sua hostilidade me intimidasse.

— Quarto cento e dois. Pode subir. Ele está te esperando — informou, com evidente desprezo.

Marina ficaria ali esperando e um bolo horrível se formou na altura do meu estômago quando chegou o momento de me separar dela, com o medo e a aflição misturando-se em meu íntimo.

— Fica calma. Vai dar tudo certo — disse ela, como se pudesse ler meus sentimentos.

— Me deseja boa sorte.

— Claro. Boa sorte.

Nos abraçamos e entrei no elevador com o coração na mão e os nervos à flor da pele.

Certamente William havia descoberto o que minha mãe e irmã faziam e foi por acreditar que eu era como elas, que me fizera essa proposta estapafúrdia. Até que ele não estava tão errado assim, pois embora eu sempre prometera a mim mesma que jamais seria como elas, estava agindo da mesma forma agora. O que me consolava era a justificativa de que meus fins justificavam meus meios, algo de que eu estava precisando de esforço para me convencer.

Meu coração estava quase saindo pela boca quando bati na porta indicada e logo esta se abriu. Embora sustentasse um sorriso vitorioso em seus lábios, William estava com uma aparência horrível, exibindo enormes hematomas arroxeados em torno dos olhos. Resultado da surra que Adriel lhe dera.

— Olá, princesa. Mal pude acreditar quando você disse que vinha — falou ele. — Vamos entrando.

Ele abriu caminho e passei para o lado de dentro. Um frio me atravessou quando o vi trancando a porta por dentro. Agora podia-se dizer que eu estava em suas mãos.

— Eu não posso permitir que Adriel seja preso. Ele é o pai do meu filho.

— Tem certeza de que é só por isso mesmo que está aqui?

— Não estamos apaixonados, se é isso que está insinuando.

— Ele é mesmo um grande imbecil por não levar a sério esse casamento. Você é a coisa mais preciosa que pode acontecer na vida de um homem.

Com alguns passos largos, ele eliminou a distância que nos separava, colocando-se perto o bastante para que o cheiro de uísque em seu hálito me alcançasse e uma camada de suor frio

começou a cobrir minha pele, provocada por uma profusão indesejada de medo e nervosismo. Ainda assim, portei-me com a frieza de que necessitava para fazer aquilo e comecei a representar, imitando atitudes que vi Scarlet e minha mãe tomando em relação aos homens, tantas vezes que podia me lembrar de cada uma delas.

Permitindo que a atriz dentro de mim aflorasse, passei os braços em volta do pescoço dele e apoiei meu corpo no seu, o contato causou-me uma repulsa insuportável.

— Você também não é nada mau.

Ele enlaçou minha cintura com os braços e me apertou com firmeza.

— Não precisa mentir pra mim, gatinha. Eu sei o quanto me despreza. Demonstrou isso cada vez que me aproximei de você naquela casa.

— Você não esperava que eu desse mole pra outro homem debaixo do teto do cara que me sustenta, não é?

Ele fitou-me em silêncio por um instante e, então, abriu um sorriso de satisfação.

Idiota! Estava caindo na minha armadilha. Acreditando que eu realmente me entregaria a ele. Por isso minha mãe e Scarlet se aproveitavam dos homens, eles são fáceis demais.

— Claro que não. Você fez bem em vir aqui escondida. Assim evitamos problemas para nós dois.

William inclinou a cabeça e seus lábios tocaram a pele do meu pescoço, deslizando lentamente para cima, enquanto uma repulsa violenta tomava conta de mim. Antes que ele alcançasse minha boca com a sua, apressei-me em seguir adiante com o plano.

— Calma, não vamos com tanta sede ao pote. Temos a tarde toda pela frente. Que tal me oferecer uma bebida e conversarmos um pouco?

Desvencilhei-me dos seus braços e afastei-me, com seus olhos me fitando desconfiados.

— Você está nervosa com a minha proximidade?

— Acho que você já percebeu, né? — Forcei meus lábios a esboçarem um sorriso. — Não me leve a mal. Como você já deve saber, não sou muito experiente na arte do amor, ou com homens.

Ele sorriu novamente e eu soube que o havia convencido do que acreditava serem minhas intenções.

— É, eu ouvi algumas coisas e confesso que a maioria delas me surpreendeu, assim como me deixou fascinado. Mas o que você gostaria de beber?

— Quais são as opções?

— Não é um hotel decente, portanto, as opções são poucas. Tem uísque e vinho.

— Vinho. — Não era recomendado ingerir bebidas alcoólicas durante a gravidez, mas um pouco de vinho não faria tanto mal ao bebê, pelo menos não tanto quanto o uísque.

Observei-o atentamente enquanto ele ia até o frigobar e pegava uma garrafa de vinho tinto pela metade. Sorri internamente, de pura satisfação, quando ele serviu duas taças e ofereceu-me uma. Dei um gole pequeno na bebida, rezando silenciosamente para que meu bebê fosse forte o bastante para não se prejudicar tanto com o efeito do álcool.

— Que tal uma dança? — propus.

— Quer dançar comigo?

— Não. Quero dançar para você. Senta aí. — Empurrei-o pelo peito, até que estivesse sentado na borda da cama, com seus olhos me fuzilando com interesse.

Seguindo meticulosamente o plano, fui até o aparelho de som e sintonizei na única rádio da cidade, na qual estava tocando uma música sertaneja universitária. Não era a ideal para o objetivo, mas era a que eu tinha. Então, ao som melancólico da dupla sertaneja, comecei a me mover sensualmente pelo quarto, dançando e me insinuando. Mas isso não era suficiente, eu precisava capturar sua completa atenção, distraí-lo de tudo mais. Então comecei a tirar as roupas, devagar, uma peça de cada vez, enquanto via a malícia se avivar no brilho do seu olhar.

— Mesmo com essa barriga estufada, você é muito gata — disse William.

Eu estava com apenas a calcinha e o sutiã, duas peças pretas simples, e ainda não tivera a oportunidade que precisava. Se não agisse rápido, poderia ser tarde demais.

Com os pensamentos em mente, peguei minha taça de sobre a mesa de cabeceira, ao lado da dele, ingeri o último gole da bebida e a estendi em sua direção.

— Você pode me dar mais um pouco desse vinho? Está muito bom.

— Claro, delícia. Tudo o que você quiser.

Finalmente tive minha tão esperada oportunidade, quando ele pegou minha taça e rumou para o frigobar, deixando a sua ali sobre o pequeno móvel compensado, à minha disposição. Era mesmo impressionante como o tesão cegava até o mais ardiloso dos homens.

Enquanto William estava de costas para mim, enchendo minha taça com mais vinho, enfiei os dedos no decote do meu sutiã e peguei o pequeno pacotinho contendo Diazepam moído, oito comprimidos ao todo, suficiente para que ele apagasse por no mínimo umas doze horas. Apressada e, sutilmente, joguei o pó branco na taça dele, voltei a esconder o pequeno pedaço de plástico na lingerie e torci para que o imbecil bebesse todo o seu vinho.

— Aqui está, gatinha, o seu vinho. — Ele veio em minha direção, estendendo-me a taça com a bebida pelo meio.

— Que tal um brinde à nossa primeira vez? — propus.

Ele nem hesitou. Estava tão fixo no sexo que acreditava que faria, que foi até sua taça e a pegou, tocando-a na minha.

— À nossa primeira e inesquecível vez — disse, inocente.

A fim de inspirá-lo, levei minha taça à boca e ingeri um longo gole. Uma onda indescritível de satisfação me envolveu ao vê-lo fazer o mesmo.

Mas que grande idiota!

— Sente-se. Vou dançar um pouco mais para você.

— Não. Chega de dança. Já esperei demais por você. Não quero esperar mais.

Dito isto, ele veio para cima de mim, atacando-me com mãos e lábios, me tocando toda, tentando a todo custo me beijar na boca, sem que eu soubesse como me esquivar sem revelar que não estava ali para ser dele.

Puta merda! Que sufoco!

Apesar da repulsa insuportável que me assolava, permiti que ele tocasse meu corpo e beijasse meu pescoço, desviando apenas minha boca. Sutilmente, fui empurrando-o em direção à cama, até

que caísse deitado sobre ela, me levando junto, fazendo-me cair sobre ele. No instante em que o montei, senti a força da ereção pulsando de encontro a mim e precisei de um esforço gigantesco para não sair dali correndo.

— Você pode me dar um minuto? Preciso ir ao banheiro rapidinho.

Antes mesmo que ele respondesse, já fui me libertando das suas mãos e saindo da cama.

— Tá. Mas vê se não demora. Quero muito estar dentro de você.

— Claro.

Praticamente corri até o banheiro e fiquei lá plantada, esperando. Não sabia quanto tempo o Diazepam demorava para fazer efeito, ou mesmo se fazia efeito se ingerido junto com álcool. A única coisa que eu sabia era que, se ele ainda estivesse acordado quando eu saísse daquele banheiro, estaria completamente ferrada. Não haveria qualquer chance de escapar de ser violentada.

Minha nossa! Eu devia ter prestado mais atenção nas palavras de Scarlet quando se referia ao uso dessa medicação para fazer suas vítimas adormecerem. Nem mesmo a bula eu havia lido. Marina havia conseguido a prescrição da medicação subornando um dos médicos do hospital da cidade, exatamente como minha mãe costumava fazer. Quem diria que um dia eu agiria como ela. Pelo menos, no meu caso, era por uma boa causa.

O tempo se arrastava com uma lentidão impressionante. Já devia ter passado pelo menos meia hora desde que entrei no banheiro, quando por fim saí de lá, apreensiva, gelada de medo. Para meu mais completo alívio, o canalha estava dormindo,

tranquilamente, na mesma posição em que eu o deixara. Apenas para ter certeza de que não estava fingindo, me aproximei e o cutuquei na altura do ombro, sem que ele movesse um só músculo do seu corpo.

Puta merda! Nós tínhamos mesmo conseguido.

Exultante, fui até a porta e abri para que Marina entrasse, trancando-a novamente por dentro.

— E aí, deu certo? — indagou, com os olhos escuros arregalados de apreensão, fixos em William.

— Supercerto. O babaca capotou.

— Caraca! Você é mesmo filha da sua mãe.

Fiz uma carranca para ela.

— Não me compare com essa mulher.

— Tá bom, desculpa. Agora se veste e vamos procurar o que viemos buscar aqui. Espero que ele tenha sido estúpido também a ponto de deixar essa prova aqui, ou Adriel estará muito ferrado.

— Eu não sei, mas essa é a única chance que ele tem de não passar o resto da vida na prisão — falei, enquanto catava minhas roupas do chão e as vestia.

— Vai ser muita sorte se esse safado não tiver trancado essa prova no cofre de um banco.

— Temos que contar com essa sorte.

Apressadamente, começamos a vasculhar o aposento à procura de qualquer pista que nos levasse ao verdadeiro assassino de Juliane. William era um cara ardiloso e inteligente, mas não o bastante para se livrar da armadilha de uma mulher, certamente era descuidado também a ponto de ter deixado algum indício por ali, alguma coisa que apontasse o verdadeiro responsável pelo crime.

Reviramos gavetas, armários, bolsas, sacolas e até seu computador e não encontramos nada. Usamos sua digital para desbloquearmos seu moderno celular, mas não havia nada lá que nos revelasse a verdade. Com exceção de uma pasta de arquivos dentro do aparelho, que precisava de uma senha para ser acessada, não havia qualquer indício de quem era o assassino, o que me deixou completamente frustrada, com a sensação de que me arriscara em vão.

— Droga! Precisamos abrir essa maldita pasta. A prova só pode estar aí! — falei, indignada.

— Só um hacker pra acessar sem a senha. E não tem nenhum hacker em Santa Clara.

— Vamos levar o celular. Adriel deve conhecer algum hacker.

— Espero que conheça mesmo, porque, assim que esse imbecil acordar, vai denunciar o roubo do aparelho e teremos que devolver e ainda correndo o risco de sermos presas.

— Se conseguirmos provar que ele acobertou um assassino, com o objetivo de explorar sexualmente uma menor de idade, ele que será preso.

— Tem razão. Vamos logo sair daqui, antes que ele acorde.

Cerca de uma hora após entrarmos, deixamos o hotel, seguindo pela mesma rua através da qual viemos. Pretendíamos voltar direto para a loja e fingirmos que passamos todo aquele tempo lá dentro, nos fundos, escolhendo roupinhas de bebê. No entanto, àquela altura, os seguranças já deviam ter descoberto nossa fuga e avisado Adriel, que certamente dera ordens para que nos procurassem.

Havíamos percorrido dois quarteirões, quando um carro popular, com película escura nos vidros, parou bruscamente à nossa frente, cantando pneus no asfalto. A princípio, achei que fossem os seguranças, o que me motivou a ficar lá parada e quando me dei conta de que eles não dirigiam um carro popular, já era tarde. A porta de trás se abriu e minha mãe saiu lá de dentro, junto com Cleiton. Ambos avançaram para cima de mim, como duas feras ferozes, agarrando-me um de cada lado, tentando forçar minha entrada no veículo.

— Parem com isso! O que pensam que estão fazendo? — protestei, tentando me libertar do ataque, enquanto Marina partia correndo em disparada.

— Devo ir atrás dela? — indagou Cleiton, referindo-se à minha melhor amiga.

— Não, deixa ela avisar àquele safado. Quando ele a encontrar será tarde demais.

Processei aquelas palavras e um frio gélido de medo me invadiu, atacando-me furiosamente.

Sem que eu tivesse a mínima chance de lutar contra os dois, eles me enfiaram no banco de trás do carro, sentando-se um de cada lado de mim, para que em seguida Scarlet, que se encontrava ao volante, desse a partida, seguindo em alta velocidade pelas ruas pouco movimentadas da cidade.

— O que vocês pretendem com isso? Adriel vai me encontrar — falei, apavorada, cobrindo minha barriga, ligeiramente estufada, com as duas mãos, como se o gesto fosse suficiente para proteger o meu bebê daqueles malditos.

— Achou mesmo que ia se dar bem nessa sozinha, sua vagabundinha ingrata? — rosnou minha mãe, fuzilando-me com seus olhos medonhos. — Eu coloquei esse feto aí dentro, eu vou tirar!

O terror dentro de mim se expandiu, alcançando-me até os ossos e de súbito comecei a tremer toda, descontroladamente.

— Não, mãe! Pelo amor de Deus, não faça isso. Eu sou sua filha, essa criança é sua neta.

— Agora diz que é minha filha, mas na hora de se virar contra mim, a fim de ficar com a grana daquele imbecil só para você, não lembrou disso.

Eu sabia que confrontá-la me custaria um grande preço, só não imaginava que esse preço seria pago com a vida do meu filho. Meu Deus!

— Scarlet, por favor, fala com ela. É seu sobrinho.

— Agora é meu sobrinho, mas na hora de excluir todos nós dessa jogada, que nós mesmo elaboramos, você se esqueceu desse detalhe, né, sua vadia?

— Façam o que quiser comigo, mas não machuquem meu bebê. Eu imploro.

— Não é seu bebê, é meu, pois fui eu quem o fiz — grunhiu minha mãe, medonha. — Assim como te dei ele, vou tirá-lo de você, para que aprenda de uma vez o quanto é péssimo se voltar contra mim. Quero ver se Adriel ainda vai te querer na casa dele quando você não estiver mais grávida. A vida boa acabou sua vadiazinha! Vai ter que voltar rastejando pra casa.

Puta merda! Quando eu acreditava que minha mãe havia atingido o limite da sua maldade, ela me surpreendia mais uma vez.

Com sua experiência em enfermagem, ela podia facilmente fazer uma curetagem e a vida do meu filho seria tirada, seu próprio neto, sem que existisse nada que eu pudesse fazer para impedi-los. Minha nossa! Maldita hora que fugi dos seguranças.

Desesperada, olhei para todos os lados, observando a rua, à procura de alguém a quem pudesse gritar por socorro, mas era inútil, as ruas estavam praticamente desertas e Scarlet dirigia a uma velocidade absurda, em direção à rodovia. Além do mais, dificilmente alguém enfrentaria minha mãe para me ajudar. Cogitei lutar fisicamente contra eles, tentar pular do carro, mas isso só apressaria a morte do meu filho. Minha única esperança era que Adriel nos encontrasse a tempo de evitar o pior.

CAPÍTULO 27

ADRIEL

— Mas que merda! Como é que vocês conseguem perder duas adolescentes em uma cidade desse tamanho?! — vociferei, com o segurança do outro lado da linha.

Estava em casa, cuidando dos negócios, quando ele telefonou para dizer que as duas meninas haviam conseguido sumir de suas vistas após entrarem em uma loja de roupas infantis em Santa Clara. Não passavam de amadores, pouco profissionais, para que fossem enganados por duas adolescentes. Quem eu tinha que matar para conseguir contratar um profissional que valesse o dinheiro que eu gastava?

— *Isso não é tudo, senhor* — continuou ele, sua voz assumiu um tom de gravidade que me deixou em alerta. — *Fomos até o hotel onde William está hospedado e o recepcionista confirmou que as duas estiveram lá e foram até o quarto dele.*

De súbito, não consegui mais sentir minhas pernas e deixei-me cair sentado em uma poltrona. Meu corpo paralisou, uma profusão de sentimentos incompreensíveis me bombardeou devastadoramente. Eu não podia acreditar que Ravena havia se entregado àquele lunático, e o que era pior: em troca das provas que me inocentariam. Ela não seria capaz disso, não era como sua mãe e irmã, que trepavam com qualquer vagabundo para conseguir o que queriam. Ravena era diferente, era pura e inocente.

— O que você disse? — indaguei, empurrando as palavras através da minha garganta subitamente seca, sem conseguir acreditar.

— *Sinto muito, senhor Adriel. Ela esteve com ele por cerca de uma hora, enquanto Marina esperava na recepção.*

O segurança que falava comigo era o mesmo que estivera na casa durante a noite anterior, o mesmo que ouvira a proposta estapafúrdia daquele demente. Ele sabia o que Ravena fora fazer no quarto de William e tentava deixar isso claro sem ser direto a ponto de me constranger.

Puta merda! Ela havia mesmo feito aquilo. Não tinha mais como duvidar.

— E onde as duas estão agora?

— *Não sabemos, mas estamos procurando.*

— Tente o percurso entre o hotel e a loja e me mantenha informado.

— *Sim, senhor.*

Com isto, encerramos a ligação.

Continuei ali parado, paralisado, devastado por um tormento inexplicável, inesperado. Eu tentava me convencer de que assim seria melhor, pois, pelo menos agora, eu teria minha inocência provada.

No entanto, nada jamais me pareceu mais doloroso do que imaginar Ravena sendo tocada por outro homem, que outro a possuísse e isso nada tinha a ver com o fato de ela estar carregando meu filho em seu ventre.

Era um sentimento incompreensível de perda, de posse, de que aquele miserável havia colocado as mãos no que me pertencia, o que não fazia o menor sentido, já que Ravena e eu éramos praticamente dois estranhos, ligados um ao outro por um casamento

falso e uma criança que fora concebida contra a nossa vontade, embora eu já a amasse.

Inclinando-me para a frente, enfiei a cabeça entre as mãos e fiquei mergulhado naquele tormento incompreensível, torturado pelos pensamentos, assolado pela certeza de que ela havia se entregado a outro homem, usado seu corpo para conseguir aquelas malditas provas, permitido que outro a tocasse, a fizesse dele. Embora tivesse feito isso por motivos nobres, estava agindo da mesma forma vil como agiam sua mãe e irmã, apesar de que isso era o que menos importava agora. A sensação que eu tinha era de que havia sido traído e, por mais que não fizesse sentido, a dor era inigualável.

Mergulhado naquele martírio indesejado e incompreensível, lembrei-me do perigo que Ravena corria andando por aí desprotegida, exposta ao risco de se deparar com sua maldita mãe e me levantei quase em um pulo. Aquela mulher seria capaz de qualquer coisa para punir a filha por ter se voltado contra ela depois de toda uma vida sendo submissa à sua tirania. Eu não podia ficar ali parado esperando que o pior acontecesse, precisava agir, ajudar a procurá-la e a encontrar o mais depressa possível.

Eu estava a caminho do escritório, indo pegar as chaves do carro, quando meu celular tocou com uma chamada de Marina.

— Por Deus! Onde vocês estão? Os seguranças estão enlouquecendo…

— *Adriel, cale a boca e me escuta* — interrompeu-me ela, sua voz ofegante, alarmada. — *Ravena está correndo perigo. A mãe dela apareceu de repente, junto com o genro e a outra filha, e a*

raptou. Consegui escapar porque saí correndo antes que colocassem as mãos em mim também.

Processei suas palavras e o sangue fugiu da minha face. Uma agonia desoladora tomou conta de mim ao imaginar o que aquela louca podia fazer com Ravena e com meu filho. Aquela mulher era capaz de tudo, inclusive de tirar a vida dos dois.

O miserável do William dissera que o assassino de Juliane não era Arnaldo, não parecia estar mentindo. Portanto, a pessoa por trás desse assassinato e da emboscada contra mim podia facilmente ser Soraya.

Caralho! Se ela tirou a vida de Juliane, que nenhum mal lhe fizera, eu não queria nem imaginar o que seria capaz de fazer com Ravena e meu filho.

Respirando fundo, forcei a tempestade em meu íntimo se acalmar, pois precisava me concentrar em encontrá-la antes que fosse tarde.

— Pra onde elas foram? Em que carro estavam?

— *Não sei pra onde foram, pois saí correndo antes que o carro desse a partida. Estão em um Classic branco, não tive tempo de anotar a placa. A pegaram na rua sete, perto do centro da cidade.* — A aflição estava clara no tom de sua voz.

— Você que conhece melhor aquela cobra, tem ideia do que pode estar tramando fazer com Ravena?

— *Só sei que não é coisa boa. Tenta procurar no hospital da cidade, onde a maioria dos funcionários são cúmplices dela. Se não estiverem lá, talvez tenham ido para Belize.*

A compreensão da sua suspeita sobre o que aquela doente mental pretendia fazer com meu filho alcançou-me ao passo em que

um aperto inundava meu peito.

— Vem pra casa e fique aqui. Vou avisar aos seguranças sobre o sequestro e ajudar a procurar. Fica calma, vai dar tudo certo. Nós vamos encontrá-la.

— *Tá bom.*

Ao encerrar a ligação, telefonei para o chefe dos seguranças e passei-lhe as informações sobre o local onde o sequestro aconteceu, o carro em que estavam e as suspeitas de que aquela megera talvez tivesse a intenção de tirar meu filho do ventre da sua mãe. Exigi que todos os seguranças se mobilizassem para procurar, cada um em um carro e não descansassem até encontrar.

Deixei a casa acompanhado de um dos seguranças, enquanto os demais partiam, cada dupla em um carro, rumo à cidade, com a ordem de procurar em cada rua, cada canto, cada casa.

Fui direto para o hospital e mesmo sob as ameaças dos funcionários de chamarem a polícia, procurei em cada cômodo do lugar, que felizmente não era muito grande. Ravena não estava lá. Embora um dos seguranças já tivesse ido até a casa de Soraya, fiz questão de verificar pessoalmente e realmente não havia ninguém.

Se aquela víbora realmente pretendia fazer mal ao meu filho, não faria isso em Santa Clara, correndo o risco de ser encontrada. Provavelmente tinha ido para Belize, o que tornava as coisas ainda mais difíceis, já que era uma cidade maior. Então, deixei apenas dois dos seguranças em Santa Clara, continuando a busca e parti para a cidade ao lado, junto com todos os demais, nossos carros a uma velocidade absurda. Precisávamos encontrá-las antes que

fosse tarde, antes que aquele monstro tivesse tempo de matar o próprio neto.

O dinheiro é mesmo o combustível que move o mundo e jamais fiquei tão satisfeito ao fazer essa constatação. Ao chegar em Belize, fui direto para a rádio mais popular da cidade, paguei o proprietário para que me disponibilizasse alguns minutos do seu microfone e me dirigi aos ouvintes, oferecendo uma grande quantia para quem localizasse o Classic branco com o qual Ravena fora sequestrada, ou me desse qualquer informação que me levasse a ela. Aquilo com certeza geraria uma repercussão grande o bastante para que o delegado descobrisse que eu havia deixado os limites de Santa Clara e o motivaria a tentar me prender, mas eu não ligava. O importante agora era salvar meu filho e sua mãe.

A noite começava a cair e com isto a maior parte da população já estava em casa, ou saindo do trabalho, de modo que tinham disponibilidade de procurar. Tentei permanecer na sede da rádio, esperando, mas não consegui ficar parado. Como havia disponibilizado o número do meu celular para os ouvintes, deixei o local e passei a dirigir através das ruas, sem rumo, aflito, quase desesperado, temendo que fosse tarde demais, que aquela víbora tivesse feito mal às duas pessoas mais importantes da minha vida.

Depois de receber alguns telefonemas de pessoas que não tinham pista alguma, mas queriam encher o saco, finalmente veio a luz no fim do túnel.

— *Eu sei onde eles estão, mas não quero ser identificado.* — A voz era de um homem afeminado.

— Claro. Eu jamais diria quem foi.

— Salva esse número aí. Depois que você a encontrar, enviarei o número da minha conta para o depósito. Posso confiar que vou mesmo receber a recompensa?

— Com certeza. Apenas me diga onde está minha mulher.

Ele falou o endereço e anotei. Ao encerrar a ligação, ordenei que todos os seguranças fossem para o local e parti para lá com o carro quase voando, tamanha era sua velocidade.

Cheguei junto com os seguranças, os vários carros parando em frente à moradia diante da qual estava o Classic branco que Marina descrevera. Era uma casa simples, térrea, com muro gradeado e portão de ferro.

Tão logo saltaram dos carros, os seguranças empunharam suas armas, fazendo com que tudo parecesse uma grande operação policial. O portão estava trancado e, ao meu sinal, um deles desferiu chutes violentos na estreita peça de metal, até que estivesse escancarada e entramos. O homem precisou de apenas dois chutes para abrir a porta frágil de madeira da casa e a invadimos sem pensar duas vezes. O primeiro cômodo, uma sala modesta, mobiliada com simplicidade, estava completamente deserto e silencioso.

Estávamos em meia dúzia de homens, apenas eu desarmado. Assim que avançamos pela moradia, cada um tomou uma direção, procurando em cada cômodo, vasculhando cada canto. Eu estava olhando na cozinha, cuja porta, que dava para o quintal, se encontrava completamente aberta, quando um deles gritou da direção de um dos quartos.

— Aqui! — disse ele e corri para lá.

Um baque violento aconteceu na boca do meu estômago quando avancei pelo cômodo pequeno e vi Ravena deitada na cama, aparentemente desfalecida, nua da cintura para baixo, com seus olhos fechados e os cabelos escuros espalhados desordenadamente sobre o lençol. Automaticamente meus olhos buscaram vestígios de sangue, ou algo que indicasse um aborto e, mesmo que não houvesse nada, não me atrevi a descartar a hipótese. Não ainda.

Aflito, sentei-me ao seu lado e verifiquei seu pulso; estava lento, mas ainda lá. Tentei acordá-la, chamando seu nome, sacudindo-a cuidadosamente e nada, ela estava apagada, muito provavelmente sedada.

— Ela parece estar desmaiada, senhor — disse o segurança.

Ciumento, eu puxei o lençol e o usei para cobrir a nudez de Ravena.

— Procurem no quintal. Acho que eles podem ter fugido pelos fundos.

Antes que o homem tivesse tempo de se mover no lugar, ouvimos vozes elevadas partindo da sala e seguimos apressados para lá. Os outros seguranças haviam conseguido capturar os três malditos bandidos e os mantinham cativos sob a mira dos revólveres.

Um instinto assassino tomou conta de mim quando olhei no rosto de Soraya. Minha vontade foi de partir para cima dela e soltá-la apenas depois que a tivesse feito em picadinhos. Precisei de todo o meu autocontrole para evitar me tornar o tipo de covarde que agride fisicamente uma mulher.

— O que você fez com Ravena, sua filha da puta?! — vociferei, com a mandíbula trincada e meu sangue fervendo de ódio. — E nem se atreva a mentir pra mim, pois se eu colocar minhas mãos em você não tirarei até que você seja transformada em um amontoado desconexo de sangue e ossos.

Eu devo ter parecido bastante assustador aos seus olhos, pois ela recuou alguns passos, fitando-me apavorada, preferindo se refugiar perto do segurança, mesmo estando ele armado e pronto para agir ao mínimo comando.

— Não aconteceu nada — ela se atreveu a dizer.

— Eu disse pra não mentir pra mim, sua vagabunda! — gritei, descontrolado.

Quando dei por mim, eu já estava praticamente em cima dela. A teria matado se a voz de Scarlett não tivesse atraído a minha atenção.

— Ela não está mentindo. Realmente não fizemos nada. Íamos fazer, mas não deu tempo. Vocês chegaram antes.

— E o que vocês iam fazer? — Virei-me para ela, fervendo de ódio.

Nervosa, Scarlett lançou um olhar meio desesperado para a mãe, sem encontrar o socorro de que precisava. Então voltou a me fitar.

— Íamos fazer uma curetagem, mas não fizemos.

Eu não sabia se acreditava, podia estar dizendo aquilo para se safar. Precisava levar Ravena ao médico para ter certeza.

— Que espécie de monstros são vocês? Iam matar o próprio neto e sobrinho? A troco do quê? — indagava ao mesmo tempo que lutava contra o descontrole.

Se eu não me segurasse, seria capaz de matar aqueles filhos da puta.

— Até parece que você se importa! — Soraya rosnou. — Esse feto nem existiria se não fosse por nós. Eu o coloquei lá dentro, tenho todo o direito de tirá-lo de lá.

Eu precisava sair dali, antes que me tornasse um assassino. Teria entregue os três à polícia se não tivesse certeza de que isso traria o delegado de Santa Clara direto para mim. Então, virei-me para o chefe dos seguranças e dei a ordem:

— Leve-os para longe da cidade, para o lugar mais remoto e distante que puderem encontrar, tirem todas as roupas deles e os deixem lá. Quero ver como vão se virar.

— Porra, cara! Não precisa disso! — reclamou Cleiton e nem mesmo o olhei.

— E se ele voltar a reclamar, castre-o antes de o deixar. — Virei-me novamente para Soraya. — Preste bastante atenção porque só vou falar uma vez: volte a se aproximar de Ravena, ou mesmo olhe torto para ela e ser deixada nua no meio do mato, sem água e sem comida, vai parecer divertido perto do que farei com você.

Dito isto, segui ao quarto onde estava Ravena. Com o peito angustiado, por vê-la naquele estado, sendo mais uma vez humilhada e maltratada pela maldita mãe, enrolei-a de forma confortável em um lençol grosso, ocultando sua seminudez e a carreguei nos braços até o carro. Deitei-a cuidadosamente no banco de trás e segui para o hospital.

Não havia um médico em Belize que eu conhecesse, em quem pudesse confiar, mas precisava que ela fosse atendida o mais

depressa possível, então procurei por uma clínica particular que parecia minimamente decente e a levei. Mais uma vez, o dinheiro determinou que ela fosse atendida sem hora marcada e logo um médico a estava examinando em uma enfermaria um pouco menos precária que a do hospital público de Santa Clara.

Após confirmar que ela estava sob o efeito de sedativos, ele fez uma ultrassonografia e exames de sangue.

— Encontramos muito sedativo e um pouco de álcool no sangue, mas fora isso está tudo bem. O bebê está ótimo. Logo, logo, o efeito dos sedativos passará e ela vai acordar — anunciou o médico.

O aperto em meu peito se intensificou com a descoberta de que ela havia ingerido bebidas alcoólicas, certamente quando se encontrara com William no hotel, sem se importar se estava prejudicando o nosso filho. Embora seus motivos fossem nobres e até culpa minha, eu nunca mais conseguiria voltar a olhá-la com os mesmos olhos.

— Qual a extensão dos danos que esse álcool e o efeito desses sedativos podem ter causado ao bebê? — indaguei.

— Provavelmente alguma desaceleração no desenvolvimento dele, mas apenas com o tempo será possível saber. Daqui a algumas semanas, peça ao obstetra dela que faça essa averiguação.

— Certo. Obrigado.

Quando voltei ao quarto da enfermaria, Ravena ainda estava adormecida, parecendo uma boneca, linda e frágil, deitada na cama, com seus cabelos densos espalhados para todos os lados, sua face

completamente relaxada, embora sua fisionomia expressasse uma tristeza sutil e silenciosa, que cortava meu coração.

Puxei uma cadeira para perto do seu leito e me acomodei ali, observando-a em seu sono tranquilo, envolvido por uma miríade de sentimentos controversos, perturbadores.

Se por um lado a fúria insistia em me atacar, por ela ter se entregado a outro homem, por ter permitido que a tocasse e a possuísse, por outro lado eu só conseguia pensar em como ela se sentia tendo uma mãe como Soraya, tendo crescido sem o mínimo de amor por parte da mulher cujo ventre a gerara, ou mesmo por parte do seu pai.

Apesar de ter crescido com a ausência desse afeto tão necessário para uma criança, em meio a um ambiente hostil e perigoso para a sua integridade, Ravena se tornara uma boa pessoa, conseguira se manter pura durante tanto tempo e certamente seria uma ótima mãe. Essa certeza era o que me motivava a permitir que ela fizesse parte da vida dessa criança, depois que nascesse, embora eu jamais abriria mão de ter sua guarda legal.

Eu havia perdido a noção de quanto tempo estava lá parado, observando-a atentamente, quando finalmente ela se moveu sobre a cama, a princípio languidamente, como se precisasse de um grande esforço para abrir os olhos. Tão logo o fez, fixou seu olhar no teto por um instante, confusa, assustada, então aproximei-me e segurei sua mão. O contato causou-lhe um pequeno susto.

— Olá. Está tudo bem agora. Vocês vão ficar bem — quase sussurrei.

Assim que ela focou o meu rosto, uma angústia desoladora aflorou na expressão do seu olhar, como se de súbito se recordasse do que havia acontecido.

— Meu neném... — balbuciou, com sua voz fraca e trêmula.

— Ele está bem. O médico fez uma ultrassonografia e até ouvimos o coraçãozinho batendo — hesitei antes de continuar falando: — Sua mãe não conseguiu fazer o que pretendia.

Ela fitou-me em silêncio por um instante, como se digerisse a informação, então apertou seus olhos com força, contendo as lágrimas que teimavam em enchê-los. Sua fisionomia se contraiu em um misto de emoções que pareciam bombardeá-la.

Naquele instante, quase pude sentir sua dor. A dor de constatar mais uma vez que era odiada e desprezada pela mãe, a ponto de tentar matar seu próprio neto, pelo simples fato de estar dentro dela.

Desolado, aproximei-me um pouco mais, fiz com que se sentasse e a estreitei em meus braços.

— Ei, não fica assim. A culpa não é sua se aquela mulher é um monstro sem alma.

Ravena me abraçou de volta e afundou o rosto em meu peito, chorando desenfreadamente, molhando o tecido da minha camisa com suas lágrimas.

— Ela ia matar o meu bebê — murmurou, com um soluço.

— Ia, mas não conseguiu e nem nunca vai conseguir. Ela nunca mais vai chegar perto de você. Isso eu te garanto.

— Como ela pôde tentar fazer isso com o próprio neto?

— Não pense mais nisso. Ela vai ter o que merece. A vida costuma ser bastante justa com esse tipinho de gente.

— Eu só queria que ela me amasse.

— O amor dela não vai te fazer falta, nem para o nosso filho. Em poucos dias, estaremos longe daqui e você nunca mais a verá.

Subitamente, Ravena ficou tensa, seu corpo enrijeceu todo e ela se desvencilhou do abraço, voltando a se deitar, com seus olhos tristes ainda fixos em mim.

— Tem uma coisa que eu preciso te contar — disse ela.

Pelo tom de gravidade em sua voz, percebi que me falaria sobre ter transado com aquele vagabundo para conseguir as provas para mim e uma fúria inevitável me percorreu, transformando meu sangue em brasas.

— Não precisa dizer nada. Eu sei que você esteve com William — falei, friamente.

Ela pareceu surpresa, sem que eu soubesse se por eu já saber a verdade ou por me importar que se deitasse com outro homem.

— Não é o que você está pensando.

— Eu não quero ouvir porra nenhuma sobre isso! — interrompi-a, sem fazer questão de esconder minha ira. — Eu te falei que ia resolver essa merda! Você não precisava ter ido lá foder com ele.

Sua fisionomia endureceu, a raiva refletiu no brilho do seu olhar.

— Se você acha mesmo que eu faria uma coisa dessa, não merece ouvir a verdade — disse, com irritação.

Suas palavras me deixaram confuso, porém a raiva que queimava em meu sangue não me permitiu enxergar o óbvio.

— Que verdade? Vai me dizer que descobriu quem matou Juliane? Pra te falar a verdade, não quero saber!

Sua boca linda se transformou em uma linha fina e seus olhos azuis refletiram uma ira crescente.

— Você não merece mesmo saber a verdade, seu babaca! Agora me tira daqui. Não aguento mais esse cheiro horrível de hospital. Preciso dos meus remédios de enjoo.

Furiosa, sem que eu compreendesse ao certo a razão, Ravena levantou-se do leito, mas fez isso depressa demais, de modo que acabou tropeçando na barra da camisola da clínica e por pouco não se estabacou no chão. Assolado pelo medo de ela e o bebê se machucarem, agi bem a tempo de ampará-la no ar, antes que batesse com o rosto no assoalho, e a ergui em meus braços, com facilidade, acomodando seu corpo de encontro ao meu, enquanto ela passava os braços em volta do meu pescoço, a fim de se apoiar melhor, com seus olhos lindos fixando-se nos meus.

Foi então que cada partícula do meu ser tomou consciência das suas curvas femininas e deliciosas; da fragilidade do seu ser; do calor que emanava através das roupas e as sensações luxuriosas me bombardearam sem controle, tornando-me escravo do desejo insano que aflorava no fundo do meu âmago e se espalhava por cada parte de mim, tomando conta de tudo, provocando uma ereção indesejada.

Puta merda!

— É melhor você tomar mais cuidado com a forma como se move. — Minhas palavras soaram inacreditavelmente idiotas.

Minha respiração ofegante denunciou minha excitação, suscitando-lhe uma expressão de surpresa, que logo se mesclou a

algo mais, ao mesmo fervor que jazia em meu íntimo.

— Eu não ia cair, se é isso que está insinuando. Ao contrário do que todos pensam, eu sei me cuidar. — Ela tentou escapar do meu colo, mas a segurei firme de encontro a mim, impedindo que saísse. — Você já pode me soltar. Não sou uma inválida que precisa ser carregada.

Reprimindo aquele desejo insano em algum canto dentro de mim, carreguei-a em direção à porta.

— Eu te levo. Você ainda está grogue pelo efeito dos sedativos e não quero que uma queda idiota termine o que Soraya começou.

Ravena estremeceu levemente de encontro a mim e por fim parou de reclamar, enquanto eu a carregava nos braços até o carro.

Cerca de uma hora depois, estávamos chegando em casa, onde novamente fiz questão de carregá-la para dentro. Ainda na sala, encontramos uma aflita Marina, que praticamente pulou em cima de nós, ávida por informações, e Ravena a tranquilizou fazendo um resumo de tudo o que havia acontecido, enquanto ela nos seguia para o andar de cima.

Fiquei mais tranquilo ao deixar Ravena no quarto, sabendo que sua amiga ficaria ao seu lado e não desgrudaria dela enquanto não estivesse perfeitamente bem. Após me certificar de que a mãe do meu filho tomara seu remédio para enjoo e estava confortavelmente acomodada na cama, deixei o aposento e desci para o térreo, com a mente fervilhando pelos pensamentos.

CAPÍTULO 28

ADRIEL

Havia muito a ser resolvido. Meu maior problema no momento era o delegado, que certamente a essa altura já estava sabendo que eu havia deixado a cidade, violando o termo da minha condicional e obviamente apareceria para me encher o saco. Eu pretendia suborná-lo, mas não tinha certeza se a sede dele por dinheiro era maior do que a raiva por eu ter entregue à Polícia Federal seus esquemas junto à Soraya. Ainda assim tentaria, pois a última coisa de que precisava agora era ir parar na cadeia.

Na sala, servi-me de uma dose de uísque puro e deixei-me afundar em uma poltrona, tentando organizar os pensamentos, analisar todos os acontecimentos. No entanto, tudo em que eu conseguia me concentrar era na raiva cega por Ravena ter se entregado a outro homem, ter permitido que aquele bastardo a possuísse e o que era pior: por minha causa. Eu realmente queria não me importar, mas simplesmente não conseguia afastar os pensamentos que insistiam em continuar me atormentando.

— Sr. Adriel, vai querer jantar agora? — indagou Rosilene, avançando pela sala.

Eu tinha até me esquecido de que nenhum de nós jantara ainda, o que podia ser prejudicial para uma mulher grávida.

— Não quero comer, mas leve o jantar para Ravena no quarto.

— Sim, senhor.

Algum tempo depois, eu estava no escritório resolvendo algumas pendências do trabalho. Faltavam apenas quatro dias para

findar o prazo que estipulara para que Arnaldo desocupasse a casa e ele ainda não dera nenhum indício de que pretendia fazê-lo, continuava lá com a filha, tranquilamente, na certa pensando que no último minuto eu me sensibilizaria e o deixaria ficar com a moradia. Ele nem imaginava o quanto estava enganado; se não saísse do caminho, eu derrubaria a construção na sua cabeça, sem remorso algum. Depois disso, precisaria de mais apenas uns trinta dias para finalizar o oleoduto e estaria livre para ir embora daquele fim de mundo, isso se conseguisse provar minha inocência até lá.

Precisava descobrir uma forma de provar minha inocência. Se Ravena tinha conseguido as provas com aquele miserável, eu não queria nem saber.

De súbito, a porta do escritório se abriu e Marina entrou, fitando-me furiosamente, embora não ousasse aproximar-se da mesa atrás da qual eu me encontrava sentado. Parecia arredia, intimidada, como quase sempre diante de mim.

— Você é um grande imbecil! — acusou ela, áspera, mantendo distância.

— O que você quer, Marina? Não estou com paciência para chilique de adolescente no momento.

— Ravena tentou te contar a verdade e você nem a deixou falar, já foi logo pensando o pior.

— Que verdade? Do que você está falando?

— Ela não foi ao encontro de William para transar com ele, como sua mente pervertida está imaginando. Ela foi lá para enganá-lo e conseguiu. Fingiu que o queria e, quando ele deu mole, colocou Diazepam na bebida dele, fazendo com que apagasse, para que pudéssemos procurar algum indício de quem matou a piranha.

Dessa vez, ela conseguiu capturar minha completa atenção. Lembrei-me da forma grosseira como agi com Ravena no hospital, de todas as suposições que fiz sem antes ouvi-la e o sentimento de culpa me espezinhou, atacando-me ferozmente.

Cacete! Como pude pensar que ela seria capaz de usar seu corpo para conseguir o que queria?

— É sério isso que você está dizendo?

— Claro que é, seu panaca! Ravena não é o tipo de garota que você julga, só porque nasceu do útero daquela cobra.

— Ela não me disse nada, o que vocês queriam que eu pensasse?

— Ela tentou dizer, mas você não ouviu, já foi logo julgando, como todo mundo nessa merda de cidade sempre faz.

Caralho! Marina estava certa, eu tinha agido como um imbecil e, com isto, magoado a pessoa que mais importava na minha vida naquele momento, que era Ravena.

— Merda! Preciso falar com ela.

Dito isto, levantei-me e segui rapidamente rumo à porta.

— Acho bom pedir desculpas — disse Marina, às minhas costas.

Subi as escadas quase correndo. Após descobrir que Ravena não se encontrava em meu quarto, onde eu a deixara quando chegamos de Belize, me dirigi para o aposento que ocupava antes.

Ao entrar, a encontrei deitada na cama, muito quieta, parecendo perdida sobre o leito enorme, em meio ao emaranhado de lençóis de seda. Assim que ouviu o rangido da porta, ela lançou-me um olhar raivoso e voltou a virar o rosto para o outro lado, emburrada, silenciosa.

Contornando a cama, sentei-me ao seu lado, com o meu peso fazendo o colchão afundar.

— O que você quer aqui? — indagou Ravena, irritada.

— Vim te buscar. Aqui não é o seu lugar e sim no meu quarto, ao meu lado.

— Foi um erro eu ter levado minhas coisas para o seu quarto, meu lugar nesta casa é aqui. Não podemos continuar fingindo que existe alguma coisa entre nós só porque fomos forçados a assinarmos uma certidão de casamento no cartório.

— Não é fingimento. Nunca foi. — Ela fitou-me surpresa. — Não para mim. Existe sim alguma coisa entre nós. Você é a pessoa mais especial que eu já conheci.

Ravena analisou-me em silêncio por um instante, como se sondasse a veracidade das minhas palavras.

— Tão especial que, na primeira oportunidade, você me trata com o mesmo julgamento que as pessoas dessa maldita cidade têm tratado durante toda a minha vida.

Tentei segurar sua mão com a minha, mas Ravena a puxou, bruscamente.

— Eu quero te pedir desculpas por isso. Não devia ter pensado que você transaria com aquele sujeito. A verdade é que fiquei louco de ciúme quando o segurança me disse que você tinha ido encontrá-lo no hotel, insinuando o que foi fazer lá.

— E porque sou filha de uma mulher como a minha mãe, você não me deu nem a chance da dúvida.

— Isso nada tem a ver com o fato de você ser filha daquela mulher. Você fugiu dos seguranças para ir até o hotel dele, o que queria que eu pensasse?

Ela bufou, ainda irritada, porém mais branda.

— Você devia ter me ouvido quando tentei te contar a verdade.

— Sim, devia. Eu sou um idiota.

— Um grande imbecil.

— Concordo.

— E também um grande panaca.

— Não exagera.

Ela sorriu e foi como se o quarto inteiro se iluminasse subitamente. Um calor reconfortante, gostoso, inundou meu peito.

— Fiz isso porque me importo com você — disse, muito mais relaxada.

— Fico feliz que se importe, mas não devia ter feito. Tem ideia do risco que correu?

— Não corri risco algum. Coloquei aquele imbecil para dormir em cinco minutos.

— Mesmo assim foi perigoso. Pra você e pro bebê. Olha o que sua mãe quase fez. Aliás, como ela soube que você estava na cidade?

— Provavelmente alguém do hospital avisou que Marina foi lá, atrás de uma receita de Diazepam.

— Mais uma loucura que vocês precisavam ter evitado.

— Ai, tá bom, papai. Já chega de bronca.

— Não me chama de pai. Eu já me sinto quase um pedófilo perto de você.

Ravena me deu outro sorriso e meu peito se aqueceu um pouco mais. Eu seria capaz de dedicar o resto da minha vida, cada um dos meus dias, a fazê-la sorrir assim para mim.

Como se estivesse sob uma espécie de feitiço, espalmei minha mão na lateral do seu rosto, enquanto ela estremecia brevemente com o contato e eu fixava meus olhos nos seus.

— Me promete que não vai cometer uma loucura dessas de novo.

— Eu prometo — sussurrou ela.

— Agora vem comigo. Vou te levar pro nosso quarto.

— Quero dormir aqui hoje.

Fiquei desapontado, mas não insisti. Ela tinha todo o direito de ainda estar com raiva de mim.

— Tudo bem. Nos veremos amanhã.

Dei-lhe um beijo casto na testa e ia me levantando para deixar o quarto, quando Ravena segurou-me pelo braço.

— Espere. Não vai. Fica aqui comigo.

Eu nunca ia entender as mulheres.

— É isso que você quer?

Ravena fez que sim com a cabeça e, sem nem pensar duas vezes, tirei os sapatos, passei por cima dela e deitei-me do outro lado do colchão. Sua proximidade despertou cada um dos meus sentidos, deixando-me completamente excitado. Porém, reprimi as emoções e não a toquei, pois não sabia se era isso que ela queria. Era uma pessoa difícil de desvendar.

— Você nem perguntou se encontramos alguma prova no quarto daquele babaca.

— Encontraram alguma coisa?

— Infelizmente não.

— Ele não ia deixar essas provas tão acessíveis assim.

Ravena sentou-se na cabeceira da cama, com as costas apoiadas no espaldar e tirou um celular debaixo do travesseiro.

— Mas trouxemos o celular dele — falou. — Conseguimos desbloqueá-lo e redefinir a senha com a digital do babaca, mas tem uma pasta aqui que precisa de uma senha especial para ser acessada. Não conseguimos abri-la. Acho que precisamos de um hacker.

Sentando-me ao seu lado, recebi o celular da sua mão. Era um aparelho moderno, repleto de funções incomuns para aparelhos tradicionais. Ravena mostrou-me a pasta a qual se referira e tentei acessá-la, mas realmente precisava de uma senha. Obviamente a prova de quem assassinara Juliane estava ali dentro.

— Eu conheço um hacker que mora em São Paulo. Vou pedir que ele venha.

— Não sei se haverá tempo. Quando der falta do celular, William certamente vai chamar a polícia para recuperá-lo.

— Ele não vai se atrever a contar para a polícia que estava com uma menina de dezessete anos no seu quarto. Se ousar, acionarei a Polícia Federal. Ou subornarei o delegado. Provavelmente terei que suborná-lo também para que ignore o fato de que violei minha condicional, ao deixar a cidade.

— Sinto muito te fazer ir até lá.

— Pelo visto, parece que valeu a pena. — Mostrei-lhe o celular e, em seguida, o guardei embaixo do meu travesseiro. — Vamos dormir. Amanhã teremos um longo dia.

Deitei-me de frente, fechei os olhos e fiquei completamente imóvel, tentando dormir, mas sem que meu corpo conseguisse

ignorar a proximidade dela. Cada um dos meus sentidos estavam em alerta, consciente do seu calor, da sua feminilidade.

Ravena também se deitou, mas não ficava parada por mais que alguns segundos, a todo instante mudando de posição, impedindo-me de esquecer que estava tão perto.

— Não consigo dormir... — sussurrou ela, por fim.

— Nem eu.

Virei o rosto em sua direção e ela foi se aproximando devagar, como quem não queria nada, até colar sua boca na minha e a beijei com paixão, fechando minha mão no comprimento dos seus cabelos, pressionando meus lábios nos seus com uma sofreguidão absurda, como um sedento que encontrava sua bebida.

Agindo como a amante exigente que era, Ravena colocou-se sobre mim, enquanto eu chupava sua língua. Separando sua boca da minha, ela sentou-se, montada bem em cima do meu pau, uma perna de cada lado e livrou-se da sua camisola, ficando com apenas a calcinha minúscula, dando-me uma visão magnífica do seu corpo lindo. Estava mudando a cada dia, com suas curvas mais voluptuosas, os seios maiores e mais redondos, a barriga ligeiramente estufada, revelando uma beleza que jamais me pareceu mais encantadora.

— Você é linda... — sussurrei, rouco, excitado.

— Estou gorda.

— Está mais linda do que nunca.

Voltando a inclinar seu corpo sobre o meu, ela percorreu a ponta da sua língua através dos contornos dos meus lábios, enfiou-a a tirou da minha boca, provocante, enquanto eu movimentava

minhas mãos através da sua nudez, apalpando cada detalhe seu, enlouquecido com sua feminilidade, com sua maciez.

Assumindo aquele seu jeito ganancioso de se entregar, Ravena deixou minha boca e foi descendo a sua através de mim. Fechou os dentes sobre meu queixo e mordeu, descendo um pouco mais, mordiscando e lambendo minha pele suada. Com as duas mãos, abriu os botões da minha camisa e continuou me provando, mordendo, chupando, lambendo. Abriu o fecho da minha calça e ergui ligeiramente os quadris para que a arrancasse do meu corpo, junto com a cueca.

Ela segurou meu pau, completamente duro, pelo meio e o observou por um instante. Seus olhos azuis se tornaram mais escuros, revelando uma luxúria devassa. Então, inclinou a cabeça e soltei um grunhido quando o colocou na boca. Primeiro, deu uma lambida, que foi da base até a glande; depois passou a língua em volta da cabeça, se lambuzando com o líquido pré-ejaculatório; depois abriu os lábios e foi descendo devagar, engolindo até onde aguentava.

— Porra... Que delícia… — grunhi, segurando seus cabelos densos, a fim de afastá-los do meu campo de visão, enquanto a observava me mamando com aquele sobe e desce delicioso, parecendo uma cadelinha no cio.

Ravena estava ficando boa naquilo. Devia ser a prática do dia a dia.

Considerando-me um homem de sorte, segurei ainda mais firme em seus cabelos e empurrei sua cabeça para baixo, implacavelmente, fazendo com que o pau fosse ainda mais fundo, até sua garganta e ela não recuou, continuou firme, engolindo tudo,

com uma fome e uma ganância que me levavam à loucura, até que parei com tudo enfiado nela e esporrei de forma prolongada, enchendo sua garganta de sêmen, sem deixar de observar seus olhos lacrimejarem enquanto engolia até a última gota.

Quando a soltei, Ravena ergueu a cabeça e fitou-me nos olhos enquanto lambia os lábios, deliciada, o que me deixou ainda mais doido por ela.

— Vem cá, minha putinha gostosa.

Segurei-a pelo pulso e a puxei com cuidado, fazendo com que caísse deitada sobre mim. Antes mesmo de segurar os seus cabelos, minha boca já estava devorando a sua, minha língua a explorando, experimentando meu próprio gosto misturado ao seu. Sem interromper o beijo, virei-a na cama, fazendo com que se deitasse de frente e afastei-me por um breve instante, apenas o suficiente para arrancar a calcinha minúscula e observá-la ali largada, toda entregue, excitada, deliciosa.

Cobrindo-a toda com o meu corpo, voltei a beijá-la com fome e fui descendo minha boca através da sua nudez, provando cada centímetro dela, me deliciando. Abocanhei um dos mamilos e, quando suguei forte veio um jato de leite, o que não foi suficiente para me fazer parar, continuei mamando, chupando forte, até deixar o bico completamente duro, então passei para o outro peito, onde bebi mais um pouco do seu leite. Continuei descendo minha boca, sem que seu gosto jamais me saciasse, pelo contrário, quanto mais eu a experimentava, mais queria senti-la.

Ao alcançar a protuberância na sua barriga, percebi que uma estreita linha escura se formava entre seu umbigo e sua pélvis, certamente devido à gravidez. Incapaz de resistir, passei a ponta da

minha língua ao longo dela e espalhei uma chuva de beijos sobre a barriga redonda. Um sentimento genuíno me invadiu, algo que eu poderia facilmente denominar de amor, um amor desconhecido, puro e verdadeiro.

Enquanto Ravena se remexia e choramingava sob o toque da minha língua, pendurei uma de suas pernas em meus ombros e mergulhei a língua entre seus lábios peludos, deliciando-me com o quanto ela estava molhada, toda lambuzada, a ponto de sua excitação escorrer pelas coxas. Afundei a língua na vagina estreita e a penetrei em um vai e vem, maravilhado com o sabor, com a forma como ela arqueava as costas no colchão e gemia alto, dengosa, perdida. Passei a língua para o clitóris e Ravena gemeu ainda mais alto quando o estimulei com a ponta da minha língua, movimentando-a freneticamente, deixando o pontinho ainda mais duro, inchado.

Ela estava quase gozando, mais algumas lambidas e explodiria, no entanto, decidi provar seu gosto um pouco mais, prolongar as coisas. Então, voltei a foder sua entradinha encharcada com minha língua, entrando e saindo, macio e raso, misturando minha saliva com a abundância da sua excitação. Fiz com que levantasse um pouco os quadris e lambi seu buraquinho menor, tomado por uma vontade insana de enterrar meu pau todo ali. Voltei a lamber sua vagina e fiquei alternando entre os três lugares, até que ela parecia em agonia, tomada pela necessidade de se libertar. Então, fechei os lábios sobre o grelinho minúsculo e chupei, com uma sucção lenta e macia, até que ela explodiu, gozando e chorando, movimentando os quadris para esfregar a boceta na minha boca. Seus gemidos ecoaram altos pelo quarto.

Com meu pau duro como uma pedra, necessitando desesperadamente entrar nela, parti para cima do seu corpo com a fome de um animal, porém tive receio de que meu peso pudesse machucar o bebê. Então, virei-a de lado e me acomodei às suas costas, na mesma posição. Com uma das mãos, ergui uma de suas pernas no ar, enquanto ela encaixava minha glande na sua entrada, no lugar certo e com um único movimento dos meus quadris entrei nela, forte e fundo, suas paredes molhadas e macias me acolheram deliciosamente, me enlouquecendo a ponto de me fazer soltar um grunhido de pura satisfação. Puxei os quadris e me enterrei nela novamente, pressionando forte, indo muito fundo, até que não consegui mais interromper a sucessão de movimentos de vai e vem, entrando e saindo, me lambuzando todo, me acabando de tanto prazer.

Sem interromper os movimentos de entra e sai, levei minha boca para a sua nuca e mordi forte, para em seguida lamber e mordiscar o lóbulo da sua orelha, seus gemidos se tornaram ainda mais altos e descontrolados. Soltando sua perna, sem que ela deixasse de mantê-la elevada, passei a mão para a frente do seu corpo e a espalmei sobre o clitóris inchado, pressionando-o e massageando, o que fez com que ela erguesse ainda mais a perna, se abrindo toda para mim, dando-se tão gostoso que desejei ter o poder de parar o tempo, apenas para que aquilo jamais acabasse.

Demoramos muito para conseguirmos parar, saciar aquela fome que sentíamos um pelo outro, a qual parecia se renovar e reavivar cada vez que nos entregávamos. Quando, por fim, a exaustão nos tomou, adormecemos abraçados, com nossas pernas

entrelaçadas, sua cabeça apoiada em meu peito, meus braços em volta do seu corpo, como se nós três fizéssemos parte de um só ser.

***

Acordei com o toque insistente do meu celular. Já era dia, o sol forte banhava o aposento através das frestas na cortina da janela. Pela insistência com que o aparelho tocava, eu soube que era algo importante, mas ainda assim me recusei a me mover, a sair dos braços de Ravena, a abrir mão do seu calor e do seu cheiro.

Em algum momento durante o sono nós havíamos mudado de posição, minha cabeça agora estava apoiada em seu peito, seus dedos delicados acariciavam meus cabelos, com movimentos lânguidos e gostosos.

Ah, meu Deus, de onde eu ia tirar forças para me afastar dela e começar o meu dia? De onde eu ia tirar forças para permitir que ela saísse da minha vida, quando chegasse a hora? E se ela não precisasse sair? E se eu a mantivesse ao meu lado pelo resto dos nossos dias, para criarmos juntos essa criança?

Pensei sobre a possibilidade e fiquei tenso, pois não seria justo com Ravena se eu a prendesse ao meu lado por causa do nosso filho, um filho que nenhum de nós dois escolheu ter, embora já o amássemos. Ela jamais tivera uma vida de verdade, não conhecia o mundo, jamais fora feliz e merecia ser.

Merecia ir para São Paulo, conhecer todas as possibilidades que a vida tinha a lhe oferecer e ser livre para decidir o caminho que deveria seguir. Se eu lhe propusesse permanecer ao meu lado para sempre, ela certamente aceitaria, porém, ainda não tinha

maturidade suficiente para decidir e, quando conhecesse as oportunidades fora dos limites de Santa Clara, quando conhecesse outros homens que não os babacas daquela cidade, homens que a respeitassem e enxergassem a joia rara que ela era, ela certamente se arrependeria de ter escolhido ficar comigo, um velho com idade para ser seu pai. Mas então seria tarde demais, ela já estaria amarrada a mim e a essa criança, não teria coragem de nos deixar, por temer nos magoar.

Eu não tinha o direito de fazer isso com ela, de privar-lhe da oportunidade de escolher o caminho que realmente queria seguir, de ser livre para decidir.

O telefone continuou tocando insistentemente e, abandonando os pensamentos, me levantei para atender.

— Não atende. deixa tocar — disse Ravena, com um sussurro sonolento.

— Pode ser algo urgente.

Ao observar o número no visor e constatar que se tratava dos seguranças que vigiavam os portões da casa, logo imaginei que fosse o delegado lá fora, tentando entrar com um mandado de prisão, por eu ter violado a condicional. Nada que eu já não esperasse.

— O que foi? — atendi.

— *Tem alguém aqui querendo ver o senhor. Silvana Brandão.*

Me surpreendi ao ouvir o nome da minha meia-irmã. Já haviam se passado semanas desde que nos falamos pela última vez. Obviamente ela já sabia que éramos irmãos e minha consciência pesou por não tê-la procurado para falar sobre esse

assunto. Eu podia imaginar como ela estava se sentindo com tudo isso.

— Pode deixar entrar. Diga que espere na sala. Daqui a pouco eu desço.

— *Sim, senhor.*

Com isto, encerramos a ligação.

— Quem era? — indagou Ravena, preguiçosamente, com seus olhos fechados.

— Silvana veio falar comigo.

Ela abriu os olhos.

— Vocês ainda não conversaram desde que ela ficou sabendo que vocês são irmãos, não é?

— Não. Mas se ela esperou até agora, pode esperar mais um pouquinho. Pelo menos enquanto eu dou um banho na minha esposa. Vem aqui.

Ravena me deu o mais lindo e malicioso dos sorrisos, enquanto eu a pegava nos braços e a carregava para o banheiro.

CAPÍTULO 29

RAVENA

Depois de me fazer gozar mais uma vez no banheiro, sob os jatos da água morna do chuveiro, Adriel desceu para falar com Silvana e voltei para a cama, disposta a dormir um pouco mais. Não era cedo, já passava das oito horas, mas eu estava cansada depois da noite que tivemos, completamente esgotada.

Enquanto tentava voltar a dormir, mas sem conseguir, vi que Adriel deixara o celular de William esquecido sob seu travesseiro e o peguei. Não tivemos tempo de tentar abrir a pasta testando senhas aleatórias e, embora eu soubesse que as chances de encontrar a senha correta eram minúsculas, comecei a tentar, preocupada com o fato de que aquele imbecil poderia tentar recuperar o celular antes que Adriel tivesse tempo de entregá-lo ao hacker.

Tentei senhas óbvias, como a data do aniversário de William, os números misturados, o nome da mãe dele e outros nomes que via em seu perfil do *Facebook*. Nada dava certo, como já era de se esperar. Até que, por fim, tentei a mesma senha que ele utilizava para acessar o *Facebook* e pimba! A pasta abriu, inacreditavelmente.

Como já era esperado, dentro da pasta havia várias fotos e documentos referentes à investigação que ele fizera sobre o caso de Juliane e o atentado contra Adriel, nada que fizesse muito sentido, ou que apontasse quem era o assassino. Até que por fim esbarrei em um vídeo de uma mulher com cerca de vinte e poucos anos, que não sabia que estava sendo filmada. Era possível perceber que o celular se encontrava escondido dentro do que se

parecia com uma mochila, enquanto ela se portava de forma sensual, espichada no sofá do que se parecia com uma sala de estar, usando apenas uma lingerie sexy, com seus olhos pesados pelo efeito de álcool, ou drogas, um cigarro aceso entre os dedos, conversando muito à vontade com William, que não aparecia nas imagens, mas me permitia reconhecer sua voz. Toda a cena dava a entender que os dois tinham acabado de transar.

— *Geralmente não costumo receber clientes na minha casa. Você pode se considerar um homem de sorte* — disse a mulher, com sua voz embolada pelo efeito das drogas, ou bebidas.

— *E o que te fez mudar de ideia?* — indagou William.

Embora ele se escondesse fora do campo de alcance da câmera, era possível perceber que estava tão à vontade quanto ela.

— *Ah, você não é como os outros homens. Me levou para jantar, pagou o que eu pedi pelo programa, sem reclamar. Nem todos são assim. Alguns, quando pagam um jantar para a garota, já se acham no direito de transar de graça.*

— *Estou agindo assim porque gostei de você. E é uma pena que não confie em mim, a ponto de me dizer por que deixou Belize tão de repente.*

A mulher pegou um copo com cerveja de sobre uma mesinha de centro e ingeriu um grande gole, seguido de uma tragada no cigarro.

— *Ah, você sabe. Aquela vaca me pagou para abrir a porta dos fundos do* Riviera *pra ela. Não disse o motivo, mas se enfiou na suíte onde Juliane estava e, quando saiu de lá, a garota estava morta.*

— *Então não foi Adriel quem a matou?*

— Não. Todo mundo no clube sabe disso. Viram quando Juliane saiu para pegar a bolsa dela depois que o Adriel já tinha ido embora. Eles só não falam porque têm medo da vaca.

— E qual o nome dessa vaca?

— Ah, você sabe. Quem naquela cidadezinha de merda tem maior interesse em ver Adriel preso e fora do caminho?

— Eu não sei. Sou de São Paulo. Não conheço quase ninguém em Santa Clara.

— Foi a vaca da irmã dele, Silvana Brandão. Ela não queria ficar sem a casa da fazenda e nem posso dizer que está errada.

A mulher continuou falando, mas eu já não a ouvia. Cada pelo do meu corpo estava eriçado, um calafrio descia pela minha espinha ao passo que eu me lembrava que Adriel estava agora mesmo com ela na sala, a mulher que assassinara Juliane e muito provavelmente articulara a emboscada na estrada, durante a qual ele quase foi morto por um tiro.

Puta merda! Silvana era a verdadeira assassina, a culpada por tudo e não seu Arnaldo, como William de fato afirmara. Eu precisava avisar Adriel o mais depressa possível, antes que ela fizesse mais uma tentativa e, desta vez, conseguisse acabar com ele.

Sobressaltada, praticamente pulei da cama. Joguei um roupão por cima do corpo e deixei o quarto, descendo as escadas quase correndo. Do último degrau, avistei os dois na sala, acomodados nos sofás diante um do outro. Um frio se instalou na boca do meu estômago quando vi Adriel levar uma xícara de café à boca. E se Silvana tivesse colocado veneno lá, como eu fizera com o Diazepam na bebida de William?

Sem parar para pensar, praticamente voei até onde ele estava e dei um tapa na xícara, antes que esta alcançasse sua boca, fazendo com que o objeto voasse pela sala antes de cair sobre o tapete, com o líquido preto e quente respingando por todos os lados.

— O que está fazendo? — indagou Adriel, atônito.

Cravei meus olhos acusadores no rosto da bandida, enquanto ela fazia cara de paisagem, como se já não tivesse presumido o que eu falaria em seguida.

— Foi ela, Adriel. Foi ela quem assassinou Juliane e provavelmente armou aquela emboscada para você a caminho de casa.

— O quê? Será que você está drogada, como sua mãe? — acusou ela, teatralmente alarmada.

Sem desviar meus olhos do seu rosto, entreguei o celular a Adriel e continuei falando:

— Aqui tem um vídeo da cúmplice dela confessando tudo.

Vi sua face empalidecer quando a voz da prostituta que confessara tudo a William se fez audível na sala.

— Ela pagou essa mulher para destrancar a porta dos fundos do clube depois que você saiu de lá. Foi até a suíte onde vocês estavam e estrangulou a garota. — falei.

— O que essa mulher está dizendo é mentira! — vociferou Silvana, levantando-se, seus olhos sagazes percorrendo cada saída da sala. — Eu jamais faria uma coisa dessas.

Adriel assistiu toda a parte comprometedora do vídeo e então desviou seus olhos da tela do celular, encarando-a quase em choque, com seu queixo ligeiramente caído, seus olhos arregalados.

— Como pôde fazer uma coisa dessas? Juliane era apenas uma pobre moça inocente.

— Eu já disse que não fiz isso!

Adriel se levantou e aproximou-se um passo dela, com seus olhos azuis perolados refletindo a mais assustadora expressão de fúria.

— Você tentou me matar! Como pôde ter feito isso e depois vir à minha casa com essa conversa mole de que gosta de mim?!

Acuada, Silvana deu um passo para trás, aparentemente sem mais conseguir sustentar a mentira. Eu compreendia que era muito difícil não se intimidar com a forma como Adriel a encarava. Era quase igual ao jeito como ele me olhava quando acreditava que eu estava aplicando-lhe o golpe da barriga, quando ainda me apavorava.

Sem que ninguém na sala esperasse, Silvana saiu correndo em disparada rumo à porta da frente e conseguiu sair antes mesmo que tivéssemos tempo de nos mover. Apressadamente, Adriel sacou seu celular e digitou o número dos seguranças, que ficavam do lado de fora.

— Não deixem que Silvana saia. Segurem-na e a tragam para mim, mas sem a machucar! — ordenou.

Não demorou muito os seguranças avançaram porta adentro, trazendo Silvana aprisionada, cada um segurando-a de um lado, sem que ela lutasse para tentar escapar. Sua fisionomia revelava uma frieza espantosa, como se ela não tivesse acabado de ser acusada de assassinato, ou não desse a mínima para tal acusação.

— De todas as pessoas que eu acreditei terem matado Juliane e atentado contra mim, você foi a única que não me passou

pela cabeça — disse Adriel, atônito.

— Eu tinha que fazer alguma coisa, você está tentando tirar a nossa casa! — confessou Silvana, finalmente.

Revelava uma frieza cortante ao pronunciar as palavras, como se estivesse recitando uma receita de bolo e não confessando que assassinara uma pessoa a sangue frio.

Embora não demonstrasse ter dúvidas da verdade, Adriel pareceu se chocar mais uma vez, com sua confirmação, desta vez a ponto de seu rosto empalidecer.

— Meu Deus! Que tipo de monstro é você, que manda matar o próprio irmão? — exclamou, desnorteado.

— O tipo que não quer virar uma sem-teto por sua causa! Porque você não consegue esquecer uma coisa que aconteceu séculos atrás.

Adriel parecia cada vez mais atônito.

— Você sabe o que aquele porco fez comigo?

— Sim, eu sei. Ele me contou. Assim que você chegou à cidade. Só esqueceu de mencionar que somos irmãos — respondeu sem demonstrar emoção alguma. — Ele disse também o quanto se arrependeu, que estava bêbado naquele dia, nem viu o que estava fazendo e agora está morrendo de uma doença sem cura, pagando pelos pecados dele. Não custava nada você ter perdoado, mas em vez disso decidiu tirar tudo o que tínhamos. Como se não bastasse ter nos deixado na mais completa miséria, quer também que viremos mendigos, sem-teto. Podia ter nos permitido ficar com pelo menos a casa, mas está tão cego pelo ódio que não consegue enxergar o mal que está fazendo. Portanto, no fim das contas, quem

matou aquela vadia foi você, com essa sua maldita sede de vingança.

Algumas de suas palavras faziam todo sentido para mim. Por mais que o fato de ter estuprado o próprio filho tenha sido um erro extremamente grave, por parte de seu Arnaldo, já estava na hora de Adriel perdoá-lo, inclusive para que existisse alguma paz em seu coração e com isto ele conseguisse seguir adiante com sua vida. No entanto, aquelas mesmas palavras pareciam soar-lhe extremamente dolorosas e humilhantes, era possível ver essa verdade no misto de fúria e indignação que se refletia no brilho dos seus olhos lindos.

— Nunca! — vociferou Adriel, quase com um rosnado. — Não haverá perdão para aquele maldito. Quero vê-lo na rua da amargura, morrendo sem nada, nem mesmo um teto sobre a cabeça, assim como minha mãe morreu.

— Ele nunca mandou vocês irem embora da fazenda. Se tivessem ficado lá, as coisas teriam se resolvido.

Adriel deu-lhe um sorriso amargo, sem que o gesto alcançasse seu olhar.

— Claro, do jeito que ele, e também você, resolvem as coisas, matando as pessoas, como você quase fez comigo, se minha mãe não tivesse me tirado de lá, teria sido silenciada, assim como Juliane foi. E com certeza eu seria o próximo da lista.

Nesse instante, o celular de Adriel tocou e ele atendeu à chamada do segurança. Era o delegado, estava no portão com um mandado de prisão contra ele, por ter violado sua condicional ao deixar a cidade no dia anterior.

— Ótimo, deixa ele entrar. Com certeza ele levará alguém preso hoje, só que esse alguém não serei eu — disse Adriel.

— Não, Adriel, por favor. — Pela primeira vez, desde que entrara na casa, Silvana demonstrou alguma emoção, uma aflição comedida. — Não me mande pra cadeia. Não destrua minha vida ainda mais.

— E quanto à vida de Juliane? A dela podia ter sido destruída? E quanto à minha, se William não tivesse aparecido para executar o atirador que você enviou?

Com isto, ele a calou e Silvana apenas abaixou a cabeça, derrotada.

O delegado não conseguiu esconder seu desapontamento quando Adriel mostrou-lhe a prova de que Silvana era a verdadeira assassina, e não ele. Contra a sua vontade, ele teve que algemá-la e dar-lhe voz de prisão, ao invés de fazê-lo com o homem que denunciara sua cumplicidade nos esquemas da minha mãe à Polícia Federal.

— William também tem que ser preso, por acobertar uma assassina — disse Adriel.

— Tem, mas ouvi dizer que ele deixou a cidade hoje cedo — concordou o delegado — Enfim, acho que você está livre pra fazer o que quiser da sua vida.

Minutos depois, todos deixaram a sala, de modo que apenas Adriel e eu ficamos no imenso cômodo vazio, envolvidos por um silêncio sepulcral, cada um mergulhado em seus pensamentos. Parecendo ainda incrédulo com toda aquela situação, Adriel permitiu-se afundar em um dos sofás e me acomodei ao seu lado, bem perto. Embora ele jamais admitiria isso, era possível perceber o quanto lamentava que as coisas tivessem acabado assim, que Silvana fosse a assassina, não apenas porque queria que Arnaldo

fosse acusado desses crimes, mas porque no fundo gostava da sua meia-irmã e estava sofrendo com o terrível destino que ela mesma cavara para si. Era lastimável que ela tivesse perdido o controle e agido de forma tão vil em relação ao temor de se tornar uma desabrigada.

— Sobre o que Silvana falou... — comecei, hesitante, escolhendo cuidadosamente cada palavra. — Talvez ela esteja certa sobre já estar na hora de você perdoar o seu Arnaldo. Já faz muito tempo que tudo aconteceu. Talvez ele tenha realmente se arrependido.

Os músculos dos seus ombros enrijeceram de tensão.

— Não repita isso se não quiser arranjar uma briga grande comigo.

— Mas eu acho que…

— Já chega, Ravena! — interrompeu-me, abruptamente. — Só vou parar quando aquele rato estiver dormindo ao relento, sem nada pra comer, e sem um lençol para se cobrir. Por favor, não toque mais nesse assunto.

Nem cogitei insistir. Adriel estava irredutível, o que era uma pena, pois, embora ele não percebesse, Juliane também fora uma vítima dessa sua incontrolável sede de vingança. Se ele tivesse perdoado o pai, ou pelo menos permitido que os dois ficassem com a casa, nada teria acontecido, Juliane estaria viva, ele não teria levado um tiro e quase morrido, William não teria vindo para a cidade e minha mãe não teria quase matado nosso filho. Tudo fazia parte de um grande efeito dominó, gerado pelo ódio que o movia, um efeito que talvez jamais tivesse fim, enquanto esse ódio existisse.

Deixando os pensamentos de lado, tentei animá-lo um pouco.

— Veja pelo lado positivo, você agora está livre para ir onde quiser. Talvez possamos retomar nossa viagem pra Austrália. O que acha?

— Agora é tarde. Preciso concluir o oleoduto nos próximos dias. — Sem qualquer aviso prévio, ele puxou-me para si, com facilidade, e me fez sentar em seu colo, de lado. O contato gostoso com seu corpo despertou-me um calor pecaminoso, que se instalou na altura do meu ventre. — Mas podemos ir para um lugar mais perto, eu ainda tenho três dias antes de dar prosseguimento ao projeto. Aposto que você está ansiosa para conhecer o mar.

— Estou mesmo — respondi, duplamente excitada.

— Há tanto no mundo que você precisa conhecer. — Adriel pareceu pensativo ao dizer aquelas palavras. Em seguida, ajeitou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, carinhosamente. — Vamos dar um jeito nisso. Suba até o quarto e arrume nossa mala, encha-as com roupas de praia. Vou dar alguns telefonemas e daqui a pouco partiremos.

— Pra onde vamos?

— É surpresa, mas te garanto que você vai gostar. — Ele aproximou seu rosto do meu e tocou brevemente seus lábios na minha testa. Como se algo lhe ocorresse subitamente, voltou a me encarar. — Você já tomou seu café da manhã?

— Com toda essa loucura, acabei esquecendo.

— Foi o que pensei. Venha, vamos comer.

Tomamos um farto café da manhã na cozinha, servidos pelas empregadas, que pareciam intimidadas com a presença de Adriel no recinto, o que não era de estranhar, ele era realmente um homem

intimidante. Ao findarmos a refeição, cada um tomou o seu rumo, Adriel indo para o escritório, e eu para o nosso quarto.

Peguei uma mala grande, joguei-a aberta sobre a cama e comecei a enchê-la com roupas de praia, minhas e de Adriel. As opções dele eram poucas, apenas algumas raras bermudas e camisetas que se encontravam no closet, mas as minhas eram muitas, as peças que Marina e eu compramos para nossa viagem à Austrália. Eu não via a hora de usá-las, de realizar o sonho de finalmente conhecer o mar. Podia apostar que Marina ia adorar a ideia e certamente viria conosco.

Eu estava empenhada na tarefa, quando ela entrou no quarto, ainda sonolenta, por ter acabado de se levantar. Agora ela ocupava um dos quartos de hóspedes no segundo andar e já fazia semanas que não realizava mais o trabalho doméstico na casa, embora continuasse recebendo o salário que Adriel não se importava em pagar, satisfeito por eu tê-la como companhia.

— Pra que as malas? Vai fugir sem mim? — indagou ela, deitando-se displicentemente na cama, enquanto meu rosto ficava vermelho com a lembrança de tudo o que Adriel e eu fazíamos naquela mesma cama.

— Shhh... não fala na nossa fuga aqui. Ele pode entrar a qualquer momento — sussurrei.

— Desculpe, esqueci que é o quarto dele. Aonde vocês vão?

— Adriel não me disse. Falou que é uma surpresa. Quero que você venha com a gente.

Ela avaliou-me durante um momento de silêncio.

— Isso tá parecendo uma viagem romântica, eu que não vou pra ficar segurando vela. Nem pensar. Prefiro ficar aqui cuidando da

casa, como patroa, claro.

— Sem você não vai ter graça. Vem.

— Eu não. Aproveita esse tempo pra mostrar a Adriel que você é a mulher da vida dele e que ele estaria cometendo a maior burrice da vida se deixasse você ir embora.

Sorri para ela, achando graça da sua insistência em acreditar que um dia Adriel e eu ficaríamos juntos. Embora fosse o que eu mais queria, não apenas para que pudéssemos criar nosso filho juntos, mas porque queria estar sempre com ele, nem alimentava esperanças, estava ciente de que um homem sofisticado e poderoso como Adriel jamais se prenderia verdadeiramente a um caipira, que não conhecia nada da vida, não tinha modos sofisticados, sequer tinha visto o mar, como eu. Nós pertencíamos a mundos muito diferentes, jamais daríamos certo juntos.

Se minha mãe não tivesse forçado minha entrada em sua vida, ele jamais teria olhado para mim. Estava apenas esperando meu filho nascer, para me descartar, como já havia deixado claro que faria e eu não pretendia esperar que meu filho fosse arrancado dos meus braços. Tão logo retornássemos dessa viagem, colocaria nossa fuga em prática.

CAPÍTULO 30

RAVENA

Pouco tempo depois, Adriel e eu estávamos deixando Santa Clara, no mesmo helicóptero com o qual fomos a São Paulo fazer o teste de DNA. Na grande capital paulista, aterrissamos em um pequeno aeroporto particular, aos fundos de uma casa que parecia saída de um sonho, localizada longe da agitação do centro da grande metrópole. Ali, trocamos o helicóptero por um jatinho particular e prosseguimos a viagem.

Ainda no avião, fomos servidos de um delicioso almoço pela comissária de bordo e cerca de cinco horas após deixarmos a cidade, estávamos aterrissando em uma pista de pouso na ilha de Fernando de Noronha, um verdadeiro paraíso. Lá, um jipe sem capota, conduzido por um motorista, já nos aguardava e partimos através da estrada sem asfalto, ladeada pelo verde de um lado e pela vastidão do mar do outro. A cada metro que percorríamos, eu ficava mais encantada, verdadeiramente fascinada, com a beleza daquele lugar, tomado pela natureza quase intocada, banhado pelo oceano cuja água tinha um tom azul-claro simplesmente magnífico.

Nem nos meus sonhos mais secretos, eu imaginei que um dia conheceria um lugar lindo e exótico como aquele.

Após alguns poucos quilômetros rodados, adentramos os limites de um resort tão deslumbrante, que me deixou de queixo caído. Era localizado em meio a uma imensa área verde, em frente a uma praia de águas em vários tons de azul, com bangalôs belíssimos construídos a cerca de duzentos metros de distância uns

dos outros e uma construção maior ao centro, para onde nos dirigimos.

No grande e imponente hall de entrada, fomos recebidos por uma mulher com cerca de trinta anos, alta e linda, que se dirigiu a Adriel com um sorriso que ia de orelha a orelha, demonstrando conhecê-lo muito bem.

— Seja bem-vindo de volta, Sr. Adriel. Como tem passado? — disse, olhando apenas para ele, como se eu não estivesse ao seu lado.

— Estou bem. Organizou tudo, como eu pedi?

— Claro, senhor. A suíte presidencial está pronta, com tudo o que o senhor pediu. Os carregadores já estão levando suas malas. Deseja mais alguma coisa?

Ela se dirigia a ele com uma intimidade absurda e não entendi por que isso me incomodava.

— Não. Só de sossego e privacidade.

— Claro. Eu acompanho vocês.

— Não precisa. Eu sei o caminho. — Segurando minha mãe, ele continuou falando: — A propósito, essa é minha esposa Ravena. Avise aos funcionários que a atendam com tudo o que ela precisar.

Quando se virou para me encarar, como se só então se desse conta da minha presença, a mulher já não sorria tanto.

— É um prazer conhecê-la, Ravena. Seja bem-vinda a Fernando de Noronha.

— Obrigada.

Sem soltar minha mão, Adriel nos conduziu rumo a um dos bangalôs, o que ficava mais próximo à praia particular, sem que eu conseguisse parar de examinar cada detalhe do lugar,

verdadeiramente fascinada com tudo. Nosso bangalô era um pouco maior que os outros. Como os demais, tinha piscina privativa, ofurô e a parede da frente era toda de vidro transparente, dando vista para a areia branquíssima da praia logo adiante.

— Nossa, a recepcionista foi muito gentil com você — falei, pensando na forma como ela o olhava.

— Ela tem que ser. Trabalha para mim.

— Como assim?

— Sou dono desse lugar.

Fiquei até sem palavras, desconfiada de que ele era dono também da luxuosa mansão no aeroporto da qual trocamos o helicóptero pelo avião. O que diabos ele fazia enfiado em um fim de mundo sem graça como Santa Clara, se tinha tantas opções de lugares maravilhosos para ir? Eu nunca entenderia.

Ao nos aproximarmos da entrada envidraçada do bangalô, Adriel me surpreendeu ao pegar-me no colo e carregar-me para dentro.

— Seja bem-vinda à sua lua de mel, Sra. Beaumont — disse ele.

Gostei tanto de ouvi-lo se referindo a mim com o seu sobrenome, que me flagrei desejando ardentemente que tudo aquilo fosse real e não apenas um sonho passageiro, que nosso casamento fosse de verdade e não apenas uma necessidade para afastar minha mãe. Mesmo que se tratasse de um sonho do qual logo eu acordaria, aproveitaria cada momento como se fosse o último da minha vida.

— Fico encantada, Sr. Beaumont — brinquei, bem-humorada.

Ele me colocou no chão e só então percebi que a imensa cama forrada com lençóis branquíssimos estava coberta com pétalas de rosas vermelhas, assim como o percurso da porta até ela. Sobre uma mesinha em estilo africano, repousava um balde de gelo dentro do qual havia uma garrafa de champanhe e duas taças.

— É champanhe sem álcool — explicou Adriel.

Incapaz de me afastar do calor do seu corpo, passei os braços em volta do seu pescoço e me colei toda a ele, satisfeita ao sentir a ereção se formando de encontro ao meu ventre, provocando-me uma corrente de excitação que me varreu inteira e se instalou abaixo do meu umbigo, fazendo o centro entre minhas pernas latejar e molhar.

— Obrigada por me trazer. Estou amando cada detalhe — sussurrei.

— Ainda tem muito que quero te mostrar.

— Não faltará tempo para isto.

Excitada, fiquei na ponta dos pés e espalhei uma trilha de beijos e lambidas sobre a pele cheirosa do seu pescoço, enquanto ele percorria suas mãos insaciáveis através das curvas do meu corpo, mais voluptuoso que o normal, algo que, ao contrário do que eu imaginaria, parecia o agradar.

Envolvidos por aquela energia puramente sexual que sempre crepitava no ar quando nos tocávamos, Adriel segurou firme em minha nuca e capturou minha boca com a sua, beijando-me apaixonada e prolongadamente, movendo seus lábios nos meus e depois chupando minha língua de um jeito que me deixava louca, perdida de tanta vontade de tê-lo dentro de mim.

— Vamos devagar — disse ele, interrompendo o beijo e afastando-se com relutância. — Teremos muito tempo pra isso. Antes, quero te mostrar o lugar.

Mesmo me corroendo de frustração, assenti e ele continuou falando:

— Você nunca viu o mar e agora ele está a poucos metros de distância de você. Que tal aproveitar as últimas horas do dia para uma volta na praia?

Eu preferia me embolar com ele em cima daquela cama enorme, até porque a noite começava a cair e não seria possível ver muita coisa na praia. No entanto, concordei com sua proposta, até para evitar parecer uma ninfomaníaca que só pensava em sexo.

— Você me dá só um minuto enquanto tomo um banho rápido e troco de roupas? Estou muito fadigada com toda essa viagem.

— Claro. Fique à vontade.

Ele se dirigiu rumo ao balde com o champanhe, enquanto eu seguia rumo à porta que dava acesso ao banheiro. Eu realmente precisava de um banho, estava suada e fadigada, porém, no fundo, alimentava uma expectativa excitante de que Adriel não conseguiria se segurar e se uniria a mim no banho, mas não aconteceu.

Ao deixar o banheiro, enrolada apenas na toalha, encontrei o quarto vazio e mais uma vez fui invadida pela frustração. *Adriel estava me evitando, ou era impressão minha?*

Afastando o pensamento, fui até o armário, onde nossas roupas já se encontravam espantosamente arrumadas, escolhi um biquíni branco e uma saída de praia longa, de tecido delicado, da

mesma cor. Passei um pouco de hidratante na pele, escovei os cabelos, que não havia molhado, e deixei o bangalô.

Do lado de fora, a noite começava a cair, os últimos raios de sol daquele dia formando uma faixa amarelada no horizonte, onde o mar se encontrava com o céu. Adriel estava recostado à amurada de um pequeno gazebo, perto da piscina, observando o esplêndido espetáculo da natureza, com uma taça de champanhe em cada uma de suas mãos. Tão logo ouviu os meus passos, se virou para mim e ofereceu-me uma taça com a bebida.

— Você está verdadeiramente linda — disse ele, com seus olhos lindos varrendo-me de cima a baixo, o que me deixou satisfeita pela escolha da saída de praia.

Era praticamente toda transparente, com alças finas que valorizavam o decote do biquíni e uma fenda na saia que subia até o ápice da minha coxa.

— Lindo mesmo é esse lugar. — Recebi a bebida da sua mão e dei um grande gole, recostando-me na amurada de madeira polida, observando a paisagem deslumbrante à nossa volta.

O champanhe era adocicado e rascante como qualquer outro, de modo que mal se percebia a ausência de álcool.

— De todas as minhas propriedades, esta é a que mais gosto, por causa dessa vista.

Eu tinha tanto a perguntar-lhe, mas tudo no que conseguia pensar agora era na sua ausência no banheiro comigo.

— É impressão minha, ou você está me evitando? — indaguei.

— Por que pensa isso?

— Senti sua falta enquanto tomava banho. Queria que estivesse lá comigo.

E que se fodesse se ele pensasse que eu era uma ninfomaníaca. Nunca fui boa em esconder meus sentimentos.

Adriel me deu um sorriso largo, com seus olhos lindos brilhando intensamente de encontro ao último raio de luz do dia.

— Se tem uma coisa que não existe a mínima possibilidade de acontecer é eu evitar você, tampouco não ter vontade de tomar banho contigo. Mas já faz horas que almoçamos, você precisa se alimentar, não pode ficar um período tão longo sem comer, estando grávida. — Ah, então era aquilo. — Venha comigo. Vamos jantar.

Fiquei confusa quando ele me segurou pela mão e, em vez de me puxar rumo ao restaurante do resort, que ficava na construção principal, puxou-me rumo à praia. Caminhamos alguns metros sobre a areia fofa, ainda morna pelo sol e quase caí dura para trás quando me deparei com a mesinha redonda disposta sobre o tapete branco de areia, próximo à onde a espuma das ondas alcançava, forrada com toalhas branquíssimas, enfeitada com flores e velas, cujas chamas eram protegidas contra o vento por embalagens plásticas, em torno da qual havia duas cadeiras. Dois garçons acabavam de servir a comida, o aroma delicioso misturava-se ao cheiro da maresia, carregado pela brisa. Os dois homens uniformizados acenaram com simpatia, antes de afastarem-se rumo ao resort.

— Se isso for um sonho, nunca mais quero acordar — sussurrei, encantada.

Adriel me deu um sorriso largo. Não era típico dele sorrir com tanta frequência, quanto depois que chegamos à ilha. Devia ser um

dos seus lugares favoritos, mesmo. Ou então Santa Clara lhe fazia muito mal, assim como fazia a mim.

— Posso presumir então que você gostou? — disse ele.

— Se eu gostei? Nunca vi nada mais lindo na vida.

— E isso é só o começo do que você ainda tem pra ver — garantiu ele.

Gentilmente, Adriel puxou uma das cadeiras para que eu me acomodasse e em seguida sentou-se na outra. Enquanto nos servíamos do prato, que eu nem sabia direito o que era – parecia uma espécie de guisado de peixe, com algumas pernas de caranguejo servindo de enfeite –, me perguntei quantas mulheres ele já tinha trazido ali, o quanto elas certamente eram mais chiques do que eu, com modos sofisticados, muito diferentes do meu jeito atrapalhado de garota do interior.

— Você vem sempre aqui? — indaguei, após dar a primeira garfada na comida, apreciando o sabor quase picante demais.

— Não tanto quanto gostaria.

— Já trouxe muitas mulheres a esse lugar?

— Nem tantas quanto você deve estar imaginando.

Eu podia apostar que a recepcionista que nos recebeu era uma das que já estiveram ali com ele.

— Quando foi para Santa Clara, você não tinha ninguém em São Paulo? Tipo assim uma namorada?

Adriel sorriu, como se achasse graça da pergunta.

— Não.

— Parece impossível imaginar um homem como você não ter um relacionamento, ou vários.

— Eu não acredito nessa coisa de relacionamento. As mulheres que já vieram aqui comigo, ou a outros lugares, eram apenas passatempo. Nós nos divertíamos juntos, como tem que ser.

— Nunca se apaixonou?

— Não. O amor é algo que as pessoas inventam como pretexto para ficarem juntas e procriarem. Como eu nunca pensei em ter filhos, nunca precisei usar esse pretexto.

Suas palavras sobre nunca ter pensado em ter filhos, me doeram como golpes físicos.

— Eu sinto muito que minha mãe tenha te forçado a algo que você não queria.

— Não sinta. Apesar de tudo, o inesperado aconteceu. Eu nunca imaginei que um dia iria querer tanto algo, como quero essa criança. Se o amor existe, é a palavra que pode se dar ao que sinto por ela.

Fiquei triste e ao mesmo tempo feliz com o que ele confessou. Feliz pela certeza de que meu filho seria amado pelo homem cujo sangue corria em suas veias e triste porque esse sentimento não se estendia também a mim. Não existia nada que me parecesse mais perfeito do que criarmos aquela criança juntos. No entanto, temia que a menor fagulha de esperança me fizesse ficar parada, como Marina sugeria, esperando que meu bebê fosse tirado de mim ao nascer. Eu não podia correr esse risco.

Continuamos falando sobre nossas vidas enquanto comíamos devagar. Ao encerrarmos a refeição, continuamos ali sentados, falando e bebericando o champanhe sem álcool. A noite já havia caído por completo e a pouca claridade que nos alcançava

partia das velas e dos postes com luzes dispostos diante da sede principal do resort.

Eu me sentia completamente relaxada, como estive em poucas ocasiões ao longo da minha vida, à vontade diante de Adriel, como se o conhecesse durante toda a minha existência. Quando ele me segurou pela mão e me convidou para um passeio na praia, aceitei sem hesitar e caminhamos por quase um quilômetro, através da areia morna, com a espuma das ondas banhando nossos pés, a brisa fresca nos agraciando, fazendo meus cabelos e a saída de praia balançarem ao seu sabor.

Conversávamos sobre tudo e ao mesmo tempo sobre nada, tranquilos e à vontade, como se tivéssemos feito aquilo durante toda a nossa vida. De vez em quando, parávamos e ele me beijava como se aquele fosse o último instante de nossa existência.

De volta ao bangalô, olhei para a água cristalina da piscina, que pareceu me convidar a um mergulho. Toquei-a com a ponta do meu dedão do pé, constatando que estava convidativamente morna e, incapaz de resistir, comecei a tirar minhas roupas.

— O que está fazendo? — indagou Adriel, observando-me.

— Dando um mergulho. Vamos?

Ele não disse nada, apenas continuou parado, sem desviar seu olhar de mim, enquanto eu ficava completamente nua e mergulhava, fazendo os respingos da água voarem para todos os lados. Nadei até o outro lado da piscina e, quando percebi que Adriel continuava me observando, com um sorriso meio bobo, fiquei temerosa com o que estaria passando pela sua cabeça. Talvez estivesse me achando muito infantil e sem educação, por agir daquela forma, mergulhando em uma piscina no meio da noite. Eu

nem sabia se os outros hóspedes podiam nos enxergar e, de repente, me vi constrangida com essa possibilidade. *Será que eu o estava envergonhando?*

Todos os meus pensamentos foram suplantados pela sua imagem no instante em que ele começou a se despir, livrando-se de todas as suas peças de roupas, ficando completamente nu diante do meu olhar guloso, quase me fazendo esquecer de como se respirava.

Minha nossa! Ele era lindo demais, todo gostoso, alto, charmoso, com os ombros largos, o peito musculoso coberto por uma rala camada de pelos tão escuros quanto seus cabelos, com o abdômen composto por pequenos gominhos de músculos, sem nenhuma grama de gordura ou qualquer vestígio de flacidez. Suas coxas eram musculosas e peludas, o pau, grosso e longo, rodeado por uma pélvis depilada, estava completamente duro, apontando para cima, a glande quase na altura do seu umbigo. Minha vagina latejou e esquentou de tanta vontade de sentir toda aquela carne a invadindo.

Diferente de mim, Adriel entrou na água devagar, usando a escadinha, enquanto eu continuava do outro lado, apenas com minha cabeça de fora e meus olhos fixos nele, como se eu estivesse hipnotizada.

Deslizando através da água translúcida, ele veio até mim e praticamente me atacou. Sua mão agarrou firme minha nuca, a boca devorou a minha, lascivamente, com sua língua me explorando, me penetrando exigente, fazendo meu sangue aquecer como brasa e a umidade cremosa lambuzar o centro entre minhas pernas.

Sem separar minha boca da sua, enfiei meus dedos entre seus cabelos curtos e me pendurei nele, passando as pernas em volta da sua cintura, colando minha pele nua na sua. O peito forte e peludo esmagou meus seios, transformando-me em um ser de sensações e sentidos.

Completamente dominada pela luxúria, tentei encaixar a entrada da minha vagina na cabeça do seu pau, impaciente por senti-lo dentro de mim, mas Adriel me impediu, segurando-me firme no lugar.

Com meu peso amortecido pela água, ele continuou segurando-me firme pela nuca, enquanto me beijava com lascívia, explorando minha boca, depois a pele do meu pescoço, brincando com meus seios na sua boca, estimulando o mamilo com a ponta da sua língua antes da dar início a uma sucção lenta e deliciosa, deixando-me cada vez mais perdida de tesão.

Senti o impacto da brisa fresca da noite tocando minha pele úmida quando ele me segurou pela cintura e me fez sentar na borda da piscina, com apenas minhas panturrilhas submersas, enquanto permanecia na água, seu rosto na altura do meu sexo.

Palavras foram desnecessárias para que eu soubesse o que ele faria e, tomada por uma expectativa excitante, inclinei meu corpo para trás, apoiando as mãos no concreto liso e abri as pernas, oferecendo-me para ele, dando-me toda.

Sua boca quente e deliciosa começou explorando meu joelho, beijando e lambendo exigente minha pele, subindo pelo interior da minha coxa, até alcançar minha boceta. Lancei a cabeça para trás e soltei um gemido alto quando a língua áspera me

invadiu, infiltrando-se entre meus lábios vaginais, lambendo-me tão gostoso que por pouco não me levou à loucura.

Sua língua habilidosa movia-se freneticamente sobre meu clitóris, levando-me muito perto da perdição, então deslizou para a minha entrada e a penetrou, macio, raso e molhado, com uma tortura alucinante, que me fez querer muito mais. Eu o queria duro e grande dentro de mim.

Obedecendo às ordens do meu corpo, enfiei meus dedos em seus cabelos e o puxei mais para mim, abrindo as pernas até o limite e esfregando meu sexo na sua boca, ensandecida, ansiosa por uma libertação. Então, como se me atendesse, Adriel fechou os lábios sobre meu ponto intumescido e deu início a uma enlouquecedora sucção, enquanto introduzia dois dedos na minha vagina lambuzada e os movia em um vai e vem, fazendo-me explodir em um gozo prolongado e alucinante, meu gemido alto ecoando através do espaço aberto.

Com suas mãos fortes, Adriel me puxou de volta para a água e se apossou da minha boca, enquanto eu o abraçava com pernas e braços, apreciando o contato gostoso com sua pele nua e molhada, em meio à quentura da água morna.

— Os outros hóspedes não podem nos ouvir daqui? — indaguei.

— Não. A distância é grande o suficiente para que possamos ficar à vontade.

— Ótimo. Isso me deixa mais tranquila.

Ele voltou a me beijar, invadindo minha boca com sua língua. Nos aproximou da borda e apoiei meus dois braços sobre ela, firmando-me ali, enquanto Adriel passava suas mãos por baixo das

minhas nádegas e tocava meu sexo, abrindo meus lábios e encaixando a cabeça do seu pau no lugar certo. Com um único golpe dos seus quadris, entrou em mim, duro, brusco e fundo, abrindo-me toda, esticando minhas paredes lambuzadas em um atrito delicioso, que me fez gemer sem controle, pedindo por mais, necessitando dele como um faminto necessitava do seu alimento.

Separando sua boca da minha, Adriel fixou seus olhos escurecidos e intensos nos meus, segurou dos dois lados dos meus quadris e passou a mover-se freneticamente dentro de mim, metendo forte, rápido e bruto, me alcançando bem fundo, enquanto eu só conseguia choramingar e gemer sem controle. Após a alucinante sequência de movimentos bruscos, ele passou a mover-se mais devagar, languidamente, girando os quadris, fazendo o pau rodar dentro de mim. Voltou a apossar-se da minha boca e moveu sua língua no mesmo ritmo preguiçoso de encontro à minha, aproximando-me cada vez mais de uma nova explosão.

— Vai dar essa bocetinha pra mim a noite toda? — sussurrou, espalhando beijos molhados sobre a curva do meu pescoço.

— Sim… a noite toda… até não aguentar mais nem caminhar…

— Safadinha.

Com isto, ele voltou a mover-se naquele ritmo frenético em meu interior, sua rigidez bruta foi atacando implacavelmente as paredes escorregadias do meu canal, seus movimentos acelerados fez a água se movimentar ruidosamente em torno de nós. Aos poucos, ele foi ficando mais duro, os músculos do seu corpo

enrijecendo, anunciando que gozaria, mas, antes que acontecesse, saiu de mim e ordenou:

— Vire-se.

Obedeci sem hesitar, virando de frente para a borda da piscina. Suas mãos fortes seguraram-me por trás, fazendo-me empinar a bunda e seu pés afastaram minhas pernas, abrindo-as, para que no instante seguinte ele estivesse dentro de mim novamente, comendo-me por trás, com aquela ferocidade bruta e deliciosa, sua pélvis chocava-se contra a minha bunda em meio à água morna.

Sem deixar de se mover dentro de mim, naquele entra e sai enlouquecedor, Adriel trouxe sua boca gostosa para a minha orelha, mordiscando e lambendo, proferindo palavras indecorosas.

Enquanto espalmava suas mãos sobre meus seios e massageava, beliscando em seguida os mamilos, enviava correntes de excitação que me percorriam inteira e se concentravam ali onde eu mais fervia, até que tudo se tornou intenso demais e não consegui mais suportar, meu corpo todo enrijeceu.

— Ahhh… Adriel… eu vou… eu vou…

— Eu sei… goza pra mim, cadelinha.

Foi então que explodi, em um gozo tão arrebatador, que levou lágrimas aos meus olhos e gritos aos meus lábios, o que se tornou ainda mais intenso quando Adriel ejaculou dentro de mim, agraciando-me com os espasmos deliciosos do seu pau de encontro à minha carne sensível, derramando-se todo e me maravilhando com os grunhidos que pareciam partir do fundo da sua garganta.

***

Passamos mais três dias em Fernando de Noronha. Dias durante os quais não saímos da companhia um do outro nem por um minuto e nos divertimos com as belezas do lugar. No primeiro dia, Adriel me levou para um passeio de buggy pela ilha, quando fiquei simplesmente encantada com a beleza exuberante de cada canto e descobri que o mar era ainda mais esplendoroso do que eu havia imaginado nos meus sonhos. Ao meio-dia, almoçamos em um restaurante perto de uma das praias e no final da tarde retornamos ao bangalô.

No dia seguinte, saímos para um passeio de lancha, quando conheci várias outras praias, cada uma mais paradisíaca que a outra. No terceiro e último dia, ficamos ali mesmo no bangalô, agarradinhos, nos amando a todo momento, curtindo a calmaria e o sossego do lugar.

Definitivamente, foram os três dias mais felizes da minha vida. Sem a correria do cotidiano e longe de todos os nossos problemas, pude conhecer um pouco mais de Adriel, principalmente aquele seu lado gentil, atencioso, carinhoso. Não existia ninguém mais com quem eu gostasse de estar tanto quanto com ele e, o pior nisso, foi que me flagrei fantasiando com a ideia de que pudéssemos ficar juntos para sempre, criar nosso filho unidos, assumir aquele casamento como se fosse de verdade. Era uma fantasia perigosa, mas eu não conseguia evitar. Não havia mais nada no mundo que eu quisesse mais do que ser sua mulher, verdadeiramente.

Na nossa última tarde na ilha, estávamos embolados em uma rede em frente ao bangalô, observando a faixa amarelada do pôr do

sol no horizonte, agarradinhos, minha cabeça aninhada em seu peito, quando senti um tremor na minha barriga e levei um susto.

— O que foi? — indagou Adriel.

— Um tremor... — Eu não havia completado a frase, quando minha barriga mexeu novamente, dessa vez um pouco mais forte e a compreensão trouxe lágrimas aos meus olhos, lágrimas de pura emoção. — Ai, meu Deus! O neném está mexendo!

Adriel ergueu a cabeça para fitar-me no rosto.

— Sério?

Segurei a mão dele e a pousei sobre a barriga estufada de quase quatro meses. Por um instante, nada aconteceu. Mudei a mão dele de lugar e logo o bebê mexeu novamente, como se soubesse que estávamos esperando e respondesse.

— Meu Deus! É tão... real e forte. Será que vai ser um jogador de futebol?

O sorriso que brincava em seus lábios, unido à emoção clara no brilho do seu olhar, era uma imagem que eu guardaria para sempre na minha memória.

— Ou uma jogadora.

— De acordo com o que o médico disse, daqui a uma semana já vamos poder saber o sexo.

— Precisamos escolher o nome.

Adriel deslizou a palma da sua mão através da bola em que se transformara minha barriga.

— Como você gostaria de se chamar, garotão? Se for Adriel Júnior, dá um chute pro papai.

Ele ficou esperando a barriga mexer novamente, mas o único movimento que sentiu dessa vez foi do meu corpo se sacudindo

com a risada que soltei.

— Pelo visto, ele, ou ela, não quer esse nome. — brinquei.

— Não importa o sexo, ou o nome. O importante é que venha com saúde. Estaremos aqui esperando com todo o nosso amor.

Adriel deslizou seu corpo para baixo e, como costumava fazer, espalhou uma chuva de beijos sobre a protuberância na barriga, carinhosamente, fazendo meu coração transbordar de um afeto genuíno, nunca experimentado antes. Naquele instante tive certeza do que eu queria para a minha vida e era ficar com Adriel para sempre, ser sua esposa de verdade, ver meu filho crescer ao seu lado. Eu o amava, com todo o meu coração e chegava a ser doloroso imaginar toda uma vida sem ele.

As emoções que tomavam conta de mim eram tão intensas, que meus olhos marejaram de lágrimas. Então, segurei dos dois lados do rosto de Adriel e o trouxe para mim, colando minha boca na sua, beijando-o preguiçosamente, permitindo que a paixão explodisse em meu peito. A esperança de que podíamos ficar juntos, de que aquilo poderia dar certo, nunca foi tão viva e real em meu íntimo.

Marina tinha razão, nós pertencíamos um ao outro e precisávamos criar nosso filho juntos. Isso agora estava claro como água para mim.

Sob os últimos vestígios de claridade daquele dia, interrompi o beijo e olhei dentro dos olhos de Adriel.

— Eu amo você — sussurrei. — Quero passar o resto da minha vida ao seu lado.

No momento que se seguiu, um silêncio carregado de tensão recaiu sobre nós e fiquei paralisada quando senti os músculos do

seu corpo enrijecerem de encontro ao meu, sua fisionomia se contraiu, seus olhos foram tornando-se frios e distantes, como se eu o tivesse ofendido profundamente, em vez de ter escancarado meu coração para ele.

— Preciso de um copo d'água. Com licença — disse ele, friamente.

Com uma rapidez surpreendente, Adriel deixou a rede e desapareceu para dentro do bangalô, enquanto eu ficava lá, paralisada, devastada, me sentindo dolorosamente rejeitada.

Lutando contra um mar de lágrimas, que ameaçava se derramar dos meus olhos, abracei o meu próprio corpo, tomada até a alma por uma desoladora sensação de abandono.

Realmente Adriel amava o nosso filho, mas esse amor não se estendia a mim. Tudo o que ele queria de mim era essa criança. No instante em que ela nascesse, ele a tiraria dos meus braços e me descartaria como um objeto inútil. Para ver o meu filho, eu precisaria de hora marcada, jamais teria o direito sequer de dar palpite na sua educação, seria obrigada a ver Adriel com outras mulheres, mulheres que poderiam maltratar o meu bebê quando ele não estivesse olhando, como fazem tantos padrastos e madrastas.

Os pensamentos me fizeram estremecer violentamente e mais do que nunca, eu tive certeza de que precisava fugir, sumir da vida dele enquanto meu neném ainda estava protegido dentro de mim e eu podia levá-lo para onde quisesse.

CAPÍTULO 31

ADRIEL

Se havia uma coisa que eu jamais experimentara desde os meus dez anos de idade, era passar três dias inteiros mergulhado na mais completa paz, sem lembrar-me dos meus problemas, sem que o ódio estivesse presente em cada mínima célula do meu corpo e na minha alma.

Foram assim os dias em Fernando de Noronha com Ravena, os melhores da minha existência, desde que minha inocência foi roubada, quando ainda era criança. Minha vontade era ficar lá para sempre com ela, esperar nosso filho nascer e continuar morando com os dois no resort. No entanto, a vida real me esperava e era bastante diferente do sonho vivido naquele paraíso.

Na vida real, eu não podia simplesmente esquecer os objetivos pelos quais vinha lutando há muitos anos, precisava seguir em frente e ir até o fim com a construção do oleoduto, muito embora aqueles dias de paz tivessem conseguido fazer com que esse projeto, assim como meu plano de justiça, me parecesse inacreditavelmente irrelevantes. Era como se uma nova porta tivesse se aberto dentro de mim e me mostrado outras direções que eu podia dar à minha vida, direções jamais antes enxergadas, ou cogitadas.

Eu queria ficar com Ravena, mantê-la ao meu lado para o resto de nossas vidas, ter outros filhos com ela – de forma convencional –, mas na vida real, fora dos limites daquela ilha paradisíaca, eu não podia tirar-lhe o direito de escolha.

Ravena era jovem demais, estava deslumbrada com o primeiro amor, o primeiro homem da sua vida, a primeira oportunidade que teve de ser amada. Se eu não desse a ela a oportunidade de amadurecer, de conhecer a vida fora dos limites de Santa Clara e do ambiente opressor que era a casa onde cresceu, estaria privando-a da sua liberdade de escolher. Se ficássemos juntos, certamente com o tempo ela se arrependeria de não ter escolhido seguir um caminho diferente, de não ter buscado mais opções.

Por mais que me doesse ter que afastá-la, por mais que tudo dentro de mim ordenasse que eu ficasse com ela e soubesse que minha vida nunca mais seria a mesma, depois de tê-la conhecido e amado, com todo o meu coração, eu daria a ela a liberdade de escolha.

Prestar-lhe-ia toda a assistência de que necessitaria para conseguir um emprego e um lugar para morar em São Paulo, permitiria que visse nosso filho quando quisesse, mas seria apenas isso. Com o tempo, ela perceberia que essa fora a melhor decisão e até me agradeceria.

Deixamos Fernando de Noronha durante a madrugada e conseguimos chegar em Santa Clara bem na hora do almoço.

À mesa, Marina estava ávida por informações sobre a viagem e mal permitiu que Ravena mastigasse a comida, pedindo que lhe contasse tudo, mostrando-se maravilhada com a narrativa da amiga sobre os lugares que viu.

Durante nossa ausência, a amiga da minha esposa se assumira como dona da casa e fizera várias modificações, como a troca de alguns móveis de lugar e a exigência de que as

empregadas usassem uniforme durante o trabalho. Ela que se divertisse como quisesse, eu não ligava, até porque em breve voltaria para o meu apartamento em São Paulo.

Tínhamos acabado de almoçar, estávamos na sala de estar, eu e as duas meninas, jogando conversa fora, uma força maior do que eu me impedia de sair de perto de Ravena e ir dar atenção a todo o meu trabalho atrasado, quando o segurança que ficava no portão me telefonou avisando que Arnaldo estava lá fora, pedindo para falar comigo.

— Diga a ele que vá para o inferno e fique por lá mesmo. — Foi a minha resposta.

— *Senhor, desculpe a insistência, mas ele tem vindo aqui todos os dias desde que o senhor viajou e está muito debilitado pela doença.*

Que saco! O segurança estava com pena do maldito e eu não poderia deixar de recebê-lo sem parecer um monstro sem alma. Não me faltava mesmo mais nada.

— Certo. Mande que ele entre — ordenei, encerrando a ligação.

Pouco depois, Arnaldo atravessou a porta de entrada e avançou pela sala, caminhando devagar, parecendo sorrateiro. Realmente estava bastante debilitado, muito magro, com o rosto abatido e extremamente cansado, o que não foi suficiente para que eu sentisse piedade. Ele não estava tendo nada menos do que merecia.

Bastou que eu olhasse para ele para que o ódio cego aflorasse dentro de mim, fazendo meu sangue correr

fervorosamente nas veias, uma secura se instalando na minha garganta.

— O que você quer? Veio dizer que já desocupou minha casa?

— Podemos conversar em particular? — perguntou, com sua voz muito fraca.

— Não. Pode falar aqui mesmo — retruquei, com desprezo.

— O senhor aceita um café, ou um suco? — indagou Ravena, fitando-o com piedade.

O que ela tinha na cabeça para sentir pena de um maldito estuprador de crianças?

— Não, minha filha. Obrigado. — Ele continuava em pé no meio da sala, enquanto agradecia e voltava seu olhar novamente para mim. — Vim dizer que você conseguiu o que queria, Adriel, tirou tudo de mim. Primeiro, minhas plantações, depois meu gado, meus funcionários, todo o meu dinheiro e, por fim, o que eu tinha de mais valioso: minha filha.

— Silvana cavou seu próprio destino — falei.

— Amanhã certamente você demolirá minha casa, mas isso já não tem a menor importância. Eu teria sobrevivido sem um teto sobre a minha cabeça, mas não sobreviverei sabendo que minha filha, a única pessoa que eu tinha nesse mundo, passará o resto da vida na prisão. — Sem que ninguém ali esperasse, ele enfiou a mão sob o cós da sua camisa xadrez e puxou um revólver do cós da sua calça.

Agindo unicamente por reflexo, praticamente pulei do sofá e me coloquei entre Ravena e ele, de frente para o velho, enquanto Marina saía da sala correndo e gritando histericamente.

— Ravena, não se mexa — pedi, sem desviar meu olhar do maldito ancião. — O que diabos pretende com isso?

— Não se preocupe, não é para ela e nem para você. — Ele apontou o revólver para a própria cabeça, sua mão trêmula evidenciava sua angústia e sua hesitação.

— Será que ficou louco de vez? Abaixa esse revólver. Se matar não vai resolver nada, muito menos tirar Silvana da cadeia.

— Como eu disse, não há mais nada aqui para mim. — Ignorando minhas palavras, ele continuou falando: — Eu só queria mais uma coisa antes de partir, o seu perdão, meu filho, pelo que fiz a você. Me diga que me perdoa, me dê pelo menos isso, para que eu possa ter um pouco de paz.

— Abaixa esse revólver, seu velho louco! — insisti.

— Não, Adriel. Para mim está acabado. Eu não o culpo por tirar tudo de mim, talvez eu tenha merecido isso mesmo. Só queria te ouvir me chamando de pai mais uma vez, dizendo que algum dia vai me perdoar, ou não descansarei tranquilo.

Eu não sabia o que dizer. Sentimentos indefiníveis conflitavam-se dentro de mim, transformando meu íntimo em um turbilhão indecifrável. Era para eu estar feliz ao vê-lo acabar com sua própria vida miserável, significava que eu havia vencido, mas o fato era que eu nunca me sentira tão perdedor, impotente e miserável, como se fosse minha mão segurando aquela arma de encontro à cabeça dele. Não era para as coisas terminarem assim. Não foi o que planejei.

— Seu Arnaldo, por favor, solte o revólver. O senhor não está pensando direito — disse Ravena, levantando-se e apressei-me em

empurrá-la para trás de mim novamente, usando meu corpo como um escudo entre ela e a arma.

— Ravena, fiquei quieta aí — pedi. — Arnaldo, larga essa arma.

— Meu filho… me diz que me perdoa. Me deixe partir em paz.

Como eu poderia perdoar algo para o que não existia perdão?

— Não há perdão para o que você fez. — Minha voz saiu com um murmúrio.

Arnaldo apertou seus olhos com força, como se contivesse uma dor aterradora. Talvez eu não estivesse acreditando que ele seria capaz de puxar aquele gatilho, pois fiquei em choque quando o estampido do tiro encheu toda a sala. O cheiro de pólvora tomou conta do ar, enquanto Arnaldo ia despencando devagar, caindo primeiro de joelhos, para só então estirar-se no chão, meio de costas, meio de lado, o revólver ainda preso entre seu dedos, seus olhos se fechando, o líquido vermelho manchando seus cabelos grisalhos e tingindo o tapete.

Ele estava morto e, de repente, fui invadido pela sensação de que eu mesmo havia puxado aquele gatilho. Angústia e desespero se misturaram inesperadamente em meu íntimo, a ponto de não mais permitir-me sentir minhas pernas e caí ajoelhado no chão, chocado, inacreditavelmente abalado, incapaz de desviar os olhos do corpo ensanguentado à minha frente.

Por Deus! Eu o havia matado, havia tirado sua vida com todas as minhas atitudes, era responsável pela morte de uma pessoa.

— Adriel, não foi culpa sua. — A voz de Ravena me alcançou, como se partisse de muito distante, porém quando consegui focar o seu rosto, ele estava a poucos centímetros de distância do meu, suas mãos delicadas segurando minha face dos dois lados. — Foi ele quem fez isso, meu amor, não você. Está me ouvindo?

Suas palavras pareceram me resgatar de um poço escuro de angústia, puxando-me de volta para a realidade e apenas quando ela me abraçou, ajoelhada diante de mim, percebi que todo o meu corpo estava tremendo, uma camada de suor frio cobrindo minha pele.

— E-Eu devia tê-lo impedido — gaguejei, com um murmúrio.

— Não tinha como. Não havia tempo. Ele teria feito isso de qualquer forma.

Seus braços ternos continuaram em torno de mim, confortando-me, enquanto minha cabeça descansava em seu ombro.

Marina, que acabava de retornar à sala, enquanto os seguranças entravam pela porta da frente, obviamente atraídos pelo som do tiro, foi a primeira a aproximar-se do corpo. Após checar o pulso de Arnaldo, praticamente gritou:

— Ainda está vivo! — Ela olhou para mim, como se esperasse que eu fizesse algo, mas eu não conseguia me mover, estava paralisado pelo choque. — Vou chamar uma ambulância — acrescentou, sacando o celular do bolso do seu jeans.

***

Quando a ambulância chegou, eu ainda estava em choque, porém um pouco mais calmo. Apressadamente, dois enfermeiros colocaram Arnaldo sobre uma maca e o carregaram rumo ao veículo. Por alguma razão desconhecida, quis ir junto com ele, ali atrás, com os seguranças nos seguindo em outro carro. Ravena também quis nos acompanhar, mas pedi que ficasse em casa, pois o hospital onde a mãe dela trabalhara durante vários anos não era um ambiente seguro.

No hospital, fiquei esperando em uma sala, durante várias horas, até que o único médico da cidade veio falar comigo.

— Você é o acompanhante de Arnaldo Brandão? — indagou, como se não soubesse que eu era filho e o único parente fora da cadeia daquele homem.

— Sim. Como ele está?

— Nada bem. Consegui extrair a bala, mas não sou neurocirurgião. Só vou saber a extensão dos danos causados depois que ele acordar. Isso se acordar.

Eu podia enfiar aquele velho maldito no helicóptero e levá-lo para um neurocirurgião renomado em São Paulo, nem que fosse para amenizar minimamente minha culpa.

— Ele corre risco de morte?

— Sim. Pode evoluir para óbito a qualquer momento. Assim como pode não acontecer.

— E se eu o levar para um especialista em São Paulo?

— Locomovê-lo seria pior, pelo menos por enquanto. Vamos esperar para ver o que acontece.

— Esperar quanto tempo?

— Não tenho essa resposta. É bastante relativo. Pode demorar horas, ou dias para ele acordar. Ou talvez nem acorde. Ele está muito cansado também por causa do câncer. Não estava se cuidando como deveria. Se o senhor quiser ir para casa, mando alguém telefonar assim que o quadro dele mudar.

— Tudo bem. Obrigado.

O homem se foi e continuei lá parado, sem saber o que fazer. Eu havia feito inimigos demais em Santa Clara, começando por Soraya, passando pelo delegado e terminando pelos funcionários da fazenda que ficaram desempregados. Qualquer um podia entrar ali e acabar com o último vestígio de vida daquele velho pelo simples fato de ele ser meu pai. Mas o que eu tinha com isso, se foi ele quem enfiou uma bala na própria cabeça? Eu não devia estar preocupado, sequer deveria estar ali, mas o problema era que a culpa me espezinhava cruelmente, deixando-me muito mais angustiado do que eu gostaria. A sensação que eu tinha era de que atirara nele com minhas próprias mãos.

Fiquei lá por mais algum tempo, até que por fim decidi deixar um dos seguranças vigiando-o o tempo todo – embora isso não impediria alguém como Soraya de fazer-lhe mal – e fui para casa.

Chegando, fui direto para o chuveiro me limpar das gotículas de sangue que haviam respingado em minhas roupas e me livrar daquele cheiro insuportável de hospital. Como se fosse capaz de enxergar minha alma e perceber a angústia torturante que me assolava, Ravena uniu-se a mim sob a água do chuveiro e, sem dizer uma só palavra, fez amor comigo, apaixonadamente, entregando-se sem reservas, como sempre, deixando-me muito mais calmo, fazendo-me esquecer o martírio por um momento.

Depois, deitamos na cama completamente nus, aconchegados um ao outro e ficamos mergulhados no mais absoluto silêncio, os pensamentos me torturando, a calmaria e o amor da garota ao meu lado amenizando minha aflição.

Depois do longo silêncio, Ravena pigarreou, antes de começar a falar:

— E se ele acordar e continuar te pedindo perdão? — indagou ela.

— Não existe perdão para o que ele fez.

Ela ergueu a cabeça para fitar-me diretamente nos olhos.

— Acho que você deveria perdoar, para que possa encerrar esse círculo da sua vida e seguir em paz. Apenas o perdão seria capaz de arrancar esse ódio de dentro de você e te garantir que tenha sossego para seguir em frente.

— Você perdoaria sua mãe por tudo o que ela te fez?

Senti seu corpo frágil estremecer de encontro ao meu.

— Se ela se arrependesse e me pedisse perdão, eu nem pensaria duas vezes. Mas sei que isso nunca vai acontecer.

Eu a apertei mais forte entre meus braços, garantindo-lhe que jamais permitiria que o amor daquela maldita lhe fizesse falta, pois tinha a mim e ao nosso filho para amá-la, mesmo que fosse de longe, enquanto ela construía a sua vida.

— Mas com seu Arnaldo é diferente. Dá pra ver o quanto ele está arrependido. Além disso, já pagou o preço, perdeu tudo o que tinha, inclusive a filha.

— Silvana não está perdida, só está presa.

— Adriel, eu sei que você é um bom homem, se não fosse, eu não teria me apaixonado. — Sua voz tremeu ao pronunciar as

últimas palavras. — E é isso que as pessoas boas fazem, elas perdoam.

Era impressionante como uma pessoa tão jovem podia ser tão sábia. Ravena estava certa em cada palavra que saía da sua boca. Se eu quisesse seguir minha vida em paz, como de fato objetivava, principalmente nessa nova etapa da minha existência, que seria me tornar pai, eu precisava perdoar aquele maldito, enterrar de vez toda a agonia que vinha me acompanhando desde que tudo aconteceu, esquecer, deixar o passado para trás.

Esquecer e perdoar eram termos que jamais haviam passado pela minha cabeça. Desde que deixei a fazenda, há vinte e sete anos, eu não pensei em mais nada a não ser em justiça. Jamais existiu outro sentimento dentro de mim além do ódio. Mas agora tudo era diferente, eu me via capaz de amar, meu filho e a mulher que o carregava no ventre e me via capaz também de perdoar.

Inacreditavelmente, pensar nesse perdão foi suficiente para que um peso enorme saísse de cima dos meus ombros. Contudo, eu não sabia se Arnaldo acordaria para ouvir o que eu tinha a dizer-lhe, antes que partisse definitivamente.

***

Na manhã seguinte, como não recebi nenhuma notícia dele, acabei telefonando para o hospital e fui informado de que ele continuava na mesma situação, desacordado, sem que o médico soubesse se voltaria a abrir os seus olhos. Com isto, acabei solicitando a vinda de uma equipe médica mais preparada, com um

neurocirurgião, de São Paulo, para assistir o caso dele. Chegariam no final da tarde.

Aquele era o dia em que demoliríamos a casa da fazenda, o último bem inteiro que ainda existia naquelas terras e deixei todos os engenheiros perplexos ao desistir da demolição no último minuto, algo pelo que lutei tão ferrenhamente, optando por desviar o percurso do oleoduto e deixar a casa de pé, nem que fosse para que Silvana a vendesse e contratasse um advogado. Desta forma, o trabalho em Santa Clara terminaria mais cedo e em cerca de trinta dias, talvez menos, eu finalmente poderia voltar para a minha vida em São Paulo, levando Ravena e Marina comigo.

Eu pretendia manter as duas no meu apartamento pelo menos até a criança nascer, depois arranjaria outro lugar para morarem e construírem suas vidas. Não seria fácil afastar-me de Ravena, mas ela merecia essa chance de escolher qual caminho deveria seguir. Eu não tinha o direito de tirar-lhe essa liberdade de escolha.

No horário combinado, o neurocirurgião paulista foi ao hospital municipal e fez vários exames em Arnaldo, por fim chegando à conclusão de que o médico local estava certo, o único caminho para ele naquele momento seria esperar para sabermos a direção para a qual seu quadro evoluiria. Tentar tirá-lo da cidade seria um grande erro, pois envolvia o movimentar quando ele não podia. Então, o especialista voltou para a capital e o velho maldito, cujo sangue corria em minhas veias, continuou adormecido no hospital, sob a constante vigília do meu segurança.

CAPÍTULO 32

ADRIEL

O aniversário de dezoito anos de Ravena seria dali a três dias e Marina já havia pedido minha permissão para dar uma grande festa, com a presença de um desses cantores que os adolescentes gostavam, uma festa com a qual concordei.

Durante os preparativos, as duas garotas andavam cochichando muito pelos cantos da casa, o que me levou a desconfiar de que estavam tramando algo além dessa comemoração. Considerando que Ravena completaria dezoito anos e, portanto, seria maior de idade, dona do seu próprio nariz e livre para fazer o que quisesse da sua vida, sem mais precisar da permissão de ninguém, presumi que ambas estavam tramando uma fuga com o meu filho. Achei isso porque era o que eu faria se estivesse no lugar dela. Só que eu não podia permitir que essa criança fosse tirada de mim, principalmente para ingressar numa vida incerta, como foi a da minha mãe, tentando me criar sozinha, sem dinheiro, sem casa e sem uma figura paterna. Eu precisava fazer algo para impedir aquelas duas de cometer tal loucura, mas antes necessitava descobrir exatamente o que estavam tramando e foi por isso que solicitei a um dos seguranças que me arranjasse uma escuta, a qual coloquei muito bem escondida no quarto de hóspedes que Marina vinha ocupando nas últimas semanas, no segundo andar, onde as duas passavam a maior parte do tempo.

Eu estava no escritório da empresa, quando acessei o aplicativo no celular, a fim de ouvir, pela primeira vez, o que ambas estavam conversando lá dentro.

Suas vozes chegaram altas e claras até mim, através do moderno aplicativo. Marina e Ravena estavam parecendo o que eram: duas crianças. Falavam animadamente sobre o quanto a presença do tal cantor sertanejo, que tanto amavam, ia causar inveja nos moradores da cidade, principalmente nos colegas da escola que sempre esnobaram Ravena, por ser filha de Soraya. Segundo Marina, eles iam fazer fila na frente da casa para participar da festa de aniversário de alguém a quem sempre desprezaram.

Ambas pareciam igualmente eufóricas com a ideia, até que de súbito Ravena pareceu mergulhar em uma profunda melancolia, revelada no tom de sua voz.

— Eu ainda não acredito que tudo vai acabar. — disse ela, com uma tristeza cortante na voz. — Nós tivemos tão pouco tempo juntos. Eu o amo tão desesperadamente. — Sua voz tremeu com as últimas palavras e senti um aperto no peito ao presumir que estava referindo-se a mim.

— Não precisa acabar se não quiser. É só a gente não ir. Eu duvido que Adriel tenha coragem de te afastar do seu filho depois que ele nascer — disse Marina.

— Eu não posso arriscar. E se ele tiver coragem? E se arranjar uma mulher ciumenta, que não me deixe chegar perto para ver meu filho? Não posso permitir que isso aconteça.

— Isso não vai acontecer. Adriel não vai arranjar mulher alguma e tampouco vai te expulsar do apartamento dele. Ele ama você. É possível ver isso no olhar dele quando vocês estão juntos.

— Você está errada, Marina. Ele não ama. Ele me acha infantil e sem modos. Só está comigo porque estou carregando o filho dele e vai me descartar assim que nosso bebê nascer.

— Ele te ama, só ainda não percebeu isso.

— Não acredito nesse amor. Quando estávamos em Fernando de Noronha, eu disse que o amava, abri meu coração para ele e o que ele fez foi ficar frio e distante de repente, como se minha declaração o tivesse aborrecido.

— Os homens são tapados assim mesmo. Mas, enfim, se é fugir que você quer, eu te apoiarei e estarei do seu lado. Só temos que fazer isso direito. Agora vamos cuidar dos preparativos da festa, pois precisamos deixar essa casa na noite do evento, quando haverá muita gente aqui. Não teremos outra oportunidade.

As duas saíram do quarto e o silêncio prevaleceu do outro lado da linha, enquanto eu continuava lá parado, paralisado, processando todas as informações.

Eu não podia acreditar que Ravena realmente achava que eu a considerava infantil e sem modos. Meu Deus! Ela tinha apenas dezessete anos e era uma das pessoas mais sábias que eu conhecia! Não existia nada de infantil nela, a não ser o número que representava a sua idade e eu pensava que já havia deixado isso claro.

Não a culpava por acreditar que eu não a amava, pois jamais revelei esse amor, embora ele exista, vivo e pulsante em meu coração. Era um amor imenso demais, o mais puro e verdadeiro que já senti na vida. Fazia-me pensar nela o dia inteiro, ansiar por terminar o trabalho apenas para vê-la no fim do dia, ouvir sua voz, sentir o seu cheiro gostoso, me aconchegar em seus braços. Era um amor tão infinito, que conseguiu me fazer perdoar Arnaldo, algo que sempre julguei impossível.

No entanto, esse amor não podia ser revelado, devido ao fato de que eu não tinha o direito de prender Ravena a mim. Já bastava sua mãe tê-la forçado àquela gravidez, privando-a assim de viver sua juventude livre de laços tão inquebráveis. Eu não ia impedi-la de viver sua vida por causa dos meus sentimentos. Ravena era jovem, em pouco tempo esqueceria o que sentia por mim, conheceria pessoas da sua idade, descobriria o quanto é bom ser querida e aceita. Estando em São Paulo, logo se entrosaria, faria novas amizades, construiria uma carreira profissional. Por mais que eu a quisesse do meu lado, se eu a mantivesse presa a mim, por causa desse sentimento, por um filho que nenhum de nós escolheu ter, o que ela se tornaria? No mínimo engravidaria novamente, deixaria de estudar para não ter que abandonar os filhos aos cuidados de alguma babá e com o tempo certamente se tornaria uma pessoa frustrada, por não ter vivido a vida que merecia, por não ter tido a oportunidade de ser jovem, de ser irresponsável, de se divertir por aí com pessoas da sua idade. Definitivamente, eu não podia tirar isso dela.

Por outro lado, também não podia permitir que fugisse levando meu filho. Precisava dar um jeito de fazê-la ficar, nem que fosse por meio de ameaças, jogando sujo, que era a única forma como eu sabia jogar. Precisava de um trunfo, algo com o que chantageá-la, a fim de mantê-la por perto pelo menos até a criança nascer. Depois, daria um jeito de conseguir sua guarda legal, subornando juízes e advogados, como tinha o hábito de fazer. Seria doloroso para Ravena no início, ela me odiaria por um longo tempo, porém, algum dia, me agradeceria. Restava saber se eu teria forças para magoá-la tão profundamente, para chantageá-la e impedi-la de

ir embora. Praticamente teria que fazer dela minha refém. Meu Deus! Não seria uma tarefa fácil, mas eu precisava fazer, pelo bem dela.

A conversa entre as duas garotas passou o dia inteiro martelando em minha cabeça. Quanto mais eu pensava na trama que as duas armavam, mais a raiva fervia em meu íntimo. Embora seus motivos fossem compreensíveis, o que Ravena pretendia fazer era uma grande traição contra mim. O fato de tramar pelas minhas costas era imperdoável.

No final da tarde, quando voltei para casa, eu não queria vê-la, então fui direto para o escritório e me refugiei no trabalho que nunca acabava. Já era noite, passava do horário em que costumávamos nos reunir à mesa para o jantar, quando a porta se abriu e Ravena entrou. Estava linda demais, usando um vestido simples de algodão florido, longo, porém apertado o suficiente para que eu vislumbrasse cada curva do seu corpo escultural, os seios empinados pareciam tentar saltar de dentro do tecido delicado. Seus cabelos, escuros e ondulados, caíam sobre seus ombros, seu rosto não continha maquiagem, mas, ainda assim, exprimia uma beleza incomum, magnífica, composta pelos olhos azuis-claros, o nariz pequeno e empinado e a boca carnuda e naturalmente rosada.

Bastou que eu olhasse para ela, para que meu coração se agitasse no peito, batendo descompassado, o desejo correndo fervorosamente nas minhas veias, um desejo tão insano que quase me levou a esquecer de tudo mais e fazê-la minha ali mesmo, em cima daquela mesa.

Eu a amava, loucamente, não havia mais como negar essa verdade.

— Você não saiu pra jantar, fiquei preocupada. Está tudo bem?

Lembrei-me da sua conversa com Marina, do seu plano de fugir levando meu filho e a raiva explodiu dentro de mim, suplantando todo o resto.

— Me diga você. Está tudo bem?

Devo ter parecido frio e medonho, ao pronunciar aquelas palavras, pois seu corpo estremeceu brevemente, ao passo que a surpresa se estampava na expressão do seu olhar.

— A-Acho que não entendi.

Respirei profundamente, a fim de acalmar minha irritação. Eu precisava ter com o que afugentá-la antes de revelar que sabia sobre seu plano de fuga, pedir que ficasse não a faria mudar de ideia.

— Esquece o que eu disse. Estou sem tempo para jantar, muita coisa para fazer aqui.

— Quer que eu traga um sanduíche?

"Não, Ravena. O que eu quero é que você não fuja levando meu filho!"

— Não precisa, obrigado. Eu estou bem. Apenas me deixe sozinho.

Claramente decepcionada, ela percorreu seu olhar através da mesa, como se estivesse desconfiada e checasse se eu estava realmente envolvido com o trabalho, ou apenas a evitando.

— Claro. Desculpe incomodar.

Dito isto, ela deixou o escritório, cabisbaixa, enquanto eu continuava sentado atrás da mesa, dominado por aquela miríade de

amor e ódio que queimava em minhas veias, ameaçando me enlouquecer.

Não saí mais do escritório naquela noite. Após algumas doses de uísque, acabei pegando no sono ali mesmo, em uma poltrona, o que me fez acordar na manhã seguinte com uma puta dor nas costas. Ao constatar que fui despertado pelo toque insistente do celular, atendi a ligação, ainda sonolento. Era do hospital, uma enfermeira ligando para avisar que Arnaldo havia acordado, um milagre, de acordo com ela. Na minha opinião era apenas a confirmação daquele ditado de que vaso ruim não quebra.

Fiz uma análise dos meus sentimentos ao ouvir a notícia e fiquei aliviado ao perceber que ainda estava decidido a perdoar aquele velho maldito. Na verdade, havia uma certa satisfação na oportunidade de dar-lhe esse perdão, antes que ele morresse. Ravena estava certa quando disse que apenas assim eu conseguiria seguir minha vida em paz.

Em busca de um banho e roupas limpas, subi até o quarto e a encontrei profundamente adormecida na cama, deitada na posição fetal, parecendo tão frágil, tão desprotegida, que precisei de um esforço absurdo para não me deitar ao seu lado, a acordar e dizer-lhe que não estava sozinha, que eu jamais a deixaria desprotegida de novo, que seria capaz de transformar em cinzas qualquer pessoa que ousasse machucá-la. Porém, ocorreu-me que eu seria essa pessoa, que, mais uma vez, a machucaria, ao chantageá-la para que não fosse embora com nosso filho. O pensamento me fez sentir o último dos seres humanos.

Mais uma vez, eu magoaria a única pessoa que amava de verdade nesse mundo, como se ela já não tivesse sido ferida o

bastante ao longo de sua triste vida. *Que espécie de ser humano era eu?*

Precisei novamente me lembrar da sua pretensão de fuga, para conseguir afastar toda a culpa e todo o remorso.

Tomei banho e me troquei silenciosamente o bastante para não acordar Ravena.

***

No hospital, fui encaminhado direto para o quarto onde Arnaldo estava internado. Embora ele tivesse seus olhos abertos, não parecia vivo. Sua aparência era deplorável, com ataduras brancas em torno de toda a sua cabeça, manchas roxas enormes em volta dos olhos, seu corpo magro, nu da cintura para cima, coberto pela parafernália médica que o ligava aos aparelhos.

Tentei me compadecer da sua situação, mas nenhum sentimento veio, nem mesmo o ódio que sempre me acometia todas as vezes que eu olhava para ele. A verdade era que eu estava vazio e isso me trazia um surpreendente alívio, pois me fazia enxergar a chance de recomeçar minha vida, deixando tudo mais para trás.

— Nem pra morrer você serve, né, seu velho maldito? — indaguei, ao avançar pelo recinto.

— Se veio para me ofender, é melhor voltar daí mesmo. — Sua voz era muito fraca.

— Não foi pra isso que vim, apenas não sou capaz de resistir.

— E pra que veio então?

Cruzei meus braços na frente do peito, como se me protegesse de algo que sequer compreendia o que era e suspirei fundo, antes de começar a falar:

— É meu perdão que você quer? Pois você o tem. Estou aqui pra te dizer que te perdoo pelo que fez a mim. — Seus olhos enrugados marejaram de lágrimas. — Mas isso não significa que seremos amigos, ou que vou te chamar de pai. Vou cumprir meu papel de um bom cidadão e transferi-lo para uma casa de repouso no interior de São Paulo, onde você será assistido por excelentes profissionais, que cuidarão dos danos na sua cabeça e do câncer. Também não demolirei a casa, Silvana poderá vendê-la para contratar um advogado. E é só isso. De agora em diante, vou seguir minha vida como se você não existisse, vou esquecer de você, assim como vou esquecer todo o ódio que esteve presente em mim desde que tudo aconteceu. Acabou, Arnaldo, você está livre de mim e eu de você.

Após pronunciar as palavras, me senti leve como não me sentia desde os meus dez anos de idade, como se um peso absurdo, que eu carregava há décadas, fosse tirado de cima de mim e isso me fez bem, muito mais do que imaginava. Definitivamente, eu estava pronto para recomeçar minha vida, para me tornar pai e dedicar todas as minhas energias a fazer do meu filho um ser humano feliz.

— Obrigado, meu filho. Você não pode nem imaginar o quanto seu perdão significa pra mim, o quanto de peso está tirando da minha consciência e do meu coração. Acredite: se eu pudesse fazer o tempo voltar, eu teria me matado antes de agir daquela forma com você.

— Não quero mais ouvir nenhuma menção a esse assunto. É algo que só quero esquecer e recomendo que faça o mesmo. Agora vou conversar com o médico e perguntar se você já pode viajar. É um longo caminho daqui até a casa de repouso. Você vai de helicóptero.

— Obrigado, Adriel — balbuciou, quando eu já lhe dava as costas.

Passei o dia inteiro envolvido com o deslocamento de Arnaldo para a casa de repouso, onde ele seria muito bem tratado, algo que estava além do que merecia, mas que me trazia uma paz inesperada.

No final da tarde, ouvi novamente Marina e Ravena conversando no quarto de hóspedes, sobre seus planos de fugirem da cidade. Pretendiam partir durante a festa de aniversário de Ravena, após me sedarem com o Diazepam que Marina já havia conseguido com os funcionários corruptos do hospital. Para que não fossem detidas pelos seguranças, deixariam a casa escondidas na van da equipe do cantor sertanejo que haviam contratado, com quem já tinham combinado tudo, pagando um pouco a mais pelo favor e com o meu dinheiro. Era um bom plano. Elas conseguiriam, se não tivessem esquecido de com quem estavam lidando.

Naquela noite, ao chegar em casa, mais uma vez fui direto para o escritório, a fim de evitar Ravena e acabei dormindo por lá mesmo.

***

Os dois dias que se seguiram me mantiveram completamente ocupado com o trabalho de desvio do oleoduto, de modo que mal vi o tempo passar e, quando dei por mim, já havia chegado o dia do aniversário de Ravena.

Ela estava completando dezoito anos, era adulta, uma pessoa independente e livre para fazer o que quisesse da sua vida. E faria mesmo, se não fosse por mim, que estava pronto para ameaçá-la, caso não desistisse daquela fuga insana. Eu diria a ela que pretendia subornar algum juiz para proibi-la de ver aquela criança, caso insistisse em levá-la para longe de mim, antes de nascer. Não havia um lugar onde ela pudesse se esconder. Assim que o bebê nascesse, eu iria atrás dela e o tiraria dos seus braços, garantindo que nunca mais voltasse a vê-lo.

Eu tinha certeza de que, com isto, conseguiria convencê-la a ficar. Porém, estava certo também de que, a partir daquele dia, ela nunca mais seria minha e tudo o que eu teria dela, seria seu ódio. Essa seria a parte mais dolorosa da minha chantagem, mas era necessário que as coisas acontecessem assim. Para o bem de todos nós.

Naquela tarde, ao chegar em casa, a movimentação de pessoas ocupadas com a organização da festa estava grande. Marina, as empregadas e mais meia dúzia de pessoas desconhecidas, caminhavam para lá e para cá, preparando tudo para o que denominavam de o maior show que a cidade já viu. Aconteceria no jardim da frente, onde o palco já se encontrava montado e, diante dele, havia uma pista de dança improvisada sobre o gramado, além de várias mesas com cadeiras e até um bar.

Senti um aperto no peito tentando me sufocar ao constatar que havia chegado a hora de falar com Ravena, dizer-lhe que sabia sobre seu plano de fuga e ameaçá-la até que desistisse daquilo. Ela me odiaria e eu não estava nem um pouco preparado para esse ódio, mas não existia outro caminho para nós dois. Então, peguei as chaves do carro que comprara de presente de aniversário para ela, há alguns dias, cuidadosamente embrulhada em um laço de cetim vermelho e subi as escadas rumo ao segundo andar.

No quanto, a encontrei sentada em uma cadeira diante do espelho, usando um roupão atoalhado, com seus cabelos molhados, imóvel como uma estátua, fitando sua imagem no espelho, embora parecesse não enxergá-la realmente. Em sua fisionomia, a angústia era quase tangível e o aperto em meu peito se intensificou pela certeza de que eu pioraria aquele sentimento.

Ao ouvir-me entrando, Ravena levantou-se quase com um pulo, parecendo surpresa com a minha presença, o que não era de estranhar, considerando que eu não falava direito com ela há três dias e entrava no quarto apenas para me trocar rapidamente, enquanto estava dormindo.

— Adriel — sussurrou ela.

— Feliz aniversário — falei, aproximando-me e entregando-lhe a chave.

— Um carro?! — Ela parecia perplexa.

— Mandei que trouxessem de São Paulo há alguns dias. Espero que goste da cor e do modelo.

— É muita gentileza sua, mas… mas… eu não sei dirigir.

— Isso não é problema. Daqui um mês estaremos em São Paulo e lá tem excelentes autoescolas.

Ela fitou-me com angústia, por acreditar que não estaria comigo quando eu voltasse para casa. Era para eu ter ficado furioso, como sempre me sentia quando me lembrava da sua armação, mas tudo o que me arrebatou naquele instante foi uma miríade insuportável de saudade e aflição, pela certeza de que eu nunca mais a teria depois que dissesse o que pretendia dizer-lhe.

— Agora você é adulta, dona do seu nariz. Como se sente com isso? — indaguei, protelando o que realmente precisava dizer, adiando o quanto pudesse o seu ódio.

— Nem sei ao certo como me sinto. A sensação que tenho é de que nada mudou.

— Mas tudo mudou. Sua mãe não tem mais nenhum poder sobre você.

— Nem ela, nem ninguém.

Ela estava se referindo a mim, dizendo-me que partiria, e o aperto em meu peito se tornou quase insuportável. Praticamente em desespero, fui até ela e a tomei em meus braços, segurando firmemente em sua nuca a fim de garantir que não fugiria de mim. Colei minha boca na sua, movendo meus lábios no seus e Ravena hesitou, trincando seus lábios por um instante, antes de consentir o beijo e tudo explodiu dentro de mim ao mesmo tempo quando enfiei a língua em sua boca e provei seu sabor. Paixão, luxúria, saudade, formavam um turbilhão incontrolável em meu interior.

Ravena ainda tentou resistir, espalmando as mãos em meu peito e empurrando-me, mas por fim deixou o desejo falar mais alto e me permitiu despi-la do roupão e levá-la para a cama.

Havia tanto a ser dito, porém não existia espaço para as palavras. Tudo o que eu conseguia era tomá-la para mim, invadido

pela certeza de que aquela seria a última vez que eu experimentaria seu gosto, que eu beijaria meu filho ainda dentro da sua barriga. A última vez que ela seria minha, pois, depois que conversássemos, ela nunca mais olharia para mim.

Dominado pelo turbilhão de emoções exacerbadas, eu a amei com toda a minha intensidade, dando-lhe e recebendo prazer, beijando cada minúscula parte do seu corpo, guardando seu gosto e seu cheiro, experimentando pela última vez a sensação de estar dentro dela. Até que, por fim, ficamos imóveis na cama, nus, suados, aconchegados um ao outro, envolvidos pelo silêncio carregado de um desassossego cujos motivos eram diferentes para nós dois.

— Ravena, eu te amo — sussurrei. Antes que ela tivesse tempo de dizer alguma coisa, virei-me de lado e fixei meu olhar em seu rosto surpreso. — Te amo loucamente, com todo o meu coração.

Ela me deu um sorriso emocionado.

— Eu também te amo. Mais do que já amei alguém um dia e estou feliz, porque vamos criar nosso filho juntos.

Engoli em seco, antes de continuar falando:

— Não podemos fazer isso. Não podemos ficar juntos. — Seu sorriso foi se desfazendo lentamente, à medida em que a confusão se refletia no brilho do seu olhar. — Você é muito jovem, quase uma criança. Não conhece nada da vida, não pode se prender a um homem a quem foi forçada a se ligar, sem antes ter vivido sua juventude, livre como deve ser.

— Mas eu não quero viver minha juventude. O que eu quero é ficar com você. Ser sua esposa de verdade, criar meu filho ao seu

lado.

— Você só diz isso porque nunca viu o mundo fora dos limites de Santa Clara. Nunca conviveu com pessoas de bom caráter, nunca soube o que é ser feliz. Quando estiver em São Paulo, uma nova realidade se apresentará a você, com tantas oportunidades magníficas, que você me agradecerá por te deixar livre para escolher.

— Eu não quero ser livre. Eu quero você.

— Você só está deslumbrada comigo. Antes do que imagina, já terá me esquecido.

— Você não pode decidir por mim. — De supetão, Ravena levantou-se da cama, catou o roupão do chão e o vestiu. — Pensei que já tinha desistido de me tratar como se eu fosse uma criança, mas, pelo visto, me julga uma inútil que não sabe o que quer da própria vida.

Também me levantei e me vesti.

— Não é isso. O que estou fazendo é para o seu próprio bem.

— Eu sei o que é bom para mim! — vociferou, com irritação. — E esse melhor é estar com o pai do meu filho, viver ao seu lado, criar essa criança com você.

— Infelizmente, isso não vai ser possível. — Fui tão firme e seco, que seu rosto empalideceu — Como eu já disse, vou te dar toda a assistência depois que essa criança nascer, mas ela ficará comigo e você seguirá seu caminho.

Meu coração afundou até o estômago quando vi seus olhos marejaram de lágrimas, uma tristeza tangível refletindo no brilho do

seu olhar. Naquele instante tive certeza de que ela pensava no seu plano de fuga, considerando ser esta sua única saída.

— Por favor, saia daqui. Preciso me vestir para a festa — murmurou, se esforçando para conter as lágrimas.

Hesitei, sentindo-me o último dos seres humanos, antes de começar a falar:

— Eu sei sobre seu plano de fuga. — Ela olhou-me depressa, os olhos perplexos. — Sei que pretende deixar esta casa depois da festa, escondida com Marina na van dos músicos. Sei que pretende me sedar com sonífero.

— M-Mas… — Ela piscava atônita, enrolando-se com as palavras.

— Não há nada que eu não saiba, Ravena. Se você se atrever a fugir com o meu filho, se ousar tirá-lo de mim, eu vou te encontrar onde quer que você esteja e, então, você terá perdido a chance de vê-lo crescer. — Novamente, ela ficou pálida, com os olhos arregalados. — Eu estou te dando a chance de vê-lo todos os dias, se quiser, de acompanhar a educação e o crescimento dele. Mas se cometer a loucura de tentar levá-lo, como está planejando, eu vou subornar juízes e promotores até que você perca qualquer direito de vê-lo. E, acredite, não existe nenhum lugar nesse mundo onde você possa se esconder de mim. É você quem decide como as coisas vão ser.

Paulatinamente, vi a raiva se mesclando à aflição na expressão do seu olhar, uma raiva tão cega que fazia seu lábio inferior tremer.

— É assim que você diz que me ama, seu canalha?

— Ravena, eu te a…

— Cala essa boca, seu mentiroso! Você não sente nada! Pelo menos, admita que tudo isso que acabou de me dizer não passou de um grande teatro, todo esse tempo que esteve comigo foi só pelo sexo! Nunca ligou pra mim, tudo o que estava fazendo era me mantendo por perto até seu filho nascer, para depois tirá-lo dos meus braços e me descartar como se eu não fosse nada!

Ela praticamente gritava, fora de si, as lágrimas banhando seu rosto, a ponto de me deixar preocupado.

— Ravena, me escuta. Você está enganada.

Tentei chegar perto, acalmá-la, mas quando a toquei minimamente, sua reação foi exacerbada.

— Não me toque! — gritou ela, histericamente. Em um gesto ágil, ergueu o braço e desferiu uma bofetada da sua mão aberta em meu rosto, provocando um leve ardor. — Nunca mais toque em mim! Você acaba de perder esse direito — completou, com seus dentes cerrados.

Antes que eu tivesse tempo de impedi-la, Ravena abriu a porta do quarto e saiu correndo. Imaginei o quanto seria perigoso para ela e o bebê sair por aí naquele estado, então a segui. Ainda a enxerguei correndo pelo corredor e, em seguida, o terrível som do baque me alcançou. Coloquei toda a minha agilidade nas minhas pernas, mas não foi suficiente. Quando alcancei o ápice da escadaria que levava ao primeiro piso, Ravena já estava rolando degraus abaixo, desastrosamente, numa queda sem controle, até parar sobre o assoalho, com seus olhos fechados, seu corpo imóvel.

Meu Deus! Não!

Desci as escadas praticamente sem enxergá-las, tamanha era minha velocidade. Quando alcancei Ravena, constatei que

estava desmaiada e me abaixei ao seu lado, erguendo sua cabeça, colocando-a sobre minha perna. O mais terrível desespero tomou conta de mim quando vi o fio de sangue escorrendo entre suas pernas, manchando o tecido branco do roupão.

Meu filho!

— Alguém chama uma ambulância! — gritei, para as pessoas que circulavam por ali e paravam para observar a cena.

Alguém sacou o celular e fez a ligação, mas não consegui ficar esperando. Invadido por uma profusão de desespero e culpa, peguei Ravena nos braços e a carreguei para fora, rumo à garagem. Estávamos atravessando o jardim quando encontramos Marina, que correu até nós, observando Ravena com aflição.

— O que houve com ela? — indagou.

— Caiu da escada. Vou levá-la para o hospital.

— Não é melhor chamar uma ambulância?

— Pode ser tarde. Vou levá-la logo.

— Eu vou junto — anunciou Marina, seguindo-me até o carro.

Aproximei-me do primeiro carro da fila com meia dúzia de automóveis. Cuidadosamente, deitei Ravena no banco de trás, com sua cabeça apoiada nas pernas de Marina e tomei o volante. Ao atravessar os portões de saída, como era de praxe, os seguranças entraram no Mercedes e passaram a nos seguir.

Eu mal enxergava a estrada, enquanto dirigia rumo à cidade. A culpa e o desespero, me espezinhavam, me torturando cruelmente. Eu jamais me perdoaria se acontecesse alguma coisa com Ravena, ou com o nosso filho. Se não fosse pelas minhas palavras, pela minha decisão de mantê-la longe, nada daquilo estaria acontecendo. Eu não sabia se conseguiria sobreviver se

perdesse os dois e, mesmo que não soubesse rezar, naquele instante fiz uma prece silenciosa.

CAPÍTULO 33

RAVENA

Acordei sentindo minha garganta extremamente seca, meu corpo levemente dolorido. Por um instante, fiquei atordoada, sem saber onde estava, ou o que havia acontecido. Pisquei algumas vezes, focando o teto sobre mim. Era branco, desconhecido. Olhei em volta e descobri que me encontrava em um quarto de hospital, com um soro ligado ao meu braço.

Adriel estava sentado em uma poltrona ao meu lado, com sua atenção concentrada na tela de um notebook e foi apenas ao olhar para ele que me lembrei de tudo o que aconteceu, das suas palavras de desprezo, da queda da escada.

Ao passo que eu era invadida por uma aflição angustiante, minhas mãos iam para cima do meu ventre, quase por reflexo, à procura do meu bebê, sem que eu soubesse distinguir se ele ainda estava lá.

— Meu bebê… — balbuciei, mas a voz quase não saiu. — Meu bebê — falei novamente e, desta vez, consegui atrair a atenção de Adriel, que soltou o computador de imediato e levantou-se, colocando-se ao meu lado.

— Ravena, graças a Deus você acordou. Como está se sentindo?

O som da voz foi o suficiente para que o ódio fervesse em meu íntimo, ódio da sua maldita chantagem, da sua ameaça de me proibir de ver o meu filho, caso eu tentasse fugir. Eu o odiava com a mesma força com que outrora acreditara o amar.

— Meu neném. Eu o perdi? — indaguei, quase em desespero.

— Não. Apesar da queda feia que levou e de ter perdido um pouco de sangue, ele está bem. O médico disse que você só precisa repousar, para que nada de ruim aconteça a ele.

Fui tomada por emoções indescritíveis, que levaram lágrimas aos meus olhos e passei as mãos por sobre a protuberância na minha barriga, satisfeita pela certeza de que meu neném estava lá.

— Onde está Marina? — indaguei.

— Foi fazer um lanche, mas já deve estar voltando. Vou chamar o médico para avisar que você já acordou.

Adriel fez menção de se retirar, mas o chamei de volta:

— Espere. Depois que avisar ao médico, não volte mais aqui. Não quero ver sua cara na minha frente de novo. — Ele não pareceu surpreso com minhas palavras. — Não vou embora com essa criança, se é o que está pensando. Sei que pessoas ricas como você sempre conseguem o que querem de gente pobre como eu, por isso não vou correr o risco de perder o direito de ver meu filho crescer. Você terá o que quer, que é sua guarda definitiva, me dando o direito de vê-lo quando eu quiser. Mas não voltarei para a sua casa, ou irei com você para São Paulo. A partir de hoje, vou seguir meu próprio caminho, bem longe de você. Mas não se preocupe, te entregarei meu filho quando ele nascer. — Não consegui evitar o tremor na minha voz quando pronunciei a última frase.

Só em imaginar que eu teria que dar meu filho a ele, quando nascesse, senti-me consumida por uma angústia que me doía na

alma. Era muita monstruosidade de um ser humano negar um filho à sua mãe. Eu o odiava por isso e por tudo mais.

— Não, Ravena. Você não pode sair por aí sozinha, estando grávida, sem que sua mãe tente fazer mal a vocês dois novamente.

— Não pretendo ficar em Santa Clara. Marina e eu temos dinheiro. Estamos juntando já faz alguns anos. Nós vamos para São Paulo. Quando o bebê nascer, eu te aviso.

— Isso está fora de questão. Soraya é capaz de tudo, inclusive de seguir vocês até lá. Não posso confiar nela. Além do mais você precisa de repouso e sossego, para que essa criança viva. Portanto, voltará comigo para casa.

Fuzilei-o com o olhar, sem fazer questão de esconder o ódio que fervia em cada centímetro de mim.

— Você não pode mais me dizer o que fazer, Adriel. Ninguém pode! Eu sou dona do meu nariz, agora. Vou pra São Paulo e o assunto está encerrado!

— Ravena, por favor, seja sensata. Se não por mim, pelo nosso filho. — Sua voz estava calma, quase gentil. — Sua queda não foi brincadeira. Para que esse bebê fique bem, você precisa de descanso e sossego, algo que seria impossível se aventurasse-se a ir com Marina para São Paulo, sem conhecer nada nem ninguém lá. Eu sei que está com ódio de mim e não tiro sua razão, mas vou ficar em Santa Clara por apenas mais um mês, depois vamos todos para a capital. Chegando lá, eu dou toda a assistência que vocês precisarem. Fica na minha casa esse mês, eu te dou minha palavra de que não vou te importunar, nem falo com você, se não quiser. A casa é grande, não precisamos nem nos encontrar.

No fundo, ele estava certo, seria loucura ir para uma cidade desconhecida, onde teríamos que procurar emprego e apartamento, correndo o risco inclusive de passar fome, com uma gravidez de risco. *Por outro lado, como eu conseguiria ficar mais um mês na casa daquele homem, se mal podia olhar para ele?*

— Eu vou pensar.

— Ótimo. Sei que vai tomar a decisão certa. — Ele pareceu hesitar, antes de continuar falando: — Ravena, sobre o que eu disse… Se estou disposto a afastá-la, a evitar que fique na minha vida, é porque te amo de verdade e quero que seja plenamente feliz.

Suas palavras só serviram para que a raiva se intensificasse em minhas veias. Olhei em seu rosto e tive vontade de me levantar daquela cama e dar-lhe mais algumas bofetadas, para que aprendesse a não ser tão mentiroso e covarde, inventando um sentimento que não existia só para não ter que admitir que era um canalha da pior espécie, um sujeito capaz de tirar um filho recém-nascido dos braços da sua mãe.

— Não quero mais ouvir nenhuma palavra sobre isso, seu mentiroso do caralho! — vociferei, com os dentes cerrados e minha voz tremendo de ódio.

— Não é mentira.

— Vai pro inferno, seu babaca! Tá me achando com cara de idiota? — Dessa vez, eu gritei.

— Fica calma. Esse estresse todo pode fazer mal ao bebê.

— Mas não tiro a sua razão. Se eu fosse um homem e estivesse longe de casa, também ia preferir comer a filha da prostituta que estivesse sob o meu teto, em vez de ter o trabalho de sair para procurar alguém fora.

— Meu Deus! Olha o que você está dizendo!

Nesse instante, Marina entrou no quarto e, ao perceber que eu estava acordada, praticamente correu da porta até o leito.

— Ai, minha nossa! Finalmente você está acordada. — Ela sentou-se na beirada do leito e inclinou-se para me abraçar. — Quase morri de tanta preocupação.

— Vou chamar o médico. — Ouvi Adriel dizendo, antes de deixar o aposento.

Agarrada à Marina, não consegui mais conter o pranto e deixei que as lágrimas jorrassem desenfreadas dos meus olhos, banhando fartamente meu rosto. Eu não sabia o que doía mais dentro de mim: se a falta de amor de Adriel por mim, ou o fato de que eu não teria o direito de criar meu próprio filho. Ambas as certezas estavam me destruindo, estilhaçando-me dolorosamente, a ponto de me deixar desesperada, tomada por uma sensação de impotência, de fraqueza e inferioridade.

— Ei, o que é isso? Por que está chorando? O bebê vai ficar bem. O médico disse que você só precisa evitar fazer esforço — disse Marina, desvencilhando-se do abraço, embora continuasse sentada ao meu lado.

— Eu sei. Estou chorando porque não vou ter o direito de ficar com ele. Adriel conseguiu o que queria. Ele vai levar meu filho assim que nascer. Não podemos nem fugir. Ele ameaçou me impedir de ver o neném se eu o levar.

Marina não pareceu surpresa com minhas palavras.

— Eu sei, ele me contou toda a conversa que vocês tiveram antes de você cair.

— Ele é um mentiroso, um canalha da pior espécie. — A mágoa dentro de mim não tinha limites.

— Apesar de não concordar com o que ele está fazendo, eu o entendo. Ele só quer que você seja feliz, livre do compromisso de ter um filho e um marido que não escolheu, sendo ainda tão jovem.

Fuzilei-a com olhos carregados de revolta.

— Por que você está defendendo ele?

— Eu não estou. Mas pensa bem. Ele é o primeiro homem com quem você se relacionou. Você nunca teve outro namorado, não conheceu ninguém que te deu carinho, nunca saiu pra balada e se divertiu, nunca viveu de verdade. Adriel só quer que você tenha todas essas experiências antes de escolher o caminho que deseja seguir. Ele quer que você tenha opções, até para que não se arrependa de ter ficado com ele daqui a alguns anos. Além do mais, ele não vai tirar o neném de você, só vai ficar responsável pela educação dele e tenho certeza de que o educará muito bem. Você poderá vê-lo quando quiser.

— Eu não sou uma tonta que não sabe o que quer. Se ele tivesse escolhido ficar comigo, eu seria feliz e jamais me arrependeria. — Novamente, pensei na falsidade em suas palavras, no seu desprezo pelo meu amor, na certeza de que ficaria longe do meu filho e as lágrimas voltaram a brotar abundantes dos meus olhos. — Eu nunca vou ser feliz assim. Eu quero ter o direito de criar o meu filho.

Compadecida, Marina me abraçou, apertando-me forte, deixando-me repousar minha cabeça em seu ombro, com minhas lágrimas molhando o tecido da sua camiseta.

— Eu sei como você se sente e lamento tanto que as coisas não sejam diferentes. Adriel é um babaca e um dia vai se dar conta da burrice que cometeu perdendo uma garota incrível como você. Infelizmente não há mais nada que possamos fazer. A vida é injusta e precisamos dançar conforme a música que ela toca.

— Sinto muito ter estragado a festa de aniversário — balbuciei, entre um soluço e outro.

— Não tem problema. Ainda vamos comemorar, assim que você estiver mais forte.

Nós ainda estávamos abraçadas quando o médico entrou no aposento, junto com Adriel. Enquanto eu era examinada, podia sentir o olhar daquele canalha queimando sobre mim, observando-me fixamente, sem que eu conseguisse olhar de volta. Minha vontade era de nunca mais ter que olhar para ele. Contudo, ainda precisava dizer-lhe que concordaria em ficar aquele mês em sua casa, o mais longe possível da sua presença, mas, quando fôssemos para São Paulo, ia querer o apartamento que me prometeu, para onde me mudaria junto com Marina, tão logo deixássemos Santa Clara.

Após fazer uma ultrassonografia, o médico me garantiu que meu bebê ficaria bem, desde que eu não fizesse nenhum esforço, me alimentasse saudavelmente e repousasse bastante. Falou também que já era possível saber o sexo, porém não conseguiu distinguir devido à posição em que o feto se encontrava e que eu precisaria repetir o exame dali a alguns dias. Fiquei aliviada que não fosse o médico da cidade, amigo da minha mãe, que me atendia, mas o obstetra que acompanhava minha gestação, a quem Adriel fez com que viesse imediatamente da capital, em seu helicóptero.

Após me examinar, ele me deu alta e voltei para a casa de Adriel, acomodada no banco de trás do carro com Marina, enquanto ele o conduzia. Chegando lá, aquele cafajeste teve a ousadia de pegar-me nos braços e começar a carregar-me escada acima, a fim de evitar que eu subisse sozinha.

— Quer fazer o favor de me colocar no chão? Não sou uma inválida que não pode se locomover sozinha! — vociferei, esmurrando seu peito com os punhos cerrados, me debatendo numa débil tentativa de me libertar.

— Será que dá pra você parar de me bater? Eu sou muito mais forte, é inútil tentar se soltar.

Derrotada, cruzei os braços na frente do peito e virei o rosto para o outro lado, enquanto deixava que o patife me levasse.

— Eu tenho nojo de você — resmunguei, entredentes, sem olhar em seu rosto.

— Você tem ódio de mim e eu entendo. Nojo é outra coisa.

— Tudo o que existe de ruim, é o que sinto por você.

— Cuidado pra essa radiação toda não afetar o bebê.

O fato de ele não se alterar, como se não ligasse a mínima para o que eu sentia, só conseguia me estressar mais. Ai, que ódio!

Adriel aproximou-se da porta do seu quarto comigo no colo, como se acreditasse que eu continuaria dormindo lá.

— Nem se atreva! — esbravejei, fitando-o com ódio. — Vou ficar em um dos quartos de hóspedes, o mais longe possível de você.

Ele assentiu e entrou na porta seguinte, avançando através do aposento amplo, bem mobiliado, embora ainda sem a roupa de cama.

— Já pode me colocar no chão — avisei e ele finalmente me soltou.

Como se me limpasse do seu contato, passei as mãos por toda a parte de mim que ele havia tocado, enquanto ele me observava atentamente, com seus olhos desprovidos de qualquer expressão.

— Vou avisar a arrumadeira que traga lençóis. Precisa de mais alguma coisa?

— Preciso. — afirmei. — Que você fique o mais longe possível de mim. E outra coisa. — Aproximei-me um passo, fitando-o diretamente nos olhos, com todo o desprezo que jazia em meu interior. — Eu concordei em ficar na sua casa esse mês, mas a condição é que, assim que deixarmos Santa Clara, eu vá direto para o apartamento que você me prometeu em São Paulo. — Trinquei os dentes, antes de continuar falando: — Não passo nem um dia em seu apartamento lá.

— O meu apartamento é bem grande e…

— Não, Adriel — interrompi-o, firme. — Ou é isso, ou vou embora daqui agora mesmo e nem se atreva a tentar me deter.

— Tudo bem. Se é assim que você quer, vou providenciar para que o apartamento de vocês esteja pronto para quando partirmos.

— Ótimo. Agora pode sair. Quero ficar sozinha.

Ele fitou-me em silêncio por um instante, sem que eu conseguisse decifrar o brilho em seu olhar. Em seguida, deu-me as costas e deixou o aposento.

***

A semana que se seguiu, foi uma das piores da minha vida. A fim de evitar ver o Adriel, eu passava praticamente o dia inteiro no quarto, fazia minhas refeições lá, só saía quando tinha certeza de que ele não estava em casa e ia apenas até o jardim dos fundos tomar um pouco de sol.

O tempo todo me sentia dominada pelo ódio cego, já sem mais conseguir chorar, mas apenas me arrepender de um dia ter confiado naquele homem, de tê-lo amado e aberto meu coração para ele. Ele era como minha mãe, canalha e sem escrúpulos, a única diferença era que não tínhamos o mesmo sangue correndo nas veias.

Para a minha salvação, Marina era minha companheira constante, estava sempre comigo, me animando, me incentivando a sair daquele quarto e ir viver a vida. Todos os dias, ela me convidava para irmos fazer compras em Belize, como antes, mas eu tinha medo de prejudicar o bebê, já que o médico recomendara-me ficar de repouso.

Depois de uma semana, eu estava cansada de ficar trancada, então usei uma parte do dinheiro que vinha juntando para trazer um dos médicos mais renomados de Belize até a casa, em uma tarde em que Adriel não estava, sem que ele soubesse de nada.

O doutor trouxe seu aparelho de ultrassom e, após me examinar, garantiu que o bebê estava forte o suficiente para que eu saísse de casa normalmente, sem me preocupar em prejudicá-lo. Fiquei emocionada quando ele disse que conseguia identificar o sexo: era um menino. Na mesma hora imaginei um lindo garotinho com bochechas rosadas, olhos azuis perolados e cabelos escuros

como os de Adriel, porém logo tratei de afastar o pensamento. Aquele homem não merecia que meu filho se parecesse com ele. Ele não merecia nada, nem mesmo que eu lhe contasse que era um menino e foi o que fiz, deixei-o na completa ignorância, além de pedir que Marina fizesse o mesmo.

Na manhã seguinte, com a minha liberação pelo médico, Marina invadiu o meu quarto logo cedo, toda animada, já pronta para irmos às compras. Gastar dinheiro era a atividade preferida dela, felizmente ainda tínhamos o cartão de crédito sem limites de Adriel.

— Tem certeza de que ele já saiu mesmo? Não quero descer e me deparar com aquele maníaco — falei, apreensiva.

Já fazia uma semana que eu não via Adriel e esperava que continuasse assim, até irmos embora daquela casa.

— Tenho. Ele está naquela correria doida pra finalizar o oleoduto, mal tem pisado em casa. Dificilmente aparece até pra almoçar.

— Ótimo, espero que morra de fome e de tanto trabalhar.

— Mas por que estamos falando nele? Esse cara não merece nem a sua lembrança. Agora levanta essa bunda daí, veste uma roupa bem bonita, faz uma maquiagem sexy e vamos bater perna. Nada melhor para alegrar o dia do que fazer compras no shopping.

Marina estava certa e sua animação acabou me contagiando.

Com quatro meses de gravidez, minha barriga ainda era quase imperceptível, quando eu estava vestida. Então, escolhi usar um vestido creme de tecido leve, elegante e, ao mesmo tempo, insinuante, o qual havíamos comprado para nossa viagem à Austrália e, pela primeira vez depois de muitos dias, me senti sexy e

feminina novamente. Escovei os cabelos até que estivessem brilhantes, deixando-os soltos ao longo das costas, passei um pouco de maquiagem e partimos.

Como nenhuma de nós duas sabia dirigir, não pudemos sair no meu carro novo, um luxuoso modelo conversível prata, de modo que precisamos ir em um dos carros de Adriel, conduzido pelo motorista, com um segurança acomodado ao seu lado, enquanto ocupávamos os assentos traseiros. No fim das contas, achei que assim foi melhor, pois eu ainda não me sentia segura em sair de casa sem segurança, com minha mãe solta por aí.

No shopping, fomos direto para as lojas mais sofisticadas, nos esbaldando nas compras, esbanjando o dinheiro daquele filho da mãe com coisas para o bebê, para nós e até com o que não precisávamos. O tempo todo o segurança se mantinha de olho, nos observando de longe, sem interferir ou nos envergonhar, deixando-nos completamente à vontade. Com a presença dele ali, eu tinha certeza de que Adriel era informado de cada um de nossos passos. Era assim que ele agia, como se fosse um agente da CIA e eu uma criminosa que precisava ser vigiada. Eu ainda não tinha certeza, mas desconfiava que fora desta forma que descobrira que Marina e eu pretendíamos fugir.

Perto do meio-dia, Marina perguntou se tinha algum problema em convidar Matheus, seu ficante, para almoçar conosco. Quando eu disse que não, ela me surpreendeu ao anunciar que ele já se encontrava no shopping, junto com o seu primo, nos esperando na praça de alimentação, para onde nos dirigimos.

Ao me apresentar o primo de Matheus – um carinha com mais ou menos uns vinte anos, mais bem-vestido que os meninos

dessa idade costumavam estar e até bonitinho –, Marina fez questão de frisar que ele não era da cidade. Estava em Santa Clara apenas a passeio, passando as férias na casa de parentes e na mesma hora entendi quais eram as intenções dela trazendo-o ali. Como se eu não estivesse despedaçada o suficiente por dentro, para conseguir olhar para outro homem algum dia na vida. No entanto, ao contrário do que eu esperava, acabei me divertindo na companhia dos três.

Agindo como a amiga maravilhosa que era, Marina me surpreendeu ao sumir por um momento e reaparecer trazendo um belo bolo de aniversário, sobre o qual havia duas velinhas acesas, com os números um e oito. Com aquela animação que não tinha fim, todos cantaram parabéns, me fizeram apagar as velas e me abraçaram em cumprimento.

CAPÍTULO 34

RAVENA

O momento que se seguiu foi de completa descontração. Rimos, conversamos e Marina aproveitou para tirar uma infinidade de fotos, como era típico dela. Foi apenas quando peguei meu celular da bolsa, para tirar uma foto, que vi as várias mensagens de Adriel, enviadas desde que saímos de casa naquela manhã e o segurança certamente o avisou de que estava nos acompanhando.

Adriel: *O segurança avisou que está levando vocês ao shopping. Fiquei feliz que tenham ido com ele, só achei que devia ter me avisado. Em todo caso, tome cuidado.*

Uma hora depois, recebi outra mensagem:

Adriel: *Tente não fazer nenhum esforço, dê as sacolas para o motorista carregar. Que horas vocês pretendem voltar?*

Meia hora depois:

Adriel: *Ravena, esse seu silêncio está me deixando preocupado. O médico disse que você não podia sair. Não sei o que deu em você para ir bater perna no shopping estando nesse estado. Está tudo bem?*

Mais alguns minutos depois:

Adriel: *Que história é essa de que você recebeu um médico em casa ontem?! E sem me dizer nada?! O que diabos está acontecendo?*

Passado mais alguns minutos:

Adriel: *Estou em São Paulo desde cedo, resolvendo coisas inadiáveis, por isso não posso ir buscá-la pessoalmente, mas quero que vá para casa agora mesmo. E, quando eu chegar, conversamos sobre o que um médico foi fazer em casa. Até mais tarde.*

Ele continuou enviando mensagens cada vez mais irritado, como se o fato de eu não o responder o ofendesse profundamente, como se não tivesse entendido ainda que eu não queria mais nada que partisse dele, nem mesmo uma conversa.

Ele agia como se minha vontade não tivesse importância, como se fosse o dono da minha vida e, aborrecida com tal atitude, joguei o celular sobre a mesa, emburrada.

— O que foi? — indagou Marina, meu gesto atraiu-lhe a atenção.

— Aquele imbecil está enviando dezenas de mensagens, como se ainda não tivesse entendido que eu não quero assunto com ele.

— Ah, ele me enviou algumas também. Vamos tirar uma foto para que ele perceba que não está fazendo falta na vida de ninguém aqui. — Marina se levantou e se posicionou para tirar uma *selfie*, na qual aparecia todos à mesa. Antes de dar o clique na tela do celular,

falou: — Se junta mais aí, gente. Fernando, dá um beijo no rosto de Ravena.

Fernando, o primo de Matheus, obedeceu sem nem hesitar e, passando um braço em volta dos meus ombros, pressionou os lábios de encontro à minha face, bem no instante em que Marina tirava a foto. Ela digitou alguma coisa no celular e voltou-se para mim com um largo sorriso.

— Prontinho. Enviei a foto para Adriel. Aposto que aquele panaca vai voltar de São Paulo correndo, depois que ver isso — disse e soltou uma gargalhada.

— Nossa! Como você é otimista. Até parece que ele liga pra quem me beija, ou deixa de beijar.

— Acredite, ele liga muito mais do que você possa imaginar.

Os garotos ficaram interessados em saber sobre o que estávamos falando e meu “rolo” com Adriel se tornou o assunto principal durante algum tempo, até voltarmos a darmos risadas de coisas idiotas e agir como se a vida fosse uma grande brincadeira, sem que nada existisse para nos preocupar.

Tentei evitar o celular, pois sabia que Adriel continuava enviando mensagens. Contudo, não consegui resistir e acabei olhando. Marina estava certa. Após enviar-me a foto que ela lhe mandara, acompanhada de emojis com expressão de ódio e um discurso de que eu estava cometendo a sandice de namorar, enquanto carregava o filho dele no ventre, ele anunciou que estava deixando São Paulo naquele momento e logo nos encontraria.

Quem ele pensava que era para ditar o que eu devia ou não fazer com minha vida? A irritação me dominou.

— Ele está vindo pra cá. Acabou de sair de São Paulo — falei e Marina soltou uma sonora gargalhada.

Aparentemente as caipirinhas de vodca que ela estava bebendo começavam a fazer efeito.

— Eu sabia! Esse cara é louco por você. Mas não vamos facilitar as coisas pra ele, vamos deixá-lo ainda mais louco. Vamos embora daqui.

— Ficou doida? O segurança vai nos seguir para onde formos, dizer-lhe onde estamos para que ele vá atrás de nós.

— Vamos deixar o segurança aqui.

— Não podemos fugir do segurança. Além do mais, é perigoso sair por aí sem ele. Minha mãe ainda me odeia, lembra?

— Fernando está de carro e com eles dois estaremos seguras. Vocês levam a gente, meninos?

— Pra onde vocês quiserem.

Marina me olhou, inquiridora, aguardando minha resposta.

— Não sei não. Adriel vai ficar muito puto.

— A ideia é essa. Vamos fazê-lo enxergar o quanto você pode ser feliz sem ele.

A possibilidade de deixá-lo ainda mais irritado me pareceu atraente demais para ser desperdiçada e acabei concordando com a ideia louca da minha amiga bêbada.

Despistar o segurança foi mais fácil do que eu esperava. Como ele estava sozinho, seguimos direções diferentes, cada uma acompanhada de um dos garotos e, como ele não podia seguir nós duas, acabamos o despistando em meio à multidão de pessoas que circulava por ali. Nos encontramos no estacionamento e deixamos o shopping no carro de Fernando.

De acordo com Marina, estávamos comemorando meu aniversário, portanto eu podia escolher qualquer lugar para irmos. Não existiam muitas opções de entretenimento em Belize, então acabei optando pelo parque de diversões, que conhecia somente por meio de fotos que as pessoas de Santa Clara postavam nas redes sociais quando estavam lá. Parecia infantil para a minha idade, mas era um lugar que sempre quis conhecer, então decidi aproveitar a oportunidade.

Foi onde passamos toda a tarde, nos divertindo nos brinquedos, jogando, dançando, falando asneiras e nos descontraindo, como pessoas normais faziam. Era sobre esse tipo de felicidade que Adriel falava quando dizia que eu precisava viver minha juventude antes de me amarrar a um casamento e filho.

Eu concordava com ele que aquele tipo de passatempo, que o fato de estar despreocupada era divertido para caramba, mas não se comparava nem de longe com o que existia entre nós, ou pelo menos com o que eu acreditava que existia.

Minha escolha sempre teria sido ficar com ele, mas infelizmente ele não me queria. Eu teria que tentar ser feliz de outra forma, encontrar satisfação naquilo que me restava, que era ser jovem e viver despreocupadamente.

Já era fim de tarde, quase noite, quando deixamos o parque, seguindo de volta para Santa Clara. Eu havia parado de ler as mensagens de Adriel desde a hora do almoço, mas sabia que ele estava muito puto por termos fugido do segurança. Precisava me preparar psicologicamente para enfrentá-lo quando chegasse em casa.

Tão logo deixamos o perímetro urbano de Belize, o Audi que Adriel costumava dirigir começou a nos seguir, buzinando incessantemente, sinalizando para que parássemos. No entanto, motivado pela emoção da perseguição, quanto mais ele buzinava, mais Fernando corria, aumentando perigosamente a velocidade do carro, até que Adriel desistiu e reduziu sua velocidade, embora continuasse atrás de nós.

Os garotos nos deixaram em frente à casa. Assim que paramos, Adriel estacionou logo atrás e saltou, vindo ao meu encontro com a fúria de um touro selvagem, seus olhos faiscando, seus punhos cerrados. Estava com uma aparência péssima, com os cabelos bagunçados, as roupas amarrotadas, o nó da gravata desfeito e sem o paletó.

Sem ao menos me despedir direito dos dois rapazes, parti em disparada, caminhando o mais depressa possível para dentro da casa, enquanto Marina ficava covardemente para trás e Adriel me seguia de perto, parecendo uma fera violenta e faminta que perseguia sua presa.

— Será que pode me dizer onde diabos vocês estavam?! Eu já ia acionar a Polícia Federal para procurar vocês! — vociferou, estrondosamente, atrás de mim, sem que eu me virasse para encará-lo.

— Não somos criminosas que precisam ser procuradas pela polícia! — retruquei, olhando-o com minha visão periférica.

Entrei na casa rápida como um raio e subi as escadas o mais depressa possível, buscando refúgio no meu quarto, mas ele veio no meu encalço, seguindo-me de perto, fuzilando-me com o rosto contorcido de uma ira assustadora.

Eu estava mesmo muito ferrada!

— Não se trata disso! Você sabe que sua mãe ainda representa um grande risco pra essa criança e pra você! Não pode sair por aí sem a proteção do segurança!

— Eu não estava sem proteção. Havia dois homens adultos conosco. Não iam deixar minha mãe chegar perto.

Entrei no quarto apressada como uma bala e tentei fechar a porta por dentro, mas Adriel estava muito perto e acabou conseguindo entrar.

Droga!

— E quem eram esses homens? Quem era aquele moleque com quem você estava se agarrando? — Dessa vez ele gritou, atiçando a raiva dentro de mim.

Com meus nervos à flor da pele, virei-me para encará-lo. Ao olhar diretamente em seu rosto, senti um baque por dentro, um misto de paixão e saudade tomou conta de mim, me causando um tremor. Porém, logo a raiva se sobressaiu a tudo mais, suplantando qualquer outro sentimento.

— Isso não é da sua conta! Sou livre, desimpedida e posso me agarrar com quem eu quiser! — retruquei, no mesmo tom ríspido.

A fúria refletida no brilho do seu olhar se tornou ainda mais assustadora, tão ameaçadora que recuei um passo, instintivamente.

— Não pode trepar com homem nenhum enquanto estiver carregando o meu filho!

A acusação atiçou ainda mais o ódio que corria solto em minhas entranhas. *Quem ele pensava que era para tentar mandar na minha vida?*

— Posso sim! Sexo não faz mal à gravidez e você sabe muito bem disso, tanto que até uma semana atrás não saía de cima de mim. Portanto, vou trepar com quem eu quiser e você não tem nada a ver com isso! — esbravejei, revidando seu ataque.

Com seus punhos cerrados, sua fisionomia contraída daquela ira bestial, ele aproximou-se um passo de mim e estremeci de medo, mas desta vez não recuei, permanecendo corajosamente onde estava.

— Queira ou não, você ainda é minha esposa. Tem a obrigação de me respeitar!

Soltei uma risada amarga. De todas as coisas que eu esperava ouvi-lo dizendo, aquela era a última.

— Como você disse, sou jovem demais para assumir um compromisso tão sério. Preciso viver minha juventude, sair por aí com pessoas da minha idade e é isso que estou fazendo. Até que você tinha razão, é divertido ser jovem e levar uma vida despreocupada — menti.

— Está fazendo isso pra me punir?

— Nem tudo tem a ver com você, Adriel. Só estou seguindo a minha vida e adorando a experiência. Foi incrível ser beijada por um cara da minha idade.

Seu rosto empalideceu, enquanto recuava um passo, ligeiramente cambaleante, como se eu tivesse desferido-lhe um soco no estômago. Naquele instante compreendi que o problema dele não era apenas a minha segurança, como queria me fazer acreditar, era orgulho, machismo. A presunçosa recusa em aceitar que a mulher que um dia foi dele podia ser de outro homem. Era mesmo um babaca arrogante!

— Não vai chegar perto de outro homem! Não enquanto estiver grávida do meu filho!

— Não só vou chegar perto, como dar a boceta pra quantos eu quiser! Sou maior de idade, dona do meu nariz, posso fazer o que quiser com o meu corpo e com a minha vida. Você não pode fazer nada pra me impedir!

Ele ficou mudo, seu rosto empalideceu um pouco mais, o ódio transformou sua boca em uma linha dura e fina, seus olhos virados nas órbitas. Então, decidi torturá-lo um pouco mais.

— Você sabe o tamanho do fogo que eu tenho entre as pernas. Não dá pra ficar sem homem. Pelo menos, para isso você serviu, para me ensinar o que é bom.

Ele deu outro passo na minha direção, com seu corpo grande tremendo, seus olhos a ponto se transformarem em chamas.

— Você não vai sair com homem nenhum! Se necessário, te trancarei nesse quarto até que meu filho tenha nascido.

— Não sou mais a idiota que você conheceu. Tenta me prender aqui, ou em qualquer outro lugar, pra você ver o tamanho do escândalo que farei.

Mais uma vez, ele ficou mudo, fitando-me quase em choque.

— Agora, se me der licença, preciso de um banho pra me livrar de todo esse suor.

Ele não se moveu, continuou parado, olhando-me atônito, atordoado. Então, sem paciência, tirei o vestido, ficando apenas com a calcinha e o sutiã, até porque não havia nada no meu corpo que ele já não tivesse visto, conhecia minha nudez até mais do que eu mesma. Seminua, vi seu olhar descendo pelas minhas curvas, ao passo que sua expressão se mesclava ao fogo da luxúria.

— Gostando do que vê? — indaguei, por impulso. Ainda impulsivamente, tirei também a calcinha e o sutiã, ficando completamente nua. — Pode olhar tudo, Adriel. Mas olha bem, olha para o que você nunca mais poderá ter.

A mão dele estremeceu brevemente, enquanto o arremedo de um passo passava pelas suas pernas. Por um instante, achei que ele me atacaria, mas não se moveu, apenas continuou me fuzilando com seus olhos brilhantes de fúria e desejo. Até que, sem uma palavra, deu-me as costas e deixou o quarto, batendo a porta com força pelo lado de fora.

Senti-me como se toda a minha coragem, toda a minha determinação e frieza fossem levadas com ele. Tão logo fiquei sozinha, tudo o que consegui foi permitir-me cair sobre a cama e chorar desenfreadamente, pela ausência daquilo que nunca foi meu de verdade.

***

No dia seguinte, novamente almocei no quarto, a fim de evitar encontrá-lo pela casa. Na parte da tarde, no horário em que Adriel nunca estava em casa, desci com Marina para tomar sol perto da piscina, como vinha fazendo nos últimos dias.

Ela e eu estávamos deitadas lado a lado, espichadas em espreguiçadeiras, usando apenas nossos biquínis, quando inesperadamente Adriel se aproximou, vindo da direção da casa, parecendo uma miragem com seu porte atlético e elegante, dentro da camisa azul com as mangas enroladas até os cotovelos e uma calça social cinza.

— Marina, será que você pode nos deixar sozinhos por um instante? — indagou, com sua voz muito mais calma que no dia anterior, seu corpo grande bloqueando meu sol.

— Claro. — Covarde como sempre, Marina levantou-se e deixou o jardim quase correndo.

Adriel sentou-se de lado no lugar dela, de frente para mim, enquanto eu continuava lá deitada, imóvel, com meus olhos semicerrados de encontro ao sol, sem conseguir evitar que cada minúscula parte do meu corpo tomasse consciência da sua proximidade. O indesejado calor da lascívia brotava abaixo do meu umbigo e se alastrava pelas minhas veias, tornando-me quase incapaz de respirar.

— O que você quer, Adriel? — indaguei, reprimindo o turbilhão de sensações que jazia dentro de mim, tentando parecer o mais fria e indiferente possível.

— Não quero que vivamos em pé de guerra, até porque vamos ter um filho juntos. — Sua voz calma, grossa e gentil reverberava por todo o meu corpo seminu e aquecido pelo sol, provocando um formigamento na altura do meu ventre.

Droga! Era muito mais fácil controlar as minhas emoções perto dele quando estava furioso.

— Desde que você não tente controlar a minha vida, como fez ontem, não haverá guerra alguma.

— Eu não estava tentando te controlar. Só fiquei preocupado com a sua segurança e a do bebê.

— Eu jamais nos colocaria em risco depois de saber do que minha mãe é capaz. Nós estávamos acompanhadas de dois homens. Eles não iam deixar ninguém chegar perto.

— Aqueles moleques não iam conseguir enfrentar uma barata se chegasse perto! — Ele pareceu se arrepender do tom ríspido. — Desculpe, não vim aqui para brigar. Quero saber como foi a consulta com o médico. O que ele disse?

— Há coisas que eu também quero saber. Como, por exemplo, como você soube que me consultei com um médico e como descobriu meu plano de fuga.

— O segurança me falou sobre o médico. Quanto ao plano, eu… eu… — Ele parecia não saber como falar. — Eu coloquei uma escuta no quarto de Marina.

Atônita, sentei-me e o encarei diretamente.

— Você é louco? Como se atreve a invadir a privacidade dos outros dessa maneira?

— Ah, não seja dramática. A privacidade de Marina pouco me interessa. Eu só ouço a conversa quando você está lá. — Pela forma como ele falou, era possível presumir que a escuta ainda estava no quarto. Que absurdo! Pelo menos, Marina nunca trouxe o namorado para casa. — Me fala o que médico disse e por que o chamou sem me avisar.

— Não vi necessidade de avisá-lo, foi só uma consulta rápida. Eu só queria saber se ainda havia perigo em sair. Ele disse que não. O bebê e eu estamos bem.

— O que mais ele disse?

Refleti por instante, decidindo se diria a ele o sexo do bebê, ou esperaria até o nascimento. Por fim decidi falar, pois nunca fui muito boa em guardar segredos.

— Ele viu o sexo. É um menino.

Adriel me deu um sorriso carregado da mais pura emoção e senti meu peito aquecido.

— Meu Deus, um garoto! — Eu o fitava, hipnotizada. — Ele está mexendo muito?

— Está mexendo agora. — Por mais que ele não merecesse, não consegui negar-lhe o direito de sentir seu filho. — Quer sentir?

— Claro.

Adriel inclinou-se para a frente e segurei sua mão, guiando-a até o ponto na minha barriga onde o neném mais mexia. Sua mão era grande, cobria quase toda a protuberância no meu ventre, mas o que me deixou realmente abalada foi o contato da sua pele com a minha.

Já fazia dias que não nos tocávamos. A saudade era tanta, que quase levou lágrimas aos meus olhos. Meu coração disparou como um louco no peito e fechei os olhos, invadida por uma miríade de emoções e sensações, que me deixava quase sem fôlego.

Enquanto nosso pequenino chutava a mão do seu pai, o calor do desejo varria-me violentamente, transformando meu sangue em brasas, fazendo o centro entre minhas pernas latejar e molhar.

Quando abri os olhos e o encarei, pude ver o mesmo desejo escaldante refletido no brilho do seu olhar e fitamo-nos em silêncio durante um longo momento, envolvidos por uma tangível energia sexual que instalava-se no ar, tomando tudo em torno de nós.

Por Deus! Era inacreditável a intensidade do meu querer por aquele homem, a força com que eu o amava e o queria para mim. Era possível perceber que ele sentia o mesmo, mas não podíamos ficar juntos, pelo simples fato de que ele não me queria na sua vida.

Para ele, eu só servia para duas coisas: transar e carregar seu filho no ventre.

A constatação despertou a mais incontrolável fúria em meu íntimo e apressei-me em afastar sua mão de mim.

— Já chega. Quero descansar agora — falei, com os dentes trincados.

Voltei a me deitar sobre a espreguiçadeira e fechei os olhos, forçando-me a ignorar sua proximidade, a reprimir o turbilhão de emoções e sentidos que fervia em meu interior.

— Quero estar presente na próxima consulta. Por favor, não me deixe de fora novamente.

— É difícil ficar de fora, não é? — indaguei, com a fúria tomando conta de mim, alastrando-se pelas minhas veias.

— Ravena, eu já disse que você sempre vai fazer parte da vida dessa criança.

Dominada pelo ódio cego, pela sua pretensão de tirar meu filho dos meus braços, voltei a me sentar e o encarei fixamente.

— Eu já entendi. Você não precisa ficar repetindo essa merda! — esbravejei, com ódio mortal. — Eu já disse que vou entregar meu filho a você, mas é só isso. Minha vida é minha! Você não tem nenhum direito de interferir em nada do que eu fizer, como tentou ontem.

— Eu só estava preocupado.

— Não precisamos da sua preocupação. Eu sei me cuidar e cuidar do meu filho. Não volte a se meter no meu caminho. Agora saia daqui. Preciso realmente descansar.

Com a fúria latejando em minhas veias, voltei a me deitar, fechando os olhos. Por um longo momento, ele permaneceu ali, em

silêncio, fitando-me tão intensamente que eu quase podia sentir seu olhar queimando sobre mim. Até que por fim ouvi quando se levantou e seguiu em direção à casa.

***

Deixei que Marina me convencesse de que sair de casa e me divertir era o melhor caminho para tirar Adriel da minha cabeça. Assim, nos dias que se seguiram, ela me arrastava para todos os lados onde houvesse algo interessante para se fazer. Por causa da gravidez, sempre saíamos durante o dia e eu nunca ingeria bebidas alcoólicas. Íamos muito ao shopping de Belize, mas também em um clube recreativo que tinha lá, onde aproveitávamos a prática de esportes e as piscinas com tobogã. De vez em quando acampávamos e praticávamos outras atividades ao ar livre, como a pesca e piqueniques. As opções não eram muitas. Os jovens da cidade costumavam se divertir nos bares e baladas, mas eu não podia passar sono nem beber.

Matheus estava sempre conosco e de vez em quando Fernando aparecia também. A ideia de Marina era que eu conhecesse melhor Fernando e acabasse me envolvendo com ele, mas o garoto era um azarado. Quase sempre que marcávamos de nos encontrar, acontecia alguma coisa e ele não podia ir. Quando não era seu carro com problemas, era alguém da sua família em apuros, precisando dele. Desse modo, pouco nos víamos, embora conversássemos bastante pelo celular, trocando mensagens.

Quando Fernando não podia aparecer, nossa única opção era irmos no carro com o motorista e o segurança, o que eu podia

apostar que Adriel estava adorando. Eu havia exigido que ele tirasse a escuta do quarto de Marina, mas sabia que ainda acompanhava cada um dos nossos passos por meio das informações que os seguranças lhe davam.

Eu não sabia se era impressão minha, ou se ele estava passando mais tempo em casa. Por mais que não conseguisse parar de pensar nele, nem por um minuto, eu sempre evitava sair do quarto quando ele se encontrava na residência, e nos últimos dias estava ficando mais tempo no aposento, esperando que ele desaparecesse. Mas, apesar de me divertir quando saía com a minha melhor amiga, eu gostava mesmo era de ficar em casa, lendo ou assistindo televisão. Talvez devido a nunca ter tido muitos amigos, eu havia me tornado uma pessoa caseira.

Faltavam três dias para a nossa ida definitiva para São Paulo. Marina havia se juntado ao dono da lanchonete onde trabalháramos juntas durante vários anos e organizado uma festa com a presença do cantor sertanejo que se apresentaria no dia no meu aniversário. Um show a ser realizado em uma tarde de domingo, a céu aberto, no pátio do posto de gasolina, exclusivo para caminhoneiros, que nosso antigo chefe estava inaugurando às margens da rodovia. O cantor faria um desconto no seu cachê devido a não ter conseguido se apresentar no dia em que completei dezoito anos e as estimativas eram de que este seria o maior show que a cidade já vira.

Com receio de que algum infortúnio acontecesse e o impedisse de comparecer a esse show, Fernando acabou prometendo que passaria a noite anterior o dia inteiro acampado no local, a fim de garantir sua presença. Se ele conseguisse estar lá,

eu dar-lhe-ia uma chance naquela noite. Primeiro porque precisava tirar Adriel dos meus pensamentos, antes que enlouquecesse. Segundo, porque ele morava em São Paulo e podíamos nos encontrar lá depois que suas férias acabassem e eu me mudasse. Eu ainda não sabia o que sentia por aquele garoto, mas estava determinada a descobrir.

CAPÍTULO 35

ADRIEL

Eu estava em meio a uma das reuniões mais importantes sobre aquele projeto, a última que realizaria junto aos engenheiros e acionistas, antes da minha volta para São Paulo e, ainda assim, não conseguia me concentrar em nada do que os homens e mulheres acomodados em torno da grande mesa retangular estavam dizendo.

Como vinha sendo nas últimas semanas, tudo em que eu conseguia pensar era Ravena. Encontrava-me a ponto de enlouquecer com seus novos hábitos, com aquela nova mania de estar sempre saindo de casa, indo e voltando de Belize, se divertindo como se não existisse amanhã.

Eu queria muito mesmo estar feliz por ela, pelo fato de estar conseguindo seguir em frente sem mim, afinal era assim que as coisas tinham que ser. Ela só estava vivendo sua vida como deveria. No entanto, eu estava à beira da loucura, não conseguia parar de pensar nela, no que fazia com aqueles babacas por aí. Por conta de tais pensamentos, eu havia atingido o cúmulo do absurdo ao ordenar que meus seguranças mantivessem o tal do Fernando o mais longe possível dela, não importando de que forma fizessem isso e de vez em quando eles conseguiam, fosse danificando aquela lata velha que ele chamava de carro, ou arranjando algum problema para os membros da sua família, que o impedisse de sair de casa, embora nem sempre isso desse certo e de vez em quando aquele otário se encontrasse com ela.

Por mais que eu tentasse me convencer de que minha preocupação estava relacionada unicamente à sua segurança e ao

fato de carregar meu filho, sabia que as coisas não eram assim.

A verdade era que eu não conseguia nem imaginar aquele moleque colocando as mãos em Ravena, sem que a fúria tomasse conta de mim. Contudo, eu precisava aprender a controlar meu ciúme, pois em breve Ravena estaria em São Paulo, cercada por centenas de caras que dariam cinco anos de suas vidas em troca do privilégio de estar perto dela e eu não poderia fazer mais nada para impedir que ela pertencesse a outro. Precisava aprender a controlar meus impulsos, parar de persegui-la e deixá-la livre para viver. Precisava parar de sabotar seus encontros com aquele moleque, afinal eles eram da mesma idade, tinham mesmo que ficar juntos. O único que estava sobrando nessa história era eu e precisava aceitar isso.

No meio da fala de uma das maiores acionistas do oleoduto, meu celular particular vibrou com a chegada de uma mensagem do chefe dos seguranças e meus olhos buscaram a tela do aparelho muito mais depressa do que eu gostaria.

Senhor, não conseguimos impedir o garoto de ir ao show. Ele dormiu no local e passou a manhã inteira lá. A senhora Ravena já foi. Dois seguranças a acompanharam.

Furioso, apertei o celular entre meus dedos, com tanta força, que foi um milagre ele não ter se partido em pedaços. Seria um show onde cada babaca dessa cidade maldita estaria enchendo a cara e com os hormônios à flor da pele, inclusive aquele imbecil que andava lambendo o chão que Ravena pisava. Eu tinha quase certeza de que esta tarde aconteceria algo entre eles.

Maldição!

Sob o olhar aturdido dos demais participantes da reunião, simplesmente me levantei e deixei a sala, sem dar satisfação a ninguém.

No meu escritório, fui direto para o frigobar e me servi de uísque puro e sem gelo. Tentando me acalmar, ingeri um gole grande, mas a raiva continuava lá, correndo solta em minhas veias. Raiva por não conseguir esquecer aquela menina, por ser incapaz de controlar a paixão desenfreada que eu sentia por ela.

Ela merecia uma vida melhor do que a que eu tinha a oferecer-lhe, merecia viver sua juventude, como de fato estava fazendo. O problema era que meu coração se recusava a aceitar essa verdade, a abrir mão dela.

Apesar de conhecê-la há tão pouco tempo, eu a amava com todo o meu desespero, a queria ao meu lado pelo resto das nossas vidas, mas não podia fazer isso com ela, tirar-lhe o direito de ser jovem e viver despreocupadamente.

Embora o meu lado racional não tivesse dúvidas de que mantê-la longe era a decisão certa a ser tomada, tudo dentro de mim gritava o contrário. Meu corpo, minha alma e meu coração insistiam em me fazer enxergar o quanto eu estava errado, o quanto seria melhor para nós dois e para o nosso filho se ficássemos juntos. Só que eu não podia dar ouvidos aos meus sentimentos e agir como um adolescente descontrolado. Eu era o adulto nessa história e precisava agir como tal, decidindo por nós dois.

Com meus nervos à flor da pele, o coração apertado no peito, bebi mais um gole do uísque e sentei atrás da minha mesa, procurando qualquer coisa em que me concentrar, a fim de

esquecer que Ravena estava em um show repleto de gente da sua idade, acompanhada daquele moleque cheio de hormônios descontrolados. Contudo, nada me fazia esquecê-la. Os pensamentos continuavam me torturando cruelmente, as imagens da garota que eu amava nos braços de outro homem me espezinhavam atordoadamente.

Como vinha fazendo nos últimos dias, lutei bravamente contra o impulso de ir até lá e tirá-la dos braços dele, levá-la para casa e dizer-lhe que ela era minha e de mais ninguém. Porém, acabei perdendo a batalha contra mim mesmo; e, quando dei por mim, já estava pegando as chaves do carro e deixando a sede da empresa.

Que se fodesse tudo! Ravena pertencia a mim e nenhum babaca colocaria as mãos nela!

Embora a decisão de deixá-la seguir sua vida sem mim fosse a mais acertada, eu era egoísta demais para abrir mão dela. A queria na minha vida, vivendo ao meu lado, e não tinha mais forças para lutar contra esse querer.

Mesmo sabendo que existia o risco de, dali a alguns anos, ela se arrepender de ter escolhido ficar comigo, se prendendo a um casamento e a um filho que não foram sua escolha, eu a faria minha, definitivamente, e a vida que lutasse para me perdoar.

Dirigi até o local do show quase sem ver a rua diante de mim, tamanha era a velocidade do carro. Como já era esperado, o local estava abarrotado de gente, em sua maioria jovens dançando descontraidamente ao som de um ritmo que mesclava o forró com música eletrônica. *Que porra de ritmo estranho era aquele?*

Tudo acontecia a céu aberto, no pátio do que seria um grande posto de gasolina para caminheiros, a multidão se espalhava ao longo do estacionamento, enquanto o cantorzinho que se apresentaria no aniversário de Ravena fazia sua performance sobre o palco.

Não seria fácil encontrar Ravena em meio a tanta gente. Tentei o celular, mas, como sempre nos últimos dias, ela não atendeu. Então me misturei à multidão, procurando-a por todos os lados, com as pessoas olhando-me intimidadas por onde eu passava. Como a cidade era pequena e todos a conheciam, perguntei a alguns dos presentes e, mesmo mostrando-se assustados com a minha proximidade, alguns conseguiram me ajudar a localizá-la em meio à multidão.

Enxerguei-a ainda de longe, dançando animadamente em uma roda formada por Marina e os dois babacas com quem vinham saindo. Estava linda, parecendo um anjo, usando um vestido nude de tecido leve e esvoaçante, sandálias sem saltos e com seus cabelos escuros presos com um laço. Os dois seguranças se encontravam mais adiante, parados como duas estátuas, observando e vigiando-a. Meu sangue ferveu de ódio quando vi aquele idiota dançando perto dela, usando o ritmo frenético da música como pretexto para resvalar o corpo no dela, sem que ela fizesse nada para o impedir, pelo contrário, parecia estar dando-lhe consentimento.

Ardendo em fúria, atravessei os poucos metros de distância que nos separava, desviando dos dançarinos enlouquecidos pelo caminho e fechei minha mão em torno do seu braço, causando-lhe um pequeno susto.

— Vem comigo. Precisamos conversar. — Precisei alterar o tom da voz para que se tornasse audível sobre o som da música alta demais.

Ravena encarou-me em silêncio por um instante, com seus olhos carregados de incredulidade. Porém, logo pareceu voltar a si e sua fisionomia se contraiu de raiva, ao passo em que ela puxava o braço da minha mão, com um safanão.

— Não tenho nada para falar com você! — esbravejou, enfurecida.

— Tem sim. Venha comigo agora mesmo! — retruquei.

Quando fechei novamente minha mão em torno do seu braço, determinado a tirá-la do meio daquele inferno, o panaca que estava a fim dela teve a petulância de vir para cima de mim, querendo brigar.

— Ela já disse que não quer falar com você, cara. Solta ela — falou ele.

Espalmei minha mão livre no peito dele e precisei de um só empurrão para que se afastasse, cambaleando para trás. Mas ele tinha o primo e mais amigos que se juntaram aos dois, colocando-se desafiadoramente diante de mim, prontos para me atacarem em uma luta braçal. Era só o que me faltava!

— Se for para magoá-la de novo, é melhor deixá-la em paz — disse Marina, corajosamente.

— Eu só quero conversar.

— Mas acontece que ela não quer falar com você. — O imbecil teve a petulância de dizer.

Havia cerca de meia dúzia de moleques à minha frente, prontos para a briga. Então, soltei Ravena, colocando-me entre ela

e os moleques, determinado a dar uma surra neles, para que entendessem que era da minha mulher que estavam falando e aprendessem a nunca mais se meterem com ela.

— Podem vir. Quem vai ser o primeiro a levar uma surra?

Antes que a pancadaria começasse, Ravena se colocou entre mim e eles, de frente para mim.

— Já chega dessa palhaçada. Eu vou com você. — Dirigindo-se aos garotos, completou: — E vocês, vê se abaixem a bola.

Ela seguiu na direção oposta ao palco, caminhando depressa, abrindo caminho entre os dançarinos, enquanto eu a seguia de perto. Já estávamos bastante afastados da multidão, em uma área mais vazia do imenso estacionamento, quando ela por fim parou e se virou para me encarar, com seus olhos raivosos, uma ruga marcando sua testa.

— O que você quer? — indagou, firme e seca, cruzando os braços na frente do peito.

— Quero dizer que sou um egoísta inescrupuloso por ter vindo até aqui estragar sua diversão e sua vida. Embora eu tenha tentado, cheguei à conclusão de que não existe caminho para mim sem você, porque te amo demais e quero tê-la ao meu lado pelo resto de nossas vidas. — Ravena me encarava com um misto de perplexidade e surpresa refletido no brilho do seu olhar. — Me perdoa por ter sido um idiota, achando que podia viver sem você. Eu não posso. Não consigo nem imaginar outro homem se aproximando de você. Então, vamos esquecer tudo isso. Vem pra casa comigo, vamos criar nosso filho juntos.

Durante um longo momento, ela permaneceu em silêncio, fitando-me com a mais completa incredulidade, como se

desacreditasse na sinceridade das minhas palavras.

— Eu não acredito nesse amor — disse, por fim, com desprezo. — Você só está aqui porque sabia que eu ia me encontrar com outro homem. O seu problema é orgulho, receio de perder. Quem ama, não despreza como você me desprezou; quem ama, não diz para a pessoa amada ir viver a vida distante; quem ama, não ameaça tirar um filho dos braços da mãe. — Ela cuspia cada palavra com uma mágoa absurda e fui invadido por um medo aterrador de perdê-la definitivamente, de que não tivesse mais conserto para tudo o que eu dissera e fizera.

— Me perdoa por tudo o que eu disse e fiz. Fui um idiota completo. Não existe vida para mim longe de você.

Tentei tocá-la, ela puxou a mão com um safanão, afastando-se um passo.

— Existe, Adriel. Você pode construir uma vida, assim como estou construindo a minha, exatamente como você queria. Vá embora daqui e faça o favor de me deixar em paz. Foi um erro da minha parte acreditar que podíamos ficar juntos. Você é incapaz de amar.

Sem esperar que dissesse mais nada, ela girou sobre os calcanhares e seguiu apressada rumo à multidão, enquanto eu ficava paralisado, sem reação, tomado pelo medo mais aterrador que já senti: o medo de ter estragado as coisas entre nós, medo de não conseguir mais trazê-la para a minha vida e de tê-la perdido de vez.

Puta merda! Onde eu estava com cabeça para mandá-la seguir seu caminho sem mim? Para acreditar que seria feliz sem tê-

la ao meu lado? Eu merecia que ela não me quisesse mais, porém, ainda assim, me recusava a desistir.

CAPÍTULO 36

RAVENA

Deixei Adriel plantado no estacionamento e praticamente corri de volta para onde estavam Marina e os garotos.

Não entendia por que ele insistia em continuar me magoando, tentando me enganar com esse amor que não existia. Eu não acreditava em uma só palavra que saíra da sua boca.

O que ele estava fazendo era a canalhice de tentar me enganar, a fim de evitar que eu ficasse com outro homem na frente de todo mundo, mesmo ainda sendo casada com ele. Estava brincando com meus sentimentos, me ferindo ainda mais, simplesmente por orgulho, por receio de se tornar publicamente um corno. Ele que fosse para o inferno. Eu não era mais a imbecil que conheceu meses atrás.

Quando me aproximei da rodinha onde todos se encontravam, eu me sentia completamente abalada, as lágrimas marejavam meus olhos e, assim que percebeu meu estado, Marina veio ao meu encontro, me envolveu em um abraço afetuoso e, em seguida, me puxou para um canto mais reservado.

— O que ele disse? — indagou, mal se contendo de curiosidade.

— Que me ama e não consegue ser feliz sem mim. Me pediu para ir pra casa com ele.

Marina abriu um sorriso, que foi de orelha a orelha.

— Eu sabia que, em algum momento, ele ia se render — disse, com uma euforia que não compreendi.

— Se render? Eu não acreditei em uma só palavra do que ele disse. Ele não me ama de verdade, só está inventando essa mentira para me levar pra cama de novo e por orgulho, porque não quer que eu saia com outro homem.

— Ravena, eu tenho mais experiência com os homens do que você e, acredite, se ele veio até aqui, te tirar dos braços do Fernando, é porque ele é louco por você, mas eu sempre soube disso.

— Você está errada. Esse homem nunca me amou.

— O que você disse a ele?

— Mandei ir pro inferno.

— Ótimo. Isso vai deixá-lo ainda mais desesperado. Assim ele aprende a nunca mais dispensar a mulher que ama. Vem, vamos dançar.

Antes que tivéssemos tempo de dar o primeiro passo, a música cessou subitamente. No momento que se seguiu, ouviu-se apenas os burburinhos de vozes reclamando da interrupção, porém logo a voz grossa de Adriel preencheu o ambiente, através do microfone, e fiquei paralisada ao vê-lo sobre o palco, no lugar do cantor.

— Desculpem a interrupção, pessoal, mas precisei subir aqui e pagar esse mico para que a garota que eu amo acredite no meu amor. — Ele silenciou-se por um instante e houve uma chuva de vaias e sussurros admirados, que se faziam audíveis na mesma proporção. — Ravena, eu te amo, mais do que já fui capaz de amar alguém na vida. — Ao ouvirem meu nome sendo pronunciado, a multidão se afastou, formando um semicírculo, abrindo espaço entre mim e o palco, todos os olhares voltados em minha direção,

enquanto eu continuava petrificada, com meu coração disparado, meu rosto queimando de vergonha, por me tornar o centro das atenções. — Com você, eu aprendi a perdoar, algo que jamais imaginei ser capaz. Você me ensinou a amar e, por mais egoísta que isto seja, quero passar o resto da minha vida ao seu lado. Me perdoa por todas as asneiras que eu disse antes. Vem pra casa comigo, meu amor, vamos criar o nosso filho juntos.

Ele se calou e um silêncio sepulcral recaiu sobre o lugar, todas as atenções estavam voltadas para mim, esperando pela minha reação, enquanto eu continuava imóvel como uma estátua, com minhas pernas trêmulas, o coração a ponto de sair pela boca.

Se ainda existia alguma dúvida de que aquele homem me amava de verdade, esta dúvida acabava de ser dissipada. Ninguém faria aquele papelão se não estivesse realmente muito apaixonado e eu mal podia acreditar que meus sentimentos eram correspondidos. Era bom demais para ser verdade.

— É, acho que você vai ter que ir lá — disse Marina.

— Eu não vou lá — murmurei, intimidada com toda aquela gente me olhando, a mesma que me desprezava desde que nasci.

— Vai logo, criatura! — Marina me incentivou. Como não me movi, ela começou a bater palmas, enquanto repetia bem alto: — Vai, Ravena! Vai, Ravena!

Quando pensei que a situação não podia ficar pior, todo o público à nossa volta começou a acompanhá-la, batendo palmas no mesmo ritmo, cantando em coro:

— Vai, Ravena! Vai, Ravena! Vai, Ravena! Vai, Ravena!

Por Deus! Que vergonha!

Imensamente constrangida, eu estava a ponto de sair correndo dali, mas na direção oposta ao palco, quando a voz de Adriel me alcançou novamente:

— Ravena, eu te peço. — Diante do olhar perplexo de todos, ele se ajoelhou. — Que você seja a minha esposa de verdade dessa vez, em uma cerimônia religiosa, diante de um padre, como deve ser. Me conceda a honra de fazer parte da sua vida, meu amor. Prometo dedicar cada um dos meus dias a te fazer feliz.

Por fim, as emoções se tornaram incontroláveis dentro de mim, a ponto de levarem lágrimas aos meus olhos e não consegui mais me segurar no lugar. Ignorando a imensa multidão de pessoas à minha volta, caminhei até o palco com minhas pernas trêmulas e fui ajudada por alguém a subir pelas escadinhas.

Não havia uma só parte do meu corpo que não estivesse trêmula, por aquele misto de nervosismo e emoção, quando me aproximei de Adriel, que ainda se mantinha ajoelhado no chão.

— Eu aceito — falei, olhando dentro dos seus olhos.

Com um sorriso emocionado, ele largou o microfone no chão e se levantou, tomando-me em seus braços, apossando-se da minha boca com um beijo sôfrego, enquanto uma salva de palmas partia das pessoas lá embaixo.

Nos beijamos apaixonadamente, o turbilhão de paixão, saudade, luxúria, explodiu intensamente dentro de mim, mostrando-me que eu pertencia àquele homem e ele a mim, e nada nessa vida podia mudar isso.

— Eu te amo, meu amor, e sempre vou amar. Me perdoa por ter sido tão idiota achando que podia ser feliz sem você — disse ele, interrompendo o beijo para fitar-me nos olhos.

— Eu também te amo. Sou louca por você. Te perdoo se prometer nunca mais me afastar de você.

— Eu prometo. Enquanto eu respirar, serei seu e você será minha.

Dito isto, ele voltou a me beijar, devorando minha boca com paixão e loucura, enquanto as pessoas continuavam aplaudindo lá embaixo, os sons das palmas pareciam cada vez mais distantes, simplesmente porque não me importavam. Eu não precisava da opinião daquelas pessoas para ser feliz, pois já tinha tudo o que precisava e esse tudo era Adriel, o amor da minha vida.

EPÍLOGO

RAVENA

Cinco anos depois...

Era domingo e o dia estava ensolarado, embora uma brisa fresca e constante soprasse, amenizando o calor daquela época do ano.

Como costumávamos fazer nos finais de semana, quando não estávamos viajando para algum lugar paradisíaco, Adriel e eu fazíamos um churrasco no quintal da nossa casa em São Paulo. Tínhamos três empregadas que trabalhavam conosco de segunda a sexta, mas, aos sábado e domingos, eu fazia questão de que preparássemos tudo nós mesmos.

Enquanto meu lindo marido se ocupava com em assar a carne, na grande churrasqueira na área da piscina, as crianças brincavam no gramado mais adiante, correndo animadas atrás de uma bola, junto com seu Arnaldo, que mal conseguia acompanhá-las. Heitor, nosso primogênito, era o mais veloz. Fazia todos os gols, porém não deixava sua irmã mais nova, Maria Flor, ficar de fora, facilitando para que ela conseguisse dar alguns chutes na bola, mesmo que não fosse fácil acompanhar o ritmo do irmão, com seus três aninhos de idade.

Observando-os, eu me enchia de afeto e orgulho. Eram lindos, Heitor muito parecido comigo, com os cabelos escuros e os olhos azuis-claros enormes. Maria Flor se parecia mais com Adriel, inclusive no seu temperamento difícil.

Por mais que Adriel viesse insistindo, desde que nos casamos, para que eu ingressasse em uma faculdade, eu preferia deixar isso para depois.

Gostava mais de ficar em casa cuidando dos meus filhos, acompanhando seu crescimento. Não havia nada que me desse mais prazer do que estar com eles, fazer parte integralmente de cada etapa do seu crescimento. A sensação que eu tinha era de que nascera para ser mãe.

Cansado de correr com os pequenininhos, seu Arnaldo espichou-se em uma espreguiçadeira perto da piscina, suado e ofegante. Ele ainda morava na casa de repouso, mas, de vez em quando, Adriel o trazia para passar o dia conosco.

Não foi um processo fácil e tampouco rápido a aceitação de Adriel em trazê-lo para as nossas vidas. A aproximação de ambos aconteceu progressivamente, durante as vezes que Adriel precisara ir até a casa de repouso para decidir sobre os procedimentos utilizados no tratamento do seu câncer, do qual ele já estava recuperado. Com o coração enorme que tinha, meu amor estava dando-lhe uma segunda chance de ser seu pai e amigo, o que só me fazia amá-lo ainda mais.

Quanto a mim, não tive a mesma sorte com minha família. Um ano depois de deixarmos Santa Clara, li em um jornal a notícia sobre minha mãe, Scarlet e Cleiton terem tentado aplicar um de seus golpes em um promotor, que se hospedara na cidade enquanto estava de passagem por lá. Com isto, elas conseguiram enfurecê-lo a ponto de o homem lutar até conseguir colocá-las na cadeia, o que gerou inclusive o afastamento do delegado local do seu cargo. Os três pegaram seis anos de prisão, sairiam dali a dois anos e eu

esperava que esse tempo de reclusão fosse suficiente para transformá-los em pessoas melhores.

Eu estava terminando de colocar os pratos sobre a mesa, quando Marina enfiou a cabeça no espaço da porta entreaberta da cozinha e me chamou:

— Ei, está tudo pronto aqui. — Segui em sua direção.

Depois de lutar muito para se livrar da paixão que sentia por Matheus, um sem-futuro que vivia traindo-a, Marina finalmente encontrou seu verdadeiro amor, Felipe, um dos funcionários de confiança de Adriel, que costumava frequentar nossa casa, onde ambos se conheceram. Haviam se casado há dois anos e atualmente ela estava grávida de oito meses, de uma menina. Moravam em um apartamento no centro da cidade e constantemente nos visitávamos.

— Ai, me conta como você conseguiu passar por isso duas vezes e ainda está cogitando uma terceira — reclamou ela, referindo-se à barriga enorme, tão logo avancei pela cozinha, onde ambas havíamos passado grande parte da manhã preparando vários pratos. — Minha pernas mal estão suportando o peso do meu corpo, tenho a impressão de que vão ceder a qualquer momento.

Sorri daquele seu jeito exageradamente dramático.

— Quando sua princesa chegar, essas dores vão se tornar tão insignificantes que você logo vai querer ter outro filho.

— Deus me livre de outro filho! Sophia vai ser filha única e se achar ruim mando ela pra um colégio interno. — Um dia, eu ia jogar na cara dela o quanto o amor materno fazia cada dorzinha valer a pena. — Vamos servir a mesa, senão daqui a pouco os machões começam a reclamar.

Enquanto eu pegava uma travessa com arroz de forno, Marina pegava duas tigelas com farofa e salada e seguimos para o lado de fora. Após trazermos mais alguns pratos que faziam parte do cardápio, avisamos a todos que estava pronto e as crianças foram as primeiras a virem correndo.

Heitor se acomodou no seu lugar de sempre, na cadeira à direita da cabeceira da mesa, a fim de ficar perto do pai e ajudei Maria Flor a sentar-se ao seu lado. Seu Arnaldo e Felipe também vieram se sentar e, por fim, veio Adriel, trazendo as travessas com a carne recém-assada.

Por mais que os anos tivessem se passado, eu ainda não conseguia parar de olhar para ele, deslumbrada, apaixonada, exatamente como no dia em que nos conhecemos.

Naquela tarde, ele usava uma bermuda jeans e camiseta de malha sem mangas, tinha os cabelos despenteados e sua fisionomia completamente relaxada.

Ao perceber que eu estava imóvel, observando-o quase sem respirar, ele me deu aquele sorriso encantador que eu tanto amava e, ao se aproximar, plantou um beijo rápido em meus lábios, depositou a carne sobre a mesa e acomodou-se em seu lugar, servindo-se de vinho gelado.

— Quero propor um brinde — disse Adriel, erguendo sua taça. Todos o imitaram, inclusive os que bebiam suco, como as crianças, seu Arnaldo e Marina. — À felicidade de estar casado com a mulher mais linda, atenciosa e maravilhosa desse mundo.

Com meu coração aquecido, sorri para ele, emocionada.

— Um brinde ao amor — disse Marina e todos repetiram a frase, dando um gole em suas bebidas.

Fizemos a refeição envolvidos por aquela atmosfera gostosa de paz e descontração. Todos falávamos praticamente ao mesmo tempo, onde assuntos paralelos e sem muita importância foram abordados, risos soltos foram dados.

Ao final, Marina e eu recolhemos a louça suja e deixamos sobre a pia para que as empregadas dessem um jeito no dia seguinte. Depois, todos nos acomodamos nas espreguiçadeiras dispostas na sombra da área, enquanto as crianças deitavam-se em redes, ali perto, logo adormecendo.

O resto da tarde transcorreu com aquele mesmo clima gostoso de paz, descontração e sossego. Falamos sobre tudo e, ao mesmo tempo, sobre nada. Dividimos nossas vitórias diárias, assim como nossas desmazelas, falamos sobre os planos para o futuro e não tocamos no passado.

Quando acordaram, as crianças estavam com todo gás. Logo quiseram mergulhar na piscina e Adriel, junto com Felipe, as acompanharam, enquanto seu Arnaldo se concentrava em um jogo de futebol na tevê e Marina e eu ficávamos ali jogando mais conversa fora. Assunto nunca faltava entre nós, sabíamos absolutamente tudo sobre a vida uma da outra.

No final da tarde, Adriel mandou o motorista levar seu Arnaldo de volta à casa de repouso e Marina também se foi com seu marido. Logo as crianças jantaram e dormiram e nós dois nos reunimos novamente perto da piscina para um último brinde do dia.

— A um dia perfeito — disse Adriel, tocando sua taça de vinho na minha.

Suspirei olhando para ele, verdadeiramente realizada e fascinada ao vê-lo tão feliz e em paz.

Ele havia colocado uma música e, ao fundo, podia-se ouvir a voz melodiosa de Ed Sheeran, em *Photography*.

— Ao melhor marido que uma mulher pode ter — falei e bebemos um gole da bebida ao mesmo tempo.

— Dança comigo? — Adriel propôs.

— Claro.

Deixamos as taças sobre a mesa e nos unimos no meio da área, abraçados, movendo-nos languidamente, no mesmo ritmo da melodia. Como acontecia todas as vezes que ele me tocava, logo meus sentidos estavam todos despertos. O calor escaldante da luxúria percorreu ferozmente minhas veias, deixando-me molhada entre as pernas.

— Eu amo estar assim com você. Não há nada que me faça mais feliz — sussurrei, perto do seu pescoço, inebriada com seu calor, com seu cheiro gostoso.

— Eu sinto o mesmo. Não há outro lugar no mundo onde gostaria de estar, que não nos seus braços. — Com a ponta dos dedos, ele afastou uma mecha de cabelo que caía sobre o meu rosto. — Às vezes, me pergunto o que fiz de bom pra merecer você.

Sorri para ele, emocionada com suas palavras.

— O homem que você é foi o que conquistou o meu amor.

— Eu não era esse homem antes de te conhecer. Você me transformou em um ser humano muito melhor, me ensinou a perdoar e a amar. Você me completou e completa todos os dias.

— Você também me completa, de todas as formas possíveis e nunca vou querer outra vida, que não essa ao seu lado. É tudo tão perfeito.

Ele também sorriu, com seus olhos brilhando de regozijo e, no instante seguinte, estava cobrindo minha boca com a sua, beijando-me apaixonadamente, dando-me uma primeira amostra de como seria a nossa noite.

FIM

Outros Livros da Autora na Loja Kindle

Amazon.com: Luciana Kannemberg: Livros, biografia, blog, audiolivros, Kindle

Redes Sociais

Instagram: Luciana Kannemberg (@autora_luciana_kannemberg) • Fotos e vídeos do Instagram

Grupo no Facebook: (10) Livros da Lu ❤️❤️ | Facebook